Amor além da Vida



RICHARD MATHESON

AMOR ALÉM DA VIDA

RICHARD MATHESON

Tradução
CARLOS FRANÇA



São Paulo
2008

Título do original americano:
What Dreams May Come
Copyright © 1978 by Richard Matheson
Amor Além da Vida
Copyright da tradução © Butterfly Editora Ltda. 2008
Direção editorial: **Flávio Machado**
Assistente editorial: **Dirce Yukie Yamamoto**
Tradução: **Carlos França**
Chefe de arte: **Marcio da Silva Barreto**
Capa e projeto gráfico: **Ricardo Brito**
Revisão: **Maria Aiko Niskijima**
Auxiliar de revisão: **Adriana Maria Cláudio**
Fotolito da capa: **SERMOGRAF**
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Matheson, Richard
Amor além da vida / Richard Matheson ; [tradução Carlos Henrique França Rangel]. - São Paulo : Butterfly Editora, 2008.
Título original: What dreams may come.
ISBN 978-85-88477-73-5
1. Reencarnação - Ficção 2. Romance americano 3. Vida futura - Ficção
I. Título.
Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura norte-americana 813
Butterfly Editora Ltda.
Rua Atuaí, 383 - Sala 5
Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 - São Paulo - SP
Fone: (0xx11) 2684-9392
www.flyed.com.br | flyed@flyed.com.br
Impresso no Brasil, no outono de 2008 pela:
SERMOGRAF - Artes Gráficas e Editora Ltda.

Com meu grato amor, à minha esposa
por acrescentar a doce medida de sua alma
à minha existência.

Pois naquele sono da morte os sonhos podem vir
Quando nos livramos desta espiral mortal
Ela deve nos dar descanso
Hamlet

NOTA DO EDITOR

Caso encontre neste livro alguma parte que acredita que vai interessar ou mesmo ajudar outras pessoas e decida distribuí-la por meio da internet ou outro meio, nunca deixe de mencionar a fonte, pois assim estará preservando os direitos do autor e conseqüentemente contribuindo para uma ótima divulgação do livro.

PARA O LEITOR

Uma introdução a um romance é, quase sem exceção, desnecessária. Este é meu décimo livro publicado e a idéia de escrever introduções jamais me ocorreu.

Para este romance, no entanto, senti que um breve prólogo é necessário. Como seu tema é a sobrevivência após a morte, é imprescindível que você perceba, antes de ler a história, que apenas um aspecto dele é ficcional: as personagens e suas relações.

Com algumas exceções, todos os demais detalhes são o resultado exclusivo de pesquisa.

Por esse motivo, acrescentei à conclusão do romance uma lista de livros que usei para essa pesquisa. Como vocês verão, eles são muitos e diversos. Ainda assim, apesar de sua grande variedade em relação a autores, épocas e locais de publicação, há uma uniformidade persistente e inevitável de seu conteúdo.

Você, é claro, teria de ler todos eles para provar isso a si mesmo. Eu o incentivo a fazê-lo. Você achará isso uma experiência esclarecedora — e extraordinária.

Richard Matheson
CALABASAS, CALIFÓRNIA
AGOSTO DE 1977

INTRODUÇÃO

O manuscrito que você vai ler chegou às minhas mãos do seguinte modo.

Na manhã de 17 de fevereiro de 1976, nossa campainha tocou e minha esposa atendeu-a. Alguns minutos depois ela voltou para o quarto onde assistíamos à TV e disse que uma mulher queria me ver.

Levantei-me e fui para o *hall* de entrada. A porta estava aberta e vi uma mulher alta, nos seus 50 anos, na varanda. Ela estava bem vestida e segurava em suas mãos um envelope grande e cheio.

— Você é Robert Nielsen? — ela perguntou.

Eu disse que sim e ela me entregou o envelope. — Isto é para você — ela disse.

Olhei desconfiado para ele e perguntei do que se tratava.

— Uma mensagem de seu irmão — ela retrucou.

Minha desconfiança aumentou. — Como assim? — perguntei. — Seu irmão Chris ditou o manuscrito para mim — ela disse.

Suas palavras me irritaram. — Não sei quem você é — eu disse a ela —, mas se você tivesse um mínimo de conhecimento sobre meu irmão, saberia que ele morreu há mais de um ano.

A mulher suspirou. — Sei disso, senhor Nielsen — ela disse, cansada. — Sou médium. Seu irmão transmitiu-me este material do...

Ela parou assim que comecei a fechar a porta, então acrescentou rapidamente: — Senhor Nielsen, por favor.

Havia um som de verdadeira urgência em sua voz que me fez olhá-la com surpresa.

— Passei seis longos meses transcrevendo este manuscrito — ela me disse. — Não escolhi fazer isso. Tenho a minha própria vida para cuidar, mas seu irmão não me deixou em paz até eu escrever a última palavra de sua mensagem e prometer que a entregaria a você. — Sua voz assumiu um tom desesperado: — Agora você precisa ficar com ele para que eu tenha paz.

Após dizer isso, ela jogou o envelope em minhas mãos, virou-se e desceu apressadamente o caminho para a calçada. Observei-a entrar no carro e ir embora rapidamente.

Nunca mais ouvi falar dela. Nem mesmo sei seu nome.



Já li o manuscrito três vezes e gostaria de saber o que pensar dele.

Não sou um homem religioso, mas, como qualquer pessoa, certamente gostaria de acreditar que a morte é algo mais que esquecimento. Ainda assim, achei difícil, se não impossível, aceitar a história como sendo real. Fico pensando se não é nada mais que isso: uma história.

É verdade que os fatos estão lá. Fatos sobre meu irmão e sua família que esta mulher não poderia saber — a menos que alguém parta da premissa de que ela passou meses em uma pesquisa trabalhosa, e cara, para descobrir os fatos antes de escrever o manuscrito. Nesse caso, qual seria o motivo? O que ela poderia ter ganhado com essa atitude?

As perguntas, em minha mente, sobre este livro são várias. Não vou enumerá-las, mas permitirei ao leitor que forme suas próprias. De uma coisa estou certo: se o manuscrito é verdadeiro, todos nós precisamos examinar nossa vida. Com cuidado.

Robert Nielsen
ISLIP, NOVA YORK
JANEIRO DE 1978

SONO DA MORTE

UM BORRÃO DE IMAGENS

"Comece pelo começo" é a frase. Não consigo fazer isso. Começo pelo fim — a conclusão da minha vida na Terra. Apresento-a a você como ela ocorreu — e o que aconteceu depois.

Uma observação sobre o texto. Você já leu meu escrito, Robert. Este relato pode não ser parecido com ele. O motivo: estou limitado pela minha transcritora. Meus pensamentos devem viajar por meio da mente dela. Não posso superar isso. Nem todos os grãos passarão pelo filtro. Compreenda se pareço simplista demais. Sobretudo no início.

Nós dois estamos nos esforçando ao máximo possível.



Graças a Deus que eu estava sozinho naquela noite. Normalmente, Ian ia ao cinema comigo. Duas vezes por semana, por causa do meu trabalho.

Naquela noite ele não foi. Ele iria participar de uma peça teatral na escola. De novo, graças a Deus.

Fui a um cinema próximo de um *shopping center.* Não me lembro do nome. Um cinema grande que fora dividido em dois. Pergunte o nome ao Ian.

Deixei o cinema depois das onze horas. Entrei no meu carro e fui na direção do campo de golfe. O pequeno, para crianças. Não consigo transmitir a palavra. Muito bem. Soletre. Devagar. M-i-n... i-a... t-u.. r-a. Excelente. É isso.

Havia trânsito na... rua? Não, mais larga. Av... e-nida? Não exatamente, mas o suficiente. Achei que dava para passar e fui em frente. Tive de parar, um carro vinha em minha direção. Havia

espaço para ele desviar, mas ele não fez isso. Atingiu meu pára-choque no lado esquerdo, comecei a rodopiar.

Senti o impacto, mas estava com o arreio. Arreio não. C-i-n-t-o d-e s-e-g-u-r-a-n-ç-a. Eu não teria me ferido tanto. Mas uma *van* apareceu e acertou o pára-choque traseiro no lado direito, acertando-me no meio. Um caminhão vinha na direção oposta. Ele colidiu de frente com meu carro. Ouvi o som da batida, os vidros quebrando. Bati a cabeça e um manto negro cobriu-me. Por um instante, acreditei que vi a mim mesmo inconsciente, sangrando. Então, veio a escuridão.



Eu estava consciente de novo. A dor era intensa. Eu conseguia ouvir minha respiração: um som terrível, lento e raso, com suspiros líquidos esporádicos. Meus pés estavam gélidos. Lembro-me disso.

Gradualmente, senti um quarto à minha volta. As pessoas também, eu acho. Alguma coisa impedia-me de ter certeza. Sedaitin. Não, reescreva. Soletre lentamente. S-e-d-a-ç... sedação.

Comecei a ouvir uma voz sussurrante. Não entendia as palavras. Brevemente, consegui ver uma forma perto de mim. Meus olhos estavam fechados, mas eu a via. Não sabia dizer se a forma era masculina ou feminina, porém eu sabia que ela falava comigo. Como não consegui ouvir as palavras, ela desapareceu.

Outra dor começou, mas agora era em minha mente e aumentava de forma constante. Parecia que eu a sintonizava como se fosse uma estação de rádio. Não era a minha dor, mas a de Ann. Ela sentia medo por mim. Eu sentia sua angústia. Ela sofria terrivelmente. Tentei afastar as sombras, mas não consegui. Tentei em vão dizer seu nome. *Não chore,* pensei. *Ficarei bem. Não tenha medo. Eu a amo, Ann. Onde você está?*

Naquele instante, eu estava em casa. Era uma noite de domingo. Todos nós estávamos na sala íntima, conversando e rindo.

Ann estava do meu lado, Ian ao lado dela, Richard perto de Ian, Marie do outro lado do sofá. Eu tinha o braço em torno de Ann, ela estava aninhada em mim. Ela estava aquecida e eu a beijei na bochecha. Nós sorrimos. Era uma noite de domingo, tranqüila e idílica, todos nós reunidos.

Comecei a sentir que me erguia da escuridão. Eu estava deitado em uma cama. A dor voltara, por todo o meu corpo. Nunca tinha sentido uma dor como aquela antes. Eu sabia que estava deslizando. Sim, a palavra é deslizar.

Ouvi um som horrível. Um guizo em minha garganta. Rezei para que Ann e as crianças não estivessem por perto para ouvir aquilo. Pedi a Deus que não as deixassem ouvir aquele barulho medonho.

Então, o pensamento veio-me à mente:

— *Chris, você está morrendo.*

Tentei inspirar, mas fluidos na minha traquéia impediam que o ar passasse. Senti-me abobalhado e lerdo, aprisionado em densidade.

Então, havia alguém ao lado da cama. Aquela forma de novo.

— *Não tente resistir, Chris* — ela me disse. Aquelas palavras me irritaram. Quem quer que fosse, queria que eu morresse. Lutei contra aquilo. Eu não seria levado. *Ann!,* chamei-a em pensamento. *Segure-me! Não me deixe ir!*

Ainda assim, deslizei. *Meu corpo está muito ferido,* pensei, com um pavor repentino. Senti sua fraqueza. Então, uma estranha sensação. Cócegas. Estranho, eu sei. Ridículo. Mas era isso. Por todo o corpo.

Outra mudança: eu não estava em uma cama, mas em um berço. Eu podia senti-lo balançando, para a frente e para trás, para a frente e para trás. Lentamente, comecei a entender. Eu não estava em um berço, e a cama estava imóvel. Meu corpo balançava para a frente e para trás. Eu ouvia pequenos estalidos dentro de mim. Sons

que você ouve quando tira lentamente uma bandagem. Menos dor agora. A dor estava sumindo.

Com medo, tentei restabelecer a dor. Em segundos, ela voltou, pior do que nunca. Agonizante, agarrei-me a ela. Isso significava que eu estava vivo. Eu não seria levado! *Ann!* — minha mente gritava, implorando: — *segure-me!*

Não adiantou. Eu conseguia sentir a vida esvaindo, ouvia os sons de novo, muito mais altos agora; centenas de pequenas tiras sendo arrancadas. Eu não tinha sensação de gosto ou cheiro. Já não sentia os dedos, meus pés. O torpor começava a subir pelas pernas. Lutei para recuperar as sensações, mas não consegui. Algo frio passava pelo meu estômago, pelo meu peito e deteve-se gelidamente em torno do meu coração. Senti meu coração bater lento, como o tambor da procissão de um funeral.

Eu sabia, abruptamente, o que acontecia no quarto ao lado. Eu conseguia ver uma senhora idosa deitada lá, os cachos de cabelos grisalhos sobre o travesseiro. Pele amarela e mãos como garras de pássaro; câncer no estômago. Alguém sentou-se do lado dela, falando suavemente. Filha. *Eu não quero ver isso,* decidi.

Instantaneamente, deixei aquele aposento e estava no meu de novo. A dor tinha quase sumido agora. Eu não conseguia restaurá-la, mesmo tentando. Ouvi um zumbido, sim, um zumbido. Ainda assim, as tiras continuavam sendo arrancadas. Eu sentia a ponta de cada tira enrolando-se.

Aquela "coisa" fria moveu-se de novo. Ela se mexeu até estar centralizada na minha cabeça. Todo o resto estava entorpecido. *Por favor!*, pedi ajuda. Nenhum som, minha língua estava paralisada. Senti meu ser encolhendo-se para dentro, totalmente retraído dentro da cabeça. Membruns eram comprimidos — não, tente de novo. M-e-m-b-r-a-n-a-s. Sim. Puxado para fora e para dentro ao mesmo tempo.

Comecei a mexer-me por meio de uma abertura na cabeça. Havia um zunido, uma ressonância, algo correndo muito rápido, como um riacho através de um desfiladeiro estreito. Senti que

começava a levantar-me. Eu era uma bolha, subindo e descendo. Pensei ter visto um túnel acima de mim, escuro e infinito. Virei-me e fiquei assombrado ao ver meu corpo deitado na cama. Coberto de ataduras e imóvel. Alimentado por intermédio de tubos plásticos. Eu estava conectado a ele por um cordão que brilhava com uma luz prateada. Fino, ele se unia ao meu corpo pelo topo da cabeça. Então, ele entrou na minha cabeça. O cordão prateado. Pensei: *meu Deus, o cordão prateado.* Eu sabia que ele era tudo o que mantinha meu corpo vivo.

Uma aversão apoderou-se de mim enquanto eu via minhas pernas e braços começarem a torcer. A respiração praticamente parara. Havia um ar de agonia em meu rosto. De novo, lutei para descer e voltar ao meu corpo. *Não, não quero ir!* Eu podia ouvir minha mente gritando. *Ann, ajude-me! Por favor! Temos de permanecer juntos!*

Forcei-me a descer e encarei meu rosto. Os lábios estavam roxos, havia um suor semelhante a orvalho sobre minha pele. Vi as veias do pescoço começarem a contrair-se. Os músculos do meu corpo começaram a torcer-se. Tentei ao máximo voltar para dentro dele. *Ann!,* pensei. *Por favor, chame-me de volta para que eu possa ficar com você!*

Um milagre aconteceu. A vida encheu meu corpo, uma cor saudável espalhou-se pela minha pele, um olhar de calma tomou conta do meu rosto. Agradeci a Deus. Ann e as crianças não teriam de ver-me como eu tinha ficado. Pensei que eu estava voltando, entende?

Mas não foi isso. Vi meu corpo em um saco de várias cores, fechado pelo cordão prateado. Senti que caía, ouvi um estalo — como se um elástico gigante tivesse arrebentado — e senti-me começando a subir.

Então, um *flashback.* Sim, isso mesmo. Um *flashback* como nos filmes, mas muito mais rápido. Você já leu a frase e a ouviu muitas vezes: — "Toda a sua vida passou diante dele". Robert, é verdade. É tão rápido — e em reverso — que não dá para acompanhar. Os dias

antes do acidente, passando pela vida dos filhos, meu casamento com Ann, minha carreira como escritor. Faculdade, Segunda Guerra Mundial, colégio, escola primária, minha infância. Cada segundo dos anos 1974-1927. Cada momento, pensamento, emoção; cada palavra falada. Vi tudo. Uma mancha de imagens rápidas.

SONHAR QUE ESTOU SONHANDO

Sentei-me na cama abruptamente, rindo. Tinha sido só um sonho! Eu me sentia alerta, todos os sentidos ampliados. *Incrível,* pensei, *como um sonho pode ser real.*

Mas alguma coisa estava errada com minha visão. Tudo estava borrado quando eu olhava à minha volta. Não conseguia enxergar além de três metros.

O aposento era familiar; as paredes, o teto de estuque. Quatro metros e sessenta centímetros por três metros e sessenta. As cortinas eram bege com listras marrons e laranja. Vi uma TV em cores pendurada perto do teto. À minha esquerda, uma cadeira — estofado laranja avermelhada como couro, braços de aço inoxidável. O carpete era da mesma cor laranja avermelhada.

Agora eu sabia por que as coisas pareciam borradas. O aposento estava cheio de fumaça. Mas não havia cheiro; achei isso estranho. Não era fumaça; subitamente, mudei de idéia. O acidente. Meus olhos foram afetados. Não fiquei desanimado. O alívio de saber que eu ainda estava vivo transcendeu tal preocupação.

Primeiro, o mais importante. Eu precisava encontrar Ann e lhe contar que eu estava bem, dar fim ao seu sofrimento. Coloquei as pernas no lado direito da cama e fiquei em pé. O criado-mudo era feito de metal, pintado de bege na parte superior como em nossa cozinha. Soletre. F-o-r-m-i-c-a. Em um canto havia uma pia. As torneiras pareciam os punhos de tacos de golfe, sabe? Um espelho estava pendurado sobre a pia. Minha visão estava tão borrada que eu não conseguia ver meu reflexo.

Comecei a me aproximar da pia, então, tive de parar. Uma enfermeira entrou. Ela nem olhou para mim, engoliu em seco e correu para a cama. Eu me virei. Um homem estava deitado nela, a

boca aberta, a pele acinzentada. Ele estava coberto de ataduras, vários tubos plásticos conectados a ele.

Virei-me surpreso enquanto a enfermeira corria para fora do quarto. Não consegui ouvir o que ela gritava.

Aproximei-me do homem e vi que ele provavelmente estava morto. Mas por que alguém estava em minha cama? Que tipo de hospital colocaria dois pacientes na mesma cama?

Estranho. Inclinei-me para olhá-lo. Seu rosto era igual ao meu. Balancei a cabeça: isso era impossível. Olhei para sua mão esquerda. Ele usava uma aliança exatamente igual à minha. Como isso podia acontecer?

Comecei a sentir um frio doloroso no estômago. Tentei retirar o lençol que cobria o corpo dele, mas não consegui. De algum modo, eu perdera a capacidade do toque. Continuei tentando até ver meus dedos passando através do lençol, então retirei a mão, nauseado. *Não, aquilo não era eu,* disse a mim mesmo. Como poderia ser possível se eu ainda estava vivo? Meu corpo até mesmo dói. Prova positiva de vida.

Virei-me enquanto dois médicos corriam para dentro do quarto, recuei para que olhassem o corpo.

Um deles começou a respirar na boca do homem. O outro tinha uma hipória. Soletre. H-i-p-o-d-é-r-m-i-c-a. Injeção hipodérmica; sim. Eu o vi aplicar a injeção na carne do homem. Então, uma enfermeira chegou correndo, trazendo um aparelho com rodas. Um dos homens pressionou as extremidades de duas varetas grossas contra o peito nu do homem e ele se mexeu bruscamente. Agora eu sabia que não havia relação entre aquele homem e mim porque não senti nada.

Seus esforços foram infrutíferos. O homem estava morto. *Uma pena,* eu pensei. Sua família ficaria abalada, o que me fez pensar em Ann e nas crianças. Eu precisava encontrá-las e tranqüilizá-las. Sobretudo Ann. Eu sabia como ela estava apavorada. Pobre e doce Ann.

Virei-me e caminhei pelo corredor. A minha esquerda havia um banheiro. Dei uma olhada. Vi um banheiro, um interruptor de luz e um botão com uma lâmpada vermelha sobre ela, com a palavra "Emergência" impressa abaixo da lâmpada.

Fui para o saguão e o reconheci. Sim, é claro. O cartão em minha carteira dizia para me levar para lá em caso de acidente. O Motion Picture Hospital em Woodland Hills.

Parei e procurei entender o que acontecia. Houve um acidente, eles me trouxeram para cá. Então, por que eu não estava na cama? Mas eu estivera na cama. Na mesma cama em que o homem morto. O homem que se parecia comigo. Devia haver uma explicação para tudo isso. Mas eu não conseguia descobri-la. Não conseguia pensar com clareza.

Finalmente, a resposta veio. Não tinha certeza se estava correta, mas não havia outra. Eu tinha de aceitá-la, por enquanto, pelo menos.

Eu estava sob o efeito de anestesia, eles estavam me operando. Tudo estava acontecendo dentro da minha mente. Isso tinha de ser a resposta. Nada mais fazia sentido.

E agora?, pensei. Apesar da situação difícil que acontecia, eu tinha de sorrir. Se tudo acontecia em minha mente, então, tendo consciência disso, eu não podia controlar isso?

Certo, pensei. Eu faria exatamente o que queria. E o que eu queria era encontrar Ann.

Assim que decidi isso, vi outro médico correndo pelo corredor, vindo na minha direção. Deliberadamente, tentei detê-lo quando ele passou apressado, mas minha mão atravessou seu ombro. *Não importa,* pensei. Em essência, eu estava sonhando. Qualquer tolice poderia acontecer em um sonho.

Comecei a caminhar pelo corredor. Passei por um quarto e vi um cartão verde com letras brancas: "Proibido fumar, oxigênio em uso". *Sonho incomum,* pensei. Eu nunca fora capaz de ler em sonhos, as palavras sempre vinham amontoadas quando eu tentava. Estas

eram totalmente legíveis embora eu enxergasse tudo como um borrão.

Isso não é exatamente um sonho, é claro, disse a mim mesmo, tentando achar uma explicação. Ser anestesiado é como estar dormindo. Meneei a cabeça em concordância e continuei caminhando. Ann estaria na sala de espera. Tomei a decisão de encontrá-la e reconfortá-la. Eu sentia seu sofrimento como se fosse meu.

Passei pela sala das enfermeiras e as ouvi conversando. Tentei falar com elas. Tudo isso estava em minha mente. Eu tinha de conviver com aquilo: aceitar as regras. Tudo bem, não é um sonho *per si* — por si — mas era mais fácil pensar nisso como se fosse um. Um sonho, então, sob anestesia.

Espere, pensei, parando. *Sonho ou não, não posso andar pelo hospital usando camisola.* Olhei para mim, fiquei estarrecido ao ver as roupas que eu vestia quando o acidente aconteceu. *Onde está o sangue?,* pensei. Relembrei-me de uma visão instantânea de mim inconsciente no desastre. O sangue tinha se espalhado.

Tive uma sensação de exalo... não! Desculpe-me pela impaciência. E-x-u-l-t-a-ç-ã-o. Por quê? Porque eu chegara a uma conclusão apesar da lentidão da minha mente. Eu não podia ser o homem na cama. Ele estava vestindo um camisão de paciente, coberto de ataduras, alimentado por tubos. Eu estava vestido, sem ataduras, andando. Totalmente diferente.

Um homem vestindo roupas comuns aproximou-se. Eu esperava que ele passasse por mim. Em vez disso, para minha surpresa, ele colocou sua mão no meu ombro e me deteve. Eu podia sentir a pressão de cada dedo em minha carne.

— *Você já sabe o que aconteceu?* — ele perguntou.

— *Aconteceu?*

— *Sim* — ele acenou. — *Você morreu.*

Olhei-o com desgosto.

— *Isso é absurdo* — eu disse.

— *É verdade.*

— *Se eu estivesse morto, não teria um cérebro* — eu disse a ele. — *Eu não conseguiria falar com você.*

— *Não funciona desse jeito* — ele insistiu.

— *Aquele homem no quarto está morto, não eu* — eu disse. — *Estou sob anestesia, sendo operado. Em resumo, estou sonhando* — eu estava satisfeito com minha análise.

— *Não, Chris* — ele disse.

Senti um calafrio. Como ele sabia meu nome? Examinei-o com atenção. Eu o conhecia? Era por isso que ele aparecia em meu sonho?

Não, nada disso. Senti uma repugnância por ele. Pensei (a idéia fez-me sorrir, apesar da irritação) que aquele era meu sonho e ele não tinha nenhum direito sobre ele.

— *Vá procurar seu próprio sonho* — eu disse, satisfeito com a sagacidade da minha frase.

— *Se você não acredita em mim, Chris* — ele me disse — *veja na sala de espera. Sua esposa e filhos estão lá. Eles ainda não sabem que você morreu.*

— *Espere aí. Espere aí* — Apontei meu dedo para ele, esgrimindo-o no ar. — *Foi você quem me disse para não resistir, não foi?*

Ele começou a responder, mas eu estava tão agitado que não o deixei falar.

— *Estou cansado de você e deste lugar idiota* — eu disse. — *Vou para casa.*

Algo me afastou dele imediatamente. Era como se meu corpo estivesse em uma caixa de metal e um ímã distante me puxasse para dentro dela. Voei tão rápido pelo ar que não consegui ver nem ouvir nada.

Tudo acabou tão rápido quanto começou. Eu estava no meio de uma neblina. Olhei à minha volta, mas não vi nada em nenhuma direção. Comecei a andar, movimentando-me lentamente pela neblina. Uma vez ou outra pensei ter visto uma breve imagem de pessoas. Quando tentei vê-las com mais clareza, elas sumiram.

Quase chamei uma delas, mas optei por não fazer isso. Eu era o mestre deste sonho. Eu não o deixaria me dominar.

Tentei me distrair pensando que estava em Londres. Lembra-se de como viajei para lá em 1957 para escrever o roteiro de um filme? Foi em novembro e caminhei em neblinas como essa mais de uma vez, "espessa como sopa de ervilhas" é uma boa descrição. Esta era ainda mais densa, era como estar debaixo d'água. Até me sentia molhado.

Finalmente, através da neblina, vi minha casa. Essa visão aliviou-me de duas maneiras. Primeiro, o próprio fato de tê-la visto. Segundo, o modo como cheguei tão rápido lá. Isso só poderia acontecer em um sonho.

De repente, uma inspiração veio-me à mente. Eu lhe disse como meu corpo doía. Mesmo sendo um sonho, eu ainda sentia dor. Assim, eu disse a mim mesmo que se a dor era causada pelo sonho, não era necessário eu senti-la. Robert, com esse pensamento, a dor passou, e me causou outra sensação de prazer e alívio. Que prova mais vivida alguém poderia pedir de que isso era um sonho e não realidade?

Lembrei-me, então, de como eu me sentara na cama do hospital, rindo porque tudo tinha sido um sonho. Era exatamente isso. Ponto final.

Fui diretamente para o saguão de entrada. *Sonho,* pensei, e meneei a cabeça, satisfeito. Olhei à minha volta, minha visão ainda estava turva. *Espere,* pensei. *Consegui dissipar a dor, por que não melhorar a visão?*

Nada aconteceu. Tudo além de três metros continuava obscurecido pelo que parecia ser um manto de fumaça.

Virei-me ao ouvir o som de garras pelo chão da cozinha. Ginger corria para o saguão frontal. Você se lembra dela, nossa pastora alemã. Ela me viu e começou a balançar, pulando de alegria. Eu disse seu nome, feliz por vê-la. Inclinei-me para acariciar sua cabeça e vi minha mão penetrar profundamente em seu crânio. Ela recuou com um ganido e fugiu aterrorizada, batendo com força no

batente da porta da cozinha, orelhas coladas à cabeça, os pêlos eriçados nas costas.

— *Ginger — eu* disse tentando afastar uma sensação de pavor. — *Venha cá. Ela estava se comportando tolamente,* eu disse a mim mesmo. Fui atrás dela e a vi escorregando freneticamente no chão da cozinha, tentando fugir. — *Ginger!* — gritei. Eu queria estar irritado com ela, mas ela parecia tão assustada que não consegui. Ela correu pela sala de estar e saiu da casa pela portinhola do cachorro.

Eu ia segui-la, mas decidi não fazer isso. Eu não seria vítima deste sonho, não importando o quão insano ele se tornasse. Virei-me e chamei Ann pelo nome.

Nenhuma resposta ao meu chamado. Olhei pela cozinha, vi que a cafeteira estava ligada, seu par de lâmpadas vermelhas acesa. A jarra de vidro sobre a placa aquecedora estava quase vazia. Esbocei um sorriso. *Ela fez isso de novo,* pensei. Em pouco tempo a casa seria perme... p-e-rm-e-a-d-a pelo odor de café queimado. Estiquei a mão para tirar o fio da tomada. Ela atravessou o fio, eu me enrijeci e então forcei um sorriso. *Você não pode fazer nada direito em sonhos,* lembrei-me.

Dei uma volta pela casa. Nosso quarto e o banheiro, os quartos de Ian e Marie, seu banheiro comum. O quarto de Richard. Ignorei o turvamento dos meus olhos. *Isso não era importante,* decidi.

O que descobri ser incapaz de ignorar era a crescente letargia que eu sentia. Sonho ou não, meu corpo parecia ser feito de pedra. Voltei para nosso quarto e sentei-me no meu lado da cama. Senti um certo desconforto porque ela não se mexeu sob mim; é uma cama com colchão de água. *Esqueça isso, um sonho é um sonho,* disse a mim mesmo. *Eles são loucos, só isso.*

Olhei para meu rádio-relógio, aproximando-me para ver os ponteiros e os números. Eram 8h53 minutos. Olhei através da porta de vidro. Não estava escuro lá fora. Enevoado, mas não escuro. Ainda assim, como poderia ser de manhã se a casa estava vazia? Nesta hora, eles deviam estar todos em suas camas.

Esqueça, eu disse lutando para reunir todas as informações em minha mente. *Você está sendo operado. Você está sonhando isto. Ann e as crianças estão no hospital, esperando...*

Uma nova idéia apossou-se de mim: eu estava realmente no hospital? Ou isso era parte de um sonho também? Eu estava realmente dormindo nesta cama, sonhando tudo? Talvez o acidente jamais tenha ocorrido. Havia tantas possibilidades, cada uma delas afetando a seguinte. Se eu conseguisse pensar com mais clareza... Mas minha mente parecia entorpecida. Como se eu tivesse bebido ou tomado um sedativo.

Deitei-me na cama e fechei os olhos. Era a única coisa a fazer, eu sabia disso. Então, eu acordaria com a verdade: um sonho no hospital enquanto eu estava sob efeito da anestesia ou um sonho em minha cama enquanto eu dormia. Eu esperava que fosse o último caso, porque assim eu acordaria para encontrar Ann deitada do meu lado e poderia contar a ela que sonho maluco eu tivera. Eu a abraçaria e sentiria seu adorável calor em meus braços. Riria enquanto contava a ela como é bizarro sonhar que está sonhando.

ESTE PESADELO INTERMINÁVEL

Eu estava exausto, mas não conseguia descansar, meu sono foi interrompido pelo choro de Ann. Tentei levantar-me para confortá-la. Em vez disso, pairei em um limbo entre escuridão e luz. *Não chore,* ouvi-me murmurando. *Acordarei logo e estarei com você. Deixe-me dormir um pouco. Por favor, não chore, está tudo bem, querida. Cuidarei de você.*

Finalmente, fui forçado a abrir os olhos. Eu não estava deitado, mas de pé em meio a uma neblina. Comecei a andar lentamente em direção ao choro dela. Eu estava cansado, Robert, grogue, mas não podia deixá-la chorar. Precisava descobrir o que estava errado e dar fim a isso para que ela não chorasse daquele jeito. Eu não conseguia suportar ouvi-la chorando daquele modo.

Fui para uma igreja que jamais vira antes. Todos os bancos estavam ocupados por pessoas. Suas formas eram cinza. Não conseguia ver suas feições. Caminhei pelo corredor central tentando entender por que eu estava lá. Que igreja era aquela? E por que o som do choro de Ann vinha de lá?

Eu a vi sentada no primeiro banco, vestida de negro, Richard do seu lado direito, Marie e Ian do lado esquerdo. Ao lado de Richard eu podia ver Louise e seu marido. Todos eles estavam vestidos de preto. Eles eram mais fáceis de ver do que os demais na igreja, mesmo assim pareciam desbotados, como fantasmas. Eu ainda conseguia ouvi-la soluçando embora Ann estivesse quieta. Está na mente dela, dei-me conta, e minha mente e a dela são tão próximas que eu a ouvi. Corri em sua direção para fazê-la parar.

Detive-me diante dela.

— *Estou aqui* — eu disse.

Ela olhou para a frente como se eu não tivesse falado, como se eu nem estivesse lá. Nenhum deles olhou para mim. Estavam constrangidos com minha presença e fingiam que não me viam?

Olhei para mim. Talvez fosse minha roupa. Eu não a usava fazia muito tempo? Parecia que sim, mas eu não tinha certeza.

Olhei novamente.

— *Muito bem* — eu disse. Eu tinha dificuldades para falar: minha língua parecia pesada. — *Muito bem* — repeti lentamente. — *Não estou vestido corretamente. Isso não significa...* — minha voz sumiu porque Ann continuava olhando para a frente. Eu poderia estar invisível — *Ann, por favor* — eu disse.

Ela não se mexeu nem piscou. Estiquei a mão para tocar seu ombro. Ela contraiu-se rapidamente, olhando para cima, seu rosto ficou lívido.

— *Qual foi o problema?* — perguntei.

O choro em sua mente aflorou subitamente e ela ergueu a mão esquerda para cobrir seus olhos, tentando conter um suspiro. Senti uma dor entorpecedora dentro da minha cabeça. *O que houve?*, pensei.

— *Ann, o que houve?* — implorei.

Ela não respondeu e olhou para Richard. Seu rosto estava contraído, lágrimas corriam pela sua face.

— *Richard, o que está acontecendo?* — perguntei. Minhas palavras pareciam inarticuladas como se eu estivesse bêbado.

Ele não respondeu e olhei para Ian.

— *Por favor, me diga* — perguntei. Senti uma ponta de angústia ao olhar para ele. Ele soluçava baixo, esfregando dedos trêmulos na face, tentando afastar as lágrimas que caíam de seu rosto. *Meu Deus, o que está acontecendo?*, pensei.

Então, eu soube. É claro. O sonho; ele ainda continuava. Eu estava no hospital sendo operado. Não, eu dormia em minha cama e sonhava... não importa! A idéia varreu minha mente. O sonho continuava e agora eu estava incluído em meu próprio funeral.

Tive de me afastar deles, eu não conseguia suportar vê-los chorando. *Odeio este sonho estúpido!*, pensei. Quando ele iria acabar?

Foi um tormento para mim ser rejeitado, quando justo atrás de mim, eu podia ouvir Ann e meus filhos soluçando. Senti uma

necessidade desesperada de virar-me e confortá-los. Mas de que adiantaria? Em meu sonho, eles lamentavam minha morte. Que bem me faria falar se eles acreditavam que eu estava morto?

Eu tinha de pensar em outra coisa, era a única resposta. O sonho mudaria, eles sempre mudam. Caminhei na direção do altar, seguindo o zumbido de uma voz, e me dei conta que era o pastor. Procurei ver o lado engraçado daquilo. *Isso poderia ser divertido,* pensei. Mesmo em um sonho, quantos homens têm a chance de ouvir o próprio elogio fúnebre?

Eu via seu contorno borrado e cinza agora, atrás do púlpito. Sua voz soava oca e distante. *Espero que ele esteja me dando uma despedida de primeira,* pensei, irritado.

— *Ele está* — disse uma voz.

Olhei à minha volta. Aquele homem de novo: o que eu vira no hospital. Que estranho, de todas as pessoas, era ele quem aparecia com mais clareza para mim.

— *Vejo que ainda não encontrou seu próprio sonho* — eu disse a ele. Estranho, era possível falar com ele sem esforço.

— *Chris, tente entender* — ele disse. — *Isto não é um sonho. É real. Você morreu.*

— *Quer parar com isso?* — Comecei a me virar.

Seus dedos no meu ombro de novo, sólidos, quase cortando a minha carne. Isso também era estranho.

— *Chris, você não consegue ver?* — ele perguntou. — *Sua esposa e filhos vestidos de preto? Uma igreja? Um pastor recitando seu elogio fúnebre?*

— *Um sonho convincente* — eu disse.

Ele balançou a cabeça.

— *Solte-me* — eu disse a ele, ameaçadoramente. — *Não sou obrigado a ouvir isso.*

Seu aperto era forte. Eu não conseguia me soltar.

— *Venha comigo* — ele disse. Ele me levou para a plataforma onde vi um esquife sustentado por suportes. — *Seu corpo está lá* — ele disse.

— *Verdade?* — perguntei. Meu tom era frio. A tampa do esquife estava fechada. Como ele poderia saber que eu estava ali?

— *Você pode olhar dentro dele se quiser* — ele respondeu.

Inesperadamente, comecei a tremer. Eu poderia olhar dentro do esquife se quisesse. De repente, eu sabia.

— *Mas não farei isso* — eu lhe disse. Livrei-me do seu aperto e me virei. — *Isto é um sonho* — falei, olhando sobre meu ombro. — *Talvez você não entenda isso, mas...*

— *Se isso é um sonho* — ele interrompeu. — *Por que você não tenta acordar?*

Virei-me para encará-lo.

— *Muito bem, é exatamente o que farei. Obrigado pela excelente sugestão.*

Fechei os olhos. *Muito bem, você ouviu o homem,* eu disse a mim mesmo. *Acorde. Ele lhe disse o que fazer. Agora faça isso.*

Ouvi os soluços de Ann ficarem mais altos. — *Não* — eu disse. Eu não conseguia suportar o som daquilo. Tentei afastar-me, mas o som me seguiu. Cerrei os dentes. *Isso é um sonho e você vai acordar dele agora,* disse a mim mesmo. A qualquer instante eu acordaria perspirando, tremendo. Ann diria meu nome, assustada, então me aninharia em seus braços, ela me acariciaria e diria...

Seus soluços ficavam cada vez mais altos. Pressionei as mãos contra os ouvidos para abafá-los. — *Acorde* — falei. Repeti a frase com determinação. — *Acorde!*

Meu esforço foi recompensado com um súbito silêncio. Eu conseguira! Com um rasgo de alegria, abri os olhos.

Eu estava no saguão frontal de nossa casa. Não entendi aquilo.

Então vi a neblina de novo, minha visão turvada. Comecei a perceber formas de pessoas na sala de estar. Da cor cinza e desbotadas, estavam divididas em pequenos grupos, murmurando palavras que eu não conseguia ouvir.

Entrei na sala de estar, passei por um grupo de pessoas; nenhuma delas estava clara o suficiente para reconhecê-la. *Ainda o*

sonho, eu pensei. Agarrei-me àquilo.

Passei por Louise e Bob. Eles não olharam para mim. *Não tente falar com eles,* pensei. *Aceite o sonho. Siga em frente.* Entrei no bar e fui para a sala íntima.

Richard estava atrás do bar, preparando drinques. Senti uma pontada de ressentimento. *Bebendo numa hora como essa?* Rejeitei a idéia imediatamente. *Uma hora como o quê?* Desafiei minha mente. Este não era um momento especial. Era apenas uma festa deprimente em um sonho triste e deprimente.

Enquanto eu andava, captei alguns vislumbres. Bill, o irmão mais velho de Ann, sua esposa Patrícia; o pai dela e a madrasta; Phil, seu irmão caçula, e sua esposa Andréa. Tentei sorrir. *Bem,* eu disse a mim mesmo, *ao sonhar você realmente faz tudo direito, nenhum detalhe é esquecido, toda a família de Ann veio de São Francisco.* Mas onde estava minha família? Fiquei pensando. É claro que poderia sonhar com eles aqui. Isso importa, em um sonho, que eles estão a 4800 quilômetros de distância?

Então, uma nova idéia ocorreu-me. Seria possível que eu tinha perdido minha sanidade? Talvez o acidente tivesse danificado meu cérebro. Essa era uma idéia. Agarrei-me a ela. Cérebro danificado, imagens estranhas e distorcidas. Não estava acontecendo uma operação simples, mas algo complexo. Enquanto eu me movia entre esses espectros, bisturis poderiam estar perfurando meu cérebro, cirurgiões trabalhando para restaurar seu funcionamento.

Isso não ajudou. Apesar da sua lógica, comecei a sentir um certo ressentimento. Todas essas pessoas ignorando-me totalmente. Parei diante de alguém sem rosto, sem nome. — *Droga, mesmo em um sonho as pessoas falam com você* — eu disse. Tentei segurá-lo pelos braços. Meus dedos passaram pela sua carne como se fosse água. Olhei à minha volta e vi a mesa da sala íntima. Aproximei-me dela e tentei pegar o copo de alguém para jogá-lo contra a parede. Era como tentar agarrar o ar. Subitamente, tive um acesso de raiva. Gritei para eles — *Maldição, este é o meu sonho! Escutem-me!*

Minha risada foi involuntária, tensa. *Escute a si mesmo,* pensei. *Você está agindo como se isto estivesse realmente acontecendo. Ponha as coisas em seu devido lugar, Nielsen. Isto é um sonho.*

Deixei todos para trás e voltei para o saguão dos fundos. O tio de Ann, John, estava na minha frente, olhando algumas fotos na parede. Atravessei seu corpo, sem nada sentir. — *Esqueça* — ordenei a mim mesmo — *isso não importa.*

A porta do nosso quarto de dormir estava fechada. Eu a atravessei. — *Isto é loucura* — murmurei. Mesmo em sonhos eu jamais havia atravessado portas antes.

Minha irritação esvaneceu quando me aproximei da cama e vi Ann. Ela estava deitada no seu lado esquerdo olhando para a porta de vidro. Ela ainda vestia aquele vestido preto que eu a vira usar na igreja, mas ela havia tirado os sapatos. Seus olhos estavam vermelhos devido ao choro.

Ian sentou-se ao lado dela e segurou sua mão. Lágrimas escorriam lentamente pela sua face. Senti um grande amor por ele. Ele é um jovem gentil e carinhoso, Robert. Estiquei a mão para acariciar seus cabelos.

Ele olhou à sua volta e, por um momento que pareceu paralisar meu coração, pensei que ele estava olhando-me, vendo-me.

— *Ian* — murmurei.

Ele olhou para Ann. — Mãe — ele disse.

Ela não respondeu.

Ele falou de novo e os olhos dela lentamente voltaram-se para o rosto dele.

— Sei que parece loucura — ele disse —, mas... senti como se papai estivesse conosco.

Olhei rapidamente para Ann. Ela prescrutava Ian, sua expressão inalterada.

— Quero dizer aqui — ele disse a ela. — Agora.

Seu sorriso era de um carinho tenso. — Sei que você quer ajudar — ela disse.

— Eu realmente senti-o, mãe.

Ela foi incapaz de prosseguir, um grande suspiro fustigou-a. — Meu Deus — ela murmurou. — Chris... — lágrimas encheram seus olhos.

Sentei-me ao lado da cama e tentei tocar sua face. — *Ann, não...* — comecei. Interrompendo a frase, afastei-me dela com um gemido. Ver meus dedos penetrando em sua carne.

— Ian, estou com medo — Ann disse.

Voltei-me rapidamente para ela. A última vez que vira tal expressão em seu rosto foi na noite em que Ian tinha seis anos e desaparecera por três horas: um olhar de pavor impotente e paralisante. — *Ann, estou aqui* — falei. — *Estou aqui! A morte não é o que você pensa!*

O terror pegou-me desprevenido. — *Eu não quis dizer aquilo!* — minha mente gritou. Mas eu não podia retirar o que disse. A admissão tinha sido feita.

Resisti contra isso, procurando reprimir a idéia pensando em Ann e Ian. Mas a pergunta viera sem ser solicitada e eu não conseguia impedi-la. E se aquele homem tivesse dito a verdade? E se não fosse um sonho?

Tentei recuar. Impossível, o caminho estava bloqueado. Eu opus-me com raiva. E daí que pensei nisso? E daí que considerei a idéia? Não havia prova disso além daquela breve consideração.

Melhor ainda. Senti uma justificativa vingativa. Comecei a tocar e a cutucar meu corpo. — *Isto é a morte?* — desafiei com desprezo. — *Pele e ossos? Isso podia não ser um sonho* — isso eu estava disposto a admitir. Mas certamente não era a morte.

O conflito pareceu drenar minhas forças subitamente. Mais uma vez meu corpo parecia de pedra. *De novo?*, pensei.

Não importa. Tirei a idéia da mente. Deitei-me no meu lado da cama e olhei para Ann. Era enervante deitar-se ao lado dela, rostos tão próximos, ela olhando através de mim como se eu fosse uma janela. *Feche seus olhos,* pensei. Fechei. *Fuja por meio do sono,* eu disse a mim mesmo. *Não existe nenhuma prova. Isto ainda pode ser um sonho. Mas Deus, meu caro Deus, se isto é um sonho, odeio-o de todas as*

formas. Por favor — implorei para qualquer poder que me ajudasse —, *liberte-me deste pesadelo interminável.*

SABER QUE AINDA EXISTO!

Pairando, suspenso, ascendendo centímetros, então, descendo em um vácuo silencioso e engolfante. Esta era a sensação do pré-nascimento, flutuar em uma escuridão líquida?

Não, não haveria som de choro no útero. Nenhum sentimento de dor oprimindo-me. Murmurei em meu sono, querendo descansar, precisando descansar, mas querendo, também, acordar pelo bem de Ann. — *Querida, está tudo bem.* — Devo ter falado essas palavras cem vezes antes de acordar.

Meus olhos abriram-se, as pálpebras pesadas.

Ela estava deitada ao meu lado, dormindo. Suspirei e sorri para ela com amor. O sonho tinha terminado, estávamos juntos de novo. Olhei fixamente seu rosto, com uma doce aparência infantil em seu repouso. Uma criança cansada, uma criança que chorou até dormir. Minha preciosa Ann. Tentei tocar seu rosto, a mão firme como ferro.

Meus dedos desapareceram dentro de sua cabeça.

Ela acordou sobressaltada, um olhar alarmado. — Chris? — ela disse. Novamente, aquele fio de esperança momentâneo. Ele se esvaneceu quando logo ficou claro que ela não olhava para mim, mas através de mim. Lágrimas começaram a se formar em seus olhos. Ela encolheu suas pernas, agarrou o travesseiro com força em seus braços, pressionando seu rosto contra ele, seu corpo tremendo com soluços.

— *Meu Deus, não, querida. Por favor, não chore.* — Eu chorava também, teria aberto mão de minha alma apenas para que ela pudesse me ver por um minuto, ouvir minha voz, receber meu consolo e amor.

Mas eu sabia que ela não poderia. E eu também sabia que o pesadelo não tinha acabado. Afastei-me dela e fechei os olhos,

desesperado para me refugiar no sonho novamente, deixar que a escuridão me levasse para longe dela. Seu choro partiu meu coração. — *Por favor, leve-me para longe daqui* — implorei. — *Se não posso confortá-la, leve-me embora!*

Senti minha mente iniciar uma queda, descendo na escuridão.

Isso era um sonho. Tinha de ser. Minha vida desvelava-se diante de mim, uma sucessão de imagens animadas. Alguma coisa nelas abalou-me. Eu não tinha experimentado isso antes, de maneira mais breve e confusa?

Isso não era nada confuso. Eu poderia ter sido um espectador no auditório, assistindo a um filme chamado *Minha vida,* cada episódio do começo ao fim. Não, corrija isso. Do fim ao começo, o filme começou com a colisão — isto era real então — e recuou até meu nascimento, cada detalhe amplificado.

Não entrarei em todos os detalhes, Robert. Não é a história que quero contar, isso levaria tempo demais. A vida de cada homem é um grosso volume de episódios. Considere todos os eventos da sua vida enumerados um por um com descrições completas. Uma enciclopédia de 21 volumes de eventos; no mínimo.

Deixe-me discuti-los brevemente. Isso foi mais do que um "relampejar diante dos meus olhos". Eu era mais do que um espectador, isso logo tornou-se claro. Revivi cada momento com uma percepção aguda, experimentando e entendendo simultaneamente. O fenômeno era vivido, Robert, cada emoção infinitamente multiplicada por camada sobre camada de consciência.

A essência de tudo isso — esta é a parte importante — foi o conhecimento de que meus pensamentos tinham sido reais. Não só as coisas que fiz e disse. O que passou pela minha mente também, positivo ou negativo.

Cada lembrança foi revivida diante de mim e dentro de mim. Eu não podia evitá-las. Nem conseguia racionalizar, explicar. Eu só podia pretensão. Tentar me iludir era impossível, a verdade

era exposta sem meios-termos. Nada como pensei que tivesse sido. Nada como eu esperava que tivesse sido. Apenas como tinha sido.

Os fracassos me assolaram. Coisas que eu omitira ou ignorara, negligenciara. O que eu devia ter dado e não dera — para meus amigos, parentes, meu pai e minha mãe, para você e Eleanor, para meus filhos, e sobretudo Ann. Senti a aflição profunda de cada ação incompleta. Não só pessoal, mas também profissional — meus fracassos como escritor. Os inúmeros roteiros que escrevi que não fizeram bem a ninguém e, a muitos, mal. Eu poderia fechar os olhos a eles uma vez. Agora, neste rigoroso desvelamento da minha vida, fechar os olhos era impossível, tentar justificar-me era impossível. Uma infinitude de deficiências reduzidas a um desafio fundamental: o que eu poderia ter feito e como irrevogavelmente fracassei em quase todas as marcas.

Não que isso seja injusto: não que as escalas tenham sido alteradas. Onde foi bom, isso foi mostrado com absoluta clareza. Benevolência, realizações; tudo isso foi apresentado também.

O problema era que eu não conseguia ir além disso. Como o puxão de uma corda de um edifício puxada à distância, eu era arrastado da observação pela tristeza de Ann. — *Querida, deixe-me ver* — creio que disse essas palavras. Talvez tenha apenas pensado nelas.

Tornei-me consciente de deitar-me ao lado dela novamente, minhas pálpebras pesadas enquanto eu tentava erguê-las. Os sons que ela fazia enquanto dormia era como a lâmina de uma faca cortando meu coração. *Por favor,* pensei. *Preciso ver, saber, avaliar.* De repente, a palavra parecia vital para mim: avaliar.

Mergulhei novamente no isolamento das minhas visões. Eu tinha deixado o cinema momentaneamente, a imagem na tela congelara. Agora, ela recomeçara, absorvendo-me. Eu estava dentro dele de novo, revivendo dias passados havia muito tempo.

Agora eu via quanto tempo eu despendera apenas para satisfazer meus desejos; de novo, não vou dar-lhe detalhes. Não só redescobri o sentido de cada uma das experiências de minha vida,

como também tive de viver cada desejo não realizado, como se eles tivessem sido realizados. Vi que aquilo que transpira na mente é tão real como qualquer ocorrência de carne e osso. O que tinha sido apenas imaginação na vida agora tornou-se tangível; toda fantasia, uma realidade completa. Vivi tudo — enquanto, ao mesmo tempo, fiquei de lado, uma testemunha de sua, muitas vezes, intimidade sórdida. Uma testemunha amaldiçoada com total objetividade.

Ainda assim, sempre o equilíbrio, Robert; enfatizo o equilíbrio. As escalas da justiça: escuridão em paralelo com luz, crueldade com compaixão, luxúria com amor. E sempre, incessantemente, a mais secreta mensagem: o que você fez com sua vida?

Uma clemência adicional era o conhecimento que esta profunda e íntima revisão era testemunhada apenas por mim. Era uma reapresentação privada, um julgamento submetido pela minha própria consciência. Além disso, eu tinha certeza de que, de algum modo, cada ato e pensamento revivido estava sendo impresso em minha consciência indelevelmente para futura consulta. Por que era assim eu não tinha idéia, apenas sabia que era assim.

Então, algo estranho começou a acontecer: eu estava em um chalé em algum lugar, observando um velho deitado em uma cama. Duas pessoas estavam sentadas ao seu lado, uma mulher de cabelos grisalhos e um homem de meia-idade. Eles vestiam roupas estrangeiras e o sotaque da mulher soou estranho quando ela disse — Acho que ele se foi.

— Chris!

O grito torturado de meu nome por Ann arrancou-me do sono. Olhei à minha volta e me encontrei em uma neblina rodopiante, deitado no chão. Levantando-me lentamente, todos os músculos doloridos, tentei caminhar, mas não consegui. Eu estava no fundo de um lago escuro cujas correntes empurravam-me.

Tive uma sensação de vazio e fome. Não, esta não é a palavra apropriada. Eu necessitava de um alimento. Não, mais do que isso. Necessitava de algo para acrescentar a mim, para me ajudar

a me reconstruir. Era isso. Eu estava incompleto. Parte de mim fora-se. Tentei pensar, mas descobri que isso estava além da minha capacidade. Pensamentos gotejavam em minha mente como cola. *Vamos,* era tudo o que eu conseguia pensar. *Vamos*.

Vi uma pálida coluna branca de luz tomar forma na minha frente, uma figura dentro dela. — *Você deseja minha ajuda* — ela disse. Minha mente não estava alerta o suficiente para dizer se ela era um ser masculino ou feminino.

Tentei falar, então, mas, a uma certa distância, ouvi Ann chamar meu nome de novo e olhei à minha volta.

— *Você pode ficar aqui por muito tempo* — disse a figura. — *Segure minha mão.*

Olhei para ela. — *Eu conheço você?* — perguntei. Eu mal conseguia falar, minha voz parecia sem vida.

— *Isso não é importante agora* — a figura disse. — *Segure minha mão.*

Encarei-a com olhar vago. Ann chamou meu nome de novo e balancei a cabeça. A figura tentava me afastar dela. Eu não iria permitir isso. — *Vá embora* — eu disse. — *Ficarei com minha esposa.*

Eu estava sozinho outra vez. — *Ann?* — chamei. Senti-me frio e temeroso. — *Ann, onde você está?* — minha voz estava morta. — *Não consigo vê-la.*

Algo começou a me arrastar através da neblina. Alguma outra coisa tentou deter-me, mas livrei-me dela, não era Ann. Ela era tudo o que importava para mim.

A neblina começou a dissipar-se e então fui capaz de avançar. Havia algo de familiar na paisagem à minha frente: grandes gramados verdejantes com fileiras de placas de metal resplandeciam com a superfície, buquês de flores aqui e ali, alguns mortos, outros definhando, alguns frescos. Eu estivera aqui antes.

Caminhei na direção de uma figura distante sentada na grama. *Onde eu vira este lugar?,* pensei, esforçando-me para lembrar. Finalmente, como uma bolha emergindo através de um lodaçal, a memória clareou-se. Vaughn. O filho de alguém. Nós o

conhecíamos. Ele estava enterrado aqui. *Há quanto tempo?*, surgiu a pergunta. Eu não podia responder a ela. O tempo parecia um enigma além da solução.

Eu via, agora, que a figura era Ann e movi-me o mais rapidamente possível. Meus sentimentos eram uma mistura de alegria e tristeza; eu não sabia por quê.

Ao alcançá-la, disse seu nome. Ela não deu nenhum sinal de que me vira ou me ouvira e, por algum motivo inexplicável, não fiquei surpreso com isso. Sentei-me ao lado dela na grama e coloquei meu braço em sua volta. Nada senti e ela não respondeu de nenhuma maneira, mantendo o olhar fixo no chão. Tentei entender o que estava acontecendo, mas não havia como. — *Ann, eu a amo* — murmurei. Era tudo o que minha mente conseguia concatenar. — *Sempre amarei você, Ann*. — O desespero começou a apossar-se de mim. Olhei para o ponto no chão para o qual ela olhava. Havia flores e uma placa de metal.

Christopher Nielsen 1927-1974. Encarei fixamente a placa, chocado demais para reagir. Vagamente, lembrei-me de um homem conversando comigo, tentando me convencer de que eu tinha morrido. Aquilo fora um sonho? Isto é um sonho? Balancei a cabeça. Por algum motivo que eu não conseguia atinar, o conceito de que isto era um sonho era inaceitável — o que significava que eu estava morto.

Morto.

Como uma revelação tão estarrecedora poderia me deixar tão incrivelmente apático? Eu deveria estar gritando com terror. Em vez disso, conseguia apenas olhar fixamente para a placa, para meu nome, para o ano de meu nascimento e da minha morte.

Lentamente, uma obsessão começou a tomar conta da minha mente. Eu estava ali? Eu? Meu corpo? Então, eu tinha o poder de provar isso de forma inequívoca. Eu poderia entrar ali, ver meu corpo. A memória chamejou. Você pode ver lá dentro se tentar. Onde eu ouvira essas palavras? Eu conseguiria ver dentro do quê?

O conhecimento emergiu. Eu podia descer e olhar dentro do esquife. Eu poderia me ver e provar que eu estava morto. Senti meu corpo soltando-se e mergulhando.

— Mãe?

Olhei à minha volta, surpreso. Richard aproximava-se com um jovem magro de cabelos escuros. — Mãe, este é o Perry — ele disse. — Foi sobre ele que lhe falei.

Olhei incrédulo para o rapaz.

Ele estava olhando para mim.

— Seu pai está aqui, Richard — ele disse, calmamente. — Sentado perto da placa com o nome dele.

Eu fiquei de pé. — *Você consegue me ver?* — perguntei. Fiquei atordoado pelas suas palavras, seu olhar fitando-me diretamente.

— Ele está dizendo algo que não consigo entender — Perry disse. Olhei para Ann, a ansiedade voltara. Eu poderia comunicar-me com ela, permitir que ela soubesse que eu ainda existia.

Ela olhava o rapaz, com uma expressão atordoada. — *Ann, acredite nele* — eu disse. — *Acredite nele.*

— Ele falou de novo. Para a senhora agora, senhora Nielsen.

Ann estremeceu e olhou para Richard, implorando ao dizer seu nome.

— Mãe... — Richard parecia desconfortável e inflexível ao mesmo tempo. — Se Perry diz que papai está aqui, acredito nele. Eu já lhe disse como ele...

— *Ann, estou aqui!* — gritei.

— Sei como se sente, senhora Nielsen — Perry interrompeu Richard —, mas aceite minha palavra. Eu o vejo ao seu lado. Ele usa uma camisa azul-escura com mangas curtas, calça xadrez azul e sapatos Wallaby. Ele é alto e louro com uma compleição forte. Ele tem olhos verdes e olha para a senhora ansiosamente. Tenho certeza de que ele quer que a senhora acredite que ele está realmente aqui.

— *Ann, por favor* — eu disse. Olhei para Perry de novo. — *Ouça-me* — supliquei a ele — *você precisa me ouvir.*

— Ele está falando de novo — disse Perry. — Acho que ele está dizendo "servir" ou algo assim.

Suspirei e olhei para Ann de novo. Ela tentou segurar o choro, mas não conseguiu se conter. Seus dentes estavam cerrados, sua respiração era forçada e entrecortada. — Por favor, não faça isso — ela murmurou.

— Mamãe, ele está tentando ajudar — Richard disse-lhe.

— Não faça isso — Ann levantou-se e se afastou.

— *Não vá embora* — implorei.

Richard foi atrás dela, mas Perry segurou-o. — Deixe-a acostumar-se com a idéia — ele disse.

Richard olhou à sua volta, desconfortável: — Ele está aqui? — ele perguntou. — Meu pai?

Eu não sabia o que fazer. Eu queria estar com Ann. Mas como poderia deixar a única pessoa que conseguia me ver?

Perry colocara as mãos nos ombros de Richard e o virou até ele ficar de frente para mim. — Ele está diante de você — ele disse. — Cerca de um metro e vinte centímetros de distância.

— Meu Deus! — A voz de Richard estava fina e trêmula.

— *Richard* — eu disse e avancei tentando segurar seus braços.

— Ele está na sua frente agora, tentando segurar seus braços — Perry disse-lhe.

O rosto de Richard estava pálido. — Então, por que não posso vê-lo? — ele perguntou.

— Você poderá se conseguir convencer sua mãe a participar de uma sessão.

Apesar da excitação que as palavras de Perry causaram em mim, eu não podia mais continuar ao lado dele; eu precisava ficar com Ann. Sua voz desvaneceu-se rapidamente à medida que eu caminhava atrás dela. — Ele foi atrás da sua mãe — ele disse. — Ele deve querer...

Eu não conseguia ouvir mais nada. Ansioso, segui Ann, tentando ultrapassá-la. O que seria uma sessão? Uma sessão

espírita? Ann tinha de concordar com isso. Nunca acreditei nessas coisas, nunca pensei nelas. Eu penso agora. Perry tinha me visto, ele realmente me vira. A idéia de que, com sua ajuda, Ann e as crianças também poderiam me ver, talvez até mesmo me ouvir, encheu-me de alegria. Então, não haveria mais dor.

Gemi com um súbito desânimo. Uma neblina formava-se novamente, obscurecendo minha visão de Ann. Tentei correr, mas meus movimentos tornavam-se cada vez mais difíceis. *Eu precisava alcançá-la,* pensei. — *Ann, espere!* — chamei. — *Não me deixe!*

Você precisa seguir em frente, parecia que eu ouvia uma voz dizer isso em minha mente. Não lhe dei ouvidos, continuei andando, cada vez mais devagar, outra vez no fundo do lago escuro. Minha consciência começou a esvanecer. *Por favor,* pensei. *Dever haver um jeito para que Ann possa me ver e ser confortada ao saber que ainda existo!*

MINHA PRESENÇA É EM VÃO

Eu subia a colina, caminhando para nossa casa. Em ambos os lados da trilha aroeiras balançavam com a força do vento. Tentei sentir seu cheiro, mas não consegui. Acima, o céu estava coberto de nuvens. *Vai chover,* pensei. Fiquei a imaginar por que eu estava ali.

A porta da frente era tão sólida quanto o ar para mim quando entrei em casa. Eu sabia, então, por que eu viera.

Ann, Richard e Perry estavam sentados na sala de estar. *Ian deve estar na escola,* pensei. *Marie, em Pasadena, na Academia de Artes Dramáticas.*

Ginger estava deitada aos pés de Ann. Quando entrei na sala de estar ela ergueu a cabeça abruptamente e olhou para mim, as orelhas abaixadas. Nenhum som desta vez. Perry, que estava sentado no sofá perto de Richard, virou-se e olhou-me. — Ele voltou — ele disse.

Ann e Richard olharam automaticamente na minha direção, mas eu sabia que eles não podiam me ver. — Ele tem a mesma aparência? — Richard perguntou ansiosamente.

— Como ele estava no cemitério — Perry respondeu. — Ele veste a roupa que usava na noite do acidente, não é?

Richard confirmou. — Sim — Ele olhou para Ann. Meu olhar estava fixo nela. — Mãe — ele disse —, você...

Ela o interrompeu. — Não, Richard — ela disse em voz baixa, mas com firmeza.

— Mas papai estava vestido daquela maneira na noite do acidente — Richard insistiu. — Como Perry poderia saber se ele...

— Nós sabemos disso, Richard — Ann interrompeu novamente.

— Não vou tirar isso da senhora, senhora Nielsen, acredite em mim — Perry disse a ela. — Seu marido está ali. Olhe para sua

cadela. Ela consegue vê-lo.

Ann olhou para Ginger e estremeceu. — Não sei nada sobre isso — ela murmurou.

Eu tinha de fazê-la ver. — *Ginger* — eu disse. Sempre, quando eu dizia seu nome, seu rabo batia no chão. Agora, ela apenas encolheu-se, os olhos fixos em mim.

Comecei a cruzar a sala em sua direção — *Ginger, vamos lá* — eu disse. — *Você me conhece.*

— Ele está caminhando na sua direção, senhora Nielsen — Perry disse.

— Você poderia... — ela começou a falar, então parou, assustada, enquanto Ginger passava correndo pelos seus pés e fugia da sala.

— Ela está com medo dele — Perry explicou. — Ela não entende o que está acontecendo.

— Mãe? — Richard disse quando ela permaneceu em silêncio. Eu conhecia muito bem aquele silêncio teimoso. Senti-me inclinado a sorrir apesar da falta de vontade dela em acreditar na minha presença.

— Ele está sorrindo para a senhora — disse Perry. — Ele parece entender sua incapacidade de acreditar que ele está aqui.

A expressão de Ann tornou-se rígida novamente. — Tenho certeza que deve ser óbvio para você que eu gostaria de acreditar — ela disse. — Simplesmente não consigo... — Interrompendo a frase, ela respirou com dificuldade. — Você realmente consegue vê-lo? — ela perguntou.

— *Sim, Ann, ele vê* — eu disse.

— Ele acabou de dizer "*Sim, Ann. Sim*" — Perry disse a ela. — Eu consigo vê-lo, assim como o descrevi no cemitério. Naturalmente, ele não parece tão sólido como nós. Mas ele é muito real, não estou obtendo informações da sua mente. Nem consigo fazer isso.

Ann pressionou a palma da sua mão esquerda sobre seus olhos. — Eu gostaria de acreditar — ela disse, tristemente.

— Tente, mãe — Richard pediu.

— *Ann, por favor* — eu disse.

— Eu sei que é difícil de aceitar — Perry disse. — Convivi com isso durante toda a minha vida e para mim é natural. Eu conseguia ver desencarnados quando era bebê.

Olhei-o com uma súbita repugnância. Desencarnados? A palavra dava a impressão que eu era um monstro.

— Desculpe-me — Perry disse para mim, sorrindo.

— O que aconteceu? — Richard perguntou e Ann abaixou sua mão e olhou curiosamente para Perry.

— Ele me olhou com um franzir das sobrancelhas. Devo ter dito algo de que ele não gostou.

Richard olhou para Ann de novo. — Mãe, o que você acha? — ele perguntou.

Ela suspirou. — Eu simplesmente não sei.

— Que mal isso pode fazer?

— Que mal? — Ela olhou para ele, incrédula. — Fazer-me pensar que seu pai ainda existe? Você sabe o que ele significava para mim.

— Senhora Nielsen... — Perry começou.

— Eu não acredito em vida após a morte — Ann interrompeu-o. — Acredito que, quando morremos, nós morremos e isso é o fim de tudo. Agora, você quer que eu...

— Senhora Nielsen, a senhora está enganada — Perry disse. Ele confirmava minha presença, mas eu me sentia ofendido pelo seu tom agressivo. — Seu marido está bem na sua frente. Como ele não poderia ter sobrevivido?

— Não o vejo — Ann respondeu. — E não posso acreditar só porque você diz que ele está aqui.

— Mãe, Perry foi examinado na Ucla[1] — Richard disse. — Ele foi atestado diversas vezes.

— Richard, não estamos falando de testes de faculdade. Estamos falando sobre o papai! O homem que amávamos!

— Um motivo a mais... — Richard disse.

— Não — ela balançou a cabeça. — Não posso me permitir a acreditar nisso. Se acreditasse e descobrisse que não é verdade, eu morreria. Isso me mataria.

Oh, não, pensei com uma súbita angústia. Mais uma vez, aquela forte exaustão apossara-se de mim. Se isso era causado pelo esforço de desejar tanto que Ann acreditasse ou pela sua tristeza interminável, eu não tinha idéia. Eu apenas sabia que eu tinha de descansar novamente. Os objetos começavam a turvar diante dos meus olhos.

— Mãe, por favor, tente — Richard pediu-lhe. — Você não quer nem mesmo tentar? Perry diz que podemos ver papai se...

— *Ann, preciso deitar-me por uns instantes* — eu disse. Eu sabia que ela não podia me ouvir, mas disse assim mesmo.

— Ele falou com a senhora, senhora Nielsen — Perry disse-lhe. — Agora ele está inclinando-se sobre a senhora.

Tentei beijar o cabelo dela.

— Você sentiu isso? — Perry perguntou.

— Não — ela disse, tensa.

— Ele acabou de beijar seu cabelo — ele disse a ela.

Sua respiração tornou-se irregular e ela começou a chorar suavemente. Richard deu um salto, movendo-se rapidamente para o lado dela. Sentado no braço da cadeira dela, ele a puxou para si. — Está tudo bem, mãe — ele murmurou. Ele olhou para Perry com reprovação. — Você precisava ter dito aquilo?

Perry deu de ombros. — Eu disse a ela o que ele fez, só isso, sinto muito.

A exaustão aumentava rapidamente agora. Eu queria permanecer, ficar na frente de Perry, deixar que ele lesse meus lábios, mas eu não tinha forças para isso. Mais uma vez, aquela sensação de peso insuportável dominou meu corpo e me afastei deles. Eu precisava descansar.

— Você quer saber o que ele está fazendo agora? — Perry perguntou. Seu tom era irritado.

— O quê? — Richard acariciava o cabelo de Ann, parecendo nervoso.

— Ele caminha em direção ao bar. Começou a esvanecer. Ele deve estar perdendo a força.

— Você pode chamá-lo de volta? — Richard perguntou.

Eu não conseguia ouvir mais nada. Não sei como cheguei ao nosso quarto: a transição não ficou clara. Só lembro que, quando me deitei, pensei: *por que fico exausto se não tenho um corpo físico?*



Abri os olhos. Estava escuro e silencioso. Algo me puxou, obrigando-me a ficar de pé.

A diferença sobre como eu me sentia ficou clara imediatamente. Antes, sentia-me pesado. Agora, sentia-me leve. Era quase como se eu flutuasse pelo quarto e através da porta.

A voz de Perry podia ser ouvida da sala íntima e no bar.

De repente, parei de andar e olhei com horror a sala de estar.

Para mim mesmo.

Minha mente não conseguia reagir. Eu estava atordoado pela visão.

Eu sabia que estava de pé onde eu estava.

Mas eu também estava na sala de estar. Vestido com roupas idênticas. Meu rosto, meu corpo. Eu, sem dúvida.

Mas como isso era possível?

Eu não estava naquele corpo. Então, entendi. Eu apenas observava-o. Mirando-o, aproximei-me. A minha figura tinha a forma de um corpo normal. Não havia expressão em seu rosto. Poderia ser uma figura em um museu de cera, com exceção de que ela se movia lentamente como se fosse um autômato movido a corda.

Afastei meu olhar dele e observei a sala de estar. Ann estava lá, Richard, Ian e Marie, falando com a figura. *Ela era visível a todos eles?*, pensei, nauseado. Era uma visão horrenda.

— Onde você está? — Perry dizia.

Olhei para a forma cadavérica. Seus lábios mexeram-se debilmente. Quando ele falou, sua voz não era a minha, mas um murmúrio oco e sem vida enquanto ele dizia "Além".

Perry disse à minha família. Ele dirigiu-se à figura de novo. — Pode descrever onde você está?

A figura não falou. Ele mexeu os pés, os olhos piscando morosamente. Finalmente ele falou: — *Frio.*

— Ele disse que é frio — Perry contou a eles.

— Você disse que conseguiríamos vê-lo — Marie disse com voz tensa.

Olhei para Ann. Ela estava no sofá, sentada entre Ian e Marie, seu corpo parecia prostrado. Seu rosto estava branco, como uma máscara. Ela olhava para as mãos.

— Por favor, torne-se visível para todos — Perry disse para a figura. Mesmo agora, seu tom era tirânico.

A figura balançou a cabeça e respondeu — *Não.*

Não sei como eu sabia, mas sabia. A figura não estava respondendo por conta própria. Ela apenas repetia o que a mente de Perry lhe sugeria.

Não era eu, absolutamente. Era uma marionete que ele construíra com o poder da sua vontade.

Aproximei-me de Perry com raiva e fiquei na frente dele, impedindo que visse a figura. — *Pare com isso* — eu disse a ele.

— Por que você não pode se manifestar? — ele perguntou.

Olhei para ele. Ele não conseguia mais me ver. Ele olhava através de mim, para minha efígie, assim como Ann também olhara para mim.

Estiquei a mão e tentei segurar seu ombro. — *O que você fez?* — perguntei.

Ele não tinha consciência da minha presença. Ele continuou falando com a figura enquanto eu me voltava para Ann. Ela se inclinava para a frente agora, ambas as palmas sustentando o

queixo, os olhos assombrados, o olhar perdido. *Meu Deus,* pensei angustiado, *agora ela jamais saberá.*

A figura respondeu com sua voz vazia. Olhei para ela, revoltado com a visão.

— Você está feliz onde você está? — Perry perguntou.

A figura respondeu. — *Feliz.*

— Você tem uma mensagem para sua esposa? — Perry perguntou.

— *Seja feliz* — a figura murmurou.

— Ele disse para ser feliz — Perry disse para Ann.

Com um gemido abafado, ela colocou-se de pé e saiu correndo da sala. — Mãe! — Ian apressou-se a ir atrás dela. — Não quebre o círculo! — Perry gritou.

Marie ergueu-se, exasperada. — Quebrar o círculo? Seu... idiota! — Ela foi atrás de Ian.

Olhei para a figura de pé em nossa sala de estar como um manequim desbotado, com olhar catatônico. — *Maldito seja* — murmurei. De repente, caminhei para dentro dele.

Para minha surpresa e repugnância, eu podia sentir sua pele quando a toquei. Ela era fria e morta.

O asco apoderou-se de mim quando ela agarrou meus braços com seus dedos gelados segurando-me. Gritei, angustiado e comecei a lutar contra ela. Eu lutava contra meu próprio corpo. Robert, meu rosto morto a centímetros de mim, meus olhos mortos encarando-me. — *Vá embora!* — gritei. — *Embora* — ele repetiu estupidamente. — *Maldito seja!* — gritei.

Ele murmurou — *Maldito seja.* — Horrorizado, meu estômago revirou-se com náusea. Livrei-me de seu toque entorpecido.

— Cuidado, ele está caindo! — Perry gritou. De repente, a figura caiu sobre a almofada da cadeira em que estava sentada. — Ele se foi — Perry murmurou.

Ela se foi, realmente. Enquanto eu me soltava, a figura começou a cair sobre mim, e então, diante dos meus olhos, ela

dissolveu-se no ar.

— Algo empurrou-o — Perry disse.

— Pelo amor de Deus, Perry. — A voz de Richard tremia.

— Posso tomar um copo de água? — Perry perguntou.

— Você disse que o veríamos — Richard disse.

— Um copo de água, Richard? — Perry perguntou.

Olhei-o com atenção enquanto Richard levantava-se e ia para a cozinha. O que havia de errado com ele? Como ele poderia estar tão certo e depois se enganar tão completamente?

Dirigi-me à cozinha, ouvindo o gorgolejo da garrafa de Sparklett sendo tampada. *Por que Richard envolvera-se tão profundamente com Perry?*, perguntei-me. Eu sabia que ele apenas queria ajudar, mas agora as coisas estavam piores do que antes.

Voltei e sentei-me ao lado de Perry. — *Escute* — eu disse. Ele não se mexeu, inclinado para a frente, ar doentio. Toquei seu braço, mas ele não reagiu.

— *Perry, o que há com você?* — perguntei. Ele se mexeu, desconfortável. Uma idéia ocorreu-me e repeti a pergunta em minha mente.

Ele franziu as sobrancelhas. — Fique longe de mim — ele murmurou. — Acabou.

— *Acabou?* — Se pudesse esganá-lo, eu teria feito isso. — *E quanto à minha esposa? Acabou para ela?* — Lembrei-me dela e repeti a pergunta em minha mente.

— Acabou — ele disse, por entre os dentes cerrados. — Fim da linha.

Comecei a pensar em outra mensagem, mas no instante em que a iniciei, parei. Ele isolara-se, cercando sua consciência com uma carapaça de vontade.

Olhei à minha volta enquanto Richard voltava e dava um copo de água para Perry. Perry bebeu-a em um único e longo gole, então suspirou. — Sinto muito — ele disse. — Não sei o que aconteceu.

Richard olhou-o gelidamente. — E quanto à minha mãe? — ele perguntou.

— Podemos tentar de novo — Perry disse a ele. — Tenho certeza...

Richard interrompeu-o com um som raivoso. — Ela nunca mais tentará de novo — ele disse. — Não importa o que você diga a ela agora, ela não acreditará em você.

Eu me levantei e me afastei deles. Tive de partir, abruptamente. Isso estava claro para mim. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. O pensamento veio, avassaladoramente.

A partir desse momento em diante, minha presença é inútil.

HÁ MAIS

Tentei me afastar da casa, seguir em frente, para algum lugar, qualquer lugar. Ainda assim, embora o peso tivesse sumido, mesmo me sentindo imensuravelmente mais forte, eu ainda era incapaz de me libertar. Não havia como partir: o desespero de Ann mantinha-me preso. Eu tinha de ficar.

No instante em que pensei nisso, vi-me dentro de casa de novo. A sala de estar estava vazia. O tempo tinha passado. No entanto, eu não podia dizer quanto: a cronologia estava além do meu alcance.

Entrei na sala íntima. Ginger estava deitada no sofá em frente à lareira. Sentei-me ao lado dela. Ela nem se mexeu. Em vão, tentei acariciar sua cabeça. Ela dormia pesadamente. O contato fora rompido e eu não sabia como.

Levantei-me com um suspiro resignado e caminhei para nosso quarto. A porta estava aberta e entrei.

Ann estava deitada na cama, Richard ao lado dela.

— Mãe, por que você não admite ao menos a possibilidade de que poderia ter sido o papai? — ele perguntava a ela. — Perry jura que ele estava aqui.

— Não falemos mais nisso — ela disse. Vi que ela tinha chorado novamente, os olhos vermelhos, a pele inchada em torno deles.

— Isso é tão impossível? — Richard perguntou.

— Eu não acredito nisso, Richard — ela lhe disse. — Não há mais o que dizer.

Vendo a expressão no rosto dele, ela acrescentou: — Perry pode ter determinados poderes. Não nego isso. Mas ele não me convenceu de que existe alguma coisa depois da morte. Eu sei que não há, Richard. Eu sei que seu pai se foi e nós temos...

Ela não conseguiu terminar a frase, sua voz foi interrompida por um soluço. — Por favor, não falemos mais nisso — ela murmurou.

— Sinto muito, mãe — Richard abaixou a cabeça. — Eu só estava tentando ajudar.

Ela segurou a mão esquerda dele, beijou-a gentilmente e a pressionou contra a face. — Eu sei — ela murmurou. — Foi muita consideração sua, mas... — Sua voz sumiu e ela fechou os olhos. — Ele está morto, Richard — ela disse depois de alguns segundos. — Ele se foi. Não há nada que possamos fazer a respeito.

— *Ann, estou aqui!* — gritei. Olhei em volta com uma raiva incontida. Não havia como avisá-la? Em vão, tentei pegar objetos da escrivaninha. Olhei para uma pequena caixa, tentando concentrar minha vontade para movê-la. Depois de um longo tempo, ela moveu-se um milímetro, mas então caí exausto pelo esforço.

— *Meu Deus* — Deixei o quarto desolado e fui para o corredor. Então, num impulso, dirigi-me ao quarto de Ian. Sua porta estava fechada. "Isso é moleza", como Richard costumava dizer. Passei pela porta em um instante e dei-me conta da terrível verdade: *sou um fantasma.*

Ian estava sentado ao lado da sua mesa, fazendo a lição de casa, a expressão taciturna. — *Você consegue me ouvir, Ian?* — perguntei. — *Nós sempre fomos tão próximos, você e eu.*

Ele continuou com sua lição de casa. Tentei acariciar seu cabelo; em vão, é claro. Gemi com frustração. O que eu poderia fazer? Ainda assim, eu não podia ir embora. A dor de Ann segurava-me aqui.

Eu estava preso a uma armadilha.

Afastei-me de Ian e deixei seu quarto. Vários metros depois pelo corredor, cheguei à porta fechada do quarto de Marie. Eu me sinto um pouco repugnante. Passar por portas parecia um truque de mágica de mau gosto.

Marie estava sentada à mesa dela, escrevendo uma carta. Eu me aproximei dela e a observei. Ela é uma jovem tão adorável,

Robert, alta, loura e graciosa. Talentosa também: uma linda voz de cantora e presença marcante no palco. Ela tem estudado com afinco na Academia, com o objetivo de seguir a carreira teatral. Sempre tive confiança no futuro dela. É uma profissão difícil, mas ela é persistente. Sempre planejei fazer alguns contatos no ramo para ela depois que ela concluísse seu curso. Agora, eu jamais poderei fazer isso.

Depois de um tempo, olhei o que ela estava escrevendo.



Nunca nos víamos muito. Quero dizer, apenas nós dois, sobretudo nos últimos anos. Minha culpa, não dele. Ele tentou nos reunir — por um dia, uma noite. Ele e Ian passavam dias juntos jogando golfe, indo a jogos, comendo fora e conhecendo-se. Richard quer ser escritor também e papai sempre o incentivou e lhe deu apoio.

Saí com ele apenas algumas vezes. Sempre para alguma coisa que eu queria — uma peça, um filme, um concerto. Nós jantávamos antes e conversávamos. Era sempre agradável, mas nunca era suficiente, agora eu consigo ver isso.

Ainda assim, sempre me senti próxima dele. Ele sempre cuidou bem de mim, sempre tolerante e compreensivo. Ele aceitava minhas provocações com graça e tinha um maravilhoso senso de humor. Eu sabia que ele me amava. Às vezes, ele me abraçava e dizia-me diretamente que tinha fé no meu futuro. Eu lhe enviava bilhetes dizendo que ele era "o melhor pai do mundo" e o amava, mas queria ter-lhe dito isso mais vezes pessoalmente.

Se apenas eu pudesse vê-lo agora. Dizer-lhe: — Papai, obrigada por tudo...



Ela parou e esfregou os olhos enquanto as lágrimas caíam na carta. — Vou arruiná-la — ela murmurou.

— *Ah, Marie* — Coloquei a mão em sua cabeça. — *Como eu gostaria de senti-la* — pensei. — *Gostaria que ela pudesse sentir meu toque*

e ter consciência de meu amor por ela.

Ela começou a escrever de novo.



Desculpe-me, tive de parar para enxugar meus olhos. Talvez eu tenha de fazer isso várias vezes antes de terminar esta carta.

Estou pensando em mamãe agora. Papai significava tanto para ela; ela significava tanto para ele. Wendy, acredito que nunca falei com você sobre isso. Um era totalmente devotado ao outro. Exceto por nós, os filhos, eles pareciam não ter necessidade de mais ninguém. Não que eles não se encontrassem com outras pessoas. As pessoas gostavam deles e queriam vê-los, você sabe disso; eles eram grandes amigos de seus pais. Mas ficarem juntos era mais importante para eles do que qualquer outra coisa.

Engraçado. Já conversei com muitos jovens e a maioria tem dificuldade em visualizar — mesmo conceber — seus pais fazendo amor. Acredito que esse sentimento é universal.

Nunca foi problema visualizar papai e mamãe. Muitas vezes, nós os víamos juntos — na cozinha, no sala íntima, em seu quarto, em qualquer lugar — abraçados, sem falar, como um casal de jovens amantes. Às vezes, eles ficavam desse jeito até mesmo na piscina. E, sempre que estavam sentados juntos, não importava o motivo, conversar, assistir à TV, qualquer coisa — mamãe encostava-se em papai, ele colocava os braços em tomo dela e a cabeça dela descansava em seu ombro. Eles formavam um casal tão charmoso, Wendy. Eles... desculpe-me, lágrimas de novo.

Mais tarde. Alguns minutos para enxugar meus olhos. De qualquer forma, era fácil imaginá-los fazendo amor. Parecia totalmente adequado. Lembro-me de todas as vezes — depois de ter idade para ter consciência disso, é claro — em que ouvi a porta de seu quarto ser fechada silenciosamente com o clique discreto da fechadura. Não sei quanto a Louise ou Richard, ou Ian, mas isso sempre me fez sorrir.

Não que eles nunca brigassem. Eles eram pessoas reais, vulneráveis e tinham temperamento forte. Papai ajudava mamãe a aliviar suas tensões, sobretudo depois da crise nervosa dela e — ah, Wendy, todos esses anos que ele a apoiou durante seus momentos difíceis... Ele a ajudou a liberar sua raiva em vez de acumulá-la: ele dizia a ela para gritar com a força máxima

dos seus pulmões quando estivesse dirigindo o carro. Ela fez isso e uma vez Katie ficou tão assustada que quase teve um ataque cardíaco; ela estava no banco de trás e mamãe esquecera-se de que ela estava lá quando gritou.

Embora brigassem, suas brigas nunca os separaram. Elas sempre acabavam com eles se beijando, sorrindo, gargalhando. Às vezes, eles eram como crianças. Havia vezes em que eu me sentia como se fosse a mãe.

Sabe de mais uma coisa? Nunca mencionei isto a ninguém antes. Sei que papai nos amava e mamãe nos amava. Mas havia sempre esse algo mais entre eles, essa harmonia especial que jamais conseguíamos tocar. Algo precioso. Algo além das palavras.

Não que tenhamos sofrido com isso. Nunca fomos deixados de lado, nada disso. Eles nunca nos privaram de nada, sempre nos deram amor e apoio em tudo o que tentamos ou quisemos.

Ainda assim, havia este estranho elemento em sua relação que os mantinha como uma unidade de dois durante todos esses anos quando a família era uma unidade de três a seis. Talvez isso não faça sentido, mas é verdade. Não sei como explicar. Apenas espero que eu consiga a mesma coisa no meu casamento. O que quer que seja, espero que você tenha isso no seu.

A prova do que eu disse é que comecei esta carta falando do papai e acabei falando de papai e mamãe. Porque é impossível para mim falar do papai sem falar da mamãe também. Eles formam um todo. Esse é o problema. Não consigo visualizá-la sem ele. E como se algo completo tivesse sido separado e nenhuma das metades está certa agora. Como se...

Comecei a perceber algo.

Em cerca de um quarto de uma página da sua carta, fui capaz de ler suas palavras antes que ela as escrevesse.

A idéia surgiu abruptamente.

— *Marie* — pensei — *escreva o que eu lhe digo. Escreva estas palavras: "Ann, é o Chris. Eu ainda existo".*

Fixei meu olhar nela e repeti as palavras: *"Ann, é o Chris. Eu ainda existo".* De novo e de novo, dirigindo-as para a mente de Marie enquanto ela escrevia. — *Escreva* — eu disse a ela. Repeti as palavras que eu queria que ela escrevesse. — *Escreva-as* — repeti as palavras. — *Escreva-as* — repeti as palavras. — *Escreva* — repeti. — *Escreva* —

repeti. Uma dúzia de vezes, então, de novo e de novo. — *Escreva: "Ann, é o Chris. Eu ainda existo".*

Fiquei tão absorvido no que estava fazendo que dei um pulo quando Marie ofegou bruscamente e afastou sua mão da mesa. Enquanto ela olhava para o papel, em um silêncio atordoado, examinei-o.

Ela escrevera no papel: "anneochris euandaexito"

— *Mostre isto para sua mãe* — eu disse a ela, excitado. Concentrei-me nas palavras dizendo-as rapidamente e repetidas vezes — *Mostre isto para sua mãe, Marie. Agora.*

Marie levantou-se e dirigiu-se para o saguão, a carta em sua mão. — *Pronto, pronto* — eu disse. *Pronto,* pensei.

Ela foi para o corredor, dirigindo-se para a porta do nosso quarto. Ali, ela parou. Seguindo-a ansiosamente, também parei. O que ela esperava?

Ela olhou para Ann e Richard. Ann ainda tinha a mão dele contra a sua face. Seus olhos estavam fechados, ela parecia dormir.

— *Entre no quarto com a carta* — eu disse a Marie. Fiz uma careta ao som da minha voz. — *Entre no quarto com a carta* — eu disse a ela mentalmente. — *Mostre para mamãe, para Richard.*

Marie permaneceu imóvel, olhando para Richard e Ann, seu rosto expressando incerteza. — *Vamos, Marie* — eu disse a ela, tenso de novo. *Marie, mostre a eles,* pensei. — *Deixe que vejam.*

Ela virou-se. — *Marie!* — gritei. Eu me controlei. — *Entre no quarto com a carta!* — gritei com minha mente. Ela hesitou, então virou-se na direção do quarto. *Isso, leve a carta para ela,* pensei. *Leve-a, Marie. Agora.*

Ela permaneceu imóvel.

— *Marie* — implorei mentalmente — *pelo amor de Deus, leve a carta para sua mãe.*

Ela virou-se abruptamente na direção do quarto dela e caminhou rapidamente para lá. Voltei-me apressadamente e corri atrás dela. — *O que você está fazendo?* — gritei. — *Você não ouviu...*

Minha voz falhou enquanto ela amassava a folha de papel e o jogava no cesto de lixo. — *Marie!* — eu disse. Olhei-a, desanimado. Por que ela fez aquilo?

Uma onda de dor paralisante invadiu-me. — *Meu Deus, isto tem de ser um sonho* — pensei, retrocedendo repentinamente. — *Isto não pode ser verdade!*

Pisquei. Abaixo de mim vi a placa: Christopher Nielsen 1927-1974. Como eu viera parar aqui? Alguma vez você já entrou em seu carro e ficou imaginando como você dirigiu tanto sem lembrar um momento disso? Tive a mesma sensação naquele momento, exceto que eu não sabia o que fazia ali.

Logo me dei conta. Minha mente gritara — *Isso não pode ser verdade! A* mesma mente ainda sabia que havia uma maneira de descobrir. Eu tinha começado a fazer isso antes, então me lembrei que fui contido por alguma coisa. Eu não seria contido agora. Só havia uma maneira de saber se isso era sonho ou realidade. Comecei a penetrar na terra. Isso não foi obstáculo maior para mim que as portas. Afundei na escuridão. Um modo de ter certeza, fiquei pensando. Vi o esquife logo abaixo. *Como eu conseguia enxergar no escuro?*, pensei. Deixei esse pensamento de lado. Apenas uma coisa importava: descobrir. Entrei no esquife.

Meu grito de horror parecia ecoar e ecoar novamente nos confins do túmulo. Olhei meu corpo com aversão petrificada. Ele começara a decompor-se. Meu rosto tinha a rigidez de uma máscara; congelada em um sorriso horrendo. A pele apodrecia, Robert. Vi verm... Não, não falemos disso. De nada adianta enojá-lo como eu me enojei antes.

Fechei os olhos e, ainda gritando, afastei-me de lá. Fui envolto pelo frio, a umidade grudando em mim. Abri os olhos e olhei à minha volta. A neblina de novo, aquela névoa cinza em redemoinho da qual eu não conseguia escapar.

Comecei a correr. Aquilo tinha de acabar em algum lugar. Quanto mais eu corria, mais cerrada ela ficava. Virei-me e comecei a correr na direção oposta, mas isso não ajudou. A neblina ficava cada

vez mais densa, não importando a direção em que eu corresse. Eu só conseguia enxergar alguns centímetros à frente. Comecei a soluçar. Eu poderia vagar nesta névoa para sempre! Gritei — *Ajudem-me! Por favor!*

Uma figura emergiu das trevas, aquele homem de novo. Eu tinha a impressão de que o conhecia, embora seu rosto não fosse familiar. Corri até ele e agarrei seu braço. — *Onde estou?* — perguntei.

— *Em um lugar que você criou* — ele retrucou.

— *Não entendo!*

— *Sua mente o trouxe aqui* — ele disse. — *Sua mente mantém você aqui.*

— *Tenho de ficar aqui?*

— *De modo algum* — ele me disse. — *Você pode quebrar o elo a qualquer momento.*

— *Como?*

— *Concentrando-se no que está além deste lugar.*

Comecei a fazer outra pergunta quando senti a tristeza de Ann puxando-me de novo. Não podia deixá-la sozinha. Eu não podia.

— *Você está voltando à situação anterior* — ele me alertou.

— *Não posso simplesmente deixá-la* — eu disse a ele.

— *Você precisa, Chris* — ele disse. — *Ou você segue em frente ou permanece onde está.*

— *Não posso simplesmente deixá-la* — repeti.

Pisquei e olhei à minha volta. O homem partira. Foi algo tão rápido que tive de pensar se ele tinha sido invenção da minha mente.

Sentei-me no chão frio e úmido, inerte e triste. *Pobre Ann,* pensei. Ela teria de começar uma nova vida agora. Todos os nossos planos foram arruinados. Os lugares que iríamos visitar, os empolgantes projetos que tínhamos planejado. Escrevermos uma peça juntos, combinando suas intensas lembranças do passado e sua visão com minhas habilidades. Comprar parte de uma floresta em

algum lugar onde ela pudesse fotografar a vida selvagem enquanto eu escrevia sobre isso. Comprar um *motor-home*[2] e percorrer o país, vendo cada detalhe dele. Viajar, finalmente, para os lugares sobre os quais sempre conversamos mas nunca vimos. Ficarmos juntos, aproveitando a vida e a companhia do outro.

Tudo isso acabou agora. Ela estava sozinha: eu a abandonara. Eu deveria ter vivido. Eu tinha morrido por minha própria culpa. Fui idiota e descuidado. Agora ela estava sozinha. Eu não merecia o amor dela. Desperdicei os muitos momentos na vida que poderíamos ter passado juntos, joguei no lixo o tempo que nos restava.

Eu a traíra.

Quanto mais eu pensava nisso, mais desesperado ficava. *Por que ela não estava certa em sua crença?*, pensei amargamente. Melhor que a morte fosse um fim, uma interrupção. Qualquer coisa era preferível a isso. Senti-me destituído de esperança, mergulhado no desespero. Não havia sentido na sobrevivência. Por que continuar desse jeito? Era fútil e sem sentido.

Não sei por quanto tempo fiquei sentado ali, pensando dessa forma. Pareceu uma eternidade. Robert, apenas eu, abandonado em uma névoa enregeladora e mucilaginosa, afundado em um arrependimento abjeto.

Depois de muito, muito tempo, comecei a mudar de idéia. Só depois de um longo período, lembrei-me do que o homem me disse: que eu deixaria aquele local concentrando-me no que estava além dele. Mas o que estava além?

Isso importa?, pensei. O que quer que fosse, não podia ser pior do que isso.

— *Muito bem, muito bem* — eu disse a mim mesmo.

Fechei os olhos e tentei visualizar um lugar melhor. Um lugar com luz do sol, calor, com grama e árvores. Um lugar como aqueles em que costumávamos acampar durante todos aqueles anos.

Finalmente escolhi, em minha mente, uma floresta de sequóias canadenses no norte da Califórnia onde nós seis — Ann,

Louise, Richard, Marie, Ian e eu — ficamos em uma tarde de agosto no crepúsculo, nenhum de nós falando, escutando o vasto e envolvente silêncio da natureza.

Parecia que eu sentia meu corpo pulsando; para a frente, para cima. Abri os olhos, surpreso. Eu tinha imaginado isso?

Fechei os olhos e tentei de novo, visualizando outra vez aquela imensa e imóvel clareira.

Senti meu corpo pulsando mais uma vez. Era verdade. Uma pressão incrível — suave, mas insistente — estava atrás de mim, empurrando, sustentando-me. Senti minha respiração ficar mais forte, dolorosamente mais forte. Concentrei-me mais e o movimento acelerou. Eu corria para a frente, para cima. A sensação era alarmante e hilariante. Eu não queria perdê-la agora. Pela primeira vez desde o acidente senti um vislumbre de paz dentro de mim. E o início de uma constatação: uma assombrosa visão.

Há mais.

TERRA DO VERÃO

CONTINUAÇÃO EM OUTRO NÍVEL

Abri os olhos e mirei para cima. Vi uma folhagem verde e, através dela, o céu azul. Não havia sinal de névoa, o ar estava limpo. Tomei uma lufada dele; ele tinha um cheiro revigorante e frio. Senti uma brisa suave contra meu rosto.

Levantei-me e olhei à minha volta. Eu estava deitado em um relvado. O tronco da árvore sobre a qual eu repousava estava próximo. Toquei sua casca. Havia algo mais: uma espécie de energia fluindo dela.

Abaixei-me e toquei a grama. Ela parecia imaculadamente bem cuidada. Afastei um torrão e examinei o solo. Sua cor era complementar ao tom da grama. Não havia erva daninha de qualquer espécie.

Arranquei um naco de grama e o apertei contra o rosto. Eu também podia sentir um minúsculo fluxo de energia vindo dele. Cheirei sua delicada flagrância e, então, coloquei na boca e mastiguei, como fazia quando era menino. Nunca provei uma grama como essa quando era menino.

Reparei, então, que não havia sombras na grama. Sentei-me sob uma árvore, mas não havia sombra. Não entendi aquilo e olhei para o sol.

Não havia nenhum, Robert. Havia luz sem um sol. Confuso, olhei à minha volta. À medida que meus olhos se acostumavam à luz, via a uma distância maior. Eu nunca tinha visto paisagem igual: uma assombrosa visão de prados verdejantes, flores e árvores. *Ann teria adorado isso,* pensei.

Então lembrei que Ann ainda estava viva. E eu? Fiquei de pé e pressionei ambas as palmas contra o tronco sólido da árvore. Bati o pé no chão. Eu estava morto, disso não havia mais dúvida. Ainda

assim, cá estava eu, dono de um corpo que eu podia sentir e que se parecia igual ao de quando era vivo; vestido até da mesma maneira. De pé neste solo extremamente real na mais tangível das paisagens.

Isto é a morte?, pensei.

Olhei para minhas mãos, os detalhes de suas linhas e sulcos, todas as variadas pregas de pele. Examinei as palmas. Estudei um livro sobre quiromancia uma vez, por diversão, para ser capaz de fazer isso nas festas. Estudei minhas palmas e conhecia todas as linhas.

Elas continuavam as mesmas. A linha da vida estava longa como sempre foi; lembro-me de tê-la mostrado a Ann e ter-lhe dito para não se preocupar, que eu viveria por muito tempo. Poderíamos rir sobre isso agora se estivéssemos juntos.

Virei as mãos e reparei que sua pele e unhas estavam rosadas. Havia sangue dentro de mim. Tive de sacudir-me para ter certeza de que não estava sonhando. Segurei a mão direita sobre o nariz e a boca e senti a respiração pulsando dos meus pulmões. Pressionei dois dedos contra o peito até encontrar o local certo.

Batimento cardíaco, Robert. Como sempre foi.

Olhei abruptamente à minha volta. Um lindo pássaro de plumagem prateada pousara na árvore. Parecia que ele não tinha o menor medo de mim, empoleirando-se bem próximo. *Este lugar é mágico,* pensei. *Se isto é um sonho, espero jamais acordar dele.* Tive um sobressalto ao ver um animal correndo em minha direção, um cão, percebi. Por alguns instantes, não me dei conta de quem era. Então, repentinamente, entendi. — *Katie!* — gritei.

Ela correu em minha direção o mais rápido que conseguia, dando pequenos latidos de alegria que eu não ouvia havia anos. — *Katie* — murmurei e caí de joelhos, lágrimas escorrendo dos olhos. — *Querida Katie.*

Abruptamente, ela estava comigo, pulando de felicidade, lambendo minhas mãos. Abracei-a. — *Katie, minha querida Katie* — eu mal conseguia falar. Ela se esfregou em mim, latindo de felicidade. — *Katie, é realmente você?* — murmurei.

Examinei-a com atenção. A última vez que a vira ela estava em uma gaiola aberta no veterinário; sedada, deitada sobre seu lado esquerdo, olhos perdidos no horizonte, as patas contorcendo-se, descontroladas. Ann e eu fomos visitá-la quando o veterinário nos chamou. Ficamos ao lado da gaiola por um tempo, acariciando-a, atordoados e impotentes. Katie fez-nos companhia por quase 16 anos.

Agora ela era a Katie da qual me lembrava quando Ian estava crescendo — vibrante, cheia de energia, olhos brilhantes, com aquela boca engraçada que, quando aberta, parecia que ela estava rindo. Eu a abracei com prazer, pensando em como Ann ficaria feliz em vê-la, como as crianças ficariam felizes em vê-la, sobretudo Ian. Na tarde em que ela morreu, ele estava na escola. Naquela noite, encontrei-o em sua cama, a face molhada pelas lágrimas. Eles cresceram juntos e ele nem tivera a chance de despedir-se dela.

— *Como eu gostaria que ele pudesse ver você* — eu disse, abraçando-a, emocionado com o nosso encontro. — *Katie, Katie* — acariciei sua cabeça e seu corpo, arranhei suas maravilhosas orelhas caídas. Senti uma profunda gratidão a qualquer poder que a trouxera para mim.

Agora eu sabia que este era um lugar adorável.

É difícil dizer quanto tempo ficamos ali, em visita. Katie ficou ao meu lado, a cabeça no meu colo, às vezes esticando-se, suspirando de felicidade. Continuei acariciando sua cabeça, incapaz de superar o prazer de vê-la. Desejando de novo que Ann estivesse aqui.

Só depois de muito tempo reparei na casa.

Fiquei pensando como pude deixar de notá-la, estava apenas a alguns metros de distância. O tipo de casa que Ann e eu sempre planejamos construir um dia era de madeira e pedra, com enormes janelas, e um deque enorme com vista para o campo.

Senti-me imediatamente atraído para ela, eu não sabia por quê. Levantei-me e andei em sua direção, Katie deu um salto para caminhar ao meu lado.

A casa ficava em uma clareira cercada por lindas árvores — pinheiros, bordos e bétulas. Não havia muros ou cercas. Para minha surpresa, reparei que havia uma porta na entrada e o que eu pensara ser janelas eram apenas aberturas. Também notei a falta de fios e canos, caixas de luz, canaletas e antenas de TV, a forma da casa em harmonia com seu entorno. *Frank Lloyd Wright teria aprovado,* pensei. Sorri, em deleite. *Ele pode ter realmente planejado esta casa, Katie,* eu disse. Ela olhou para mim e por um momento tive a impressão de que ele me entendeu.

Caminhamos até um jardim próximo da casa. Em seu centro havia uma fonte feita do que parecia ser pedra branca. Aproximei-me e coloquei as mãos em uma água cristalina. Ela estava gelada e, como o tronco da árvore e o gramado, emitia um suave fluxo de energia. Tomei um gole dela, nunca provei uma água tão refrescante.
— *Quer um pouco, Katie?* — perguntei, olhando para ela.

Ela não se mexeu, mas recebi outra impressão: que água não era mais necessária para ela. Voltei-me para a fonte, peguei um pouco de água com as palmas das mãos e molhei o rosto. Incrivelmente, as gotas caíram das mãos e do rosto como se eles fossem à prova de água.

Assombrado com cada novo detalhe do local, caminhei com Katie até um banco de flores e me inclinei para cheirá-las. A sutileza de seu odor era encantadora. E suas cores eram tão variadas quanto as cores de um arco-íris, embora mais iridescentes. Coloquei as palmas da mão em torno de uma flor dourada de bordas amarelas e senti uma onda daquela energia subindo pelos braços. Repeti o gesto com todas as demais flores. Cada uma delas emitia um fluxo de delicada força. Para minha surpresa, percebi que elas também geravam sons suaves e harmoniosos.

— *Chris!*

Virei-me rapidamente. Um halo de luz entrou no jardim. Olhei para Katie quando ela começou a balançar o rabo e, então, olhou para a luz. Meus olhos ajustaram-se e ele começou a desvanecer. Quem se aproximava era o homem que eu vira — quantas vezes? Não conseguia me lembrar. Nunca tinha reparado em suas roupas antes; uma camisa branca de mangas curtas, calça branca e sandálias. Ele caminhou até a mim, sorrindo, os braços estendidos. — *Senti que você estava perto da minha casa e vim imediatamente* — ele disse. — *Você conseguiu, Chris.*

Ele abraçou-me afetuosamente, então se afastou, ainda sorrindo. Olhei para ele. — *Você é... Albert?* — perguntei.

— *Isso mesmo* — ele confirmou com a cabeça.

Era nosso primo, Robert; nós sempre o chamamos Buddy. Ele estava ótimo, como eu me lembrava dele quando eu tinha 14 anos. Corrija. Ele parecia muito mais vigoroso.

— *Você parece tão jovem* — eu disse. — *Não mais do que 25 anos.*

— *A idade ideal* — ele retrucou.

Não entendi aquilo.

Quando ele se inclinou para acariciar a cabeça de Katie — fiquei pensando em como ele a conhecia —, observei algo nele que eu não tinha mencionado. Cercando todo o seu corpo havia uma tremulante radiação azul cortada por luzes brancas faiscantes.

— *Olá, Katie, você está feliz em vê-lo, não é?* — ele perguntou. Ele acariciou a cabeça dela de novo, então levantou-se com um sorriso. — *Você reparou na minha aura* — ele disse.

Eu sorri. — *Sim.*

— *Todos têm uma* — ele me disse. — *Até mesmo Katie* — Ele apontou para ela. — *Você não notou?*

Olhei surpreso para Katie. Eu não havia notado, embora, agora que Albert mencionou, era óbvio. Não tão evidente como a dele, mas perfeitamente clara.

— *Elas nos identificam* — Albert disse.

Olhei para mim. — *Onde está a minha?* — perguntei.

— *Ninguém vê a própria aura* — ele disse. — *Seria inibidor.*

Também não entendi isso, mas outra questão era mais importante naquele momento. — *Por que não reconheci você depois que morri?* — perguntei.

— *Você estava confuso* — ele respondeu. — *Meio acordado, meio dormindo, em uma espécie de estado crepuscular.*

— *Foi você no hospital que me disse para não resistir, não foi?*

Ele confirmou com a cabeça. — *Você estava resistindo demais para me ouvir-ele.* disse. — *Lutando pela vida. Lembra-se de uma forma vaga ao lado da sua cama? Você a viu, mesmo de olhos fechados.*

— *Era você?*

— *Eu tentava levá-lo até o outro lado* — ele disse. — *Tomar sua transição menos dolorosa.*

— *Acho que não ajudei muito.*

— *Você não podia evitar.* — Ele deu tapinhas nas minhas costas. — *Foi muito traumático para você. Mas pena que não foi mais fácil. Normalmente, as pessoas são recebidas imediatamente.*

— *Por que não foi o meu caso?*

— *Não havia como chegar até você* — ele disse. — *Você estava muito determinado a entrar em contato com sua esposa.*

— *Senti que era preciso* — eu disse. — *Ela estava tão assustada.*

Ele acenou com a cabeça. — *Foi muita consideração sua, mas você ficou preso na região intermediária.*

— *Foi horrível.*

— *Eu sei que foi* — Ele tocou meu ombro, procurando me tranqüilizar. — *Mas poderia ter sido pior. Você poderia ficar por lá durante meses ou anos, até mesmo séculos. Não é incomum. Se você não tivesse pedido ajuda...*

— *Quer dizer que até eu pedir ajuda não havia nada que você pudesse fazer?*

— *Tentei, mas você me rejeitava* — ele disse. — *Foi somente quando a vibração do seu chamado chegou que tive esperanças de convencer você.*

Foi quando me dei conta. Não sei por que demorou tanto tempo. Olhei à minha volta assombrado. — *Então, isto é... o paraíso.*

— *Paraíso. Terra Natal. Colheita. Terra do Verão* — ele disse. — *Você escolhe o nome.*

Senti-me um tolo por perguntar, mas precisava saber. — *É um país? Um estado?*

Ele sorriu. — *Um estado da mente.*

Olhei para o céu. — *Nenhum anjo* — eu disse, consciente de que falava meio sério, meio brincando.

Albert riu. — *Consegue imaginar algo mais incômodo do que asas presas às suas costas?* — ele perguntou.

— *Então, eles não existem?* — De novo, senti-me ingênuo por perguntar, mas estava curioso demais para reprimir a pergunta.

— *Eles existem se alguém acredita neles* — ele disse, confundindo-me de novo. — *Como eu disse, é um estado da mente. O que diz aquele ditado que você tem pendurado na parede? "Aquilo em que você acredita torna-se seu mundo".*

Tive um sobressalto. — *Você sabia sobre isso?* — perguntei.

Ele moveu a cabeça.

— *Como?*

— *Explicarei em um minuto* — ele disse. — *Mas agora gostaria apenas de lembrar que o que você pensa torna-se seu mundo. Você pensava que isso aplicava-se apenas à Terra, mas se aplica ainda mais aqui, pois a morte é um redirecionamento da realidade física para a mental — um ajuste para campos mais altos de vibração.*

Eu tinha uma idéia do que ele falava, mas não tinha certeza. Acho que isso estava estampado em meu rosto pois ele sorriu e perguntou:

— *Achou obscuro? Pense deste modo então: a existência de um homem muda quando ele retira o casaco? Ela também não muda quando a morte remove o casaco do seu corpo. Ele ainda é a mesma pessoa. Não é mais sábio. Não é mais feliz. Não é melhor. É exatamente o mesmo. A morte é meramente a continuação em outro nível.*

Na casa de Albert

Só então a idéia passou pela mente. Não consigo entender por que demorou tanto tempo, exceto que, talvez, eu tinha de me ajustar a tantas coisas assombrosas que minha mente simplesmente não tinha encontrado tempo para isso até agora.

— *Meu pai* — eu disse — *seus pais. Nossos tios e tias. Todos estão aqui?*

— *"Aqui" é um grande lugar, Chris* — ele respondeu com um sorriso. — *Se você quer dizer que todos sobreviveram, é claro.*

— *Onde eles estão?*

— *Eu teria de verificar* — ele me disse. — *Os únicos que tenho certeza são minha mãe e tio Sven.*

Senti uma ponta de prazer ao ouvir o nome do tio. A imagem dele brotou em minha mente: sua cabeça careca e resplandecente, os olhos brilhantes faiscando por trás dos óculos de tartaruga, sua expressão e voz animadas, seu senso de humor inabalável. — *Onde ele está?* — perguntei. — *O que ele faz?*

— *Ele trabalha com música* — Albert disse.

— *É claro* — tive de sorrir de novo. — *Ele sempre amou música. Posso vê-lo?*

— *Claro* — Albert respondeu com um sorriso. — *Vou cuidar disso assim que você estiver mais bem adaptado.*

— *E sua mãe também* — eu disse. — *Não a conheci muito bem, mas eu gostaria de vê-la novamente.*

— *Eu cuidarei disso* — Albert disse.

— *O que você quis dizer sobre verificar? As famílias não permanecem juntas?*

— *Não necessariamente* — ele me contou. — *Os laços terrenos têm um significado menos importante aqui. Os relacionamentos de pensamento, não os de sangue, são os que contam.*

Aquele sentimento de assombro de novo. — *Preciso contar a Ann sobre isso* — eu disse. — *Avisá-la sobre onde estou, que está tudo bem, é o que mais quero agora.*

— *Isso é impossível, Chris* — Albert disse. — *Você não pode fazer contato.*

— *Mas eu quase consegui* — e então eu lhe contei como fiz Marie escrever minha mensagem.

— *Vocês dois devem ter uma grande afinidade* — ele disse. — *Ela a mostrou à sua esposa?*

— *Não* — balancei a cabeça. — *Mas eu poderia tentar de novo.*

— *Você está além disso agora* — ele disse.

— *Mas preciso avisá-la.*

Ele colocou uma mão sobre meu ombro. — *Logo ela estará com você* — ele disse gentilmente.

Eu não sabia mais o que dizer. A idéia de que não havia como avisar Ann que eu estava bem era terrivelmente deprimente. — *E quanto a alguém como Perry?* — perguntei, lembrando-me subitamente. Eu contei a Albert sobre ele.

— *Lembre-se de que você e ele estavam no mesmo nível naquele momento* — Albert disse. — *Ele não teria consciência de você agora.*

Vendo minha expressão, Albert colocou um braço em torno do meu ombro. — *Ela estará aqui, Chris* — ele disse. — *Eu garanto* — ele sorriu. — *Eu posso entender o que você está sentindo. Ela é uma pessoa adorável.*

— *Você sabe sobre ela* — perguntei, surpreso.

— *Sobre ela, seus filhos, Katie, seu escritório, tudo* — ele disse. — *Eu estive com você por mais de 20 anos, isto é, tempo da Terra.*

— *Esteve comigo?*

— *As pessoas na Terra jamais estão sozinhas* — ele explicou. — *Há sempre alguém como guia para cada indivíduo.*

— *Você quer dizer que era meu anjo da guarda?* — A frase parecia batida, mas eu não conseguia pensar em outra.

— *Guia é uma palavra melhor* — Albert disse. — *Anjo da guarda é um conceito derivado do homem antigo. Ele sentiu a verdade sobre os*

guias, mas compreendeu errado sua identidade devido às suas convicções religiosas.

— *Ann tem um também?* — perguntei.

— *É claro.*

— *Então, por que o guia dela não pode avisar sobre mim?*

— *Se ela estiver aberta para isso, sim, facilmente* — ele respondeu e eu sabia que não havia resposta ali. Ela estava isolada pelo seu ceticismo.

Outro pensamento: este resultado da descoberta de que Albert esteve do meu lado por décadas: um senso de vergonha ao me dar conta de que ele testemunhara diversos atos nada admiráveis da minha parte.

— *Você se saiu bem, Chris* — ele disse.

— *Está lendo minha mente?* — perguntei.

— *Mais ou menos isso* — ele respondeu. — *Não se sinta tão mal sobre sua vida. Suas falhas têm sido duplicadas nas vidas de milhões de pessoas de homens e mulheres que são, basicamente, bons.*

— *A maioria das minhas falhas está relacionada à Ann* — eu disse. — *Sempre a amei, mas, muitas vezes, eu a decepcionei.*

— *Principalmente quando você era jovem* — ele me disse. — *Os jovens estão envolvidos demais consigo mesmos para realmente entender seus parceiros. Só a construção de uma carreira é suficiente para subverter a capacidade de entender. Foi assim na minha vida. Nunca tive a chance de me casar porque morri cedo demais. Mas falhei em entender corretamente minha mãe, meu pai, minhas irmãs. Como é mesmo a frase daquela peça? Faz parte do jogo, Chris.*

Lembrei-me de que ele morrera antes de aquela peça ter sido escrita. Mas não toquei no assunto, ainda preocupado com Ann. — *Não há mesmo uma maneira de fazer contato com ela?* — perguntei.

— *Talvez alguma coisa desenvolva-se com o tempo* — ele disse. — *No momento, sua descrença é uma barreira intransponível* — Ele retirou seu braço do meu ombro e deu tapinhas nas minhas costas para me reconfortar. — *Mas ela ficará com você* — ele disse. — *Conte com isso.*

— *Ela não terá de passar por tudo o que passei, não é?* — perguntei, desconfortável.

— *É improvável* — ele respondeu. — *As circunstâncias serão diferentes* — ele sorriu. — *E ficaremos de olho nela.*

— *Tudo bem* — concordei com a cabeça. Não fiquei realmente tranqüilo com suas palavras, mas forcei meus pensamentos para longe do problema por enquanto. Olhei à minha volta e lhe disse que ele deveria ser um jardineiro e tanto.

Ele sorriu. — *Existem jardineiros, é claro* — ele disse. — *Mas não para cuidar de jardins. Eles não precisam de cuidados.*

— *Nenhum?* — Eu estava espantado de novo.

— *Não há falta de umidade* — ele me disse. — *Não há calor ou frio extremos, tempestades ou ventos, neve ou granizo. Nem crescimento aleatório.*

— *A grama nunca precisa ser cortada?* — perguntei, lembrando-me de nosso gramado em Hidden Hills e quantas vezes Richard, Ian e eu tivemos de apará-lo.

— *Ela nunca cresce além desta altura* — Albert disse.

— *Você disse que não há tempestades* — continuei, obrigando-me a concentrar-me em outras coisas além da minha preocupação com Ann —, *neve ou granizo. E quanto às pessoas que gostam de neve? Isto não seria o paraíso para elas. E quanto às cores do outono? Eu as adoro. E Ann também.*

— *Existem lugares onde você pode vê-las* — ele disse. — *Temos todas as estações em seus próprios lugares.*

Perguntei sobre o fluxo de energia que senti no tronco da árvore, na grama, nas flores e na água.

— *Tudo aqui emite uma energia benéfica* — ele respondeu.

A visão de Katie sentada feliz ao meu lado fez-me sorrir e ajoelhar-me ao seu lado para lhe fazer um carinho. — *Ela tem ficado aqui com você?*

Ele confirmou movendo a cabeça e sorrindo.

Eu quase disse quanto Ann sentia falta dela, mas me contive. Katie tinha sido sua companhia inseparável. Ela adorava Ann.

— *Mas você ainda não viu minha casa* — Albert disse.

Levantei-me e enquanto caminhávamos até a casa, comentei a falta de janelas e porta.

— *Não há necessidade delas* — ele disse. — *Ninguém invadiria a casa, embora todos sejam bem-vindos.*

— *Todos vivem em casas como esta?*

— *Eles vivem como viveram na Terra* — ele respondeu. — *Ou como desejavam ter vivido. Como você sabe, nunca tive uma casa como esta. Mas sempre sonhei com uma igual.*

— *Ann e eu também.*

— *Então, você terá uma igual.*

— *Vamos construí-la?* — perguntei.

— *Não com ferramentas* — ele disse. — *Construí esta casa com a minha vida.* — Ele gesticulou em sua direção. — *Ela não era assim quando cheguei* — ele disse. — *Como os quartos em minha mente, os aposentos da casa não eram tão atraentes. Alguns eram escuros e desarrumados e o ar dentro deles era pesado. E, neste jardim, em meio às flores e arbustos havia ervas daninhas que cultivei durante minha vida. Levou um tempo para reconstruir* — ele disse, com um sorriso ao lembrar-se. — *Tive de revisar a imagem da casa e a minha própria imagem, isto é, cada detalhe. Uma seção da parede aqui, um assoalho ali, um vão de porta, um móvel.*

— *Como você fez isso?* — perguntei.

— *Com a mente* — ele disse.

— *Todos têm uma casa esperando por eles quando chegam?*

— *Não, a maioria constrói suas casas depois* — ele esclareceu. — *Com ajuda, é claro.*

— *Ajuda?*

— *Existem os círculos de construção* — ele me disse. — *Grupos de pessoas especializadas em construção.*

— *Usando a mente?*

— *Sempre com a mente* — ele disse. — *Todas as coisas começam no pensamento.*

Parei e olhei a casa que assomava acima de nós. — *É tão... terreno* — eu disse.

Ele concordou com a cabeça, sorrindo. — *Não estamos tão distantes de nossas memórias na Terra para que desejemos uma maneira completamente nova no nosso estilo de morar.* — Ele fez um gesto de boas-vindas. — *Entre, Chris.*

Entramos na casa de Albert.

PENSAMENTOS SÃO MUITO REAIS

Minha primeira impressão, quando entrei, foi de absoluta realidade.

A sala era imensa, com vigas e painéis de madeira, mobiliada com um gosto impecável — e inundada por luz.

— *Não precisamos preocupar-nos em "pegar" a luz da manhã ou da tarde* — Albert me disse. — *Todos os aposentos recebem a mesma quantidade de luz o tempo todo.*

Olhei em volta da sala. *Não há lareira,* pensei. A sala parecia ter sido feita para uma pessoa.

— *Eu poderia ter uma se quisesse* — Albert disse, como se eu tivesse pensado em voz alta. — *Algumas pessoas têm.*

Tive de sorrir pela facilidade com que ele lia minha mente. *Nós teríamos uma lareira,* pensei. Como as duas lareiras de pedra que tínhamos em casa. Elas eram mais para criar um ambiente, elas não produziam muito calor. Mas Ann e eu adorávamos ficar em frente do fogo crepitante, ouvindo música.

Aproximei-me de uma mesa soberbamente construída e a examinei. — *Você a montou?* — perguntei, impressionado.

— *Ah, não* — ele disse. — *Apenas um especialista poderia construir uma peça tão bonita.*

Sem pensar, passei o dedo pela sua superfície, então tentei esconder o movimento. Albert riu. — *Você não encontrará nenhuma poeira aqui* — ele disse — *pois não há desintegração.*

— *Ann certamente gostaria disso* — eu disse a ele. Ela sempre gostou que nossa casa fosse imaculada, e a Califórnia, do jeito que é, obrigava Ann a passar sempre o espanador para manter os móveis limpos.

No meio da mesa havia um vaso de flores — tons brilhantes de vermelho, laranja, púrpura e amarelo. Nunca tinha visto flores

iguais. Albert sorriu para elas. — *Elas não estavam aqui antes* — ele disse. — *Alguém as deixou como um presente.*

— *Elas não morrerão depois que foram colhidas?* — perguntei.

— *Não, elas permanecerão frescas até eu perder o interesse nelas* — Albert disse. — *Então, elas desaparecerão.* — Ele sorriu ao ver minha expressão. — *Aliás, toda a casa desapareceria se eu perdesse meu interesse nela e fosse embora.*

— *Para onde ela iria?* — perguntei.

— *Para a matriz.*

— *Matriz?*

— *De volta à sua fonte para ser reutilizada* — ele explicou. — *Nada é perdido aqui, tudo é reciclado.*

— *Se a mente cria algo, sua falta de interesse pode desfazê-lo* — eu disse.

— *Há alguma realidade própria?*

— *Ah, sim* — ele disse. — *A questão é que a realidade está sempre sujeita à mente.*

Eu ia fazer mais perguntas, mas tudo parecia tão confuso que deixei as idéias de lado enquanto seguia Albert pela sua casa. Todos os aposentos eram grandes, iluminados e ventilados com vastas janelas que davam vista para um cenário luxuriante.

— *Não vejo mais nenhuma outra casa* — eu disse a ele.

— *Elas estão lá* — Albert disse. — *Nós temos muito espaço aqui.*

Eu ia comentar a ausência de uma cozinha e dos banheiros quando o motivo tornou-se óbvio. Estava claro que os corpos que possuíamos não precisavam de comida. E como não havia nem dejetos ou sujeira, os banheiros eram supérfluos.

O aposento de que mais gostei foi o estúdio de Albert. Cada parede tinha uma estante que ia do chão ao teto cheia de livros ricamente encadernados e havia cadeiras grandes, mesas e um sofá sobre o assoalho de madeira encerado.

Para minha surpresa, vi um grupo de roteiros encapados em uma das prateleiras e reconheci os títulos: eram meus. Minha reação veio em camadas — surpresa primeiro, como eu disse, depois prazer

ao vê-los na casa de Albert, então decepção por jamais ter meus roteiros encapados quando eu estava na Terra.

Minha última reação foi de vergonha ao perceber quantos desses roteiros tratavam de temas violentos ou horríveis.

— *Desculpe-me* — Albert disse. — *Não foi minha intenção perturbá-lo.*

— *A culpa não é sua* — eu disse a ele. — *Fui eu que os escrevi.*

— *Você terá muito tempo para escrever outras coisas agora* — ele me reassegurou. Eu sei que a bondade impediu-o de dizer coisas "melhores".

Ele fez um gesto em direção ao sofá e me afundei nele enquanto ele se sentou em uma das cadeiras. Katie sentou-se ao lado da minha perna direita e acariciei sua cabeça enquanto Albert continuava a falar.

— *Você chamou este lugar de Colheita* — eu disse. — *Por quê?*

— *Porque as sementes que um homem planta na vida gera a colheita que ele ceifará aqui* — ele respondeu. — *Na verdade, o nome mais autêntico, se alguém quiser ser purista, é a terceira esfera.*

— *Por quê?*

— *É algo complicado* — Albert disse. — *Por que não esperamos até você descansar primeiro?*

— *Estranho* — pensei. Como ele sabia que eu começava a me sentir cansado? Eu só tinha tomado consciência disso naquele momento. — *Como isso é possível?* — perguntei, sabendo que ele entenderia a pergunta.

— *Você passou por uma experiência traumática* — ele me disse. — *E descansar entre períodos de atividade é algo natural, tanto aqui quanto na Terra.*

— *Você se cansa também?* — perguntei, surpreso.

— *Bem, talvez não cansado* — Albert disse. — *Você logo descobrirá que há pouca fadiga aqui. No entanto, para restaurar as forças, há períodos de descanso mental.* — Ele gesticulou em direção ao sofá. — *Por que não se deita?* — ele me disse.

Foi o que fiz. Olhei para o teto envigado e, depois de alguns minutos, para minhas mãos. Emiti um som macio e incrédulo. — *Elas parecem tão reais* — eu disse.

— *Elas são* — ele retrucou. — *Seu corpo pode não ter fibras, mas também não é formado por vapor. Ele simplesmente é mais granulado que aquele que você deixou para trás. Ele ainda tem um coração e pulmões para respirar o ar e purificar seu sangue. O cabelo continua a crescer em sua cabeça e você ainda tem dentes, dedos e unhas.*

Senti minhas pálpebras pesarem. — *As unhas param de crescer no tamanho certo assim como a grama?* — perguntei.

Albert riu. — *Preciso checar isso* — ele disse.

— *E quanto às minhas roupas?* — perguntei. Meus olhos fecharam momentaneamente, então abriram de novo.

— *Elas são tão reais quanto seu corpo* — Albert me disse. — *Todos, exceto alguns nativos, é claro, têm, em sua mente, a convicção de que as roupas são indispensáveis. A convicção acompanha-as após a morte.*

Fechei meus olhos de novo. — *É muito difícil entender isso* — eu disse.

— *Você ainda acha que isso é um sonho?* — ele perguntou.

Abri meus olhos e olhei para ele. — *Você sabe sobre isso também?*

Ele sorriu.

Olhei em volta do aposento. — *Não, não acredito nisso* — eu disse. Olhei-o sonolentamente. — *Mas o que você faria se eu acreditasse?*

— *Existem maneiras* — ele disse. — *Feche seus olhos enquanto conversamos* — Ele sorriu quando hesitei. — *Não se preocupe, você acordará de novo. E Katie ficará com você, não é, Katie?*

Olhei para ela. Ela balançou o rabo e se deitou com um suspiro ao lado do sofá. Albert levantou-se para colocar um travesseiro sob minha cabeça. — *Pronto* — ele disse. — *Feche seus olhos agora.*

Fechei. Até mesmo bocejei. — *Que maneiras?* — murmurei.

— *Bem* — ouvi-o sentar-se novamente em sua cadeira — *posso pedir a você que se lembre novamente de algum parente que morreu,*

então, mostrar o parente para você. Posso contar, para que você se lembre, os detalhes do que aconteceu pouco antes de você falecer. Em um caso extremo, posso levá-lo de volta à Terra e mostrar seu ambiente sem você.

Apesar do torpor crescente que eu sentia, reabri os olhos para olhá-lo. — *Você disse que eu não podia voltar* — eu disse.

— *Você não pode, sozinho.*

— *Então...*

— *Podemos ir apenas como observadores, Chris* — ele esclareceu. — *Isso apenas o faria mergulhar novamente naquela frustração terrível. Você não poderia ajudar sua esposa, apenas observar sua angústia de novo.*

Suspirei desanimado. — *Ela ficará bem, Albert?* — perguntei. — *Estou tão preocupado com ela.*

— *Sei que você está* — ele disse — *mas isso está fora do nosso alcance agora, você sabe disso. Feche os olhos.*

Fechei-os de novo e, por um instante, pensei que vira sua face adorável na minha frente: os traços de criança, seus olhos de um castanho profundo.

— *Quando a conheci, tudo o que conseguia ver eram seus olhos* — pensei em voz alta. — *Eles pareciam enormes para mim.*

— *Você a conheceu em uma praia, não foi?* — ele perguntou.

— *Em Santa Monica, em 1949* — eu disse. — *Eu chegara à Califórnia vindo do Brooklin. Trabalhava na Douglas Aircraft das quatro da tarde à meia-noite e toda manhã, depois de escrever, eu ficava uma ou duas horas na praia. Ainda consigo ver o maio que ela usava naquele dia. Era azul-claro, peça única. Eu a observei, mas não sabia como falar com ela. Finalmente, apelei para a velha abordagem: "você tem horas?" e sorri, lembrando-me de sua reação. Ela me enganou apontando para um prédio em Santa Monica, que possuía um relógio. Por isso, tive de pensar em outra coisa.* Eu me mexi, inquieto. — *Albert, não há nada que eu possa fazer para ajudá-la?* — perguntei.

— *Envie pensamentos de amor para ela* — ele me disse.

— *Isso é tudo?*

— *Isso é muita coisa, Chris* — ele disse. — *Pensamentos são muito reais.*

OLHE PARA ONDE VOCÊ ESTÁ

— Disso não tenho dúvida — disse. — *Vi meus próprios pensamentos em ação.*

Devo ter parecido sombrio quando disse isso, pois a expressão de Albert foi de compaixão. — *É algo doloroso de se aprender* — ele disse — *e eu sei que todo pensamento que temos assume uma forma com a qual, finalmente, nos confrontamos.*

— *Você passou pela mesma coisa?* — perguntei.

Ele concordou com a cabeça. — *Todos passam.*

— *Sua vida passou diante de você como um relâmpago?* — perguntei. — *Do começo ao fim?*

— *Não rapidamente quanto a sua porque morri de uma doença que se prolongou por muito tempo* — ele respondeu. — *E a sua morte não foi tão rápida quanto, digamos, a de um homem afogando-se. Sua remoção da vida seria tão rápida que sua memória subconsciente seria projetada em alguns segundos, com cada impressão em sua mente sendo liberada quase simultaneamente.*

— *E quanto à segunda vez que isso aconteceu?* — perguntei. — *Na primeira vez não foi ruim; apenas observei. Na segunda vez, revivi cada momento.*

— *Apenas em sua mente* — ele disse. — *Você não a reviveu realmente.*

— *Parecia que eu revivera.*

— *Sim, é bem real* — ele concordou.

— *E doloroso.*

— *Mais do que originalmente* — ele disse — *porque você não tinha um corpo físico para aliviar a dor da sua vida, que voltou a experimentar. É um momento em que as pessoas se dão conta do que elas realmente são, é um momento de purgação.*

Eu olhava para o teto enquanto ele falava. Ao ouvir suas palavras finais, virei-me surpreso: — *É disso que os católicos falam*

quando mencionam o purgatório?

— *Em essência* — ele confirmou com a cabeça. — *Um período em que cada alma é limpa por um reconhecimento auto-imposto de feitos passados — e erros.*

— *Auto-imposto* — repeti. — *Então, não há realmente um julgamento externo?*

— *Que condenação poderia ser mais dura do que a imposta por si mesmo quando o fingimento não é mais possível?* — ele perguntou.

Afastei meu olhar dele e mirei a paisagem. Sua beleza tornava a lembrança das minhas falhas ainda mais gritantes, sobretudo aquelas relativas a Ann. — *Alguém já se sentiu feliz com o que experimentou novamente?* — questionei.

— *Eu duvido* — ele disse. — *Não importa quem você seja, acredito que todos encontram falhas em si mesmos.*

Abaixei-me e comecei a acariciar a cabeça de Katie. Se não fosse pelas minhas lembranças, teria sido um momento maravilhoso: a linda casa, a magnífica paisagem, Albert sentado diante de mim, a cálida cabeça de Katie sob meus dedos.

Mas havia as lembranças.

— *Eu devia ter feito mais por Ann* — eu disse. — *Por meus filhos, minha família, meus amigos.*

— *Isso é verdade para a maioria das pessoas, Chris* — ele disse. — *Todos nós poderíamos ter feito mais.*

— *E agora é tarde demais.*

— *Não é tão ruim assim* — ele disse. — *Parte do que você está sentindo é uma sensação de incompletude porque você não apreciou a vida tão completamente quanto deveria.*

Olhei-o novamente. — *Não tenho certeza se entendi* — eu disse.

— *A dor de sua esposa e sua preocupação com ela impedem que entenda* — ele disse, com um sorriso de compreensão. — *Console-se pelo que está sentindo, Chris. Isso significa que você está realmente preocupado com o bem-estar dela. Se não estivesse, não se sentiria desse modo agora.*

— *Eu gostaria de poder fazer alguma coisa sobre isso* — falei a ele.

Albert levantou-se. — *Falaremos sobre isso depois* — ele argumentou. — *Durma agora e, até você saber o que deseja fazer, fique comigo aqui. Há muito espaço e você é mais do que bem-vindo.*

Agradeci enquanto ele se aproximava e tocava meu ombro. — *Vou embora agora* — ele disse. — *Katie fará companhia a você. Pense em mim quando acordar e estarei aqui.*

Sem dizer mais nada, ele se virou e saiu do estúdio. Olhei a porta pela qual ele passou. *Albert,* pensei. Primo Buddy. Morto desde 1940. Ataque cardíaco. Vivendo nesta casa. Eu não conseguia aceitar que tudo isso era verdade.

Olhei para Katie deitada no chão ao lado do sofá. — *Katie, velha Katie* — eu disse. Sua cauda bateu duas vezes. Lembrei-me das lágrimas na tarde em que a deixamos no veterinário. Agora ela estava aqui, viva, olhando-me novamente com aquela expressão radiante.

Suspirei e olhei em volta do quarto. Ele também parecia totalmente real. Sorri, relembrando o quarto provençal em *2001, Uma Odisséia no Espaço,* de Kubrick. Eu era mantido preso por algum ser alienígena? Tive de rir da idéia.

Então, reparei que não havia espelho no aposento e me lembrei de que não vira um espelho em toda a casa. *Sombras de Drácula,* pensei, achando graça novamente. Vampiros aqui? Eu tinha de rir novamente. Como alguém consegue encontrar a linha que separa a imaginação da realidade?

Por exemplo: era minha imaginação ou a luz no estúdio estava tornando-se realmente mais suave?

Ann e eu estávamos na Floresta Nacional das Sequóias. De mãos dadas, caminhamos sob as gigantescas sequóias canadenses. Pude sentir os dedos dela entrelaçados aos meus, ouvir nossos sapatos esmagando o tapete de folhas, cheirar o cálido odor

aromático da casca das árvores. Não falamos. Andamos lado a lado, cercados pela beleza da natureza, em um passeio após o jantar.

Caminhamos cerca de vinte minutos antes de chegarmos a uma árvore caída e nos sentarmos sobre ela. Ann soltou um suspiro profundo. Coloquei um braço em torno dela e ela se encostou em mim. — *Cansada?* — perguntei.

— *Um pouco* — ela sorriu. — *Vou ficar bem.*

Foi uma experiência exaustiva, mas agradável para nós. Rebocamos um *trailer* alugado por uma colina íngreme em Sequóia, o motor da nossa *wagon* Rambler aquecera demais duas vezes. Montamos uma barraca com seis camas de lona e armazenamos todos os nossos mantimentos em um baú de madeira para que os ursos não pudessem comê-los. Tínhamos uma lanterna Coleman, mas não um fogão, por isso tínhamos de manter um fogo aceso sob a grelha fornecida pela administração do parque. O mais difícil era esquentar água uma vez por dia para lavar as fraldas do Ian; ele tinha apenas um ano e meio na época. O acampamento parecia uma lavanderia, com fraldas e roupas de bebê penduradas em varais em todas as direções.

— *Não podemos deixá-los sozinhos por muito tempo* — disse Ann, depois de descansarmos um pouco. A mulher acampada ao nosso lado ofereceu-se para olhar as crianças, mas não queríamos abusar da sua boa-vontade porque Louise, a mais velha, tinha apenas nove anos, Richard, seis anos e meio, Marie ainda não chegara aos quatro e até mesmo nosso "cão de guarda", Katie, tinha menos de um ano.

— *Voltaremos logo* — eu disse. Beijei sua face levemente úmida e a abracei. — *Descanse mais alguns minutos* — Sorri para ela. — *É lindo por aqui, não?*

— *Maravilhoso* — ela concordou. — *Durmo melhor aqui do que em casa.*

— *Sei disso.* — O colapso nervoso de Ann ocorrera dois anos antes; ela fazia análise havia um ano e meio. Esta fora a primeira

grande viagem que fizéramos desde seu colapso; por insistência do analista dela.

— *Como está seu estômago?* — perguntei.

— *Ah, está melhor* — ela respondeu, sem me convencer. Ela tinha problemas estomacais desde que eu a conhecera; incrível como não percebi que isso significava alguma coisa grave. Desde o colapso, seu estado tinha melhorado, mas isso ainda a atrapalhava. Como seu analista tinha lhe contado: quanto mais fundo estiver enterrada a angústia, mais fundo ela adentra seu corpo. O sistema digestivo foi o mais longe possível que ela pôde ir para se esconder.

— *Poderíamos comprar um* motor-home *um dia desses* — eu disse; ela sugerira isso aquela manhã. — *Seria mais fácil para preparar as refeições. O passeio ficaria mais fácil.*

— *Eu sei, mas eles são tão caros* — ela preocupou-se. —*E eu já estou custando caro demais.*

— *Vou começar a ganhar mais agora que escrevo para a televisão* — respondi.

Ela apertou minha mão. — *Eu sei que você vai* — Ela ergueu a mão até seus lábios e a beijou. — *A barraca está ótima* — ela disse. — *Para mim não faz diferença.*

Ela suspirou e olhou para a folhagem das sequóias bem acima, com raios de sol passando através dela. — *Eu poderia ficar aqui para sempre* — ela murmurou.

— *Você poderia ser uma guarda-florestal* — brinquei.

— *Eu queria ser uma* — ela afirmou. — *Quando eu era menininha.*

— *É mesmo?* — A idéia fez-me sorrir. — *Guarda Annie.*

— *Parecia uma maneira maravilhosa de escapar* — ela disse.

Meu pobre amor. Abracei-a com força. Ela teria tanta coisa do que escapar também.

— *Bem* — ela disse — *é melhor voltarmos, chefe.*

— *Certo* — concordei e me levantei. — *O caminho faz uma curva, não precisamos voltar pela mesma trilha.*

— *Ótimo* — ela sorriu e segurou minha mão. — *Lá vamos nós então.*

Começamos a caminhar de novo. — *Está feliz por ter vindo?* — ela perguntou.

— *Sim, é lindo aqui* — respondi. Eu estava em dúvida sobre levar quatro crianças para acampar, porém nunca tinha acampado quando criança, então, não tinha como julgar. — *Acho que está tudo indo muito bem* — avaliei. Na época eu não sabia, mas a vontade de Ann de acampar — não obstante sua ansiedade em tentar qualquer coisa nova em uma época de estresse mental — abriria um mundo maravilhoso não só para mim, mas para as crianças também.

Prosseguimos e chegamos a um ponto no qual o caminho dividia-se. Na senda para o lado direito havia uma placa alertando os turistas a não seguir por aquela trilha.

Ann olhou para mim com aquele olhar de garota travessa. — *Vamos por aquele caminho* — ela disse, arrastando-me para a direita.

— *Mas a placa diz para não ir por aquele lado* — eu disse a ela, entrando no jogo.

— *Vamos* — ela pediu.

— *Você quer que uma sequóia doente caia sobre nós?* — perguntei.

— *Nós correremos se uma delas começar a cair* — ela disse.

— *Ah...* — Franzi as sobrancelhas e balancei a cabeça. — *Senhorita Annie, a senhorita é má* — falei imitando Hottie McDaniel em *O Vento Levou.*

— *Hmm-hmm* — ela acenou a cabeça concordando, puxando-me para o caminho do lado direito.

— *Você é uma péssima guarda-florestal* — eu disse a ela.

Momentos depois chegamos a um declive rochoso que acabava em um penhasco 13 metros a frente. — *Viu?* — falei a ela, tentando não sorrir.

— *Certo. Vamos voltar agora* — ela respondeu reprimindo um sorriso. — *Pelo menos sabemos por que não deveríamos seguir esta trilha.*

Olhei-a com uma severidade fingida. — *Você sempre me leva para onde eu não deveria ir* — falei.

Ela acenou com a cabeça, satisfeita. — *Esse é o meu trabalho: levar um pouco de aventura para sua vida.*

Começamos a cruzar o alto do declive, de volta para o outro caminho. A superfície da pedra era escorregadia devido às agulhas secas, por isso caminhamos em fila indiana, eu atrás.

Ann andara apenas alguns metros quando perdeu o equilíbrio e caiu do seu lado esquerdo. Fui em sua direção e também escorreguei, tentei me levantar, mas não consegui. Comecei a rir.

— *Chris.*

Seu tom amedrontado fez-me olhar rapidamente para ela. Ela começava a escorregar pelo declive e cada movimento que ela fazia para se segurar levava-a a escorregar ainda mais.

— *Não se mexa* — gritei. De repente, meu coração começou a bater com força. — *Abra as pernas e os braços.*

— *Chris* — sua voz tremia enquanto ela tentava fazer o que eu mandara e escorregou ainda mais. — *Ai, meu Deus* — ela murmurou, assustadoramente.

— *Não faça nenhum movimento* — falei a ela.

Ela fez o que mandei e seu deslizamento passou a ser quase imperceptível. Desajeitadamente, coloquei-me de pé. Não conseguia alcançá-la com minha mão. Se eu tentasse rastejar até onde ela estava, nós dois escorregaríamos até o penhasco.

Eu escorreguei e bati um joelho, e gemi de dor. Então, com cuidado, rastejei até o topo do declive, falando enquanto subia. — *Não se mexa agora. Não se mexa* — eu disse. — *Vai dar tudo certo. Não tenha medo.*

De repente, tudo voltou. Isto realmente acontecera. Senti um alívio intenso. Achei um galho caído, estendi-o até ela e a puxei para um ponto seguro. Abracei-a, beijei-a e ela...

— *Chris!*

Seu grito fez-me virar rapidamente. Horrorizado, vi-a escorregar em direção ao penhasco.

Tomado pelo pânico, desci correndo o declive, deslizando em sua direção, olhando para seu rosto branco de pavor enquanto

ela escorregava.

— *Chris, salve-me* — ela implorava. — *Salve-me. Por favor. Chris!*

Gritei aterrorizado enquanto ela desaparecia no penhasco e sumia de vista. Seu grito foi pavoroso. — *Ann!* — gritei.

Acordei de um salto, o coração em disparada, sentei-me rapidamente e olhei à minha volta.

Katie estava do lado do sofá, balançando a cauda e olhando para mim de uma maneira que eu só poderia interpretar como preocupada. Coloquei minha mão sobre sua cabeça. — *Está tudo bem. Está tudo bem* — murmurei. — *Um sonho. Tive um sonho.*

De algum modo, senti que ela entendera o que eu disse.

Coloquei a palma da mão direita sobre o peito e senti o batimento acelerado do meu coração. — *Por que eu sonhara com aquilo?* — pensei. E por que ele terminara de maneira tão diferente do que acontecera na realidade? A questão atormentou-me. Sentei-me, olhando à minha volta, e chamei por Albert.

Fiquei surpreso como ele apareceu no quarto instantaneamente e, Robert, quero mesmo dizer instantaneamente. Ele sorriu ao ver minha reação, então, examinando com mais atenção, viu que eu estava perturbado e perguntou o que acontecera.

Contei a ele sobre o sonho e perguntei o que aquilo significava.

— *Provavelmente foi algum resquício* — ele disse.

— *Espero que não haja mais nenhum* — eu disse a ele, estremecendo.

— *Eles vão passar* — ele assegurou-me.

Lembrei-me de Katie sentada ao meu lado quando acordei e contei isso a Albert. — *Tenho a estranha impressão de que ela entende o que eu digo e sinto* — eu disse.

— *Há uma compreensão aqui — ele* retrucou, inclinando-se para acariciar a cabeça dela. — *Não é, Katie?*

Ela balançou o rabo, olhando para ele.

Forcei um sorriso. — *Quando disse que bastava pensar em você e você estaria aqui, não estava brincando.*

Ele sorriu enquanto se levantava. — *É assim que funciona aqui — ele* me explicou. — *Quando você quer ver alguém, só precisa pensar na pessoa e ela estará com você. Se elas quiserem aparecer, é claro, como eu desejava estar com você. Sempre tivemos um elo. Embora vários anos nos separem, estamos na mesma faixa de onda, por assim dizer.*

Eu pisquei, abismado. — *Pode repetir?* — perguntei.

Ele repetiu e tenho certeza de que meu queixo caiu. — *Seus lábios não estão se mexendo* — eu disse.

Ele riu da minha expressão.

— *Por que não notei isso antes?*

— *Eu não estava fazendo isso antes* — ele me contou. Os lábios imóveis. Olhei para ele, atordoado. — *Como posso ouvir sua voz se você não está falando?* — perguntei.

— *Do mesmo modo que ouço a sua.*

— *Meus lábios também não estão se movendo?*

— *Estamos conversando com a mente* — ele respondeu.

— *Incrível* — eu disse. Pensei que dissera.

— *Na verdade, falar alto é difícil aqui* — ele me contou. — *Mas a maioria dos recém-chegados não percebe, durante um bom tempo, que não está usando a voz.*

— *Incrível* — repeti.

— *E muito eficiente* — ele comentou. — *A linguagem é mais uma barreira ao entendimento que um auxílio. Por isso, somos capazes, por meio do pensamento, de nos comunicarmos em qualquer idioma sem necessidade de um intérprete. Além do mais, não ficamos confinados a palavras e sentenças. A comunicação pode ser melhorada com* flashes *de puro pensamento.*

— *Agora* — ele continuou — *tenho usado esta roupa para que você não se assustasse com minha aparência. Se você não se opõe, vou voltar a vestir minha roupa natural.*

Eu não tinha idéia do que ele queria dizer.

— *Tudo bem?* — ele perguntou.

Isso deve ter acontecido enquanto eu pisquei. Albert não usava mais a camisa e a calça branca. Em vez disso, ele vestia um robe da cor da radiação que o envolvia. Ele era comprido, formando dobras graciosas, um cordão dourado na cintura. Notei que seus pés estavam descalços.

— *Pronto* — ele disse. — *Sinto-me mais confortável.*

Encarei-o um pouco acintosamente, creio. — *Preciso usar um também?* — perguntei.

— *Absolutamente* — ele tranqüilizou-me. Não sei qual foi minha expressão, mas era óbvio que ele a achou engraçada. — *A escolha é sua. O que você preferir.*

Olhei para meu corpo. Era um pouco estranho, eu tinha de admitir, ver as mesmas roupas que eu usava na noite do acidente. Ainda assim, eu não conseguia me enxergar em um roupão. Parecia um pouco "espiritual" demais para mim.

— *E agora, talvez você queira examinar com mais atenção onde você está.*

SEU PROBLEMA ESTÁ AQUI

Uma coisa estranha aconteceu quando deixamos a casa. Ao menos para mim pareceu estranho. Albert não ficou surpreso com isso. Até mesmo Katie não reagiu como eu esperava.

Um pássaro cor cinza pérola voou e pousou no ombro esquerdo de Albert, causando-me um sobressalto.

As palavras de Albert causaram um sobressalto ainda maior. — *Sua esposa cuidava dele* — ele me informou. — *Estou guardando-o para ela.*

— *Minha esposa cuidava dele?* — perguntei, olhando para Katie. Quando estava viva, ela latiria sem parar ao ver o pássaro. Aqui, ela estava completamente calma.

Albert explicou-me que Ann criara um laço permanente com os pássaros feridos que ela tratara. Todos os pássaros que ela salvara — e foram dezenas — estavam aqui na Terra do Verão, esperando por ela. Albert até mesmo sabia que durante um tempo as crianças chamavam Ann de "Dama dos Pássaros de Hidden Hills".

Tudo o que consegui fazer foi sacudir a cabeça. — *Incrível* — *eu* disse.

Ele sorriu. —*Oh, você verá coisas bem mais incríveis* — ele me respondeu e acariciou o pássaro com um dedo. — *E como você está?* — ele perguntou.

Tive de rir enquanto o pássaro agitava as asas e gorjeava. — *Não vai me dizer que ele respondeu* — espantei-me.

— *À sua maneira* — Albert respondeu. — *É como no caso da Katie. Diga olá para ele.*

Senti-me um pouco estranho, mas fiz o que ele pediu. O pássaro saltou instantaneamente para meu ombro direito e parecia, Robert, que nossa mente trocou alguma coisa. Não sei lhe dizer o que era, exceto que foi agradável.

O pássaro voou e Katie me assustou ao latir uma vez, como se dissesse adeus para ele. *Incrível,* pensei, enquanto começávamos a nos afastar da casa.

— *Reparei que você não tem espelhos* — comentei.

— *Eles não têm utilidade alguma* — ele respondeu-me.

— *Porque eles servem basicamente para a vaidade?* — questionei-o.

— *Mais do que isso* — ele respondeu. — *Aqueles que desfiguraram sua aparência de algum modo pelas suas ações em vida não são forçados a observar a si mesmos desfigurados. Se fossem, ficariam muito preocupados com si mesmos e seriam incapazes de se concentrar em seu aperfeiçoamento.*

Pensei em como seria minha aparência, sabendo que Albert não me diria se ela fosse desagradável de alguma maneira.

Procurei não pensar naquilo enquanto subíamos uma colina coberta de grama, Katie correndo na frente. *Como ela parece em forma,* pensei com prazer. Ann ficaria tão feliz em vê-la. Elas tinham passado muito tempo juntas. Ann literalmente não conseguia sair de casa sem ela. Costumávamos rir da capacidade de Katie de perceber que Ann pretendia sair de casa. Às vezes, parecia ser algo mediúnico.

Também deixei essa idéia de lado, respirando fundo o ar puro e gelado. A temperatura parecia ideal para mim.

— *É por isso que aqui se chama Terra do Verão?* — perguntei, testando se Albert sabia do que eu estava falando.

Ele sabia e respondeu: — *Em parte. Mas também porque ela reflete o conceito de cada pessoa do que é felicidade perfeita.*

— *Se Ann estivesse aqui comigo seria perfeito* — eu disse, incapaz de afastá-la dos meus pensamentos.

— *Ela estará, Chris.*

— *Existe água aqui?* — perguntei abruptamente. — *Barcos? Esta é a idéia de Ann de paraíso.*

— *Há os dois* — ele disse.

Olhei para o céu. — *Nunca escurece?*

— *Não totalmente* — ele esclareceu. — *Mas nós temos o crepúsculo.*

— *Foi minha imaginação ou a luz do seu estúdio diminuiu quando comecei a dormir?*

— *Ela diminuiu* — ele confirmou. — *Devido à sua necessidade de descansar.*

— *A falta de dias e noites não é inconveniente? Como você se programa?*

— *Por atividades* — ele respondeu. — *Não é assim, basicamente, que as pessoas fazem em vida? Uma hora para trabalhar, uma hora para comer, uma hora para relaxar, uma hora para dormir? Nós fazemos o mesmo, exceto, é claro, que não precisamos comer ou dormir.*

— *Espero que minha necessidade de dormir desapareça logo* — comentei. — *A idéia de ter mais sonhos como aquele não me agrada.*

— *Essa necessidade vai sumir* — ele tranqüilizou-me.

Olhei à minha volta e tive de soltar um suspiro de incredulidade. — *Creio que vou me acostumar a tudo isso* — eu disse. — *Mas é muito difícil de acreditar.*

— *Não consigo dizer quanto tempo levei para aceitar isso* — Albert me disse. — *Sobretudo, eu não conseguia entender como era possível para mim ser admitido em um lugar que sempre acreditei não existir.*

— *Você também não acreditava nisso* — eu disse. Senti-me melhor ao ouvir aquilo.

— *Poucas pessoas acreditam* — ele retrucou. — *Elas podem aceitar a noção da boca para fora. Elas podem até mesmo querer acreditar, mas raramente acreditam.*

Parei e me inclinei para retirar os sapatos e as meias. Peguei-os e os levei comigo, enquanto voltávamos a andar. A grama estava quente e macia sob meus pés.

— *Você não precisa carregá-los* — Albert informou-me.

— *Não quero sujar um lugar tão bonito quanto este.*

Ele riu. — *Você não vai* — ele disse. — *Eles vão desaparecer.*

— *Na matriz?*

— *Exato.*

Parei para colocar os sapatos e as meias no chão, então continuei a caminhar com Albert; Katie estava do nosso lado agora, movendo-se calmamente. Albert notou que olhei para trás e sorriu. — *Leva algum tempo* — ele esclareceu.

Momentos depois, chegamos ao alto da colina. Paramos e olhamos a paisagem. A visão mais próxima com a qual posso comparar é a Inglaterra — ou talvez a Nova Inglaterra, no início do verão; ricos prados verdejantes, florestas densas, manchas coloridas de flores e córregos cintilantes, tudo encimado por um céu de azul profundo com nuvens brancas. No entanto, nenhum lugar na Terra poderia se comparar a isso.

Ali, de pé, respirei profundamente várias vezes. Eu me sentia com ótima disposição, Robert. Não só as dores do acidente tinham desaparecido, mas já não havia mais sinais de dor no pescoço e na região lombar; você conhece os problemas que tive na espinha. — *Sinto-me tão bem!* — exclamei.

— *Você aceitou onde você está* — Albert me disse. Eu não entendi e perguntei o que ele quis dizer.

— *Muitas pessoas chegam com a convicção física que eles possuíam na morte* — ele disse. — *Eles acreditam que estão doentes e continuam a acreditar nisso até que percebem que estão num lugar onde doenças não existem por si só. Só então eles são um todo. A mente é tudo. Lembre-se disso.*

— *Falando nisso* — eu disse a ele — *tenho a impressão de que consigo pensar melhor também.*

— *Porque você não está mais restrito por um cérebro humano.*

Olhei à minha volta e vi um pomar do que pareciam ser ameixeiras. Concluí que não podiam ser ameixeiras, mas aquilo criou uma dúvida em minha mente. — *Você falou que não é necessário comer aqui* — eu disse. — *Isso significa que você também nunca sente sede?*

— *Nós obtemos nossa alimentação diretamente da atmosfera* — ele respondeu. — *A luz, o ar, as cores, as plantas.*

— *Não temos estômagos, então* — concluí. — *Não há órgãos digestivos.*

— *Não há necessidade deles* — ele respondeu. — *Na Terra nosso corpo eliminava tudo o que comíamos, exceto a energia do sol inserida nos alimentos. Aqui, ingerimos esta energia diretamente.*

— *E os órgãos reprodutivos?*

— *Você ainda os têm porque você espera tê-los. Com o tempo, você entenderá sua falta de propósito e eles desaparecerão.*

— *Que estranho* — eu disse.

Ele balançou a cabeça, um sorriso triste nos lábios. — *Pense naqueles cujas vidas dependiam desses órgãos* — ele disse. — *Quem, mesmo depois da morte, retém a necessidade e o uso deles é porque não consegue conceber a existência sem eles. Eles nunca estão satisfeitos, é claro, sempre querem mais, é apenas uma ilusão. Mas eles não conseguem se libertar disso, impedindo que progridam indefinidamente. Isso é que é estranho, Chris.*

— *Posso entender isso* — admiti. — *Ainda assim, parte do meu relacionamento com Ann era físico.*

— *E há pessoas aqui que se amam, que têm relações sexuais* — ele disse, causando-me um sobressalto de novo. — *A mente é capaz de qualquer coisa, lembre-se sempre disso. Com o tempo, é claro, essas pessoas começarão a perceber que o contato físico não é tão integral aqui como era na vida. Quanto a isso* — ele continuou — *não precisamos usar nosso corpo, nós o possuímos apenas porque ele é familiar a nós. Se quisermos, podemos realizar qualquer ato apenas com a mente.*

— *Nada de fome* — eu disse. — *Nada de sede. Nada de cansaço. Nada de dor* — eu fiz um som de assombro. — *Nada de problemas* — concluí.

— *Eu não diria isso* — Albert me alertou. — *Exceto pela ausência de necessidade do que você mencionou — e a falta de necessidade de trabalhar para viver — tudo continua igual. Seus problemas não mudaram. Você ainda precisa resolvê-los.*

Suas palavras fizeram-me pensar em Ann. Era perturbador acreditar naquilo, depois de todo o sofrimento pelo qual ela passara na vida, não haveria descanso para ela aqui. Isso parecia injusto.

— *Há ajuda aqui também, lembre-se disso* — Albert disse, captando meu pensamento de novo. — *E muito mais perceptível*

também.

— *Eu gostaria apenas de contar tudo isso à Ann* — comentei. — *Não consigo me livrar desse sentimento de apreensão em relação a ela.*

— *Você ainda absorve a angústia dela* — ele retrucou. — *Você precisa libertar-se disso.*

— *Então eu perderia contato completamente* — lamentei-me.

— *Isso não é contato* — ele me esclareceu. — *Ann não está consciente disso e isso apenas o atrapalha. Você está aqui agora, Chris. Seus problemas estão aqui.*

O PODER DA MENTE

Eu sabia que ele tinha razão e, apesar de continuar ansioso, tentei afastar a idéia da minha mente. — *Caminhar é seu único meio de transporte aqui?* — perguntei, para mudar de assunto.

— *Muito ao contrário* — Albert disse. — *Cada um possui seu próprio meio de trânsito rápido.*

— *O que é isso?*

— *Como não há limitações de espaço* — ele respondeu — *a viagem pode ser instantânea. Você viu como cheguei quando você disse meu nome. Fiz aquilo pensando na minha casa.*

— *Todos viajam desse modo?* — perguntei, surpreso.

— *Aqueles que desejam, sim* — respondeu-me — *e conseguem conceber.*

— *Não entendi.*

— *Tudo é mental, Chris* — ele me explicou. — *Nunca se esqueça disso. Aqueles que acreditam que transporte está confinado a carros e bicicletas serão transportados dessa maneira. Aqueles que sentem que andar é a única maneira de se deslocar caminharão. Existe uma grande diferença aqui entre o que as pessoas pensam que é necessário e o que realmente é. Se olhar com atenção, você encontrará veículos, estufas, lojas, fábricas etc. Nada disso é necessário, mas tudo isso existe porque alguém acredita que eles são necessários.*

— *Pode me ensinar a viajar por meio do pensamento?* — pedi.

— *Claro. É só uma questão de imaginação. Visualize você a dez metros de onde você está.*

— *Isso é tudo?*

Ele acenou com a cabeça. — *Tente.*

Fechei meus olhos e tentei. Senti uma vibração; então, abruptamente, senti que planava para a frente em uma postura inclinada. Assustado, abri os olhos e olhei à minha volta. Albert

estava a dois metros de mim, Katie correndo ao meu lado, balançando o rabo.

— *O que aconteceu?* — perguntei.

— *Você mesmo parou* — ele disse. — *Tente de novo. Não precisa fechar os olhos.*

— *Não foi instantâneo* — eu disse. — *Eu me senti me movendo.*

— *Porque isso é novidade para você* — ele esclareceu. — *Depois que você se acostumar, será instantâneo. Tente de novo.*

Olhei para um ponto debaixo de um vidoeiro a dezoito metros de distância e me visualizei naquele local.

O movimento foi tão rápido que não consegui visualizá-lo. Gritei surpreso enquanto tombava no chão. Não senti dor. Olhei à minha volta e vi Katie correndo na minha direção, latindo.

Albert estava do meu lado, no local em que ela estava antes; não vi como ele fez isso. — *Você está se esforçando demais* — ele disse, rindo.

Dei um sorriso encabulado. — *Pelo menos não doeu* — consolei-me.

— *Isso nunca machucará você* — ele retrucou. — *Nosso corpo é imune a ferimentos.*

Ajoelhei-me e toquei em Katie quando ela se aproximou de mim.

— *Isso a assusta?* — preocupei-me.

— *Não, ela sabe o que está acontecendo.*

Eu me levantei, pensando em como Ann gostaria disso. Imaginei sua expressão na primeira vez em que ela fizesse isso. Ela sempre amou coisas novas e excitantes, ela adorava compartilhá-las comigo.

Antes que uma sensação de apreensão voltasse, escolhi um cume a centenas de metros de distância e me visualizei sobre ele.

Uma sensação de vibração de novo. Eu deveria dizer vibração alteradora. Eu pisquei e estava lá.

Não, não estava. Olhei à minha volta, confuso. Albert e Katie não estavam à vista. O que eu fizera de errado agora?

Um jato de luz apareceu diante de mim, então a voz de Albert disse — *Você foi longe demais.*

Olhei em volta à sua procura. Entre o piscar dos meus olhos, ele estava diante de mim, segurando Katie em seus braços.

— *Que clarão de luz foi aquele?* — perguntei enquanto ele a colocava no chão.

— *Meu pensamento* — ele disse. — *Eles podem ser transportados também.*

— *Então, eu posso enviar meus pensamentos para Ann?* — perguntei rapidamente.

— *Se ela fosse receptiva a eles, ela poderia receber alguma coisa* — ele respondeu. — *Na situação atual, enviar pensamentos para ela seria extremamente difícil, para não dizer impossível.*

De novo, procurei afastar o forte desconforto que os pensamentos sobre Ann produziam em mim. Eu precisava ter fé nas palavras de Albert. — *Eu poderia viajar até a Inglaterra por intermédio do pensamento?* — eu quis saber, fazendo a primeira pergunta que me ocorreu. — *Quero dizer, a Inglaterra aqui, é claro. Eu presumo que haja uma.*

— *De fato, ela existe* — ele disse. — *E você pode viajar até lá porque você fez isso em vida e sabe o que visualizar.*

— *Onde estamos exatamente?* — perguntei.

— *Em uma região dos Estados Unidos* — ele me disse. — *Uma pessoa naturalmente gravita no comprimento de onda do seu próprio país e pessoas. Não que você não pudesse viver onde quisesse, desde que você se sentisse confortável lá.*

— *Então, aqui há um equivalente a todos os países da Terra?*

— *Neste nível* — Albert explanou. — *Nos domínios mais elevados, a consciência sobre nacionalidades deixa de existir.*

— *Domínios mais elevados?* — eu estava confuso de novo.

— *Há muitas moradas na casa de meu Pai, Chris* — ele disse. — *Por exemplo, você encontrará, na vida após a morte, o paraíso particular de cada teologia.*

— *Qual é o certo, então?* — perguntei, completamente atordoado agora.

— *Todas elas* — ele disse — *e nenhuma. Budista, hindu, muçulmana, cristã, judaica — cada uma tem uma experiência pós-vida que reflete suas próprias crenças. Os* vikings *tinham sua Vahalla; os índios americanos, seu Campo de Caça Feliz, os zelotes, sua Cidade de Ouro. Todas são reais. Cada uma é uma parte da realidade total.*

— *Você encontrará aqui aqueles que acreditam que sobrevivência é uma bobagem* — ele disse. — *Eles batem em suas mesas imateriais com seus punhos imateriais e zombam de qualquer sugestão de vida além da matéria. É a ironia definitiva do delírio. Lembre-se disso* — ele concluiu: — *para tudo na vida há uma contraparte no pós-vida. Isso inclui os fenômenos mais bonitos como também os mais horríveis.*

Senti um calafrio quando ele disse aquilo; eu não sabia por que e, de algum modo, não queria saber. Mudei de assunto apressadamente.

— *Sinto-me estranho nesta roupa agora* — comentei. Falei impulsivamente, mas ao fazer isso percebi que tinha falado a verdade.

Albert parecia preocupado quando perguntou: — *Não fiz você se sentir desse jeito, não é?*

— *Não mesmo. Eu só...* — dei de ombros. — *Bem, como me troco?*

— *Do mesmo jeito que trocou de lugar.*

— *Com a imaginação, a mente?*

Ele confirmou com a cabeça. — *Sempre com a mente, Chris. Você não pode se esquecer disso.*

— *Certo.* — Fechei os olhos e me imaginei com um robe como o de Albert. Instantaneamente, senti aquele fluxo de alteração de novo, desta vez como se fossem mil borboletas flutuando à minha volta por um instante. A descrição é inexata, mas não sei como defini-la melhor.

— *Já acabou?* — perguntei.

— *Veja* — ele me disse.

Abri os olhos e olhei para baixo.

Tive de rir. Eu já tinha usado várias vezes um cafetã aveludado pela casa, mas não era nada como aquilo que eu usava no

momento. Senti-me culpado por achar graça, mas não consegui evitar.

— *Está tudo bem* — Albert me disse, sorrindo. — *Muita gente ri na primeira vez que vêem seus robes.*

— *É diferente do seu* — observei. O meu era branco, sem um cordão.

— *Ele vai mudar com o tempo, assim como você* — ele me esclareceu.

— *Do que é feito?*

— *Pela imposição da imagem mental do meio ideoplástico da sua aura.*

— *O que você disse?*

Ele riu. — *Digamos que, enquanto na Terra, a roupa pode fazer o monge, aqui o processo é definitivamente o contrário. A atmosfera em nossa volta é maleável. Ela, literalmente, reproduz a imagem de qualquer pensamento sustentado. E como um molde esperando um carimbo. Exceto pelos nosso corpo, nenhuma forma é estável a menos que um pensamento concentrado a torne estável.*

Eu só consegui balançar a cabeça de novo. — *Incrível.*

— *Na verdade, não, Chris* — ele disse. — *É extremamente crível. Na Terra, antes de qualquer coisa ser criada materialmente, ela precisa ser criada mentalmente, não é? Quando a matéria é deixada de lado, toda a criação torna-se exclusivamente mental, só isso. Com o tempo, você adotará o poder da mente.*

A MEMÓRIA AINDA ASSOMBRA

Enquanto continuávamos, com Katie caminhando ao meu lado, comecei a perceber que o robe e o cordão de Albert indicavam uma condição avançada da parte dele, o meu *status* era de um "iniciante".

Ele captou meus pensamentos de novo. — *Tudo depende do que você faz de si mesmo* — ele disse. — *Do trabalho que você faz.*

— *Trabalho?* — perguntei.

Ele riu. — *Surpreso?*

Eu não tinha resposta. — *Acho que nunca pensei nisso.*

— *A maioria não pensou* — ele disse. — *Ou, se pensaram, eles visualizaram a pós-vida como uma espécie de domingo eterno. Nada poderia ser mais distante da verdade. Há mais trabalho aqui do que na Terra. No entanto...* — Ele ergueu um dedo quando comecei a falar — *o trabalho é feito livremente, pelo prazer de fazê-lo.*

— *Que tipo de trabalho eu deveria fazer?* — eu quis saber.

— *É você que decide. Como não há necessidade de trabalhar para viver, pode ser aquilo que mais lhe agrada.*

— *Eu sempre quis escrever algo mais útil do que roteiros* — eu disse a ele.

— *Faça isso então.*

— *Duvido que eu consiga me concentrar até saber se Ann está bem.*

— *Você precisa deixar isso de lado, Chris* — ele censurou-me. — *Está além do seu alcance. Pense em escrever.*

— *De que adiantaria?* — perguntei. — *Por exemplo, se um cientista aqui escrever um livro sobre uma descoberta revolucionária, que bem isso faria? Ninguém precisaria dela aqui.*

— *Eles precisariam na Terra* — ele informou-me.

Não entendi aquilo até ele explicar que ninguém na Terra desenvolve algo revolucionário sozinho; todo o conhecimento vital emana da Terra do Verão e é transmitido de tal maneira para que mais uma pessoa possa recebê-lo.

Quando perguntei-lhe o que ele queria dizer por "transmitir", ele falou sobre transmissão mental, embora os cientistas aqui estejam constantemente tentando inventar um sistema pelo qual o nível da Terra possa ser contatado diretamente.

— *Você quer dizer como o rádio?* — perguntei.

— *Alguma coisa assim.*

O conceito era tão incrível para mim que tive de pensar sobre ele antes de falar de novo.

— *Quando começo a trabalhar?* — finalmente perguntei. O que eu tinha em mente, é claro, era me concentrar totalmente em alguma atividade para que o tempo passasse depressa e Ann e eu ficássemos juntos de novo.

Albert riu. — *Descanse um pouco antes* — ele aconselhou. — *Você acabou de chegar. Precisa aprender as regras do local antes.*

Tive de sorrir e Albert riu de novo. — *Não é a melhor frase que eu poderia ter escolhido* — ele ponderou. Ele deu um tapinha no meu ombro. — *Estou feliz por vê-lo querendo trabalhar. Muita gente chega aqui com um único desejo: não fazer nada. Como não há necessidades, isso pode ser alcançado com facilidade. Mas logo se torna monótono. É possível ficar entediado aqui.*

Ele explicou que todos os tipos de trabalho estavam disponíveis, com as exceções óbvias. Não há necessidade de um Ministério da Saúde ou de um Ministério de Saneamento, força policial ou corpo de bombeiros, indústrias de alimentos e roupas, sistemas de transporte, médicos, advogados, corretores de imóveis. — *E menos ainda* — ele acrescentou, sorrindo — *de agentes funerários.*

— *E quanto às pessoas que trabalham nessas profissões?*

— *Elas fazem outra coisa* — seu sorriso sumiu. — *Alguns deles continuam fazendo a mesma coisa. Não aqui, é claro.*

O calafrio de novo, a insinuação de "outro lugar". Eu não queria saber sobre isso. Mais uma vez, eu estava consciente do meu próprio esforço para mudar de assunto — embora não tivesse consciência do porquê de aquilo me incomodar tanto. — *Você disse que explicaria a terceira esfera* — eu disse a ele.

— *Muito bem* — ele balançou com a cabeça. — *Não sou especialista, lembre-se disso, mas...*

Ele explicou que a Terra é cercada por esferas concêntricas de existência que variam em largura e densidade; a Terra do Verão é a terceira. Perguntei quantas existiam e ele respondeu que não tinha certeza, mas ouvira falar que eram sete — a última tão rudimentar que se mistura com a Terra.

— *É lá que eu estava?* — perguntei. Quando ele confirmou com a cabeça, continuei — *Até eu começar a subir.*

— *É um erro usar as palavras "subir" e "descer" para descrever essas esferas* — ele disse. — *Não é tão simples. Nosso mundo é separado da Terra apenas pela distância da vibração. Na verdade, todas as existências coincidem.*

— *Então, Ann está realmente perto* — concluí.

— *De certo modo* — ele replicou. — *Mas ela tem consciência das ondas televisivas que a cercam?*

— *Teria se ela ligasse um receptor.*

— *Mas ela própria não é um receptor* — ele disse.

Eu ia perguntar se poderíamos ajudá-la a encontrar um receptor quando me lembrei da experiência com Perry. Aquilo não era a resposta, decidi. Eu não podia fazê-la passar pela experiência de novo.

Olhei a campina florida que cruzávamos. Ela lembrou-me de uma que vira na Inglaterra em 1957, enquanto trabalhava em um roteiro lá, você deve se lembrar. Passei uma semana no chalé do produtor e, numa manhã de domingo, muito cedo, olhei a linda campina pela janela do meu quarto. Lembrei-me do intenso silêncio verde dela — o que me fez recordar todos os lindos lugares que eu

vira em vida, os momentos adoráveis que eu experimentara. *Era esse outro motivo para eu ter resistido tanto à morte,* pensei.

— *Você deveria ter me visto resistindo* — Albert disse, captando meu pensamento outra vez, parecia que ele podia fazer isso quando tivesse vontade. — *Levei quase seis horas para me soltar.*

— *Por quê?*

— *Basicamente, porque eu estava convencido de que aquilo era o fim da existência* — ele disse.

Lembrei-me de que, enquanto morria, pude saber o que acontecia no quarto ao lado. — *Quem era aquela senhora idosa?* — perguntei, fazendo uso de novo, de sua capacidade de ler meus pensamentos.

— *Ninguém que você conhecia* — ele respondeu. — *Quando seus sentidos físicos começaram a perder força, seus sentidos psíquicos tornaram-se mais intensos e você alcançou um breve estado de clarividência.*

As lembranças da experiência da morte começaram a voltar. Perguntei a ele que sensação de formigamento fora aquela e ele respondeu que fora meu duplo etérico soltando-se dos terminais nervosos do meu corpo físico. Eu não sabia o que ele queria dizer por duplo etérico, mas deixei aquilo de lado por um momento por causa das outras perguntas que eu queria fazer.

Aqueles ruídos como linhas partindo-se, por exemplo. *Terminais nervosos soltando-se,* ele respondeu; *começando pelos pés e chegando ao cérebro.*

O cordão prateado que me conectava ao meu corpo quando eu pairava sobre ele? Um cabo conectando o corpo físico ao duplo etérico. Uma quantidade enorme de terminais nervosos unidos na base do cérebro entrelaçados com a matéria do cérebro. Filamentos reunidos em um cordão "umbilical" etéreo ligado ao topo da minha cabeça.

O saco de cores puxado pelo cordão? Meu duplo etérico sendo removido. A origem da palavra "*body*", corpo em inglês, é o termo anglosaxão "*bodig*" que significa residência. O corpo físico é isto, Robert. Uma morada transitória para o ser verdadeiro.

— *Mas o que aconteceu depois da minha morte?*

— *Você ficou preso à Terra* — ele disse. — *Esse estado deveria ter terminado em aproximadamente três dias.*

— *Quanto tempo ele durou?*

— *Em termos da Terra? É difícil de dizer* — ele respondeu. — *Semanas pelo menos, talvez mais.*

— *Parecia interminável* — eu me lembrei, sentindo um calafrio.

— *Isso não me surpreende* — ele me disse. — *A agonia de estar ligado à Terra pode ser indescritível. Tenho certeza de que a lembrança ainda o assombra.*

LEMBRANÇAS OBSCURECIDAS

Por que tudo parecia tão vago? — perguntei — *E a sensação era tão... úmida; essa é a única palavra em que consigo pensar para descrever a situação.*

Eu passara pela parte mais densa da aura da Terra, ele me disse, uma região aquosa que era a fonte dos mitos sobre as águas de Letes, o rio Estige.

Por que eu não conseguia ver nada além de três metros depois que morri? Porque eu não conseguia enxergar além disso quando eu estava morrendo e carreguei aquela última impressão comigo.

Por que me sentia lento e estúpido, incapaz de pensar claramente? Porque dois terços da minha consciência estavam inoperantes, minha mente ainda estava envolvida pela matéria etérica que tinha sido parte do meu cérebro físico. Por isso, minhas respostas tinham sido confinadas a reações instintivas e repetitivas para aquele caso. Eu me sentia idiota, triste, solitário e amedrontado.

— *E exausto* — eu disse. — *Eu queria dormir, mas não conseguia.*

— *Você estava tentando alcançar sua segunda morte* — Albert me disse.

Mais uma vez, tive um sobressalto. — *Segunda morte?*

— *Que é alcançada pelo sono permitindo que a mente experimente novamente sua vida na Terra* — ele me elucidou. Eu fora mantido longe daquele sono pela extrema angústia de Ann e meu desejo de confortá-la. Em vez de me purgar "em aproximadamente três dias", fiquei preso a um estado de sonambulismo.

A verdade, Robert, é que uma pessoa recém-falecida está na mesma disposição de mente que ela estava no momento da morte, ainda acessível a influências do plano da Terra. Essa condição

esvanece no sono, mas, no meu caso, as lembranças foram renovadas e mantidas vivas pelo meu estado crepuscular. Isso ficou ainda mais complicado pela influência de Perry.

— *Sei que Richard só queria ajudar* — eu disse.

— *Sim, é claro* — Albert concordou. — *Ele queria convencer sua esposa de que você tinha sobrevivido; um ato de amor da parte dele. Mas, ao fazer isso, ele foi, sem saber, crucial para adiar sua segunda morte.*

— *Ainda não sei o que você quer dizer por segunda morte* — eu disse a ele.

— *A separação de seu duplo etérico* — ele explicou. — *Deixar seu recipiente para trás para que seu corpo espiritual ou astral pudesse seguir em frente.*

— *Foi aquilo o que vi na sessão espírita?* — perguntei, surpreso — *Meu duplo etérico?*

— *Sim, você já o tinha descartado naquele momento.*

— *Era como um corpo* — eu disse, desgostoso.

— *Ele era um corpo* — ele enfatizou. — *O corpo do seu duplo etérico.*

— *Mas ele falou* — eu disse. — *Ele respondeu a perguntas.*

— *Apenas como um zumbi falaria* — ele explicou. — *Sua essência tinha desaparecido. O recipiente astral, como ele é chamado, não é nada mais do que um agregado de moléculas moribundas. Ele não possui vida genuína ou inteligência. O jovem não sabia disso, mas foi seu próprio poder psíquico que animara o recipiente, a própria mente dele alimentava suas respostas.*

— *Como uma marionete* — eu disse, lembrando-me do que pensei na época.

— *Exatamente* — Albert aquiesceu.

— *Por isso Perry não conseguia me ver na sessão espírita.*

— *Você estava além de sua visão psíquica.*

— *Pobre Ann* — lastimei. A lembrança era dolorosa. — *Foi horrível.*

— *E poderia ter-lhe feito mal, caso ela decidisse seguir em frente* — Albert acrescentou. — *Contato com estados de ser não físicos pode ter um efeito peculiar sobre os seres vivos.*

— *Como eu gostaria que ela soubesse de tudo isso* — desejei, desanimado.

— *Gostaria que todos na Terra soubessem de tudo isso* — ele replicou.

As atitudes das pessoas em relação àqueles que morreram são vitais, Robert. Como a consciência dos que morreram é muito vulnerável a impressões, as emoções daqueles que ficaram para trás podem ter um efeito sobre eles. Uma angústia intensa cria uma vibração que pode causar dor nos que partiram, impedindo que progridam. Na verdade, é desastroso que as pessoas pranteiem os mortos, protelando sua adaptação à vida após a morte. Os falecidos precisam de tempo para alcançar sua segunda morte. A cerimônia funerária deveria ser um meio de libertação pacífica, não um ritual de luto.

Você sabia, Robert, que na extrema-unção os sete centros do corpo, cobrindo os órgãos vitais, são untados para ajudar o moribundo a retirar vitalidade desses órgãos em preparação para uma retirada completa por meio do cordão prateado? E a remissão dos mortos foi estabelecida para garantir que o cordão prateado fosse cortado e que toda a matéria etérica fosse retirada do corpo?

Existem inúmeras coisas que podem ser feitas para facilitar o processo da morte: pressão em determinados centros nervosos, recitação de determinados sons, utilização de determinadas luzes, certos mantras recitados suavemente, determinados incensos queimados — tudo planejado para ajudar o moribundo a concentrar seus sentidos na partida.

Mais importante, os despojos devem ser cremados três dias depois da morte.

Falei a Albert de meu corpo no cemitério, daquele momento horrendo em que o vi.

— *Ela não queria seu corpo queimado* — ele disse. — *Ela o ama tanto que quer você na Terra para que possa visitá-lo e falar com você. É compreensível, mas lastimável, pois não é mais você que está lá.*

— *O que a cremação faz que o enterro não faz?*

— *Libera o falecido de um elo que tem a tendência de mantê-lo perto do corpo físico* — ele respondeu. — *Além disso, em casos extremos, quando existe uma dificuldade de romper o cordão, mesmo depois da morte, o fogo corta-o imediatamente. E, depois de o recipiente astral ter sido descartado em vez de decompor-se lentamente com o corpo sobre o qual ele paira, a cremação elimina-o rapidamente.*

— *Esse elo que você mencionou* — questionei — *foi o que me compeliu a ver meu corpo?*

Ele balançou a cabeça, concordando. — *As pessoas não conseguem esquecer seu corpo facilmente. Elas continuam querendo ver aquilo que uma vez acreditaram ser elas. Esse desejo pode se tomar uma obsessão. Por isso a cremação é importante.*

Fiquei imaginando, enquanto ele falava, por que eu estava cada vez mais desconcertado. Por que eu associava tudo o que ele dizia com meus pensamentos inquietantes com Ann? O que eu temia? Albert assegurava-me constantemente que ficaríamos juntos de novo. Por que eu não conseguia aceitar isso?

Pensei de novo em meu sonho assustador. Albert chamara-o de "restos simbólicos". Isso fazia sentido, mas ainda assim me perturbava. Todos os pensamentos sobre Ann perturbavam-me agora; mesmo as lembranças felizes, eram de alguma forma, melancólicas.

PERDENDO ANN NOVAMENTE

Inesperadamente, Albert disse — *Chris, preciso deixar você por alguns instantes. Há um trabalho que preciso fazer.* Senti-me constrangido. — *Desculpe* — eu disse a ele — *jamais me ocorreu que eu tomava um tempo que era necessário em outro lugar.*

— *Não é nada disso* — ele me deu um tapinha nas costas. — *Enviarei alguém para continuar a caminhada com você. E, enquanto você espera, você perguntou sobre a água, segure a minha mão.*

Fiz o que ele mandou. — *Feche os olhos* — ele me disse, pegando a Katie.

No instante em que cerrei os olhos, senti um movimento rápido. A sensação foi tão rápida que poderia ter sido apenas fruto da minha imaginação.

— *Você pode abrir agora* — Albert disse.

Abri e perdi a respiração. Estávamos à margem de um magnífico lago cercado por florestas. Olhei maravilhado para sua extensão, para sua superfície calma, exceto por pequenas ondas, a água clara como cristal, cada ondulação refratando a luz em um espectro de cores.

— *Nunca vi um lago tão bonito!* — maravilhei-me.

— *Achei que você gostaria dele* — ele disse, colocando Katie no chão. — *Vejo você mais tarde em minha casa* — Ele segurou meu braço e despediu-se. — *Fique em paz.*

Pisquei e ele se fora. Simplesmente sumiu. Nenhum *flash* de luz, nenhuma indicação de partida. Em um instante, ele estava lá, no seguinte, não estava. Olhei para Katie, ela não parecia nem um pouco surpresa.

Voltei-me para o lago. — *Ele me lembra do lago Arrowhead* — eu disse para Katie. — *Você se lembra do condomínio que tínhamos lá?* — Ela balançou a cauda. — *Era lindo, mas nada como isto. Lá, a*

folhagem marrom era sempre visível em meio ao verde, entulhos sujavam as margens e, às vezes, uma névoa de poluição pairava sobre o lago.

Este lago era perfeito e a floresta e o ar, perfeitos. Ann amaria isto, pensei.

Fiquei perturbado por, cercado de tanta beleza, ainda me lembrar da angústia de Ann. Por que eu não conseguia esquecer? Albert disse-me isso várias vezes. Por que, então, esta ansiedade persistia?

Sentei-me ao lado da Katie e acariciei sua cabeça. — *O que está errado comigo, Katie?* — perguntei.

Cruzamos nossos olhares. Ela entendeu, eu não duvidava mais disso. Eu podia quase sentir sua solidariedade.

Ela se sentou ao meu lado e tentou dissipar a angústia da minha mente pensando nos momentos que passamos no lago Arrowhead. Nos fins de semana durante o ano e, por até um mês durante o verão, nós íamos com as crianças. Eu ia bem na televisão naquela época e, além de uma casa no condomínio, tínhamos uma lancha que ficava guardada na Marina North Shore.

Passamos muitos dias de verão no lago. Pela manhã, depois do café da manhã, preparávamos um lanche, vestíamos nossos trajes de banho e íamos para a marina, Katie conosco. Íamos de lancha para um ponto favorito nosso na extremidade sul do lago onde as crianças, Richard e Marie, Louise, quando ela e o marido vinham nos visitar, colocavam os esquis e eram rebocados. Ian era pequeno demais na época, por isso compramos para ele um rebocável que ele batizou de capitão Zip. Ann também gostava de usá-lo porque ela tinha dificuldades em esquiar.

Pensei na imagem de Ann naquele rebocável, rindo, sem fôlego, enquanto saltava sobre a água verde-escura do lago. Pensei em Ian esquiando, sorrindo de alegria, sobretudo quando ele conseguia ficar de pé.

No almoço, ancorávamos na angra e comíamos nossos sanduíches e batatas fritas, bebíamos os refrigerantes gelados guardados em uma bolsa térmica. O sol aquecia nossas costas e eu

sentia um imenso e indescritível prazer em observar Ann e nossas adoráveis e bronzeadas crianças enquanto comíamos, conversávamos e ríamos juntos.

Lembranças felizes não estavam ajudando. Elas me faziam sentir mais melancólico sabendo que esses momentos jamais voltariam. Senti uma forte solidão dentro de mim. Sentia tanta falta de Ann, das crianças! Por que não disse a eles, mais vezes, como eu os amava? Gostaria tanto de compartilhar este lindo lugar, Ann e eu...

Estremeci, impaciente. Cá estava eu no paraíso, imagine só: paraíso! e, ainda assim, remoendo-me. Eu sobrevivera à morte, toda a minha família sobreviveria. Todos nós ficaríamos juntos de novo. Qual era o problema comigo?

— *Vamos, Katie* — eu disse, levantando-me rapidamente. — *Vamos dar uma volta. Cada vez mais eu gostava do que Albert tinha dito sobre a mente ser tudo.*

Quando começamos a andar pela margem do lago, pensei, por uns instantes, se Albert queria que eu ficasse onde ele me trouxera para que esse "alguém" pudesse me localizar. Então, me dei conta que, quem quer que fosse a pessoa, ela me encontraria pensando em mim.

Havia uma praia à nossa frente e começamos a caminhar por ela. A areia era macia sob nossos pés, não havia pedras ou seixos em nenhum lugar à vista.

Parei, ajoelhei-me e colhi um punhado de areia. Ela era fina, firme e consistente, mas suave ao toque; porém, inegavelmente coesa, parecia pó. Deixei parte dela escorregar entre meus dedos e observei os delicados grãos multicoloridos escorregarem. Ergui a mão e a olhei com atenção. Na forma e na cor, elas pareciam minijóias em miniatura.

Deixei o resto cair na praia e me levantei. A areia não parecia grudar na minha palma ou no joelho como aconteceria na Terra.

De novo, tive de balançar a cabeça, assombrado. Uma praia. Uma grande floresta cercava o lago. Céu azul sobre minha cabeça.

— *E as pessoas duvidam que exista vida após a morte* — eu disse a Katie. — *Eu mesmo duvidava. Incrível.* — Eu iria dizer esta última palavra muitas vezes de novo e com satisfação.

Aproximando-se da ponta do lago, observei-o com atenção, admirando as delicadas ondulações. A água parecia fria. Lembrando-me da gelidez do lago Arrowhead, coloquei meus dedos com vontade.

Suspirei ao sentir a água. Estava ligeiramente fria, emitindo vibrações prazerosas de energia. Olhei para Katie. Ela estava na água ao meu lado. Tive de sorrir. Ela jamais entraria na água quando era viva, ela sempre odiou isso. Aqui, ela parecia totalmente feliz.

Entrei no lago até que as águas alcançassem minhas canelas; o fundo era tão macio quanto a praia. Inclinei-me e coloquei a mão na água e senti a energia subindo pelo braço. — *Que sensação deliciosa, não é, Katie?* — eu disse.

Ela olhou para mim, balançando o rabo e, mais uma vez, senti uma grande felicidade vendo como ela parecia estar no auge de sua forma.Levantei, com um pouco de água na palma da mão. Ela alumiava com um brilho delicado e eu podia sentir sua energia pulsando em meus dedos. Como antes, ao cair da minha pele, ela não deixava nenhuma umidade.

Tentando descobrir se aconteceria o mesmo com meu robe, eu submergi até a água atingir meu peito. Katie não me seguiu, mas ficou na praia, observando-me. Não tive a impressão de que ela teve medo de me seguir, simplesmente que ela optou por esperar.

Agora, eu estava imerso na energia e continuei caminhando até a água chegar ao meu pescoço. Senti como se houvesse um manto à minha volta, vibrando sutilmente. Eu gostaria de poder descrever a sensação mais detalhadamente. O melhor que posso dizer é que era como uma revigorante descarga elétrica de baixa intensidade que recarregava cada célula do meu corpo.

Num impulso, inclinei-me para trás e senti meus pés e pernas boiando na água, balançando gentilmente. Olhei para o céu. *Por que não havia sol?*, pensei. Isso não me perturbou; era mais

agradável olhar para o sol sem um clarão para incomodar os olhos. Eu estava apenas curioso.

Outra coisa despertou minha curiosidade. Eu não podia morrer; eu já estava morto. Não, não morto, esta palavra é o termo mais incorreto da língua humana. O que quero dizer é que eu sabia que eu não podia me afogar. O que aconteceria se eu colocasse o rosto sob a água?

Virando-me deliberadamente, olhei sob a superfície. Meus olhos não ficaram incomodados por olhar debaixo da água. Além disso, eu conseguia ver tudo com clareza, o fundo imaculado, sem traços de pedras ou vegetação. No início, contido pelo hábito, prendi a respiração. Então, tomei coragem e respirei cautelosamente, esperando engasgar.

Em vez disso, meu nariz e minha boca foram banhados por um delicioso frescor. Abri a boca e a sensação espalhou-se pela garganta e peito, revigorando-me ainda mais.

Virando-me de costas, fechei os olhos, deitei-me no frio berço das águas e comecei a pensar nos momentos em que Ann, as crianças e eu desfrutávamos da piscina juntos. Todo verão, sobretudo no domingo, desfrutávamos de "dias com a família", como Ian costumava chamá-los.

Tínhamos um escorregador e Ann e as crianças adoravam descer por ele, esborrachando-se na água. Sorri, lembrando-me do grito de Ann, meio assustado de prazer, enquanto escorregava pelo declive, prendendo o nariz, os braços e pernas soltos no espaço, esparramando água por todos os lados, seu rosto brilhante emergindo.

Tínhamos uma rede de vôlei e jogávamos por longas horas, brincando, caindo na água, rindo. Então, Ann trazia pratos com frutas e queijo, uma jarra de suco. Sentávamos, conversávamos e, depois de um tempo, jogávamos vôlei e brincávamos no escorregador de novo durante horas. À tarde, eu colocava carvão na churrasqueira e grelhava frango ou hambúrgueres. Essas eram tardes adoráveis e longas e eu me lembro delas com alegria.

Lembro-me de que Ann não conseguiu nadar por um longo tempo depois que nos casamos. Ela tinha medo da água, mas finalmente criou coragem e tomou aulas de natações suficientes para voltar a nadar.

Lembro-me da época em que ela e eu estávamos no Clube Deauville em Santa Monica; fomos sócios por um tempo. Era uma tarde de domingo e estávamos na enorme piscina olímpica coberta e Ann treinava.

Tinha sido um mês terrível para nós. Quase nos divorciamos. Algo relacionado à minha carreira. A ansiedade de Ann não me permitia viajar. Eu perdera um grande trabalho de roteiro na Alemanha e estava mais irritado do que deveria. A insegurança financeira sempre fora um pesadelo para mim, algo do nosso passado, Robert, a separação de meus pais, os anos da Depressão. De qualquer maneira, eu ultrapassei os limites, Ann também e ela disse que queria que eu fosse embora.

Uma noite chegamos mesmo a discutir os detalhes da nossa separação. Isso parece incrível para mim agora. Eu me lembro muito bem daquela noite, um restaurante francês em Sherman Oaks, nós dois sentados e jantando, ambos sofrendo de indigestão enquanto discutíamos calmamente os detalhes do nosso divórcio. Item: manteríamos a casa em Woodland Hills? Item: deveríamos separar as crianças? Item: não, não posso continuar. Mesmo enquanto transmito essas palavras, eu sinto a terrível náusea daquela noite.

Chegamos muito perto, por um fio de cabelo. Ou foi o que pareceu. Talvez nunca tenhamos chegado tão perto assim. No entanto, na época parecia inevitável. Até o penúltimo momento. O momento após a discussão tranqüila, o momento de realmente nos separar, eu arrumando as malas e indo embora, deixando Ann para trás. Então, tudo desmoronou. Literalmente, era inconcebível para nós; como se, pelo divórcio, permitíssemos voluntariamente que fôssemos rasgados ao meio.

Aquele dia em Deauville foi o primeiro dia depois que nos reconciliamos.

A piscina parecia enorme, porque, exceto por nós, ela estava vazia. Ann começou a nadar de uma borda lateral a outra, pela parte mais funda. Ela tinha feito isso várias vezes e eu a abraçava quando ela conseguia, dez vezes mais efusivamente do que costumava fazer por causa da nossa reconciliação.

Agora, ela estava tentando de novo.

Ela estava no meio do caminho quando engoliu um pouco de água e começou a engasgar e afundar. Eu estava com ela e a agarrei rapidamente. Eu usava pés-de-pato e, batendo-os com rapidez, consegui manter ambos flutuando.

Senti seus braços apertando com força meu pescoço e vi a expressão de medo em seu rosto. — *Está tudo bem, querida* — eu disse. — *Estou com você.* — Eu estava feliz por estar de pés-de-pato ou não teria conseguido segurá-la.

Agora, a lembrança assumiu outra forma de novo. Senti-me um pouco apreensivo, mas confiante porque eu sabia, de algum modo, que aquilo já tinha acontecido, que eu a ajudaria a chegar à lateral da piscina onde ela seguraria a borda, assustada e ofegante, mas segura.

Desta vez foi diferente. Não conseguia levá-la à beirada. Ela estava pesada demais; minhas pernas não eram capazes de nos mover. Ela lutou cada vez mais, começou a chorar. — *Não me deixe afundar, Chris, por favor.*

— *Não vou, agüente firme* — eu disse. — Bati as pernas com o máximo de força possível, mas não consegui manter ambos flutuando. Nós dois submergimos, então, subimos de novo. Ann gritou meu nome, sua voz tomada pelo pânico. Afundamos de novo e vi seu rosto apavorado sob a água, ouvi-a gritar em minha mente — *Por favor, não me deixe morrer!* — Eu sabia que ela não podia falar as palavras, mas mesmo assim eu as ouvi claramente.

Tentei alcançá-la, porém a água tornou-se turva, não consegui mais vê-la claramente. Senti seus dedos segurando os meus, mas depois eles se soltaram. Estiquei as mãos na água, entretanto não consegui alcançá-la. Meu coração começou a bater

rápido. Tentei vê-la, mas a água estava escura e impenetrável. *Ann!* — pensei. Mexi-me, numa angústia desesperada, tentando achá-la. Eu estava lá. Esse era o horror da situação. Eu estava realmente naquelas águas, impotente e incapaz, perdendo Ann de novo.

UM FIM PARA O DESESPERO

–Olá!

Ergui a cabeça abruptamente, sacudido do sonho. Na margem, vi uma auréola de luz ao lado da Katie. Levantei-me e a olhei até ela se desfazer; foi quando vi uma jovem mulher ali, vestindo um robe de azul pálido.

Não sei por que eu disse isso. Era alguma coisa no seu jeito de se portar, a cor e o corte curto do seu cabelo, o fato de Katie parecer tão feliz em vê-la. — *Ann?* — perguntei.

Ela ficou em silêncio por alguns momentos e então respondeu — *Leona.*

Nesse momento, meus olhos viram. Era claro que não era Ann. Como poderia ser? Fiquei em dúvida, por alguns instantes, se Albert enviara esta mulher porque ela poderia me fazer lembrar de Ann. Eu não podia acreditar que ele faria isso e decidi que o pensamento era injusto. Além disso, ela não se parecia com Ann, eu via agora. O sonho fizera-me ver como eu queria, não como ela era.

Olhei para mim enquanto caminhava até a praia. A água escorria pelo meu robe. Ele estava seco antes de eu chegar à mulher.

Após acariciar a cabeça de Katie, ela se ergueu e estendeu a mão. — *Albert me enviou* — ela disse. Seu sorriso era muito simpático, sua aura era de um azul uniforme, quase da cor do seu robe.

Apertei sua mão. — *É um prazer conhecê-la, Leona* — falei. — *Creio que saiba meu nome.*

Ela confirmou com a cabeça. — *Você pensou que eu era sua esposa* — ela comentou.

— *Ela estava em meus pensamentos quando você chegou* — expliquei.

— *Uma lembrança agradável, tenho certeza.*

— *Ela era, quando começou* — respondi. — *Mas logo se tornou desagradável* — estremeci. — *Muito desagradável.*

— *Ah, sinto muito* — Ela segurou minhas mãos. — *Não há nada o que temer* — ela disse. — *Sua esposa vai se unir a você antes de que se dê conta.*

Senti um fluxo de energia emanando dela, similar ao da água. Claro que as pessoas teriam isso também, eu me dei conta. Não devo ter notado quando Albert segurou minha mão, ou talvez ambas as mãos necessitem ser seguradas para que o fluxo aconteça.

— *Obrigado* — respondi, enquanto ela soltava minha mão. — *Eu precisava pensar de maneira mais positiva. Duas pessoas diferentes disseram que Ann e eu ficaríamos juntos novamente. Claro que eu podia aceitar isso.*

Forcei um sorriso. — *Katie ficou feliz em ver você* — eu disse.

— *Ah, sim, somos boas amigas* — Leona respondeu.

Fiz um gesto em direção ao lago. — *Foi uma experiência e tanto ficar dentro da água* — comentei.

— *Com certeza* — enquanto ela falava, pensei, subitamente, de onde ela viera e havia quanto tempo ela estava na Terra do Verão.

— *Michigan* — ela me disse. — *Mil novecentos e cinqüenta e um. Um incêndio.*

Sorri. — *Vou levar um tempo para me acostumar com a leitura de mentes.*

— *Não é exatamente leitura de mente* — ela esclareceu. — *Todos nós temos privacidade mental, mas determinados pensamentos são mais acessíveis* — Ela fez um gesto em direção ao campo. — *Você gostaria de caminhar mais um pouco?* — ela perguntou.

— *Por favor.*

Quando começamos a nos afastar do lago, olhei para trás. — *Seria ótimo ter uma casa com vista para ele* — eu disse.

— *Tenho certeza de que você terá então.*

— *Minha esposa adoraria isso também.*

— *Você pode tê-la pronta quando ela chegar* — ela sugeriu.

— *Sim.* — A idéia me agradava. Algo definido para fazer enquanto esperava por Ann: a preparação da nossa nova casa. Isso,

além de trabalhar em um livro faria o tempo passar mais depressa. Senti um acesso de alegria. — *Aqui também há oceanos?* — perguntei.

Ela confirmou. — *Água pura. Calma e sem ondas. Nenhuma tempestade ou mar revolto.*

— *E barcos?*

— *Com certeza.*

Mais uma vez, uma sensação de alegria antecipada. Eu teria um barco a vela esperando por Ann também. Talvez ela preferisse uma casa na costa. Como ela ficaria feliz ao deparar com nossa casa dos sonhos esperando-a na praia, um barco a vela para ela se divertir.

Inalei profundamente o ar fresco e doce e me senti imensuravelmente melhor. Seu afogamento tinha sido apenas um sonho, um resto distorcido de um incidente desagradável do passado.

Era hora de me concentrar na minha nova existência.

— *Aonde Albert foi?* — perguntei.

— *Ele trabalha para ajudar os que estão nos domínios inferiores* — Leona disse. — *Sempre há muito que fazer.*

A frase "domínios inferiores" evocou uma sensação de mal-estar de novo. Os "outros" lugares dos quais Albert falara, os lugares "medonhos", eles eram tão reais, aparentemente, quanto a Terra do Verão. E Albert realmente ia até lá.

— *Como eles eram? Fiquei imaginando por que ele não mencionou isso* — eu disse, procurando evitar a ansiedade de novo.

— *Ele sabia que você precisava de uma introdução simples a este mundo* — Leona disse. — *Ele iria lhe contar no tempo certo.*

— *Estou atrapalhando ao ficar na casa dele?* — perguntei. — *Eu deveria arranjar uma para mim?*

— *Não sei se isso é possível ainda* — ela respondeu. — *Mas não se sinta desconfortável por se hospedar na casa de Albert. Sei que ele está feliz por você estar aqui.*

Concordei, pensando no que ela queria dizer por ainda não ser possível para mim ter a minha própria casa.

— *Temos de ganhar o direito* — ela respondeu à minha pergunta silenciosa. — *Isso acontece a quase todos. Levei um longo tempo para conseguir a minha própria casa.*

Percebi, pelo que ela dissera, como Albert fora gentil comigo ao não me contar, naquele momento, que eu não tinha opção a não ser ficar com ele. *Não importa,* pensei. Isso não me incomodava. Nunca fui contrário a ganhar minha própria vida.

— *Albert deve ser bem avançado* — falei.

— *Ele é. Tenho certeza de que reparou na aura e no robe dele.*

Muito bem, pensei. *Faça perguntas, comece a aprender.* — *Estou curioso sobre a aura* — eu disse. — *Você pode me dizer alguma coisa sobre ela? Por exemplo, ela existe em vida?*

Para aqueles que conseguem vê-la, ela me contou. Ela significa a presença do duplo etérico e do corpo espiritual. O duplo etérico existe dentro do corpo físico até a morte e o corpo espiritual existe dentro do duplo etérico até a segunda morte, cada um possuindo seu próprio cordão de prata. A corda que conecta o corpo físico ao duplo etérico é a mais grossa, a que conecta o duplo etérico ao corpo espiritual possui cerca de três centímetros de diâmetro. Uma terceira corda, fina como teias de aranha, conecta o corpo espiritual ao... bem, ela não tinha certeza, Robert. — *Espírito puro, imagino* — ela disse. — *Aliás, o motivo de eu saber sobre a aura é porque isso é parte do meu campo de estudo aqui.*

— *Você não acredita que Albert possa ter pensado que eu faria uma pergunta assim, não é?* — perguntei.

Seu sorriso foi minha resposta.

Ela continuou dizendo que a aura do duplo etérico alcança cerca de três ou seis centímetros além dos limites do corpo físico, a aura do corpo físico vai alguns pés[3] além do duplo etérico, ficando mais luminosa quanto mais distante do efeito atenuador do corpo.

Ela me disse que as auras parecem todas diferentes, a gama de cores são ilimitadas. As pessoas incapazes de pensar em qualquer coisa além de sensação material possuem auras que vão de vermelho ao marrom. Quanto mais baixos seus conceitos, mais escuras são as

cores. As auras de almas infelizes emanam um verde profundo e depressivo. Uma radiação cor de lavanda significa que a pessoa está adquirindo uma consciência mais espiritual. Um amarelo pálido significa que o indivíduo está triste e sente saudade da vida perdida na Terra.

— *Não há dúvida de que a minha se parece com essa* — eu disse a ela.

Quando ela não respondeu, sorri. — *Eu sei* — eu disse. — *Também não há espelhos.*

Ela sorriu.

— *Serei positivo* — jurei. — *Vou pôr fim ao desespero aqui.*

CONHECER O DESTINO DE ANN

–Aí está — Leona disse.

Olhei à minha frente, reagindo com assombro à vista. Eu estava prestando tanta atenção às suas palavras que não notei a cidade a alguma distância de nós.

Digo uma cidade, Robert, mas como é diferente de uma cidade na Terra. Não há uma nuvem de poluição sobre ela, nenhuma fumaça ou barulho de trânsito. Em vez disso, uma série de prédios maravilhosos de todos os tamanhos, nenhum deles com mais de dois ou três andares de altura, todos envoltos por um silêncio tranqüilizador. Você já esteve no Music Center em Los Angeles. Isso pode lhe dar uma pálida idéia da claridade de linha que vi, o uso de espaço para equilibrar a massa, a sensação de calma uniformidade.

O que me chamou a atenção foi como era possível vê-la claramente apesar da nossa distância dela. Todos os detalhes se destacavam. Um fotógrafo diria que era uma perfeição de foco, profundidade e cor.

Quando mencionei isso a Leona, ela me disse que possuíamos o que poderia ser chamado de visão telescópica. A descrição é, de novo, inadequada, o fenômeno é muito mais complexo que mera telescopia. De fato, a distância é eliminada como um fator para a visão. Se uma pessoa olha para alguém a centenas de metros de distância é possível ver até a cor de seus olhos sem que a imagem seja ampliada. Leona explicou que o corpo espiritual consegue projetar um sensor de energia sobre o objeto sob inspeção. Em essência, a habilidade é mental.

— *Você quer ir rapidamente até lá ou continuaremos caminhando?*

Eu disse a ela que estava gostando da caminhada caso isso não tomasse muito tempo, eu não queria cometer o mesmo erro com

ela que havia cometido com Albert. Ela respondeu que passava por um período de descanso e estava feliz em caminhar comigo.

Chegamos a uma linda ponte que cortava um regato de águas rápidas. Ao cruzarmos a ponte, parei e olhei a água correndo. Ela parecia cristal líquido, cada movimento cintilando com as cores do arco-íris.

Virando a cabeça, inclinei-me, curioso. — *Isso parece... música?* — perguntei, assombrado.

— *Todas as coisas emitem uma espécie de música* — ela me disse. — *Quando fizer algum tempo que estiver aqui, você a ouvirá em toda parte. Como o movimento desta água é muito rápido, o som é mais fácil de notar.*

Balancei a cabeça, admirado, enquanto o som continuava se manifestando em uma espécie de melodia sem forma, mas melódica. Pensei, por um momento, na peça favorita da minha mãe, *Die Moldau*. Será que Smetana sentiu aquela música nas águas correntes do rio?

Olhando para o regato, lembrei-me de um córrego perto do Lago Mammoth. Estacionamos o *trailer* ao seu lado e durante toda a noite ouvimos a água batendo nas pedras, um som adorável.

— *Você parece triste* — Leona disse.

Não consegui reprimir um suspiro. — *Estou me lembrando* — eu disse — *de uma viagem que fizemos.* — Tentei esquecer o sentimento de depressão, realmente tentei, mas de novo, fui tomado por ele.

— *Desculpe-me* — falei. — *Parece que, quanto mais coisas belas vejo pior fico porque eu quero compartilhar isso com minha família, sobretudo com minha esposa.*

— *Você vai* — ela me disse.

— *Espero que sim* — murmurei.

Ela pareceu surpresa. — *Por que você disse isso?* — ela perguntou. — *Você sabe que a verá de novo.*

— *Mas quando?* — perguntei.

Ela me olhou durante alguns minutos antes de responder. — *Você gostaria de saber?*

Retruquei rapidamente — *O quê?*

— *Há um cartório na cidade* — ela me disse. — *Sua principal função é manter um registro das pessoas recém-chegadas, mas eles também podem fornecer informações sobre aqueles que ainda virão.*

— *Você quer dizer que posso descobrir quando Ann vai se unir a mim?* — Parecia ser bom demais para ser verdade.

— *Vamos perguntar* — Leona me disse.

Respirei, trêmulo. — *Não vamos caminhar, por favor* — eu disse. — *Muito bem* — ela acenou, compreensiva e esticou a mão. — *Albert me disse que você viajou com a força da mente um pouco, mas...*

— *Sim, por favor, ajude-me* — eu disse, interrompendo-a com minha excitação.

— *Espere aqui, Katie* — ela disse e pegou minha mão.

Fechei os olhos. Aquela sensação indescritível de movimento de novo. Sem referências visuais. Eu estava mais consciente disso mentalmente do que fisicamente; não havia vento, vertigem ou sensação de pressão.

Quando abri os olhos, um instante depois, estávamos na cidade, em uma ampla avenida pavimentada — qual é a palavra adequada? — com grama. Era possível ver que a cidade era organizada como Washington, um enorme eixo central com raios de vias públicas irradiando a partir dele, e nós estávamos em uma delas. Em ambos os lados havia prédios com calçadas ou escadarias levando até eles, feitas de um material parecido com alabastro, tudo em delicados tons pastel.

Os prédios aqui são grandes, não altos — em forma de círculo, retângulo ou quadrado, magnificamente desenhados com linhas simples, construídos com o que parecia ser mármore translúcido. Cada construção é cercada por terrenos suntuosos em que havia lagos, riachos, córregos, quedas d'água e pequenos lagos. Minha impressão imediata, e avassaladora, era de espaço.

Vi um prédio mais alto no centro da cidade e perguntei a Leona o que era. Ela me disse ser um lugar de descanso para aqueles cuja vida terminara de modo violento ou por doenças longas e

debilitadoras. Pensei em Albert quando ela disse aquilo. Ao olhar o prédio, vi uma luz azul brilhando sobre ele. Leona me disse que era um feixe de luz de vibração curativa.

Esqueci-me de mencionar que, quando abri os olhos, vi muitos halos de luz movendo-se, por breves instantes, que se desvaneciam para revelar pessoas andando. Nenhuma delas parecia surpresa pela nossa aparição súbita, mas sorriam e acenavam quando passavam por nós.

— *Por que vejo todos como luz primeiro?* — perguntei.

— *Há uma energia tão poderosa no corpo espiritual que seus raios tampam a visão de quem não está acostumado a ela* — ela explicou. — *Você vai se ajustar* — ela segurou meu braço. — *O cartório é por ali.*

Sei que parece estranho eu falar do batimento acelerado do meu coração. Mas ele batia fortemente. Eu estava prestes a descobrir quanto tempo eu teria de esperar antes de Ann e eu nos reunirmos de novo e o suspense era sufocante. Talvez tenha sido para evitar uma reação como essa que Albert não me falou sobre o Cartório de Registros. Ele pode ter pensado que seria melhor que eu simplesmente soubesse que ela iria se juntar a mim e não estava preocupado sobre quanto tempo isso levaria. Eu me lembrei que Leona hesitou antes de me contar. O que eu estava prestes a fazer provavelmente não era encorajado, concluí.

O pavimento em que estávamos agora parecia um alabastro suave e branco que, embora parecesse sólido, dava a sensação de flexível sob os pés. Entramos em uma grande praça com árvores frondosas e todos os tipos de relvados imaculados. No centro da praça, com cinco caminhos levando até ele, havia uma imensa fonte circular com cerca de uma dúzia de jatos de água. Se eu não estivesse tão ansioso, teria me encantado com os sons musicais emitidos pela água derramada.

Leona me contou — será que foi para me distrair? — que todo tom era criado por uma combinação de jatos menores, cada um representando uma nota. Toda a fonte poderia ser, e era, em alguns momentos, manipulada para que uma peça musical complexa

pudesse ser tocada como se fosse um órgão. Naquele momento, a fonte estava emitindo uma série de acordes harmônicos.

— *A nossa frente estava o Cartório de Registros* — Leona me disse. Tentei manter um passo firme, mas eu acelerava cada vez mais. Eu não conseguia evitar. O que eu mais queria saber neste incrível novo mundo era o destino de Ann.

QUANDO ANN IRIA SE UNIR A MIM

O interior do Cartório de Registros era imenso e contava com milhares de pessoas, segundo Leona. Apesar disso, havia poucos sinais de barulho e agitação como haveria se fosse na Terra.

Tampouco existia burocracia. Em minutos, levando em consideração que uso um termo para o tempo na Terra que não é válido aqui, eu estava em uma câmara privada com um homem que me fez sentar diante dele e olhar em seus olhos. Como todos que eu encontrara ou vira, ele era extremamente cordial.

— *Qual é o nome da sua esposa?* — ele perguntou.

Eu lhe disse e ele balançou a cabeça. — *Pode se concentrar nela?* — ele disse.

Pensei em como ela era: seus cabelos grisalhos, o corte curto, olhos grandes e castanhos, seu pequeno nariz voltado para cima, seus lábios e as orelhas delicadas. — *É bom ser casado com uma linda mulher* — eu costumava dizer a ela. Ela sorria com prazer, então, invariavelmente, balançava a cabeça e respondia — *Eu não sou linda.* — Ela acreditava nisso também.

Pensei em sua figura alta e graciosa. Ela tomou forma em minha mente como se estivesse diante de mim. Ann sempre andou com charme. Lembro-me de seus movimentos com prazer. Lembrei-me do calor e da suavidade da pele quando fazíamos amor.

Pensei em sua bondade, sua paciência com as crianças. Sua compaixão pelos que sofriam, tanto animais quanto pessoas. Lembrei-me de como ela cuidava de nós com cuidado e atenção quando adoecíamos. De como ela cuidava de cães, gatos e pássaros enfermos. Ela tinha uma maravilhosa empatia com eles como eu nunca vira igual.

Pensei em seu senso de humor, que ela raramente demonstrava. As crianças e eu sempre brincávamos e Ann ria

conosco. Ela mantinha seu próprio humor sob controle porque ela pensava que ele não existia. — *Você é o único que ri das minhas piadas* — ela costumava dizer.

Pensei em sua fé em mim em todos os anos de tentativa para obter sucesso como roteirista. Em nenhum momento ela duvidou que eu conseguiria. — *Eu sempre soube que você chegaria lá* — ela me disse mais de uma vez. Simplesmente, com total convicção.

Pensei em sua criação difícil, seu pai rígido, e muitas vezes ausente, que servia na Marinha, sua mãe errática, imatura e, no final das contas, gravemente enferma. Sua infância infeliz, suas inseguranças, sua crise nervosa e o início da análise. Os anos necessários para ela ganhar confiança em si mesma. As horríveis ansiedades que ela sofreu nas poucas ocasiões em que tive de viajar, não importando a distância. Seu pavor de viajar, de perder o controle emocional na frente de estranhos. Ainda assim, apesar desses temores, sua coragem em...

— *Muito bem* — disse o homem, calmamente.

Foquei meu olhar nele. Ele sorria. — *Você tem um grande apreço por ela* — ele disse.

— *Sim, tenho.* — Olhei-o ansiosamente. — *Quanto tempo levará antes que você saiba?*

— *Vai demorar um pouco* — ele disse. — *Temos muitos pedidos assim, sobretudo de recém-chegados.*

— *Desculpe-me por pressioná-lo* — eu disse. — *Sei que você deve ser muito ocupado. Mas estou terrivelmente ansioso.*

— *Por que você e sua jovem acompanhante não dão uma volta?* — ele sugeriu. — *Passeiem pela cidade, então, voltem. Até lá já saberemos.* Eu estava decepcionado, admito. Pensei que seria possível descobrir instantaneamente, que a informação estivesse armazenada.

— *Gostaria que fosse tão simples* — ele disse, captando meus pensamentos. — *Isso exige um processo altamente complexo de elos de pensamento.*

Eu aquiesci.

— *Não vai demorar* — ele me reassegurou.

Agradeci-lhe e ele me levou de volta a Leona. Eu estava calado quando deixamos o prédio e ela me disse para não desanimar.

Fiz um esforço para me alegrar. Afinal, eu não estava melhor agora do que antes? Pensei que teria de esperar todos esses anos por Ann sem jamais saber quando ela chegaria. Agora, pelo menos, eu saberia quanto tempo levaria. Isso me daria um objetivo.

Jurei que não ficaria desanimado pelo que descobrisse. Ann tinha apenas 48 anos. Ela, sem dúvida, ainda teria 30 ou 40 anos pela frente. E eu não iria querer de outro modo. Eu esperaria feliz o tempo que fosse necessário.

— *Vamos passear pela cidade até você obter sua resposta?* — Leona perguntou.

— *Está bem* — Sorri para ela. — *Agradeço-lhe sua bondade e sua companhia.*

— *Estou feliz em estar com você.*

Observei os diferentes prédios enquanto cruzávamos a praça. Eu estava prestes a perguntar sobre eles quando esbarrei acidentalmente em outro homem. Esta não é realmente uma descrição adequada. Na Terra, talvez um esbarrão desse tipo causasse alguma dor. Aqui, parecia que eu tinha batido em uma almofada de ar. Então, o homem passou por mim sorrindo e me dando um tapinha no ombro.

Perguntei a Leona o que tinha acontecido e ela me disse que meu corpo é cercado por um campo de energia que evita colisões. Apenas quando o contato é desejado o campo é neutralizado, como no momento em que o homem tocou meu ombro para me tranqüilizar.

Enquanto dávamos a volta pela fonte, perguntei a Leona como os prédios eram construídos. Eu estava determinado a não ficar obcecado pela importante mensagem que viria do Cartório de Registros.

Ela me disse que os prédios eram planejados por pessoas que entendiam disso em vida ou que aprenderam na Terra do Verão.

Eles criam a imagem do modelo de um prédio na mente, que aparece da matriz. Eles corrigem o modelo conforme for necessário, então instruem aqueles que eram construtores na Terra, ou que aprenderam aqui, e, juntos, com a mente de todos em uma concentração unificada, eles fazem a matriz criar uma impressão em escala real da estrutura. Eles param antes de ela ser completada, corrigem até ficar perfeita e então prosseguem até a solidificação ocorrer.

— *Eles apenas se concentram em um espaço vazio?* — perguntei, perplexo com a idéia.

— *Não é realmente vazio, é claro* — ela disse. — *Eles ficam diante do local desejado e pedem ajuda às esferas mais altas. Em instantes um feixe de luz desce, outro feixe concentrado é projetado pelos construtores e arquitetos e, com o passar do tempo, a concepção ganha densidade.*

— *Eles parecem tão reais* — eu disse.

— *Eles são reais* — ela respondeu. — *E, embora sejam criados pelo pensamento, eles duram muito mais do que na Terra. Aqui não há erosão e os materiais jamais deterioram com o tempo.*

Perguntei a ela se alguém vivia na cidade e ela respondeu que aqueles que preferiam viver em cidades na Terra preferem viver aqui também. Claro que as desvantagens que eles sofriam na Terra não existem aqui: lugares lotados, crime, ar irrespirável, congestionamentos.

As cidades, ela disse, são principalmente centros de ensino e estudos: escola, faculdades, universidades, galerias de arte, museus, teatros, salas de concerto, bibliotecas.

— *Peças escritas na Terra são apresentadas nos teatros?* — perguntei.

— *Se forem apropriadas* — ela disse. — *Mas nada que é sórdido. Nada concebido apenas para atormentar o público.*

— *Albert mencionou uma vez uma frase de uma peça que ele não pôde ver na Terra.*

— *Ele pode tê-la visto aqui* — ela disse. — *Ou na Terra. É possível quando alguém é avançado o suficiente para visitar a Terra.*

— *E suas pessoas?*

Leona sorriu, compreensiva. — *Você conseguirá vê-la mais tarde, se você quiser* — ela disse. — *Mas então, talvez você não queira isso.*

— *Não vou querer?* — eu não conseguia entender como ela podia dizer uma coisa dessas.

— *Não porque sua devoção tenha diminuído* — ela explicou — *mas por que sua presença pode não fazer bem a ela e, bem, porque descer para aquele nível não é nada agradável.*

— *Por quê?* — perguntei.

— *Porque...* — ela hesitou por um segundo ou dois antes de prosseguir — *uma pessoa precisa rebaixar todo o seu sistema para se ajustar a ele, o que pode ser física e mentalmente desconfortável.* — Ela sorriu e tocou meu braço. — *É melhor evitar isso* — ela disse.

Aquiesci, mas não conseguia acreditar que eu iria querer evitar isso. Se, além de saber quando Ann iria se unir a mim, eu pudesse vê-la de tempos em tempos, a espera poderia ser suportável.

Eu estava prestes a fazer outra pergunta quando reparei, como Leona previra, os halos de luz começavam a esvanecer e eu conseguia ver as pessoas com mais clareza. Eu confesso que fiquei momentaneamente surpreso ao ver outras raças além da minha. Percebi então, como eu raramente os vira em vida, sobretudo em casa, e como isso cria uma visão terrivelmente limitada.

— *O que um segregacionista fanático diria?* — perguntei, enquanto passamos por um homem negro e trocamos sorrisos com ele.

— *Duvido que ele estivesse na Terra do Verão* — Leona disse. — *Qualquer um que não consegue entender que o que é importante na alma de um homem não é a cor da pele jamais seria feliz aqui.*

— *Todas as raças vivendo em harmonia* — eu disse. — *Isso só podia acontecer aqui.*

Fiquei chocado ao ver um sorriso triste em sua face. — *Infelizmente, é verdade.*

Quando passamos por um homem que tinha somente um braço, Leona notou meu sobressalto conforme me virei para olhá-lo.

— *Como isso pode acontecer?* — perguntei. — *Este não é o lugar da perfeição?*

— *Ele também é um recém-chegado* — ela explicou. — *Em vida, ele tinha apenas um braço e como o corpo espiritual responde totalmente à mente, ele reflete a convicção dele sobre o braço que falta. Quando ele entender que ele pode ser um todo, o braço vai reaparecer.*

— *Incrível.* — Eu disse isso de novo, Robert, e tenho certeza de que você também diria. Olhei para a cidade e sua beleza esplendorosa e senti uma imensa alegria. Agora eu poderia ficar fascinado por tudo à minha volta porque, dentro de pouco tempo, eu saberia quando Ann iria se unir a mim.

SEM CERTEZA DA RESOLUÇÃO

Nós nos aproximávamos de uma estrutura de dois andares que, como as outras, tinha a textura e a translucidez do alabastro, que Leona me disse ser o *Hall* da Literatura.

Subimos pelos largos degraus e entramos. Como no Cartório de Registros, havia muita gente lá dentro, mas o silêncio era quase total. Leona levou-me a uma sala grande de teto alto, cujas paredes estavam tomadas por livros. Espalhadas pela sala havia grandes e atraentes mesas e centenas de pessoas sentadas, lendo.

Percebi, abruptamente, por que era tão silencioso, a principal fonte de som estava ausente porque conversávamos com a mente. — *Podemos conversar sem perturbar ninguém* — eu disse. — *Uma biblioteca perfeita.*

Ela sorriu. — *Isso mesmo.*

Olhei em volta da sala. — *Que tipo de livros são esses?*

— *A história de cada nação da Terra* — ela disse. — *E como ela aconteceu. Nada é suprimido.*

— *Isso deve ser uma revelação chocante* — eu disse, pensando na quase impossibilidade, na Terra, de tentar estabelecer a verdade na história.

— *De fato* — Leona concordou. — *Os livros de história da Terra são basicamente ficção.*

Caminhamos pela sala e reparei que, como todo objeto na Terra do Verão, os livros também emitiam uma fraca, mas visível radiação.

— *Existem livros aqui que foram publicados na Terra?* — perguntei, lembrando-me dos meus roteiros na casa de Albert.

Leona concordou com a cabeça. — *Assim como alguns que ainda serão publicados lá.*

— *Como isso funciona?*

— *O conteúdo será impresso na mente de pessoas vivas.*

— *Eles saberão que não escreveram o livro?*

— *Esta é uma questão complicada* — Leona disse. — *De modo geral, eles não sabem.*

— *Eu gostaria de ler um deles* — eu disse.

— *Normalmente, eles não estão disponíveis* — ela disse. — *Aqueles que o lêem, podem de alguma maneira, desfigurá-los; como, eu não tenho certeza. Uma vez eu queria ler um livro e me disseram que como tudo aqui é mental, meus pensamentos poderiam alterar o conteúdo do livro.*

Ela me levou para outra sala que era destinado a livros sobre mediunidade, ocultismo, metafísica. Ao caminhar em meio às estantes, senti que as emanações emitidas por eles eram mais poderosas do que as da sala de história.

Ela se deteve diante de uma das estantes e retirou um volume, entregando-o a mim. Suas vibrações eram desagradáveis. — *É costume mostrar primeiro aos visitantes este livro ou algum parecido com ele* — Leona disse.

Virei o livro e li o título na lombada: *A falácia da vida após a morte.* Apesar da sensação desconfortável que ele causava, tive de sorrir — *irônico, pelo menos.*

Quando coloquei o livro de volta na estante, voltei a sentir uma ansiedade em relação a Ann. Ela não acreditava na vida após a morte; eu a ouvi dizer isso. Seria possível que ela, literalmente, se recusasse a aceitar as evidências de seus sentidos?

— *Eu não me preocuparia com isso* — Leona disse. — *Ela acreditará em você. O resto é conseqüência.*

Não descreverei nosso passeio completo pelo *Hall* da Literatura, isso não é realmente parte da minha história. É suficiente dizer que o prédio e seu conteúdo eram impressionantes. Quando comentei que o estudo de todo aquele conhecimento poderia ser intimidante, Leona lembrou-me de que eu tinha um tempo ilimitado para estudar.

Quando deixamos o prédio, voltei-me para ela, questionando-a com o olhar.

— *Não acredito que já esteja pronto* — ela disse.

— *Está bem* — concordei. — *Paciência. Um pouco mais de tempo e você saberá* — pensei.

— *Você gostaria de ver uma de nossas galerias de arte?* — Leona perguntou.

— *Boa idéia.*

Ela apertou meu braço. — *Logo estará disponível.*

Trocamos um sorriso. — *Desculpe-me por ser tão egoísta* — eu disse. — *Não fiz uma única pergunta sobre você.*

— *Há muito tempo para isso* — ela respondeu. — *Sua prioridade é sua esposa.*

Eu estava prestes a responder quando outra surpresa aconteceu. Uma mulher passou por nós, caminhando de forma estranha e errática, como se estivesse em coma, andando debaixo d'água. Por alguns instantes, ela me lembrou da minha figura de cera que eu vira na sessão espírita e senti um calafrio. — *Quem é ela?* — perguntei.

— *Ela ainda está viva* — Leona disse. — *Seu espírito viaja até aqui no sono. Isso acontece de vez em quando.*

— *Ela não sabe que está aqui?*

— *Não. E provavelmente não se lembrará quando acordar.*

Virei-me para observar a mulher movimentar-se lenta e mecanicamente e vi um cordão prateado, preso ao topo da sua cabeça, elevar-se no ar até sumir. — *Por que as pessoas não se lembram?* — perguntei.

— *Porque a lembrança está na mente espiritual e o cérebro físico é incapaz de guardá-las* — Leona respondeu. — *Disseram-me que há pessoas que fazem uma jornada astral até aqui e têm plena consciência disso tanto durante quanto depois, mas nunca vi uma.*

Observei a mulher afastando-se e não consegui evitar o pensamento: *Gostaria que Ann pudesse fazer isso*. Mesmo que ela não soubesse o que estava acontecendo. Eu poderia vê-la por alguns instantes, até mesmo tocá-la. O pensamento encheu-me de uma saudade tão aguda que era algo quase físico. Lembrar-se de seu calor

e suavidade contra meu corpo, eu poderia literalmente sentir isso na minha pele.

Com um som doloroso, voltei-me para Leona e encontrei-a sorrindo, compreensiva. Retomei o sorriso com um esforço. — *Não sou uma boa companhia, eu sei* — disse a ela.

— *Claro que você é.* — Ela segurou minha mão. — *Venha, daremos uma breve olhada na galeria, então descobriremos quando ela estará com você de novo.*

O prédio à nossa frente era circular, com uma parede externa de mármore tomada por belos desenhos esculpidos de flores e folhagem.

Seu interior era enorme, contendo o que parecia ser uma galeria curva e interminável, em cujas paredes estavam penduradas lindas pinturas. Grupos de pessoas examinavam as obras, muitos eram professores com seus alunos.

Reconheci um Rembrandt e comentei como a reprodução era perfeita. Leona sorriu. — *A que está na Terra é uma reprodução* — ela informou. — *Este é o original.*

— *Não entendo.*

O quadro que estava diante de mim era o Rembrandt que eu tinha em mente, ela explicou; tão perfeito como seu gênio poderia imaginá-lo. O que ele fez na Terra para reproduzir aquela imagem mental perfeita estava sujeito às limitações do seu cérebro e corpo e foi criado com materiais que se deterioravam. Esta era a visão absoluta — pura e eterna.

— *Você quer dizer que todos os artistas na Terra apenas reproduzem quadros que já existem aqui?*

— *Eles existem porque eles os criaram* — Leona disse. — *Foi o que eu quis dizer quando falei que a questão sobre se uma pessoa sabe se está recebendo impressões criativas é complexa. Os pensamentos de Rembrandt primeiro criam seu quadro a partir da matriz, então ele a reproduz em termos físicos. Se fôssemos especialistas, seríamos capazes de ver como esta pintura aqui é muito mais perfeita do que aquela na Terra.*

Toda obra de arte aqui está viva. As cores brilham com realidade. Cada pintura parece quase — não é uma boa descrição,

mas é o mais próximo do que consigo chegar — tridimensional, possuindo todas as qualidades do relevo. De perto, elas parecem cenas reais em vez de representações planas.

— *Em vários aspectos, acredito que as pessoas mais felizes aqui são os artistas* — Leona disse. — *Aqui, a matéria é muito sutil, mas também muito fácil de manipular. A criatividade do artista pode ser realizada sem limitações.*

Fiz um grande esforço para manter um interesse no que ela me mostrava e explicava, e era fascinante. Ainda assim, apesar de todo o esforço, lembranças sobre Ann continuavam emergindo. Tudo aquilo ficou para trás quando Leona disse — *Acho que podemos descobrir agora* — Soltei um suspiro incontrolável de alívio. — *Podemos ir até lá por meio do pensamento?* — perguntei.

Ela sorriu e segurou minha mão. Desta vez não fechei os olhos e ainda assim não consegui acompanhar a viagem. Estávamos na galeria; pisquei, e o homem do Cartório de Registros estava diante de nós.

— *Sua esposa está programada para trocar de mundo aos 72 anos* — ele disse.

Vinte e quatro anos, foi meu pensamento imediato. Era um prazo terrivelmente longo.

— *Lembre-se de que o tempo é medido de modo diferente na Terra do Verão* — ele disse. — *O que parece uma eternidade na Terra pode passar rapidamente aqui se você estiver ocupado.*

Eu lhe agradeci; então, Leona e eu deixamos o Cartório de Registros. Continuei a caminhar com ela. Puxei conversa, sorri e até mesmo ri. Mas havia algo errado. Eu pensava sem parar: *está tudo acertado agora. Em 24 anos estaremos juntos de novo. Eu me concentraria nos estudos e em atividades, prepararia uma casa para nós. Exatamente o que ela gostaria. À beira do mar. Com um barco. Estava tudo acertado.*

Por que, então, não me sentia confiante?

A CONEXÃO DESALENTADORA

O terrível ponto de virada ocorreu logo depois. Não consigo expressar o intervalo preciso, não sei dizer com certeza. Apenas sei que o choque veio terrivelmente cedo.

Eu estava decepcionado por ter de esperar tanto tempo pela Ann. Albert me disse para não me concentrar na espera, mas na certeza de que aconteceria.

Tentei. Tentei de verdade. Fiz um esforço para me convencer de que minha inquietação era injustificável, que não tinha fundamento em relação a Ann.

Comecei a me ocupar com outras coisas.

Em primeiro lugar, nosso pai. Eu o vi uma vez, Robert. Ele está em outra parte da Terra do Verão. Albert levou-me para vê-lo e nós conversamos. Então, fui embora.

Isso soa estranho para você? Creio que sim à luz do seu relacionamento com ele. Lamento se isso gera uma discordância entre nós, mas o sangue não é mais grosso que água aqui. A empatia é uma questão de pensamentos, não de genes. Indo direto ao ponto, ele morreu antes que eu tivesse uma chance de conhecê-lo. Ele e mamãe separaram-se quando eu era muito novo, por isso não foi construída uma afinidade. Embora eu tenha ficado feliz em vê-lo e ele a mim, nenhum de nós sentiu necessidade de estreitar a ligação. Mas ele é um bom homem. Teve seus problemas, mas sua dignidade é inquestionável.

Aqui somos divididos por afetos em vez de quilômetros, Albert disse. Você já viu, pessoalmente, como minha ligação com Ann e nossos filhos é forte. E tenho certeza que, se mamãe falecesse enquanto eu ditasse esse diário para você, nosso relacionamento seria muito mais próximo porque assim foi em vida.

Tio Eddy e tia Vera não estão juntos. Ele tem uma vida simples, em um lugar adorável onde ele cuida do jardim. Sempre achei que ele não se sentia realizado em sua vida. Aqui, ele é.

Tia Vera encontrou o "paraíso" que ela queria e acreditava que acharia, totalmente religioso. Ela vai à igreja praticamente o tempo todo. Eu vi o edifício. Ele se parece exatamente com a igreja que ela freqüentava na Terra. A cerimônia também é idêntica, Albert me contou. *Sabe, Chris, estávamos certos,* tia Vera me disse. E, enquanto ela acreditar nisso, sua Terra do Verão ficará contida dentro dos limites daquela convicção. Não há nada de errado com isso. Ela está feliz. O problema é que essa convicção é limitada. Repetindo: há muito mais.

Um item final. Descobri que Ian tem rezado por mim sem contar a ninguém. Albert me disse que meu estado pós-morte teria sido muito pior se não fosse por isso. "Uma prece por ajuda sempre facilita a experiência" foram as palavras dele.

Agora volto ao meu relato.

Tudo começou na casa de Albert, uma reunião com seus amigos. Eu direi que era noite porque havia uma espécie de crepúsculo no céu, uma luz suave e relaxante.

Não tentarei contar tudo o que eles conversaram. Embora eles tivessem tentado me incluir na conversa, a maior parte estava muito além da minha compreensão. Eles falaram muito sobre os "domínios" acima deste. Níveis nos quais a alma em evolução torna-se uma com Deus — sem forma, independente do tempo e da substância embora ainda consciente da identidade pessoal. Sua discussão era intrigante, mas muito acima da minha capacidade, assim como da de Katie.

Pensei que eu era apenas parte do pano de fundo. No entanto, quando pensei, em reação ao encontro e ao que eles discutiam, todos nós estamos mortos, Albert voltou-se para mim

com um sorriso. — *Ao contrário* — ele disse. — *Todos nós estamos muito vivos.*

Desculpei-me pelo pensamento.

— *Não é preciso* — Ele colocou a mão sobre meu ombro e o apertou com firmeza. — *Sei como é difícil. Considere isto, se você, aqui, pode pensar assim, visualize como é muito mais difícil para qualquer um na Terra conceber a vida após a morte.*

Fiquei pensando se ele estava tentando me reassegurar sobre a incapacidade de Ann de conceber a idéia.

— *Com certeza um dos grandes infortúnios do mundo é que praticamente ninguém tem qualquer idéia do que esperar quando a morte chega* — Leona lembrou.

— *Se os homens encarassem a morte do mesmo modo como encaram o sono, todos os medos deixariam de existir* — um homem chamado Warren disse. — *Os homens dormem felizes, seguros de que acordarão na manhã seguinte. Eles deveriam ter o mesmo sentimento sobre o fim de sua vida.*

— *Não poderiam inventar algo que permitisse ao olho humano ver o que ocorre no momento da morte?* — eu disse, tentando não pensar em Ann.

— *Um dia isso será inventado* — uma mulher chamada Jennifer me assegurou. — *Um aparelho parecido com uma câmera que fotografará a separação do verdadeiro eu do corpo.*

— *Precisamos mais ainda* — Albert disse — *de uma "ciência da morte" — instrumentos físicos e mentais para auxiliar e acelerar a separação de corpos* — ele me olhou. — *Aquelas coisas que mencionei antes* — ele me lembrou.

— *As pessoas terão essa ciência?* — questionei.

— *Elas já têm* — ele respondeu. — *Ninguém deveria estar despreparado para a sobrevivência. Informação sobre o assunto está disponível há séculos.*

— *Por exemplo* — disse outro de seus amigos, um homem chamado Phillip: — "*Quanto à sobrevivência de um homem após a assim chamada vida após a morte, ele vê como antes, ouve e fala como antes, cheira e prova e quando é tocado ele sente o toque como antes. Ele também sente*

saudade, deseja, almeja, pensa, reflete, ama, anseia como antes. Em uma palavra, quando um homem passa de uma vida para outra levando com ele todas as coisas que ele possuía dentro dele como um homem." — Swedenborg escreveu estas palavras no século 19.

— *O problema não seria resolvido imediatamente se fosse estabelecida uma comunicação direta?* — perguntei. Olhei para Albert. — *A comunicação "sem fio" da qual você falou anteriormente.*

— *Um dia, isso também acontecerá* — Albert disse. — *Nossos cientistas trabalham nisso constantemente. É um problema extremamente complexo.*

— *Nosso trabalho ficaria muito mais fácil se houvesse uma comunicação sem fio* — disse outro amigo de Albert, um homem chamado Arthur.

Olhei-o surpreso. Foi a primeira vez, desde que eu chegara à Terra do Verão, que eu ouvira um tom de amargura na voz de alguém.

Albert colocou a mão no ombro de Arthur. — *Eu sei* — ele disse. — *Eu me lembro como estava perturbado quando comecei nosso trabalho.*

— *Parece que a cada dia fica mais difícil* — Arthur disse. — *Poucas pessoas que cruzam a passagem têm consciência de alguma coisa. Tudo o que elas trazem com elas são valores inúteis. Tudo o que desejam é uma continuação do que tinham em vida, não importando quanto era degradado ou desencaminhado.* — Ele olhou para Albert com uma expressão dolorosa. — *Essas pessoas progredirão um dia?* — ele perguntou. — *Mesmo com a nossa ajuda?*

Enquanto eles conversavam, eu podia sentir que ficava apreensivo de novo. *O que exatamente era o trabalho de Albert?*, pensei. E para que lugares sombrios isso o levava?

Pior de tudo, por que eu continuava a associar essa ansiedade à Ann? Isso não fazia sentido para mim. Ela era consciente. Seus valores não eram inúteis. Ela não era desencaminhada e jamais poderia ser chamada de degradada.

Por que, então, eu era incapaz de romper essa terrível conexão?

O RETORNO DO PESADELO

Albert encerrou a conversa anunciando que ele tinha uma surpresa para mim. Todos tinham deixado sua casa e, enquanto os outros tinham viajado via pensamento, Albert sugeriu que caminhássemos, com Katie conosco.

— *Posso lhe dizer que as palavras de Arthur perturbaram você* — ele disse. — *Mas não deveriam. As pessoas às quais ele se referia não têm nada a ver com você.*

— *Por que continuo me preocupando com Ann?* — indaguei-lhe.

— *Você ainda está aflito por ela. Isso leva um tempo para passar. Mas não há relação entre Ann e o que Arthur disse.*

Balancei a cabeça, querendo acreditar nele. — *Eu gostaria, juro por Deus, que houvesse uma comunicação direta* — eu disse. — *Algumas palavras entre nós e tudo estaria resolvido.* — Olhei para ele. — *Isso acontecerá um dia?*

— *Um dia, sim* — ele disse. — *No entanto, é um problema complexo. Não de distância, como indiquei, mas de diferença de vibração e crença. No momento, apenas os médiuns mais avançados da Terra são capazes de lidar com isso.*

— *Por que todos na Terra não são capazes?* — perguntei.

— *Eles poderiam, com treinamento adequado* — Albert disse. — *No entanto, os únicos que sabemos que podem fazer isso são aqueles nascidos com o dom ou o que o adquiriram por acidente.*

— *O dom?*

— *Uma habilidade para utilizar os sensos etéricos apesar de sua encapsulação no corpo físico.*

— *Posso achar um médium com essa habilidade?* — perguntei. — *Comunicar-me com ele? Com ela?*

— *E se aquela pessoa não estiver perto da sua esposa?* — ele disse. — *E, mais provável, se você conseguir se comunicar com tal pessoa e ela transmitir a mensagem para sua esposa e ela se recusar a acreditar nela?*

Balancei a cabeça e suspirei. — *E na única vez que poderia ter comunicado* — relembrei — *o contato foi tão ruim que provavelmente destruiu qualquer possibilidade de Ann acreditar um dia.*

— *Isso foi desastroso* — Albert concordou.

— *E ele me viu* — eu disse, desalentado pela lembrança. — *Ele leu meus lábios.*

— *Ele também pensou que seu duplo descartado era você* — Albert lembrou-me.

— *Aquilo foi horrendo* — lamentei.

Ele colocou um braço sobre meus ombros. — *Procure ter fé, Chris* — ele me encorajou. — *Ann estará com você. É o destino de vocês. E, enquanto isso, talvez um grupo de pensamento possa ajudar.*

Olhei-o com curiosidade.

— *Às vezes, um grupo de mentes pode unir forças para contactar alguém na Terra* — ele explicou. — *Não em palavras* — ele acrescentou rapidamente, ao ver minha expressão — *mas em sentimento. Para comunicar uma sensação de conforto e segurança.*

— *Você faria isso?* — perguntei.

— *Cuidarei disso assim que possível* — ele disse. — *Coloque sua mão sobre Katie e segure a minha mão.*

Fiz isso e imediatamente encontrei-me ao lado dele na beira de um enorme anfiteatro abaixo do nível do solo. Ele estava lotado.

— *Onde estamos?* — perguntei, enquanto soltava a Katie.

— *Atrás do* Hall *de Música* — ele disse.

Olhei à minha volta. Era um maravilhoso local sob uma luz fraca, o anfiteatro cercado por gramados e um monte de flores com grandes árvores ao fundo.

— *Vai haver um concerto?* — perguntei.

— *Eis alguém que vai explicar isso a você* — Albert disse, sorrindo. Ele girou meu corpo.

Eu o reconheci em um instante, Robert. Pouca coisa havia mudado nele. Sua aparência era de uma saúde vigorosa, mas ele não rejuvenescera, parecendo mais com minha lembrança dele. — *Tio!* — gritei.

— *Olá, Chris!* — ele me saudou. Nós nos abraçamos e ele me olhou. — *Então, você está conosco agora* — ele disse, sorrindo.

Assenti com a cabeça e sorri. Tio Sven sempre foi meu favorito, como você sabe.

— *Katie, minha garota* — ele disse, inclinando-se para acariciá-la. Era óbvio que ela estava feliz em vê-lo.

Ele se levantou, sorrindo para mim de novo. — *Você está surpreso com minha aparência* — ele disse.

Eu não sabia o que dizer.

— *Uma curiosidade natural* — ele disse. — *Você pode escolher a idade em que quer ficar aqui. Eu prefiro esta. Não seria tolo ter apenas jovens aqui?* — Tive de rir do olhar zombeteiro que ele deu para Albert.

Albert riu também, então, ele me disse que iria organizar o grupo de pensamento.

Depois de ele ter partido, expliquei sobre Ann e o tio balançou a cabeça, em assentimento. — *Ótimo, o grupo ajudará* — ele disse. — *Eu já vi funcionar.*

Sua confiança fez-me sentir muito melhor. Até consegui sorrir. — *Então, você está trabalhando com música. Não estou surpreso.*

— *Sim, música sempre foi um grande amor* — ele disse. Ele gesticulou em direção ao gramado. — *Vamos sentar* — ele disse. — *Você vai gostar mais daqui do que no anfiteatro, não lhe direi por que, vou deixar que se surpreenda.*

Nós nos sentamos e Katie ficou ao nosso lado. — *Há muitos concertos de música aqui?* — perguntei.

— *Ah, sim, música tem um papel de destaque na Terra do Verão* — ele respondeu. — *Não só como diversão, mas como uma maneira para que uma pessoa alcance níveis mais altos.*

— *E o que você faz?* — indaguei-lhe.

— *Eu me especializei no estudo dos melhores métodos de transmitir inspiração musical para aqueles que possuem talento para compor na Terra* — ele respondeu. — *Nossos estudos são tabulados e transferidos para outro grupo que analisa os melhores meios para se comunicar com essas pessoas talentosas. Um terceiro grupo faz a*

transmissão. Então... eu lhe contarei sobre isso depois, o concerto já vai começar — Eu não tinha condições de dizer como ele sabia, porque não podíamos ver nada abaixo do nível do chão.

Mas ele estava certo, o show estava perto do seu início. Sei que você não é um amante da música clássica, Robert, mas talvez fique intrigado em saber que a principal composição a ser executada era a *11ª Sinfonia* de Beethoven.

Vi rapidamente por que o tio sugeriu que sentássemos acima do nível do anfiteatro. Ouvir não é a experiência completa.

Logo que a orquestra começou a tocar, um prelúdio de Berlioz que eu desconhecia, então, uma superfície plana e circular de luz ergueu-se dela e flutuou na altura dos bancos mais altos.

Conforme a música continuava, esta folha circular de luz tornou-se mais densa, formando uma base para o que aconteceria a seguir.

Primeiro, quatro colunas de luz elevando-se no ar em espaços iguais. Esses longos pináculos de luminosidade permaneceram estáticos, então desceram lentamente para se tornarem mais amplos até se assemelharem a quatro torres circulares, cada uma encimada por um domo.

Agora, a superfície básica de luz tinha se adensado e erguido lentamente para formar um domo sobre todo o anfiteatro. Ela continuou a subir até se tornar mais alta que as quatro colunas. Ali, a imensa forma musical permaneceu parada.

Logo, cores delicadas começaram a se espalhar pela estrutura. Conforme a música prosseguia, essa coloração mudava constantemente, um tom sutil misturando-se ao seguinte.

Como eu não conseguia ver o anfiteatro, a orquestra ou o público, era como se algum tipo de arquitetura mágica estivesse sendo construído diante de mim. Aprendi que toda música emite formas e cores, mas nem toda composição cria formações tão vividas.

O valor de qualquer forma musical depende da pureza das melodias e das harmonias. Em sua essência, o compositor é um

construtor de som, criando edifícios de música visível.

— *Isso desaparece quando a música acaba?* — sussurrei, então me lembrei que, como falamos por pensamento, eu não precisava sussurrar.

— *Não imediatamente* — ele respondeu. — *É preciso um tempo entre as peças para que a forma se dissolva para não entrar em conflito com a seguinte.*

Eu estava tão encantado com arquitetura tremulante que mal tinha consciência da música que a criou. Eu me lembro que Scriabin tentou combinar luz e música e fiquei pensando se a inspiração viera da Terra do Verão.

Também pensei em como Ann adoraria ver isso.

A beleza da cor lembrou-me de um pôr-do-sol que ela e eu vimos no Parque das Sequóias.

Esta não foi a viagem que fizemos quando Ian era bebê. Foi uma realizada 16 anos depois, a primeira vez que acampamos sem os filhos.

Fizemos uma caminhada pelo campo do Riacho Dorst, um passeio de três quilômetros até o Bosque Muir. A trilha era estreita e caminhei atrás dela, pensando mais de uma vez como ela ficava bonita de jeans e tênis branco, sua jaqueta vermelha e branca amarrada na cintura, levantando poeira enquanto avançava, olhando para os lados com uma curiosidade de criança, tropeçando seguidamente porque não prestava atenção ao caminho. Próximo dos 50, Robert, ela parecia mais jovem do que nunca para mim.

Eu me lembro de estar sentado, as pernas cruzadas, no bosque com ela, lado a lado, nossos olhos fechados, palmas para cima, cercados por cinco imensas sequóias, o único som era um fraco, mas constante, assobio do vento bem acima de nós. Um pensamento passou-me pela cabeça: o primeiro verso de um poema: "Vento nas árvores altas é a voz de Deus".

Ann adorou aquela tarde tanto quanto eu. Havia algo na natureza — em particular a quietude de uma floresta, à qual ela reagia bem; o silêncio total entrando na própria pele. Fora de nossa

casa, era um dos poucos lugares em que ela se sentia totalmente livre das ansiedades.

Quando voltamos para o acampamento, era quase hora do pôr-do-sol. Paramos diante de uma enorme rocha em declive com vista para um grupo de sequóias gigantes.

Ficamos ali, observando o pôr-do-sol, conversando tranqüilamente. Primeiro sobre a paisagem e como devia ter sido antes que o primeiro homem a visse. Então, como o homem chegou a este lugar magnífico e o destruiu metodicamente.

Gradualmente, falamos sobre nós; nossos 26 anos juntos.

— *Vinte e seis* — Ann disse, como se não pudesse acreditar nisso. — *Para onde eles foram, Chris?*

Sorri e coloquei meu braço em volta dela. — *Eles foram bem gastos.*

Ann balançou a cabeça, concordando. — *Mas tivemos nossos momentos difíceis.*

— *Quem não teve?* — respondi. — *Agora está melhor do que nunca, isso é o que importa.*

— *Sim.* — Ela encostou-se em mim. — *Vinte e seis anos* — ela disse.

— *Não parece possível.*

— *Vou lhe dizer o que parece* — eu disse. — *Parece que foi semana passada que falei com uma bela estagiária do serviço de raios X na praia em Santa Monica, perguntei-lhe que horas eram e ela apontou um relógio.*

Ela riu. — *Não fui muito simpática.*

— *Ah, insisti* — eu disse, abraçando-a. — *Sabe, é estranho. Parece realmente que foi semana passada. Louise realmente tem dois filhos? Nosso "bebê" Ian está perto de entrar na faculdade? Nós vivemos em todas essas casas, fizemos todas essas coisas?*

— *Nós fizemos realmente, chefe* — Ann disse. Ela resmungou, divertida: — *Em quantas reuniões de apresentação fomos nas escolas das crianças? Todas as mesas em que sentamos, ouvindo o que nossos filhos aprendiam.*

— *Ou o que aprontavam.*

Ela sorriu. — *Isso também.*

— *Todos os bolinhos e café em copo de plástico* — lembrei.

— *Todos aqueles ponches de frutas horríveis.*

Eu ri. — *Bem...* — acariciei suas costas. — *Acho que fizemos um bom trabalho ao criá-los.*

— *Espero que sim* — ela disse. — *Espero não os ter prejudicado.*

— *Prejudicado?*

— *Com minhas ansiedades, inseguranças. Tentei manter tudo isso deles.*

— *Eles estão muito bem, mãe* — eu disse a ela. Esfreguei lentamente suas costas, olhando-a. — *Assim como você.*

Ela me olhou com um sorriso tímido. — *Nunca acampamos sozinhos antes.*

— *Espero que não balance muito à noite* — eu disse. — *Seremos motivo de escândalo no acampamento.*

Ela fez um som de satisfação. — *Também espero que não.*

Suspirei e a beijei na face. O sol continuava baixando, os tons de vermelho e laranja. — *Eu a amo, Ann* — disse a ela.

— *E eu amo você.*

Ficamos sentados em silêncio por alguns instantes antes de perguntar. — *Bem, e depois?*

— *Fala de agora?*

— *Não, dos próximos anos.*

— *Ah, nós faremos algumas coisas* — ela me disse.

Sentados ali, planejamos as coisas que faríamos. Planos maravilhosos, Robert. Iríamos para o Parque das Sequóias no outono para ver a mudança das cores. Acamparíamos às margens do rio em Lodgepole na primavera, antes que as multidões começassem a chegar. Viajaríamos de mochilas nas costas pelo parque, até mesmo praticaríamos *cross-country ski* no inverno se nossas costas agüentassem. Desceríamos corredeiras em um bote, alugaríamos uma casa flutuante e navegaríamos pelos rios da Nova Inglaterra. Viajaríamos pelo mundo, a lugares que nunca víramos. Não havia

fim para as coisas que poderíamos fazer agora que as crianças estavam crescidas e podíamos passar mais tempo juntos.



Acordei bruscamente. Ann gritava meu nome. Confuso, olhei à minha volta na escuridão, tentando lembrar onde eu estava.

Ouvi-a gritar meu nome de novo e subitamente me lembrei. Eu estava no acampamento, no Parque das Sequóias. Era o meio da noite e ela levara Ginger para dar uma volta. Eu acordei quando ela saiu, então voltei a dormir.

Eu estava fora do acampamento em segundos. — *Ann?* — gritei. Corri para a frente da caminhonete e olhei para a campina. Vi a luz de uma lanterna.

Comecei a sorrir enquanto caminhava naquela direção. Isso já tinha acontecido. Ela fora para a campina com Ginger e a luz da sua lanterna assustara um urso. Ela gritara meu nome, apavorada, e fui correndo até ela, segurei-a nos braços e a confortei.

Mas, conforme, eu me aproximava do feixe de luz, isso mudou. Senti um frio na espinha quando ouvi o grunhido de um urso e, então, Ginger rosnando. — *Chris!* — Ann gritou.

Corri pelo terreno acidentado. Isso não está acontecendo de verdade, lembro-me de ter pensado. Não foi nada assim.

De repente, eu os vi, e a visão me fez perder o fôlego. Ginger lutava contra o urso, Ann estava caída no chão, a lanterna jogada. Eu a peguei e apontei para ela, gritando com o choque. Havia sangue em seu rosto, e parte da pele solta.

O urso atingiu Ginger na cabeça e, com um grito de dor, ela caiu no chão. O urso voltou-se para Ann e saltei na frente dele, gritando para assustá-lo. Ele continuou em minha direção e o atingi na cabeça com a lanterna. Senti uma dor lancinante no meu ombro esquerdo e fui jogado ao chão. Virei-me. O urso estava sobre Ann de novo, grunhindo ferozmente. — *Ann!* — Tentei me levantar, mas não consegui, minha perna esquerda não suportava meu peso e caí

de novo no chão. Ann gritou enquanto o urso começava a mutilá-la. — *Meu Deus* — solucei. Rastejei até ela, minha mão direita tocou uma pedra e peguei-a. Bati no urso e segurei seus pêlos, comecei a bater em sua cabeça com a pedra. Senti sangue quente escorrendo pelas minhas mãos; o sangue de Ann. Gritei de raiva e horror enquanto batia na cabeça do urso com a pedra. Isso não era possível! Aquilo jamais tinha acontecido!

— *Chris?*

Acordei sobressaltado, refocando os olhos.

Albert estava de pé ao meu lado, a música ainda tocava. Olhei para seu rosto. Sua expressão grave me angustiou. — *O que houve?* — perguntei. Levantei-me rapidamente.

Ele me olhou com uma expressão de angústia tão grande que parecia que meu coração iria parar de bater. — *O que aconteceu?* — perguntei.

— *Ann faleceu.*

Primeiro, um choque, como se tivesse levado um soco. Então, uma sensação de excitação misturada com tristeza. Tristeza pelos filhos, excitação por mim mesmo. Ficaríamos juntos de novo!

Não. O olhar de Albert não encorajava tal sentimento e uma sensação de terror frio e doloroso apossou-se de mim. — *Por favor, o que é?* — implorei.

Ele colocou a mão no meu ombro. — *Chris, ela se matou* — ele disse.

— *Ela se separou de você.*

Era o retorno ao pesadelo.

ESTA PERTURBAÇÃO MORTAL

UMA POSSIBILIDADE ANGUSTIANTE

Senti-me entorpecido enquanto me acomodava na grama, ouvindo Albert. Ele me levara para longe do anfiteatro, estávamos sentados em uma clareira.

Digo que estava ouvindo, mas não estava realmente. Palavras e frases chegavam desconexas à minha consciência, enquanto meus próprios pensamentos opunham-se à continuidade do que ele dizia. A maioria, lembranças inquietantes, das vezes em que ouvi Ann dizer: "Se você morrer, morrerei também. Se você morrer primeiro, não sei se suportarei".

Eu sabia, então, por que sentia aquele terror constante, apesar da fascinação do meu primeiro contato com a Terra do Verão? Em algum lugar, bem lá no fundo, uma apreensão crescia, um conhecimento interior de que algo terrível estava prestes a acontecer com ela.

Eu sabia por que eu tivera aqueles pesadelos com ela me implorando para salvá-la. De novo, nas lembranças, vi seu olhar de pavor enquanto ela deslizava pelo penhasco, afundava nas águas agitadas da piscina, caía envolta em sangue antes do ataque do urso. O penhasco, a piscina e o urso tinham sido sintomas do meu medo por ela, não sonhos, mas premonições. Ela estava implorando por ajuda, que a impedisse de fazer o que ela sentia que estava prestes a cometer.

A voz de Albert chamou minha atenção. — *Devido aos traumas de infância dela, o crescimento dos filhos, sua morte...* — Olhei para ele. Ele disse algo sobre soníferos? Seu pensamento foi interrompido e ele confirmou com a cabeça.

— *Meu Deus.* — Coloquei as mãos entre a cabeça e tentei chorar. Mas nada consegui. Eu estava vazio.

— *A morte de alguém com a qual uma pessoa foi associada por muito tempo de forma muito próxima deixa literalmente um vácuo na vida daquela pessoa* — Albert disse. — *Os fluxos de energia psíquica direcionados para o ente perdido agora não têm função.*

Por que ele me contava essas coisas?, pensei.

— *Aquela sessão espírita pode ter tido uma influência* — ele disse. — *Elas, às vezes, distorcem o equilíbrio mental.*

Olhei para ele sem entender.

— *Apesar do que sua esposa disse* — ele continuou — *acredito que ela esperava que houvesse uma vida após a morte. Acredito que ela depositou muitas esperanças naquela sessão espírita. Quando aquilo se mostrou, do ponto de vista dela, uma fraude, ela...* — Ele não foi capaz de prosseguir.

— *Você disse que ficaria de olho nela* — lembrei-o.

— *Nós ficamos* — ele respondeu. — *Mas não havia como saber o que ela planejava fazer.*

— *Por que me disseram que ela estava programada para vir aos 72 anos?*

— *Porque ela estava* — ele disse. — *Apesar do que estava programado, ela estava decidida a não cumprir essa programação. Este é o problema, entende? Há um tempo natural fixo para cada morte, mas...*

— *Então, por que estou aqui?* — perguntei. — *Aquele acidente foi o tempo natural da minha morte?*

— *Possivelmente* — ele respondeu. — *Talvez não. De qualquer forma, você não foi responsável por aquela morte. Ann foi responsável pela dela. E tomar a própria vida é violar a lei porque ela impede que aquele ser resolva as necessidades da sua vida.*

Ele parecia angustiado agora e balançou a cabeça. — *Se as pessoas soubessem* — ele disse. — *Elas pensam no suicídio como uma rota rápida para o oblívio, uma fuga. Muito pelo contrário, Chris. Ela apenas altera a pessoa de uma forma para outra. Nada consegue destruir o espírito. O suicídio apenas precipita uma continuação mais sombria das mesmas condições das quais se tentou escapar. Uma continuação sob circunstâncias muito mais dolorosas...*

— *Onde ela está, Albert?* — interrompi-o.

— *Não tenho idéia* — ele disse. — *Quando se matou, ela meramente descartou a parte mais densa do seu corpo. O que permanece é contido magneticamente pela Terra, mas onde na Terra pode ser impossível de descobrir. O corredor entre os mundo físico e astral é, para todos os propósitos, interminável.*

— *Por quanto tempo ela ficará lá?*

Ele hesitou.

— *Albert?*

Seu suspiro foi profundo. — *Até a hora de a sua partida natural chegar.*

— *Você quer dizer...* — Olhei-o, incrédulo. Não consegui conter o sobressalto. — *Vinte e quatro anos?*

Ele não respondeu. Não precisava, eu já sabia a resposta. Praticamente um quarto de século no "domínio inferior", um lugar em que eu nem ousara pensar antes porque ele evocara terríveis apreensões em mim.

Uma súbita esperança. Agarrei-me a ela. — *Seu corpo etérico não morrerá como o meu morreu?*

— *Não por 24 anos* — ele disse. — *Ele sobreviverá enquanto ela estiver presa ao mundo etérico.*

— *Isso não é justo!* — protestei. — *Punir alguém que estava fora de si.*

— *Chris, isso não é punição* — ele disse. — *É a lei.*

— *Mas ela devia estar fora de si por causa da dor.*

Ele balançou a cabeça. — *Se ela estivesse, não estaria onde está* — ele respondeu. — *É simplesmente assim. Ninguém a colocou lá. O fato de estar lá mostra que ela tomou uma decisão consciente.*

— *Não posso acreditar* — lastimei. Levantei-me e me afastei dele.

Albert levantou-se e me seguiu. Quando parei para me recostar em uma árvore, ele ficou ao meu lado. — *Não pode ser tão terrível onde ela está* — ele tentou me reconfortar. — *Ela sempre tentou viver uma vida honrada, foi uma boa esposa e mãe, um ser humano decente. Sua penúria certamente não é igual à daqueles que tiveram uma vida inferior.*

— *Não* — eu disse, determinado.

Ele não retrucou. Senti que ele estava confuso e olhei para ele.

Ele sabia, então, o que eu tinha em mente e pela primeira vez desde que nos reencontramos, vi uma expressão de inquietação em seu rosto. — *Chris, você não pode* — ele disse.

— *Por quê?*

— *Bem... em primeiro lugar, não acredito que isso possa ser feito, nunca ouvi falar de ninguém tentando isso.*

Um calafrio passou por meu corpo. — *Nunca?*

— *Não neste nível* — ele respondeu.

Mirei-o, desesperançado. Então, a resistência emergiu de novo, restaurando minha determinação. — *Então, serei o primeiro* — decidi.

— *Chris...* — Ele me fitou com grande preocupação. — *Você não entende? Ela está lá para um propósito. Se você ajudá-la, você distorce esse propósito, você...*

— *Eu preciso fazer isso, Albert* — falei, desesperado. — *Você não entende? Não posso simplesmente deixá-la lá por 24 anos. Preciso ajudá-la.*

— *Chris...*

— *Preciso ajudá-la* — repeti. Reuni minhas forças. — *Alguém tentará me impedir?*

Ele evitou a pergunta. — *Chris, mesmo se você a encontrar, o que provavelmente é impossível, ela olharia para você e não o reconheceria. Ouviria sua voz e não se lembraria de você. Sua presença seria incompreensível para ela. Não só ela não aceitaria suas ofertas de ajuda, ela nem mesmo o ouviria.*

Perguntei de novo: — *Alguém tentará me impedir?*

— *Esta não é a questão, Chris* — ele disse. — *Você não tem idéia dos perigos...*

— *Não me importo!* — eu disse. — *Quero ajudá-la!*

— *Chris, não há nada que você possa fazer.*

Lutei para me controlar. — *Albert, não existe a menor possibilidade de que eu conversar com ela possa fazer alguma diferença?*

Que ela possa, de alguma maneira infinitesimal, alcançar algum tipo de compreensão que tome seu estado um pouco mais suportável?

Ele me olhou em silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade antes de responder. — *Eu gostaria de poder dizer sim* — ele disse —, *mas não posso.*

Então, desmoronei. Com força de vontade, ergui-me de novo. — *Bem, preciso tentar* — eu disse a ele. — *Eu tentarei, Albert. Não me importo quão perigoso possa ser.*

— *Chris, por favor, não fale de maneira tão impensada sobre esses perigos* — ele disse. Outra novidade. Eu nunca ouvira o menor tom de crítica em sua voz antes. Eu ouvira agora.

Ficamos em silêncio, olhando um para o outro. Finalmente, falei: — *Você me ajudará a encontrá-la, Albert?* — perguntei. Ele começou a falar, mas interrompi-o: — *Você me ajudará, Albert? Por favor?* Silêncio de novo. Finalmente, ele respondeu. — *Tentarei* — ele disse. — *Não acredito que seja possível, mas...* — Ele ergueu uma mão para evitar que eu falasse. — *Tentarei, Chris* — ele disse.

O tempo, com seus múltiplos tormentos, retornara à minha existência.

Eu esperava do lado de fora de um prédio na cidade, caminhando ansioso. Albert estava dentro, tentando forjar um elo mental com Ann. Ele me alertara mais de uma vez que eu provavelmente ficaria decepcionado. Ele jamais vira uma conexão bem-sucedida com alguém no domínio inferior. Algumas pessoas conseguiam viajar até lá. Elas conseguiam localizar indivíduos específicos antecipadamente, no entanto, todos aqueles que viviam no domínio inferior eram impedidos de se comunicar devido ao seu próprio isolamento.

Se ao menos ela pedisse ajuda...

Tive de me sentar num banco devido ao cansaço — uma sensação de peso interior também voltou. Fechei os olhos e rezei

para que Albert conseguisse localizá-la.

Minha Ann.

Ao pensar em seu nome, uma visão tomou conta de minha consciência, era noite, ela e eu estávamos na cama, meu braço em torno dela, enquanto assistíamos à televisão.

Ela dormira de novo. Ela sempre dormia com a cabeça recostada em meu peito quando eu a abraçava. Eu nunca a acordava e não a despertei dessa vez. Como sempre, fiquei imóvel, a televisão esquecida, enquanto observava seu rosto. Como sempre, lágrimas rolaram lentamente sobre meu rosto. Apesar dos fios de cabelos brancos, as linhas do tempo em seu rosto, ela sempre mantinha aquela expressão de confiança infantil em seu sono.

Pelo menos quando eu a abraçava.

Ela segurava minha mão, como muitas vezes fazia, seus dedos torcendo-se de vez em quando. Minha mão doeu com seu aperto, mas não me mexi. Era melhor ter a mão doendo do que acordá-la. Por isso, mantive-me imóvel, observando seu rosto enquanto ela dormia, pensando no quanto eu amava esta querida e doce mulher menina recostada sobre meu peito.

— *Chris?*

Tive um sobressalto e abri os olhos. Albert estava diante de mim. Levantando-me rapidamente, olhei para ele.

Ele balançou a cabeça.

No início, recusei-me a acreditar. — *Tem de haver um jeito* — insisti.

— *Ela se isolou* — ele disse. — *Ela não pede ajuda porque não sabe que isso existe.*

— *Mas...*

— *Eles não conseguiram encontrá-la, Chris* — ele disse. — *Eles tentaram de todas as maneiras possíveis. Sinto muito.*

Caminhei até um riacho e me sentei à sua margem, observando sua água cristalina se mover.

Albert sentou-se ao meu lado e me deu um tapinha nas costas. — *Sinto muito* — ele disse.

— *Obrigado por ter tentado* — murmurei.

— *Eu descobri uma coisa* — ele disse.

Olhei para ele rapidamente.

— *Vocês têm uma forte ligação porque são almas-gêmeas.*

Eu não sabia como absorver aquilo, como reagir. Eu já ouvira a frase, é claro, mas apenas das maneiras mais banais, dentro do contexto de baladas triviais e poesia.

— *O que isso significa, literalmente* — Albert disse — *é que vocês possuem o mesmo comprimento de onda, a aura de vocês vibram juntas.*

Mesmo assim, não tive nenhuma reação. De que adiantava saber aquilo se em nada ajudava Ann?

— *Foi por isso que você se apaixonou tão rapidamente por ela quando a encontrou na praia naquele dia* — Albert prosseguiu. — *Sua alma comemorava uma reunião com ela.*

Só consegui olhar para ele. De algum modo, a notícia não me surpreendeu. Nunca fui supersticioso em vida. Ainda assim, sempre insisti com Ann que não nos encontráramos por acaso.

Entretanto, de que adiantava saber disso?

— *Por isso você queria tanto ficar com ela depois da sua morte* — Albert disse. — *Por isso você nunca parou...*

— *Então, foi por isso que ela sentia uma ligação tão forte* — interrompi-o. — *Ela tinha de se matar. Para se unir a mim, para alcançar aquela união de novo.*

— *Não* — Albert balançou a cabeça. — *Ela não fez isso para se unir a você. Como poderia, se ela não acreditava que isso era possível?* — Ele balançou a cabeça de novo. — *Não, ela se matou para dar fim à existência dela, Chris. Assim como ela acreditava que sua existência terminara.*

— *Para pôr fim à dor dela, Albert.*

— *Certo, a dor dela* — ele disse. — *Mas não era ela quem devia tomar essa decisão. Você não entende isso?*

— *Sei que ela estava sofrendo. É tudo o que sei.*

Ele suspirou. — *É a lei, Chris, acredite em mim. Ninguém tem o direito...*

— *De que adianta saber tudo se não me ajuda a encontrá-la* — interrompi-o, tristemente.

— *Porque* — ele disse — *como vocês são almas-gêmeas, fui autorizado a continuar ajudando você, apesar das minhas reservas.*

Olhei para ele, confuso. — *Se ela não pode ser encontrada...* — Eu me calei, desesperançado, uma súbita visão turvando minha vista, nós dois, como navios-fantasmas do espírito, vagando eternamente em busca de Ann. Era o que ele queria dizer?

— *Ainda há uma última alternativa* — ele disse. Ele colocou a mão sobre meu ombro. — *Uma angustiante possibilidade.*

PERDENDO ANN PARA SEMPRE

Déjà vu pode ser um termo terrível dependendo do momento que alguém revive. E foi com uma sensação de opressão fria e devoradora que atravessei a neblina em direção ao prédio à frente. *Liberte-me deste pesadelo sombrio e interminável.* Lembro-me daquele pedido.

Eu voltava ao passado.

Já estive aqui, o pensamento tomou conta de mim. O fato que, desta vez, Albert caminhou ao meu lado não ajudou. Apesar de sua presença, eu estava isolado com meus medos particulares enquanto entrávamos na igreja.

Como antes, os bancos estavam ocupados por pessoas. Como antes, suas formas eram cinza e sem rosto. Como antes, andei pelo corredor do meio, tentando entender por que eu estava lá. Não sei que igreja era, só sabia que, desta vez, eu não podia ouvir o choro de Ann porque ela estava morta.

Eles estavam na primeira fila, sentados juntos. A visão deles me fez chorar de desespero. Eu podia ver seus rostos claramente, pálidos e consumidos pela dor, lágrimas nos olhos e escorrendo pelas faces.

A emoção me fez esquecer tudo. Sem pensar, aproximei-me deles e tentei colocar meu braço em volta deles. Instantaneamente, eu sabia que eles não me viam, olhando direto para a frente. A agonia que senti no meu funeral voltou, em dobro, porque agora eu sabia que o funeral era de Ann.

Olhei à minha volta. Subitamente, um pensamento ocorreu-me. Eu tinha sido um observador do meu próprio funeral. Seria possível...

— *Não, Chris* — Albert disse. — *Ela não está aqui.*

Evitei a visão dos meus filhos, incapaz de suportar as expressões em seus rostos, o conhecimento de que eles estavam sozinhos agora.

— *Esta mulher foi amada de diversas maneiras* — ouvi uma voz entonar.

Olhei em direção ao altar e vi uma forma vaga do pastor recitando o elogio fúnebre. *Quem era ele?* — pensei. Eu não o conhecia. Ele não conhecia Ann. Como ele podia falar dela como se a conhecesse? — *Como esposa e mãe, amiga e companheira. Amada pelo seu falecido marido, Christopher, e pelos seus filhos, Louise e Marie, Richard e Ian.*

Desviei o olhar dele em desgosto. Que direito ele tinha de dizer...

O pensamento evaporou-se assim que vi o que Albert fazia.

Ele estava de pé diante de Richard, sua mão direita sobre a cabeça de Richard como se estivesse lançando uma benção sem palavras sobre meu filho.

— *O que você está fazendo?* — perguntei.

Ele ergueu a mão esquerda, sem dizer nada e eu sabia que ele queria silêncio. Olhei para ele. Depois de alguns momentos, ele deixou Richard e ficou em frente de Marie, colocando sua mão sobre a cabeça dela da mesma maneira. Por um momento, vendo-a olhar diretamente através do corpo dele, pareceu-me bizarro. Pensei, mais uma vez, no que Albert estava fazendo.

Então, virei o rosto de novo, agoniado demais para suportar a visão de Marie.

Como não reparei nisso antes? Uma sensação de desespero doentio envolveu-me conforme caminhava até o esquife. Graças a Deus ele estava fechado. Pelo menos as crianças foram poupadas disso.

Outro pensamento veio à minha mente subitamente. Lembrei-me de Albert me dizendo que, no meu funeral, eu podia olhar dentro do meu caixão se tentasse. Aquilo também era verdade agora? O desespero aumentou. *Não,* pensei. Eu não queria vê-la

daquela maneira. Seu eu real estava em outro lugar. Por que olhar o recipiente?

Obriguei-me a me afastar do esquife. Fechei os olhos e comecei a rezar por Ann. *Ajude-a a encontrar seu lugar. Por favor, ajude-a a ter paz.*

Meu olhar voltou para as crianças. Mais uma vez, a dor de vê-los tornou-se intensa. *Por favor, acabe logo com isso,* pensei para Albert. Eu não conseguia mais suportar aquilo. Olhar para o rosto aflito de meus filhos, incapaz de confortá-los, sem poder ajudá-los de qualquer maneira.

Albert tinha sua mão sobre a cabeça de Ian. De repente, ele virou-se, um rápido sorriso em seus lábios. — *Seja grato a Ian* — ele disse.

— *Eu sou grato a todos eles* — respondi, sem entender.

— *É claro* — ele disse. — *A questão é que a prece de Ian pode ajudar-nos a encontrar sua esposa.*

Caminhamos em direção à fronteira da Terra do Verão. Poderíamos ter chegado lá por meio do pensamento, mas, Albert me contara, o estresse de partir de maneira tão abrupta poderia causar-me desconforto.

— *Por favor, entenda* — ele repetiu — *que a prece de Ian não é um canal direto para Ann. Ela apenas indica o início do caminho. Encontrá-la ainda será difícil.*

— *Mas não impossível* — eu disse.

Ele confirmou com a cabeça. — *Não impossível.*

A prece de Ian de novo, pensei, lembrando-me de como ela me ajudara uma vez antes.

— *É como se ele soubesse* — Albert disse. — *Não conscientemente, talvez, mas em algum lugar bem no fundo dele. Era pelo que eu torcia. Quando não havia preces de nenhum dos outros filhos — não porque eles amavam a mãe menos, mas porque eles acreditam que preces são hipócritas — pensei que nossa causa estava perdida; e estaria, não*

importando o quão forte fosse sua determinação. Mas então entrei em contato com a mente de seu filho caçula e a esperança renasceu.

— *Quanto tempo levará para a encontrarmos!* — perguntei.

— *Você precisa entender* — ele explicou — *que talvez nunca a encontremos. Temos apenas uma visão geral, não um mapa detalhado com todos os marcos.*

Resisti ao pânico e aquiesci. — *Entendo* — eu disse. — *Mas vamos nos apressar.*

Albert parou. Caminhamos por um parque grande e bonito com... a visão era incomum, uma grande cerca de ferro em torno dele. — *Chris, venha cá* — Albert disse. — *Tenho algo a dizer antes de continuar.*

Eu queria prosseguir o mais rápido possível, não parar e ouvir. Mas a urgência em sua voz não permitiu nenhuma outra opção, por isso caminhei ao lado dele através de um portão que dava para o parque e passamos por um lago ornamental. Reparei que não havia peixes nele e que o solo em torno da sua margem parecia pobre.

Também reparei que ali a vegetação era limitada e, embora não fosse feia, não era tão verdejante quanto aquela que eu vira na Terra do Verão. A grama também tinha o que pareciam ser pontos vazios.

No parque, vi pessoas andando lentamente, outras sentadas em bancos. Nenhuma usava robe, mas, em vez disso, vestiam roupas bem cortadas da Terra. Elas não pareciam muito felizes, tinham uma expressão de falsa dignidade. Quem estava no banco sentava-se rigidamente, o rosto contrito. Todos aqueles que observei tinham um ar de indiferença. Nenhum deles falava.

Eu ia perguntar sobre eles quando chegamos a um banco que, estranhamente, pensei, parecia precisar de uma mão de tinta. Albert fez um gesto em direção a ele e pediu que eu me sentasse.

Foi o que fiz e ele tomou seu lugar ao meu lado.

— *Levei você para a fronteira da Terra do Verão por dois motivos* — ele começou. — *O primeiro, como eu lhe disse, é para que seu sistema se ajuste gradualmente às desagradáveis alterações do ambiente. O outro é*

para que você se acostume de novo a andar como meio de locomoção. Depois de deixarmos a Terra do Verão seremos submetidos a uma atmosfera mais densa e seremos incapazes de viajar através do pensamento.

Olhei para ele, curioso. Foi para isso que ele me parou para contar algo?

— *E, sobretudo* — ele continuou, respondendo à minha pergunta instantaneamente — *quero enfatizar o grande perigo que você vai correr quando viajarmos pelo domínio inferior. Você achou a visita ao funeral da sua esposa perturbadora. Aquilo não foi nada comparado ao que você logo vai experimentar. No domínio inferior, teremos de assumir essas influências para que possamos funcionar. Posso protegê-lo até um determinado ponto, mas você deve estar preparado para o choque que irá sofrer, todas as emoções tenebrosas que deixou para trás ao entrar na Terra do Verão. Esteja preparado para ter visões terríveis. Como eu disse, o caminho até Ann não é claro. Ele pode nos levar até lugares pavorosos. Quero que você entenda isso agora. Se achar que não consegue suportar...*

— *Eu não me importo com o que tenho de enfrentar.*

Ele me olhou em silêncio, obviamente pensando se eu tinha alguma remota idéia do que ele estava me contando.

— *Muito bem* — ele finalmente disse. — *Supondo que você tenha a força para resistir ao que vai enfrentar. Eu o aviso, com a maior ênfase possível, dos perigos que o ameaçarão se nós realmente encontrarmos Ann.*

Confesso que tive um sobressalto ao ouvi-lo.

— *A busca por ela envolverá muitos perigos assustadores* — ele disse — *mas esses são os perigos exteriores. Se encontrarmos Ann e você tentar ajudá-la, você estará sujeito a uma ameaça interna. Ao retomar para um nível de desenvolvimento primitivo, você será fortemente influenciado por ele. Ao rebaixar sua vibração para o nível da Terra, você não será mais capaz de pensar com clareza, mas estará sujeito à mesma confusão de pensamento com que sua esposa vive constantemente. Neste estado enfraquecido, além de se arriscar a perder todo o seu esforço em nome dela, você pode ser facilmente afetado e se tornar um prisioneiro desse nível tanto quanto ela.*

Ele colocou a mão sobre meu ombro e apertou com firmeza.

— *Você então perderia tudo o que ganhou* — ele disse — *não só Ann, mas*

a si próprio.

Uma inquietação tomou conta de mim e não consegui responder.

— *Você pode voltar para onde estava* — Albert disse. — *Francamente, eu ficaria muito aliviado se fizesse isso. Dessa maneira, só terá de esperar 24 anos por ela, o que passaria rapidamente para você. Seguindo em frente, pode perdê-la por um tempo muito mais longo.*

Fechei meus olhos, sentindo-me fraco e com frio. *Não devo deixá-la lá,* pensei. *Preciso ajudá-la.* Ainda assim, eu tinha medo, e não era sem fundamento, segundo o que Albert me contara. E se eu não fosse forte o suficiente? Não seria melhor esperar esses 24 anos, sabendo, com certeza, que ficaríamos juntos novamente? Isso não era infinitamente preferível a tentar ajudá-la agora e possivelmente correr o risco de perdê-la para sempre?

DENTRO DO DOMÍNIO INFERIOR

–Cavalheiros?

Ao som da voz do homem, abri os olhos. Ele estava diante do banco, falando conosco. — *Infelizmente, vocês terão de sair* — ele disse —; *este é um parque particular.*

Olhei para ele. Um parque privado na Terra do Verão? Comecei a falar, mas Albert me interrompeu. — *É claro* — ele disse. — *Nós não sabíamos.*

— *Tudo bem* — o homem respondeu. Era um senhor de meia-idade, feições distintas, vestido com elegância. — *Se vocês saírem imediatamente, nada mais precisa ser dito.*

— *Agora mesmo* — Albert concordou, levantando-se do banco. Olhei para ele, sem entender. Não parecia ser do feitio de Albert permitir que esse homem nos excluísse de um parque da Terra do Verão sem uma palavra de reação. Levantei-me e comecei a falar novamente, mas Albert segurou meu braço e cochichou — *Não ligue.*

O homem observou-nos com uma polidez distante enquanto nos dirigíamos ao portão.

— *O que foi aquilo?* — perguntei.

— *Não adiantaria desafiá-lo* — Albert me disse. — *Ele não entenderia. Essas pessoas estão em uma estranha condição. Em vida, elas nunca fizeram mal a ninguém e não estão causando mal aqui, por isso a relativa graciosidade de seu ambiente. Por outro lado, não há como perfurar sua casca de afeição. Eles vivem uma existência limitada que eles, no entanto, acreditam ser totalmente adequada à sua classe. Eles acreditam que estão em um local "sofisticado", uma região restrita àqueles pertencentes ao seu nível social. Eles não têm idéia de que na Terra do Verão não há grupos. Eles vivem a ilusão de superioridade de grupo que palavras não conseguem afetar.*

Balancei a cabeça enquanto deixávamos o parque. — *Grotesco* — eu disse.

Caminhamos em silêncio por um tempo. De algum modo, senti que não estávamos caminhando para a fronteira da Terra do Verão, mas andávamos em círculos. Albert me dava tempo para eu me decidir.

Finalmente, decidi-me.

— *Desde que o risco é meu, não de Ann* — eu disse — *quero continuar. Ela só pode ser ajudada.*

— *Exceto* — ele me lembrou — *que se você ficar preso no mundo etérico, a união de vocês será postergada* — ele parou e eu sabia que ele iria me contar por quanto tempo nosso encontro seria adiado. Cem anos? Mil? O medo apoderou-se de mim de novo. Era uma tolice tentar isso? Vinte e quatro anos não era preferível a...?

A decisão foi influenciada por um motivo: o pensamento de Ann sozinha em algum lugar terrível por quase um quarto de século. Eu não podia deixar aquilo acontecer sem tentar ajudar.

Eu não deixaria.

— *Muito bem* — Albert disse, tomando conhecimento da minha decisão assim que a tomei. — *Vamos prosseguir, então. Admiro sua devoção, Chris. Talvez você não tenha consciência, mas o que está prestes a fazer é algo muito corajoso.*

Não respondi, mas enquanto caminhávamos reparei que alteramos sutilmente nossa direção e, mais uma vez, fomos em direção à fronteira da Terra do Verão.

À frente, vi uma pequena igreja. Como no parque, ela não era feia, mas lhe faltava a perfeição que eu vira em tudo na Terra do Verão. Sua cor era de um marrom pálido, seus tijolos lascados e desbotados. Quando nos aproximamos, ouvi os fiéis cantando: *cansado da Terra e carregado pelos meus pecados. Eu olho para o paraíso e lá desejo estar.*

Olhei para Albert, sobressaltado. — *Mas eles estão aqui* — eu disse.

— *Mas não sabem* — ele respondeu. — *Por isso passam seu tempo cantando hinos terríveis e ouvindo terríveis sermões.*

Senti uma ansiedade invadindo-me novamente. Se poderia ser assim na Terra do Verão, como seria quando deixássemos totalmente esse domínio?



Albert parou.

Nós estávamos diante de um terreno elevado com trechos de grama seca e morta.

— *É melhor trocarmos de roupa agora* — ele disse — *Usar sapatos.*

Eu estava prestes a perguntar por que; então, me dei conta de que ele não sugeriria isso se não fosse necessário. Concentrei-me na mudança A sensação de vibração da superfície da minha pele parecia mais lenta aqui, como se estivesse fatigada. Olhei para baixo, vendo, sobressaltado que, mais uma vez, eu usava a roupa que vestia na noite do acidente.

Voltei-me para Albert. Ele vestia uma camisa e calça azuis, um; jaqueta bege.

— *As roupas que eu vestia quando eles me levaram ao hospital* — ele disse.

Senti meu rosto se contorcer enquanto ele falava. — *Vai ser desse jeito de agora em diante?* — perguntei. O ar parecia uma mistura de grãos e líquidos na minha garganta.

— *Precisamos começar a nos ajustar às mudanças no ambiente* — ele me orientou. — *Visualize como você teria de estar para existir aqui sem desconforto.*

Tentei e, gradualmente, comecei a ter a impressão de que eu me tornava mais denso. A sensação era sutil, mas distinta. A textura da minha carne assumiu certa densidade e agora o ar era respirável. Mas como era diferente para meus pulmões, ele já não era claro como cristal e revigorante. Este ar era pesado. Ele mantinha minha existência, nada mais.

Olhei a paisagem enquanto caminhávamos — se paisagem era a palavra adequada para o que vi. Não era um cenário verdejante, apenas terreno insípido, grama sem vida, árvores praticamente sem folhas, nenhum sinal de água. A ausência de casas não me surpreendeu. *Quem iria, por vontade própria, morar aqui?*, foi o que pensei.

— *Você verá aqueles que, por vontade própria, residem em lugares tão terríveis que este; por comparação, é lugar bonito* — Albert disse.

Tentei não estremecer. — *Você está tentando me assustar?*

— *Prepará-lo* — ele disse. — *Mesmo assim, não importa o que eu diga, você não tem idéia do que pode ser obrigado a ver.*

De novo, eu estava prestes a perguntar a ele, mas decidi não fazê-lo. Ele sabia. Eu não. Era melhor não desperdiçar energia contestando o que ele me dizia. Eu precisava de minhas forças para o que viria pela frente.

O que estava imediatamente à frente era uma espécie de pradaria desolada. Conforme caminhávamos por ela, o relvado tornava-se cada vez menos firme e notei o início de fissuras no chão. Não havia brisas agora. O ar era parado e pesado, tornando-se mais frio conforme progredíamos. Ou regredíamos?

— *Estou imaginando ou a luz está esvanecendo de novo?* — perguntei.

— *Não* — ele respondeu, a voz baixa. Seu tom de voz parecia declinar com a aparência do terreno. — *Mas ela não está desvanecendo-se para ajudá-lo a descansar. Ela se desvanece porque você está próximo do domínio inferior, que também é chamado de domínio mais tenebroso.*

Havia um homem à nossa frente. Ele estava parado, impassível, observando nossa aproximação. Pensei que ele era alguém que, por alguma razão desconhecida, optara por viver aqui.

Eu estava enganado.

— *É aqui que o domínio inferior começa* — ele nos disse. — *Não é um lugar para os curiosos.*

— *Estou aqui para ajudar alguém* — eu disse.

O homem olhou para Albert, que acenou concordando, e disse: — *É verdade. Vocês não estão entrando apenas para olhar.*

— *Não* — Albert lhe disse. — *Procuramos a esposa deste homem para tentar ajudá-la.*

O homem concordou com a cabeça e colocou as mãos em nossos ombros. — *Então, vão com Deus* — ele disse. — *E estejam sempre alertas.*

Albert acenou com a cabeça de novo e o homem retirou suas mãos de nosso ombro.

No segundo em que cruzamos a fronteira senti-me desconfortável, oprimido, possuído por um desejo quase irresistível de dar meia-volta e fugir dali para um lugar mais seguro. Tive de me conter para não recuar.

— *Muito bem* — eu disse.

— *Quando você quiser* — ele acrescentou.

Eu sabia, então, que ele não conseguia mais ouvir meus pensamentos.

— *Temos de falar agora, não é?* — perguntei.

— *Sim* — ele respondeu. Era desconcertante ver seus lábios movendo-se novamente. De algum modo, aquela visão fez mais para me convencer de que estávamos no domínio inferior do que qualquer coisa que vi ou senti.

O que vi? Quase nada, Robert. Caminhamos por uma região sem cores, o céu nublado misturando-se ao terreno até dar a impressão de que avançávamos por um *continuum* cinzento.

— *Não há nenhuma paisagem?* — perguntei.

— *Nada permanente* — ele disse. — *Tudo o que você vir, uma árvore, um arbusto, uma pedra, será apenas uma forma de pensamento criada por alguma pessoa neste nível. A aparência geral representa a imagem mental composta de seus habitantes.*

— *Esta é sua imagem mental composta?* — perguntei. — *Sem som, cores, vida.*

— *Sim, é* — ele disse.

— *E você trabalha aqui?* — Fiquei perplexo em saber que alguém que tinha uma opção escolhesse trabalhar nesse lugar

pavoroso.

— *Isso não é nada* — foi tudo o que ele disse.

Eu não estava enganado em minha observação. Sua voz estava mais baixa do que na Terra do Verão. Estava claro que a inércia deste lugar afetava até mesmo a fala. *Como será que minha voz soava?*, pensei.

— *Está esfriando* — reparei.

— *Imagine calor em tomo de você* — Albert disse.

Tentei, descobrindo que, gradualmente, o frio tornou-se menos severo.

— *Assim está melhor?* — Albert perguntou.

Eu disse que sim.

— *Mas lembre-se* — ele me advertiu: — *quanto mais avançarmos, será necessária uma concentração adaptativa maior da sua parte para se ajustar aos efeitos do ambiente. Uma concentração que será cada vez mais difícil para você controlar.*

Olhei à minha volta, uma nova inquietação começando. — *Está escurecendo* — observei.

— *Imagine luz em torno de você* — Albert me disse.

— *Imaginar luz?*, pensei. Tentei, embora não entendesse como isso poderia ajudar.

Mas ajudou. Pouco a pouco, as sombras que se acumulavam sobre nós começaram a clarear.

— *Como isso funciona?* — perguntei.

— *A luz aqui é obtida exclusivamente pela ação do pensamento na atmosfera* — ele nos disse. — *Que se faça a luz seja mais do que uma frase. Aqueles que vêm para este domínio em um estado não evoluído estão literalmente "nas sombras", sua mente não avançada o suficiente não possibilita produzir a luz que permitiriam que vissem.*

— *É por isso que eles não conseguem avançar?* — perguntei, pensando em Ann. — *Por que eles não conseguem ver para encontrar seu caminho?*

— *Isso pode ser parte da questão* — ele disse. — *No entanto, mesmo que pudessem ver com seus olhos, seus sistemas seriam incapazes de*

sobreviver em um domínio mais alto. O ar, por exemplo, seria tão rarefeito para eles que a respiração seria dolorosa se não impossível.

Olhei para a paisagem desolada e interminável. — *Isso poderia chamar-se Terra do Inverno* — eu disse.

— *Sim, poderia* — ele concordou. — *Exceto que as lembranças do inverno na Terra muitas vezes são agradáveis. Nada aqui é agradável.*

— *Seu trabalho aqui é... bem-sucedido?* — perguntei.

Ele suspirou e, ao observá-lo sob a luz noturnal, vi que sua expressão era de melancolia; uma expressão que eu nunca vira em seu rosto antes. — *Você sabe, por experiência própria, como é difícil fazer as pessoas na Terra acreditar na vida após a morte* — ele disse. — *É bem mais difícil aqui. A recepção que normalmente tenho é a de um ingênuo trabalhador da igreja no mais vil dos guetos, minhas palavras são recebidas com risos, piadas sujas e insultos verbais de todos os tipos. Não é difícil de entender por que tantos residentes neste domínio estão aqui há décadas.*

Olhei-o tão consternado que ele pareceu surpreso, então, percebendo o que ele dissera, arrependido. Mesmo ele perdera a percepção aqui.

— *Desculpe-me, Chris* — ele disse. — *Não quis dizer que Ann ficaria muito tempo aqui e sim quanto tempo ela poderia ficar.*

Ele suspirou de novo. — *Você entende o que quis dizer sobre a atmosfera deste lugar afetando o pensamento de alguém. Apesar do que eu acredito, já permiti que isso afetasse minhas convicções. A grande verdade, é claro, é que cada alma um dia vai se erguer. Nunca ouvi falar de um espírito que foi abandonado para sempre, mesmo sendo uma pessoa má. E sua Ann está longe de ser má. Tudo o que quis dizer é que há almas perdidas que estão neste domínio para o que parece ser, ao menos para elas, uma eternidade.*

Ele não disse mais nada e não insisti. Eu não queria pensar em Ann presa ali para sempre ou eu mesmo eternamente.

ENTRADA PARA PENSAMENTOS TENEBROSOS

Havia um odor no ar, um cheiro que posso descrever apenas como de podridão.

À frente havia o que parecia ser um conjunto de casebres. Eu diria uma vila, mas existia uma organização das cabanas e construções. — *Que lugar é esse?* — perguntei.

— *Um ponto de reunião para aqueles de natureza similar* — Albert disse.

— *Ela não...* — comecei a perguntar, então não consegui terminar, a idéia era pavorosa demais para mim.

— *Não creio* — Albert respondeu.

Eu ia dizer graças a Deus quando me ocorreu que onde Ann estava poderia ser pior do que isso. Tentei resistir à idéia, mas fui incapaz de esquecê-la. Eu sabia que isso era injusto para ela, mas não consegui evitar a influência funesta do domínio que afetava minha mente.

Não havia som enquanto avançamos para aquele grupo desconexo de casebres. Tudo o que eu conseguia ouvir era a batida de nossos sapatos no solo cinza e pétreo.

À nossa direita, vi alguma pessoas andando sem rumo, outros de pé, imóveis, todos vestindo andrajos. *Quem são eles?*, pensei. *O que eles fizeram, ou deixaram de fazer, para estar aqui?*

Chegamos a alguns metros de um bando deles; vários homens e mulheres. Embora Albert tivesse dito que não acreditava que Ann estivesse ali, escrutinei detalhadamente as mulheres. Nenhum deles olhou-nos quando passamos. — *Eles não conseguem nos ver?* — perguntei.

— *Não temos interesse nenhum para eles* — Albert disse. — *Eles estão absortos em suas próprias preocupações.*

Vi algumas pessoas sentadas sobre pedras e isso me deu uma estranha sensação ao lembrar que essas pedras foram criadas pela mente deles. Eles sentavam-se e ficavam de cabeças abaixadas, mãos soltas, olhando para o chão, imóveis em seu infortúnio. Sei que, a menos que fossem surdos, eles nos ouviriam passando, mas nenhum deles deu sinal de notar nossa presença.

De novo, olhei para as mulheres. *Não,* pensei abruptamente. *Ela não está aqui.* Mas Albert não disse isso, veio a sóbria resposta. Ele disse que não sabia. *Isso era possível?,* pensei, examinando com uma atenção ainda maior.

Estávamos tão próximos de diversas pessoas agora que eu era capaz de distinguir seus traços, apesar da penumbra.

A visão cortou minha respiração.

— *Acostume-se a isso* — Albert disse. — *Você verá coisas piores.*

Seu tom parecia quase antipático e olhei para ele, pensando inquieto se o lugar começava a mudá-lo. Se ele era incapaz de resistir a isso, que esperança havia para mim?

Arrepiado, olhei para as pessoas. Ann não poderia estar ali, ela não poderia.

Os traços dos homens e mulheres eram exagerados, como aqueles que sofrem de acromegalia[4], não eram tanto a face das pessoas, mas caricaturas inchadas delas.

Apesar da minha determinação, olhei intensamente para as mulheres. A face de Ann estaria deformada?

Lutei contra a idéia. Não! Ela não estava lá!

— *Ela não está aqui, está?* — implorei momentos depois, sem ser forte o suficiente para manter a convicção.

— *Não* — ele murmurou, e soltou a respiração, longa e pesadamente.

Passamos por um jovem deitado no chão, com suas roupas amarrotadas e encardidas. Pensei, no início, que ele nos observava, então, percebi, pelo seu olhar, que mirava seus próprios pensamentos, uma expressão de melancolia retraída.

Engoli em seco enquanto olhava para sua expressão perdida e o ar fétido caía como se descesse pela minha garganta como cola fria.

— *Por que eles têm essa aparência?* — perguntei, abalado pela visão.

— *A aparência retroage com a mente da pessoa* — Albert respondeu. — *A mesma coisa acontece na Terra, os rostos das pessoas mudam, após um período de tempo, com suas ações e pensamentos. Isso é apenas uma extensão lógica, mas terrível, daquele processo.*

— *Todos parecem tão soturnos* — eu disse.

— *Eles são* — ele respondeu. — *Soturnos em suas preocupações com si mesmos.*

— *Eles foram (ou são) tão ruins?* — indaguei-lhe.

Ele hesitou antes de responder à minha pergunta. Finalmente, ele disse: — *Tente entender, Chris, quando lhe digo que isto não é nada comparado ao que está à frente. As pessoas que você vê aqui podem ser culpadas de pecados que não foram, de forma alguma, horrendos. Mesmo uma pequena transgressão assume aspectos mais sombrios quando alguém está cercado por aqueles que cometeram transgressões similares. Cada pessoa multiplica e amplifica as falhas dos outros. A miséria adora companhia, é o que eles dizem na Terra. Deveria ser assim: Miséria, acompanhada, aumenta ainda mais.*

— *Não há equilíbrio aqui. Tudo é negativo e este vigor revertido alimenta-se de si mesmo, criando uma desordem cada vez maior. Isto é um nível de extremos, e extremos de uma natureza ainda mais inferior podem criar um hábitat doloroso. Você vê a aura deles?*

Eu não tinha reparado sob a luz pálida, mas quando ele chamou minha atenção para elas olhei. Todas elas consistiam de tons de cinza e marrom, cores esmaecidas e turvas. — *Essas pessoas são todas iguais então* — eu disse.

— *Basicamente* — Albert respondeu — *esta é uma das maldições deste domínio. Não pode haver harmonia entre as pessoas porque elas são iguais na essência e não conseguem encontrar companheiros, apenas imagens espelhadas de suas falhas.*

Albert virou-se abruptamente para a direita. Olhei para aquela direção e vi o primeiro movimento relativamente rápido que observei neste lugar, um homem mancando atrás de um casebre.

— *Mark!* — Albert gritou.

Olhei para ele com um sobressalto. Ele conhecia o homem?

Albert suspirou tristemente enquanto o homem permanecia fora de visão. — *Ele sempre foge de mim agora* — ele disse.

— *Você o conhece?*

— *Eu trabalho com ele há muito, muito tempo* — ele respondeu. — *Houve momentos em que pensei que tinha quase conseguido convencê-lo de que ele não era um prisioneiro aqui, mas ele próprio afundou-se nesta situação* — ele balançou a cabeça. — *Mas ele não acreditará nisso.*

— *Quem é ele?* — perguntei.

— *Um empresário. Um homem que, em vida, não se preocupava com mais nada além de adquirir riqueza. Ele praticamente não ficava com a família ou amigos. Dias e noites, sete dias por semana, cinqüenta e duas semanas por ano, ele pensava apenas em ganhos monetários. E ainda assim ele se sente traído. Ele pensa que deveria ser recompensado pelo que fez. "Eu trabalhei muito" é seu lamento constante. Não importa o que eu fale, ele diz isso. Como se sua total absorção no lucro fosse sua própria justificativa. Como se ele não tivesse responsabilidade com ninguém ou qualquer outra coisa. Uma doação ocasional para alguma obra de caridade convenceu-o de sua generosidade. Lembra-se de Marley com suas correntes? A imagem é adequada. Mark está sobrecarregado com correntes também. Só que ele não as vê.*

Olhei para minha esquerda e parei, alarmado, quando vi uma mulher que se parecia tanto com Ann que tive certeza de que era ela e caminhei em sua direção.

Albert segurou-me. — *Não é a Ann* — ele disse.

— *Mas...* — tentei me livrar de sua mão prendendo meu ombro.

— *Não deixe que sua ansiedade em vê-la faça você enxergá-la onde ela não está* — ele me alertou.

Olhei surpreso para ele, então voltei-me para a mulher. — *Ela se parecia com Ann* — eu disse a mim mesmo.

Olhei para ela. Havia uma pequena semelhança. Pisquei e observei com mais atenção. Eu nunca tinha sofrido alucinações em vida. Elas iriam começar agora?

Continuei examinando a mulher. Ela estava sentada no chão, encolhida, coberta dos pés à cabeça por uma rede de finos fios pretos. Ela não se mexia, mas olhava para a frente com olhos sem vida. Então entendi: como o jovem, ela olhava para dentro, mirando fixamente a penumbra de sua mente.

— *Ela não consegue romper esses fios?* — perguntei.

— *Com um mínimo de esforço* — Albert respondeu. — *O problema é que ela não acredita que possa e a mente é tudo. Tenho certeza de que sua vida na Terra deve ter sido de frustração e autocomiseração. Aqui, o sentimento é exagerado até o ponto que você pode ver.*

— *Pensei que ela se parecia com Ann* — comentei, confuso.

— *Lembre-se do que o homem disse* — Albert me lembrou. — *Esteja sempre alerta.*

Olhei para a mulher enquanto nos afastávamos. Ela não se parecia nem um pouco com Ann. Ainda assim, ela me fez pensar. Ann estava em uma situação parecida, presa em um lugar como este? O pensamento era perturbador.

Conforme passávamos pela vila silenciosa e sem forma, sua população muda e indigente, comecei a me sentir tão cansado que aquilo me trouxe lembranças do esgotamento que senti após a morte. Sem forças para fazer outra coisa, comecei a andar com as costas curvadas, assumindo a postura de algumas pessoas próximas.

Albert segurou meu braço e me endireitou. — *Não se deixe abater ou jamais encontraremos Ann* — ele disse. — *Estamos apenas começando.*

Obriguei-me a andar ereto concentrando-me na resistência ao cansaço. Isso ajudou imediatamente.

— *Esteja atento* — Albert repetiu o que o homem nos disse.

— *Desculpe* — eu disse.

Uma onda de depressão me acossou. Albert tinha razão. Estávamos apenas começando. Se eu já estava vulnerável, como

poderia esperar encontrar...?

— *Você está se curvando de novo* — Albert me alertou.

Meu Deus, pensei. Aconteceu tão rápido, o pensamento mais ínfimo me afetando. Mas eu iria resistir, jurei. Eu não me deixaria sucumbir aos tenebrosos afagos deste domínio.

— *Um lugar poderoso* — murmurei.

— *Se você permitir* — Albert respondeu.

Fale, pensei. O silêncio é o inimigo, reflexão negativa. — *O que são aqueles fios em torno daquela mulher?* — perguntei.

— *A mente é como uma roca* — Albert me respondeu. — *Na vida, ela tece constantemente uma teia que, no dia do nosso falecimento, nos cerca, para o bem ou para o mal. No caso daquela mulher, a teia tomou-se um laço de preocupações egoístas. Ela não consegue...*

Eu não ouvi o resto do que ele disse porque minha atenção foi desviada para um grupo de pessoas que se agachava em torno de algo que eu não conseguia ver, suas costas voltadas para nós, suas mãos rapidamente levando algo para a boca. Todos eles pareciam inchados.

Ao ouvir os sons que faziam, grunhidos, rosnados, sons de coisas rasgando, perguntei o que eles estavam fazendo.

— *Comendo* — Albert disse.

Não, mude isso. Devorando.

— *Mas se eles não têm corpos...*

— *Eles nunca conseguem se satisfazer, é claro* — ele disse. — *Eles fazem isso a partir de lembranças, apenas acreditando que estão comendo. Eles poderiam ser, tão facilmente quanto, bêbados tomando uma bebida não existente.*

Afastei meu olhar da visão. Essas pessoas, Robert, eram como criaturas refestelando-se com uma presa morta. *Odeio este lugar,* pensei.

— *Chris, ande ereto* — Albert disse.

Quase soltei um gemido. Aquele instante de ódio tinha sido forte o suficiente para me fazer curvar o corpo. Cada vez mais eu começava a apreciar a importância das palavras daquele homem: "Fique atento".

Agora, à nossa esquerda, eu podia ver uma estrutura alta e cinza semelhante a um armazém em ruínas. Suas portas enormes estavam abertas e, ao ver centenas de pessoas em seu interior, dirigi-me para lá. Talvez Ann...

Fui forçado a parar porque as vibrações daquela estrutura atingiram-me com tanta força que perdi a respiração, como se tivesse sido atingido fisicamente.

Olhei para as figuras movendo-se na penumbra cavernosa, as roupas soltas sobre o corpo, seus traços inchados e pálidos. Cada pessoa caminhava com a cabeça abaixada, sem reparar em ninguém à sua volta, empurrando os demais sem qualquer sinal de reação caso dessem um esbarrão. Não sei como eu sabia disso, mas seus pensamentos eram abertos para mim, concentrados em um tema pavoroso: *Estamos aqui para sempre e não há esperança para nós.*

Isso não é verdade, eu disse. Pelo bem de Ann eu não podia acreditar naquilo.

— *Isso é verdade enquanto você acreditar que é* — Albert disse.

Virei a cabeça para me afastar daquela visão. *Isso deve ser o inferno,* pensei, ilimitado e repugnante, *um lugar de...*

— *Chris!*

— *Meu Deus* — murmurei, assustado. Eu estava curvado de novo, meus movimentos ficando mais lentos, envelhecidos. Será que eu jamais conseguiria resistir às influências perniciosas deste domínio? Não havia nenhuma esperança de eu...

— *Chris!* — Albert parou e me forçou a ficar ereto. Segurando meus braços com força, ele fitou meus olhos e senti o fluxo de alguma coisa passando pelo meu corpo, restaurando a energia.

— *Você precisa manter-se alerta* — ele disse.

— *Desculpe-me* — murmurei. — *Não, não se lamente, seja forte!* — eu disse a mim mesmo.

Procurei concentrar-me na idéia de resistir enquanto nos movíamos pela luz nebulosa, deixando para trás os casebres desconjuntados.

O local não era silencioso.

Conforme nos aproximávamos, sons de raiva e discussões aumentavam de volume, pessoas brigando, suas vozes estridentes, barbaramente vingativas.

Logo eu os vi.

Ninguém tocava outra pessoa. O contato era inteiramente por meio de palavras cruéis, ferozes, violentas. Uma névoa maligna pairava sobre as pessoas, uma mistura de suas auras sombrias, terríveis *flashes* vermelhos de fúria atirados entre eles.

Albert havia me alertado que nos aproximávamos de uma área onde espíritos agressivos reuniam-se. Esta seção era a menos violenta. A violência aqui era, pelo menos, confinada a abuso verbal.

— *Você já esteve neste local antes?* — perguntei. Eu tinha de falar em voz alta para que ele me ouvisse.

— *Em um deles* — ele respondeu.

Enquanto circulávamos pela multidão em fúria, comecei a sentir seus ataques gélidos de veneno contra nós. Eles nem sabiam quem éramos, mas ainda assim eles nos odiavam totalmente.

— *Eles podem nos ferir?* — perguntei, inquieto.

— *Não se nos recusarmos a aceitar sua ira* — Albert me disse. — *É mais provável que eles prejudiquem pessoas vivas que não estão conscientes de sua existência. Felizmente, é raro eles unirem seus pensamentos em determinado foco. Se por acaso isso acontecer, as mentalidades mais fortes acima notam isso e dissipam o resultado para que eles não possam prejudicar os inocentes na Terra. Claro que há indivíduos cuja natureza é receptiva a esses pensamentos; que fornecem um acesso a eles. Esses não podem ser ajudados. Esta é a cilada do livre-arbítrio. Qualquer homem ou mulher possui a capacidade de dar abrigo a pensamentos perversos.*

O CHÃO DO INFERNO

Quanto mais caminhávamos agora, mais aversão e repugnância eu sentia. Uma espécie de inquietação dolorosa tomou conta de mim. Meu corpo sofria com câimbras e músculos rígidos. O ar em meus pulmões tinha um gosto repulsivo, sujo, tão denso quanto mucilagem.

— *Ajuste seu sistema de novo* — Albert disse.

De novo. Eu tinha feito isso cinco vezes ou tinham sido seis? Visualizei-me como eu teria de ser para funcionar sob essas novas condições. Não funcionar confortavelmente, pois Deus sabia que esse conceito deixara meu sistema havia muito tempo. Sobreviver era tudo o que eu queria agora.

Mais uma vez senti meu corpo condensando-se e em um nível tão alto agora que eu poderia estar vivo na Terra de novo, já que minha carne solidificou-se e ganhou peso, meus ossos coagularam e tornaram-se rígidos.

— *Ajuste sua mente também* — Albert me disse. — *Isto será o pior que você já viu.*

Respirei fundo, meu rosto contorcendo-se com o gosto e o odor do ar fétido. — *Isto está realmente ajudando?* — perguntei.

— *Se houvesse algum outro modo de encontrá-la pode ter certeza de que teríamos tentado* — Albert disse.

— *Estamos mais próximos dela?*

— *Sim* — ele disse — *e não.*

Virei-me para ele, irritado. — *O que isso quer dizer?* — eu exigi.

Sua expressão de urgência fez-me conter minha raiva. No começo, eu não conseguia, então percebendo que era imprescindível, procurei manter o autocontrole. — *Estamos de algum modo mais próximos?* — perguntei.

— *Estamos nos movendo na direção certa* — ele respondeu. — *Mas ainda não fui capaz de localizá-la.*

Ele parou e me olhou. — *Lamento que eu não consiga explicar melhor* — ele disse. — *Eu posso dizer que sim, está ajudando. Por favor, acredite em mim.*

Eu acenei com a cabeça, retribuindo seu olhar.

— *Avise-me se você quiser voltar* — ele disse.

— *Voltar?*

— *Deixe que eu a procure...*

— *Eu quero encontrá-la, Albert. Agora.*

— *Chris, você precisa...*

Desviei meu olhar dele, furioso, e então olhei novamente. Ele só estava me alertando. Minha nova impaciência com ele era um sinal que o ambiente afetava-me de novo.

Comecei a me desculpar, então senti que começava a ficar tenso e com raiva de novo. Eu quase gritei com ele. Então, um feixe de razão perfurou o sombrio ressentimento em minha mente e eu sabia, mais uma vez, que ele apenas tentava ajudar. Quem era eu para discutir com um homem que viera para este lugar terrível para ajudar outros? Qual era o problema comigo?

Meus sentimentos reverteram-se mais uma vez. Eu estava mais uma vez desconsolado, entristecido pela minha incapacidade de...

— *Chris, você está curvando-se de novo* — Albert disse. — *Concentre-se em algo positivo.*

Uma erupção de alarme. Tentei fazer minha mente inquieta pensar na Terra do Verão. Albert era meu amigo. Ele me guiava para encontrar Ann, sua única motivação era o amor.

— *Melhorou* — Albert apertou meu braço. — *Apegue-se a isso, seja lá o que for.*

— *Tentarei* — eu disse. — *Desculpe-me por ter me irritado de novo.*

— *Não é fácil de se lembrar aqui* — ele disse. — *E simples de esquecer.*

Mesmo essas palavras, cujo objetivo era explicar, tinham a tendência de me puxar para baixo, como um ímã sombrio. De novo, pensei na Terra do Verão, então em Ann e em meu amor por ela. Aquilo era melhor.

Eu me concentraria em Ann.

Conforme caminhávamos, a luz ficava mais tênue. Mesmo com minha concentração em uma área de luz à minha volta, a aura parecia encolher como se forçada por uma pressão externa. A luz de Albert era mais forte, mas mesmo sua luminosidade logo se tornou tão fraca quanto a chama de uma vela sendo extinta. Era como se eu sentisse o ar tornando-se mais sólido. Era como caminhar no fundo de um mar profundo e sombrio. Não havia pessoas à vista, nenhuma estrutura. Tudo o que eu via à frente eram rochas, uma linha de seixos escarpados.

Momentos depois, chegamos à borda da cratera.

Inclinei-me para a frente e olhei para sua escuridão, então, fui empurrado rapidamente para trás por uma rajada de algo que vinha das profundezas, algo tóxico e maligno: — *O que é isto?* — murmurei.

— *Se há um lugar em que estive que merece o nome de inferno, é este lugar* — Albert me disse. Foi a primeira vez que ouvi o som de apreensão em sua voz e isso fez meu medo aumentar. As constantes incursões por tudo isso davam a medida de sua força. Se este lugar o assustara...

— *Mas temos de descer até lá* — ele disse. Eu não tinha certeza se ele estava dizendo isto para mim ou tentando se fortalecer para a provação.

Respirei. — *Albert, ela não está lá embaixo* — eu disse, implorei.

— *Não sei* — ele respondeu. Sua expressão era grave. — *Só sei que temos de ir até lá se quisermos encontrá-la.*

Estremeci, fechei os olhos e procurei pensar na Terra do Verão. Para meu desalento, fui incapaz de fazer isso. Esforcei-me para visualizar a margem do lago que eu visitara, a bela paisagem...

O pensamento foi-se. Abri os olhos e olhei para a vasta e sombria cratera.

Ela tinha quilômetros de circunferência com paredes escarpadas. Tudo o que eu conseguia identificar no seu chão — era como tentar observar detalhes em um vale coberto pela noite — foram grandes massas de pedra como se uma avalanche cataclismática tivesse acontecido muitas eras antes. Pensei ter visto aberturas, mas não tinha certeza. Eram túneis na rocha? Estremeci de novo e procurei evitar pensamentos sobre que tipo de seres poderiam existir nesses túneis.

— *Temos de ir por este caminho?* — perguntei. Eu sabia a resposta em minha mente, mas ouvi minha voz mesmo assim, seu tom de um terror hesitante.

— *Chris, vamos voltar* — ele disse. — *Irei sozinho.*

— *Não* — resisti. Eu amava Ann e iria ajudá-la. Nada nas profundezas do inferno iria me impedir de fazer isso.

Albert me olhou e eu devolvi o olhar. Sua aparência tinha mudado. Ele era como eu lembrava dele na Terra. Nenhum resquício de perfeição poderia sobreviver neste lugar e seu semblante era aquele do qual me lembrava em minha juventude. Ele sempre pareceu pálido, um pouco doente. Ele tinha aquela aparência de novo, como eu tinha certeza que a minha também era.

Eu só podia rezar para que, sob sua palidez, a força de vontade do homem que eu conhecera na Terra do Verão ainda estivesse intacta.

Descemos por uma fissura na rocha. Estava muito escuro para ver claramente, mas podia sentir o limo na superfície das rochas, uma substância gelatinosa que transpirava um cheiro de podridão. Vez por outra, alguma pequena criatura rastejava pelos meus dedos, causando-me um sobressalto. Quando eu mexia os dedos, elas fugiam rapidamente para as fendas. Dentes cerrados,

procurei me concentrar em Ann. Eu a amava e estava aqui para ajudá-la. Nada era mais forte do que isso. Nada.

Conforme descíamos gradualmente, o sentimento de, como posso descrever isso?, materialidade começou a encher o ar. Era como se descêssemos por meio de um fluído invisível e granulado. Os ajustes eram feitos em segundos agora. Éramos parte do ambiente, nossa carne adaptou-se a ele automaticamente.

O ar... poderíamos dar esse nome a ele?, era totalmente repulsivo, denso e pegajoso, um odor pútrido. Eu podia senti-lo escorrer pelo meu corpo, penetrar nos pulmões enquanto descíamos e descíamos.

— *Você esteve mesmo aqui?* — perguntei. Eu arfava, em busca de ar. Pensei até que era praticamente como estar vivo de tão completa era a sensação de função corporal.

— *Muitas vezes* — Albert disse.

— *Eu não conseguiria.*

— *Alguém tem de ajudar* — ele respondeu. — *Eles não conseguem ajudar-se sozinhos.*

Eles, eu pensei. Um arrepio convulsivo varreu meu corpo. Com o que eles se pareciam, os habitantes desta fossa repugnante? Eu esperava não ter de descobrir. Rezei para que Albert conseguisse, por intermédio de uma súbita inspiração, saber exatamente onde Ann estava e me levasse para lá, longe deste lugar odioso. Eu não conseguiria suportar...

Não. Eu parei. Não posso pensar assim. Eu deveria ser capaz de enfrentar qualquer coisa para encontrar Ann.

O domínio inferior. Não é uma descrição adequada para esta região. Nem de longe descreve quanto é horrível. Não há luz, a escuridão da noite inescrutável. Não havia vegetação. Nada, a não ser pedras gélidas. Um odor incessante, fétido e repugnante. Uma atmosfera que faria o homem mais forte sentir-se doente e impotente.

A escuridão era envolvente como uma mortalha agora. Precisei de toda a minha concentração para manter viva a chama

mais tênue de iluminação. Eu não conseguia mais enxergar minhas mãos. *A exploração de cavernas deve ser assim,* pensei. A escuridão pressionava contra minha pele enquanto descíamos cada vez mais. *Seria mais seguro não carregar nenhuma luz?,* perguntei-me. Desse modo não veríamos...

Respirei ofegante enquanto meu pensamento cobria-me com uma escuridão abissal. — *Albert!* — murmurei.

— *Pense na luz* — ele me disse rapidamente.

Agarrei-me à rocha fria e me esforcei para fazer o que ele dissera, meu cérebro lutando para criar uma imagem de iluminação. Em pensamento, risquei um fósforo que não acendia. Mais de uma vez raspei sua cabeça contra a superfície rochosa, mas o máximo que consegui foi a visão de uma centelha furtiva e aleatória à distância.

Tentei imaginar uma tocha em minha mão, uma lanterna, um candelabro. Nada funcionou. A escuridão aumentou seu cerco sobre mim e comecei a entrar em pânico.

De repente, senti a mão de Albert segurar meu ombro. — *Luz* — ele disse.

Um alívio percorreu meu corpo enquanto a iluminação voltou como um halo pálido em volta da minha cabeça. Senti uma irradiação de confiança: na luz, mas ainda mais na habilidade de Albert, ainda intacta, de restaurar em mim, a força para trazê-la de volta.

— *Mantenha-a forte em sua mente* — ele disse. — *Não há escuridão no universo que se compare à do domínio inferior. Você não pode ficar sem luz aqui.*

Estendi a mão direita para apertar seu braço em gratidão. Na mesma hora, algo frio e com inúmeras pernas correu pela minha mão esquerda e eu quase o joguei para longe da parede, lembrando-me apenas no último instante de evitar o gesto. Segurei-me na parede com a mão direita e fechei os olhos. Depois de alguns instantes, murmurei — *Obrigado.*

— *Tudo bem* — Albert disse.

Conforme continuávamos, pensei no que teria acontecido se eu tivesse despencado. Eu não poderia morrer. Ainda assim, isso não trazia um grande conforto. No inferno, a morte era a menor das ameaças.

O ar coagulado estava esfriando agora, colando na minha pele com uma umidade rastejante que parecia viva. *Pense no calor,* eu disse a mim mesmo. Lutei para imaginar o ar da Terra do Verão, para sentir seu calor na minha pele

Isso ajudou um pouco. Mas o cheiro piorou. O que ele me lembrava? No início, não conseguia recordar-me, descendo, descendo sempre; nós jamais chegaríamos ao fundo?

Então, a imagem surgiu. Uma tarde de verão. Marie voltando de um passeio com Katie. Pouco antes de ela lavar o suor dos pêlos de Katie, senti o cheiro. Cerrei os dentes até eles doerem. *O odor do inferno é o odor de um cavalo suado,* pensei. Foi este o lugar que Dante confrontou em suas visões terríveis?

Então, lentamente me dei conta, naquele momento, no qual cada pensamento era um grande esforço, de que, assim como fui capaz de reprimir o frio e a escuridão, eu poderia logicamente afastar o odor também. *Como?,* pensei. Meu cérebro virou como um navio naufragando. *Pense,* ordenei e consegui lembrar-me do doce aroma da Terra do Verão. Não era uma lembrança perfeita, mas o suficiente para aplacar o cheiro e tornar minha descida mais suportável.

Pensei em contar a ele o que fiz e olhei à minha volta em busca de Albert e uma onda de terror tomou conta de mim quando não consegui vê-lo.

Eu disse seu nome em voz alta.

— *Albert?*

Nenhuma resposta.

— *Albert?*

Silêncio.

— *Albert!*

— *Estou aqui* — Sua voz me alcançou e, após muito esforço, consegui ver o pálido brilho de sua presença movendo-se em minha direção.

— *O que aconteceu?* — perguntei.

— *Você se distraiu* — ele me disse. — *E, olhando para baixo, eu também fiz o mesmo.*

Segurei a respiração e ouvi.

Do fosso sombrio, consegui ouvir uma série de sons quase inaudíveis, berros e gritos de agonia, risos ensandecidos e roucos, uivos de loucura. Tentei não estremecer, mas não tive forças. Como eu conseguiria ir até lá? Fechei os olhos e implorei: *Deus, por favor, ajude-me a sobreviver...* a qualquer coisa que exista abaixo de mim no fundo do inferno.

INFERNOS DENTRO INFERNOS

Fico pensando agora, se alguém com capacidade mediúnica, alguém que em supraconsciência tenha viajado para este local batizou o sanatório inglês com o nome de *Bedlam*[5].

Uma ruidosa pestilência, a expressão ocorreu-me enquanto chegávamos ao fundo da cratera.

O ar era lacerado por todo som horrível que o homem é capaz de emitir.

Gritos e uivos. Imprecações gritadas. Risos de todas as variações demenciais. Rosnados e silvos. Rugidos bestiais. Gemidos inimagináveis de agonia. Guinchos de dor. Bramidos e lamentações selvagens, Ululos, vociferações, prantos, clamores e queixumes. O tumulto estrepitoso de almas incontáveis em espasmos de loucura.

Albert aproximou-se e gritou em meu ouvido: — *Segure-se em mim!*

Eu não precisava de encorajamento. Como uma criança aterrorizada por todos os pavores conhecidos e desconhecidos em sua mente, agarrei-me ao seu braço enquanto começávamos a cruzar a base da cratera, abrindo caminho entre formas que se espalhavam por todos os cantos, algumas movendo-se espasmodicamente, outras com contrações e movimentos abruptos, algumas arrastando-se como cobras, outras imóveis como cadáveres.

Todas elas assemelhavam-se a mortos.

O que eu conseguia ver, por meio da tênue luz que carregávamos conosco, intimidou minha alma.

Uma nuvem de vapor pairava sobre o terreno pedregoso, ameaçando sufocar-nos até que, mais uma vez, ajustamos nossos sistemas para sobreviver ao ambiente.

Abaixo do vapor estavam as figuras. Andrajos que mostravam grandes partes de pele cinza e púrpura. Olhares brilhantes em rostos sem vida, mirando-nos.

E eu ouvi um som intermitente.

As pessoas sentavam em pedras e mantinham as cabeças juntas como se estivessem conspirando. As pessoas copulavam no chão e nas rochas, gritando e rindo. As pessoas brigavam, esgoelavam-se, batiam-se com pedras, torturavam-se. Tudo com gritos, uivos e imprecações. Uma massa de criaturas convulsivas rastejando, contorcendo-se, sacudindo-se, balançando-se e brigando ocupava a base da cratera.

O som intermitente continuava, um zumbido interminável de uma fonte que eu não conseguia identificar.

Agora eu via que, entremeados pela área que cruzávamos, havia poças de um líquido escuro e fétido, que eu hesito em chamá-lo de água. Um fedor asqueroso ao qual eu jamais tinha sido exposto erguia-se dessas poças. Fiquei horrorizado ao ver movimento dentro delas, como se seres desafortunados tivessem escorregado para dentro delas e fossem incapazes de se levantar.

E o zumbido continuava, cada vez mais alto, uma amálgama de sons constantes acima da cacofonia de ruídos humanos e inumanos.

Um súbito fluxo de pensamentos cruéis assolou-me violentamente!

Mas eu pensei que não conseguíamos captar pensamentos, a idéia veio-me à mente. Senti-me esmagado sob o peso de visões tenebrosas e só podia supor que tais pensamentos eram tão violentos em seu foco que não era necessária telepatia para absorver suas vibrações. Que tais pensamentos eram realmente tangíveis para os sentidos, mais uma onda de choque físico do que um confluência de idéias imateriais.

Sentindo aquela onda enquanto ela me endurecia e me enojava, olhei em volta e vi um grupo de pessoas de cerca de nove metros de nós, iluminados por um brilho laranja-escuro e sujo.

Alguns tinham sorriso arreganhado em sua face, outros, expressões de ódio brutal. Era uma onda de seus pensamentos...

De repente, gritei, aterrorizado, um som inaudível sob o estrondo lunático.

O zumbido que eu ouvira era de moscas.

Milhões delas.

Todos estavam cobertos por chusmas inconstantes de moscas. Rostos se moviam com elas. Elas pousavam nos cantos dos olhos e rastejavam para dentro e fora das bocas.

Uma visão medonha assomou à minha mente. Katie com um corte causado por arame farpado em sua face, uma nuvem de moscas em cima dela como um fragmento de carvão vivo, aquelas embaixo refestelando-se em seu sangue, suas barrigas vermelhas e inchadas. Mesmo quando agitei minha mão sobre elas, gritando de repugnância, aquelas moscas não se mexeram.

O terror enojado que senti naquele momento não foi nada comparado a isto. Meus dedos apertaram o braço de Albert e fechei os olhos, tentando fugir da visão.

Aquilo foi pior.

No instante em que fechei os olhos, uma onda de outras visões começou a cruzar minha mente. Demônios de faces brancas devorando carne podre. Vampiros de riso arreganhado chafurdando-se em poças de sangue negro das gargantas de crianças aos berros. Figuras de lixo e excrementos em união medonha. Homens e mulheres...

Abri os olhos com um espasmo. Embora fossem horríveis, as visões à nossa volta eram preferíveis às que eu fora compelido a ver de olhos fechados.

— *Resista aos pensamentos deles* — Albert gritou. — *Não permita que eles o enfraqueçam!* — Olhei-o com um terror indizível. Ele sabia?

Tentei resistir. Robert, como tentei. Procurei evitar as terríveis visões e sons que essas pessoas infligiam constantemente

em mim; os odores, sabores e sensações deste lugar. *Ann não poderia estar aqui,* pensei.

Eu não me permitiria acreditar nisso.

Abruptamente, como se houvesse alguma conexão com meu pensamento sobre Ann, os mais elaborados dos desesperos e das agonias começaram a invadir minha consciência.

Eu só posso dizer que nada na minha vida jamais chegou perto disso. Enquanto o cérebro físico é incapaz de lidar com múltiplos pensamentos de uma só vez, a mente espiritual consegue absorver impressões em massa. Mesmo com uma mente tão rasa quanto a minha se tornara.

Essas impressões eram como borrifos de ácido queimando na minha mente. Uma desesperança e pesar absolutos competiam pela própria existência da minha consciência. Uma melancolia tão vasta abria-se sob mim como um fosso sem fundo. *Ann não está aqui.* O pensamento tornou-se minha única defesa.

Não entre eles.

Tive um sobressalto e gritei chocado quando um homem veio em nossa direção, balançando bruscamente o corpo, usando o que pareciam ser os restos de uma toga, agora andrajos negros dependurados em seu corpo. Seus membros tinham tão pouca carne que pareciam puro osso. As mãos que ele estendeu em nossa direção eram como as garras de uma ave de rapina, as unhas pareciam pinças negras. Mal era possível reconhecer sua face, de tão distorcida e malformada. Seus olhos brilhantes eram pequenos e vermelhos e sua boca aberta, repulsiva, era tomada por presas amarelas.

Grande parte de seu rosto estava em decomposição, ossos cinza aparecendo no meio da carne apodrecida. Gritei, horrorizado, quando ele agarrou meu braço, seu toque fazendo uma náusea intensa acumular-se dentro de mim.

— *Ali!* — ele gritou, apontando com uma de suas mãos em forma de garra.

Involuntariamente, olhei para onde ele apontava e vi um homem arrastando uma mulher em direção a uma das poças

viscosas e escuras. Ela gritava de puro terror, o som cortando-me como golpes de navalha.

Gritei de novo ao reconhecê-la.

— *Ann!*

— *Chris, não!* — Albert alertou.

Tarde demais. Eu já tinha me soltado de seu braço, escapado de sua tentativa desesperada de me segurar. — *Já vou!* — gritei, correndo na direção de Ann.

O inferno desabou.

No instante em que me soltei de Albert, sua proteção desapareceu e uma massa de figuras veio em minha direção, uivando com um prazer demoníaco.

Enquanto eles se aproximavam rapidamente, me dei conta, com um lampejo de horror, que eu fora enganado por aquele homem. Ele sabia que eu procurava pela minha esposa? A mente dele era tão ardilosa?

O que quer que fosse, ele apenas teve de me fazer pensar que era Ann. Eu já sabia que não era. No momento em que me soltei de Albert, a feição da mulher transformou-se na aparência pavorosa de todos os demais.

Parei de imediato e tentei, em vão, virar-me, girando em um pânico incontrolável.

De nada adiantou. Mal comecei a me mover e eles já estavam em cima de mim, de todos os lados, guinchando e me agarrando.

Cambaleei e perdi o equilíbrio, tentei me conter e comecei a cair. Uivos de alegria selvagem envolveram-me. Gritei, amedrontado, enquanto tropeçava no terreno rochoso, onde seus corpos avolumavam-se sobre o meu e suas mãos agarravam meu rosto, rasgando minhas roupas, minha carne.

Faces obscureciam minha visão, algumas queimadas, outras de um vermelho intenso, todas desfiguradas por cicatrizes, queimaduras ou feridas ulcerosas. Alguns não tinham nenhuma face, mas algo feito de cabelos e ossos em lugar do rosto.

Gritei o nome de Albert e então tive a horrenda sensação de uma nuvem de moscas entrando em minha boca aberta, em meus olhos e ouvidos. Elas pareciam excitadas pela minha impotência. Tentei cuspi-las. Estapeei meus olhos e ouvidos com mãos furiosas.

De novo, tentei gritar o nome de Albert, mas o único som que fiz foi um gorgolejo sufocado enquanto uma nuvem de moscas entupia minha garganta. Tentei contrair o estômago para poder vomitá-las, mas aquelas pessoas clamando e gritando impediam-me. Elas me arrastavam pelo chão, segurando minhas pernas e braços, chutando-me e gritando com prazer insano diante da minha impotência.

A luz que eu carregava estava praticamente apagada agora. Tudo o que eu via eram formas e sombras distorcidas pairando sobre mim. Tudo o que eu ouvia eram gritos de alegria ensandecida enquanto eles me arrastavam pelo chão, rasgando minhas roupas e cortando minha carne em pedras afiadas como navalhas. Isso e o zumbido das moscas.

Albert!, pensei angustiado. *Ajude-me, por favor!*

Escuridão total agora. O zumbido ensurdecedor de moscas enchia meus ouvidos e eu tinha a sensação delas rastejando, centenas delas, pela minha boca e garganta, através dos globos oculares esbugalhados.

Então, abruptamente, senti que fui enfiado em um líquido gélido, submerso sob sua superfície.

Instantaneamente, ele fluiu pela minha garganta e pressionou meu rosto; foi uma sensação indescritível, uma combinação de todos os gostos e cheiros repulsivos concebíveis.

Senti mãos em forma de garras afundando-me no líquido e meu horror aumentava ainda mais. Como isso era possível? Ao mesmo tempo, abaixo de mim, outras mãos começavam a me agarrar.

Tentei gritar, mas só fui capaz de fazer um ruído borbulhante e sufocado enquanto mãos continuavam me puxando,

passando de mão invisível para mão invisível, arrastando-me cada vez mais fundo para as profundezas insalubres.

Corpos começaram a subir em mim agora, esqueléticos, com nacos de carne podre. Meus olhos estavam fortemente fechados, mas mesmo assim eu conseguia ver seus rostos. As faces dos mortos-vivos examinando-me, olhos alegres e brilhantes enquanto eu descia cada vez mais.

Ann!, pensei. Minha consciência começou a desvanecer. *Eu decepcionei você!*

Levantei-me com um grito lancinante.

Albert tinha a mão sobre meu ombro enquanto eu o olhava.

Finalmente, olhei à minha volta.

Estávamos sentados em uma planície estéril, tudo cinza, com céu de cor de ardósia enlameada. Um vento frio uivava pela imensidão interminável.

Ainda assim, Robert, comparado ao lugar onde eu estivera, a planície era o paraíso.

— *Como você me trouxe até aqui?* — perguntei. O fato de eu estar com ele parecia além da minha compreensão.

— *Você esteve nas mãos deles apenas por alguns instantes* — ele me disse.

— *Alguns instantes?* — Eu sabia que engasgara. — *Mas eles me derrubaram e me arrastaram para uma poça e empurraram para baixo da superfície onde...*

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo tristemente. — *Você estava sob minha vista o tempo todo, a menos de um metro de distância. Eles tocaram você apenas com a mente.*

— *Meu Deus* — estremeci incontrolavelmente. — *Isso tem de ser o inferno. Tem de ser.*

— *Um deles* — ele respondeu.

— *Um!* — olhei para ele, horrorizado.

— *Chris* — ele me disse — *existem infernos dentro de infernos dentro de infernos.*

Onde Ann está agora

Caminhamos pela longa e cinza planície, as sandálias arrastando-se sobre o terreno duro.

— *Não há um lugar chamado inferno* — Albert me disse. — *O que os homens chamam de inferno é um vácuo no qual almas não desenvolvidas ficam após a morte. Um nível de existência que não conseguem superar porque são incapazes de pensar abstratamente, conseguindo apenas lidar com questões temporais.*

— *Então, por que temos de ir até lá?* — perguntei. — *Com certeza Ann...*

— *Só posso dizer, Chris, que os sinais, se permitir que eu diga, levam até lá* — Albert disse. — *E, graças a Deus, para fora de lá.*

— *Ainda estamos seguindo-os?* — perguntei ansiosamente.

Ele confirmou com a cabeça. — *Acredito que estamos chegando perto agora.*

Olhei em todas as direções, nada vendo a não ser uma planície sem vida. — *Como isso é possível?* — perguntei.

— *Seja paciente* — ele me disse. — *Um pouco mais de tempo.*

Caminhamos em silêncio por um tempo. Então, ao pensar nele, eu disse: — *O homem que me enganou.*

— *Uma figura trágica* — Albert disse. — *Ele passou a maior parte da sua vida infligindo tortura mental e física aos outros. Seus crimes voltaram-se contra ele e o mantêm preso naquele lugar há séculos. O que causa pena é que, apesar do fato da memória de cada ato indizível que ele cometeu esteja indelevelmente marcado em sua mente, até agora ele não demonstra nenhum arrependimento ou remorso pelas suas ações.*

— *Por que você o chama de trágico?* — eu disse, lembrando-me da expressão selvagem e brutal do homem.

— *Porque* — Albert respondeu — *na Roma antiga ele não viveu a vida de um criminoso, mas de um administrador da Justiça.*

Eu só consegui balançar a cabeça.

— *Claro que a justiça que ele administrava não era nada além de uma caricatura* — Albert disse. — *E agora ele sofre a dor da justiça do olho por olho.*

Ele parou abruptamente e olhou à nossa direita. Dirigi meu olhar para aquele direção e vi, para minha surpresa, um conjunto de pequenas colinas no horizonte.

— *Ela está lá* — Albert disse.

Sua expressão não encorajava alegria. — *Não se sinta feliz* — ele disse. — *Isso não é motivo para celebração. A parte mais difícil começa agora.*

Estranho que, depois de tudo o que experimentei na cratera, eu sentisse uma maior sensação de mau agouro diante da visão à minha frente, embora ela devesse ser uma imagem familiar tranqüilizadora, a colina que levava para nossa casa.

Olhei para Albert, perturbado e confuso. Por que fomos tão longe se ela nunca deixara a casa? — *Ela está aqui?* — perguntei.

— *Aqui?* — ele respondeu.

— *Em nossa casa* — eu disse. Mas, mesmo quando eu falava, eu sabia por que ele devolvera a pergunta para mim.

Esta não era a casa que eu conhecera, embora, de onde eu estava, ela parecesse virtualmente idêntica.

— *O que é então?* — perguntei.

— *Você verá se chegar lá* — ele respondeu.

— *Se?* — Olhei para ele, espantado.

— *Prefiro que você vá embora* — ele disse. — *Sim, mesmo aqui, onde você está a apenas alguns passos dela.*

Eu balancei a cabeça.

— *Chris* — Ele pegou meu braço e segurou com força. Minha carne estava densa; creio que a palavra poderia ser terrena. — *O que aconteceu a você na cratera aconteceu apenas em sua mente e apenas sua mente sofreu. O que acontece aqui pode afetar sua alma.*

Eu sabia que ele falava a verdade. Ainda assim, balancei a cabeça de novo. — *Preciso vê-la, Albert* — eu disse a ele.

Ele sorriu, mas não era nada além de um sorriso triste e de aceitação. — *Lembre-se então* — ele disse — *de resistir, sempre, ao desespero que você vai sentir. Seu corpo astral deve se esconder ainda mais para que Ann possa ver e ouvir você. Ao fazer isso, você se torna vulnerável a tudo a que ela é vulnerável. Você entende isso?*

— *Sim* — concordei com a cabeça.

— *Como posso dizer... se você se sentir tragado* — Albert disse — *oponha-se com todas as suas forças. Tentarei ajudar você, mas...*

Eu o interrompi. — *Ajudar-me?*

— *Fazer o que eu puder para ajudá-lo enquanto...*

Minha expressão deve tê-lo feito interromper o que dizia. Ele olhou para mim alarmado. — *Chris, não. Você não deve ir.*

— *Sim* — Olhei para a casa, o telhado estava visível na colina. — *Não sei o que há lá ou o que vai acontecer. Mas preciso ajudá-la. Eu sinto isso* — eu disse, sem deixá-lo falar.

Ele me olhou profundamente preocupado.

— *Eu sinto isso* — repeti. — *Não consigo explicar, mas sei que preciso agir.*

Ele me olhou em silêncio por um longo tempo, obviamente pensando se deveria discutir comigo.

Finalmente, sem uma palavra, ele avançou e me abraçou lentamente. Ele manteve o abraço por um longo tempo e então recuou, as mãos ainda nos meus ombros e esboçou um sorriso.

— *Lembre-se de que você é amado* — ele disse. — *Há um lar para você e pessoas que se importam com você.*

Ele retirou as mãos de meus ombros. — *Não deixe que percamos você* — ele disse.

Eu nada disse. Não havia como saber o que eu enfrentaria na colina. Só consegui acenar com a cabeça e devolver seu sorriso antes de ele se virar e se afastar de mim.

Observei-o até ele desaparecer de vista. Então me virei e comecei a subir a entrada para automóveis da casa. Um pensamento

súbito ocorreu-me. *Entrada para automóveis?* Ela tinha um carro? E, se ela tinha, onde ela poderia dirigi-lo?

Parei e olhei à minha volta, a resposta aparentemente já estava ali. Não havia vizinhos, casas no horizonte, Hidden Hills, nada. A casa estava isolada.

Escutei meus passos na entrada para os automóveis conforme voltei a subir. Reparei que o pavimento estava quebrado e sujo, com tufos de erva daninha crescendo nas fendas.

Pensei de novo no que Albert me dissera antes de me deixar.

— Ela não acreditará em uma palavra do que você disser, lembre-se disso o tempo todo. Não adianta tentar convencê-la de que ela não está viva. Ela pensa que está. Ela pensa que apenas você está morto. Por esse motivo, seria melhor você não se identificar imediatamente, mas tentar, de alguma maneira, que não sei qual, convencê-la gradualmente de quem você é. Deixo isso para você, pois a conhece melhor do que eu. Lembre-se de que ela não o reconhecerá e não acreditará se contar, logo de inicio, quem você é.

Eu estava na metade do caminho da colina agora. Como tudo parecia tão assustador! Descrevi o caminho para os automóveis. Além disso, todas as árvores que o circundavam estavam mortas ou sem folhas. Ao passar por uma, peguei um graveto e o senti se quebrar em meus dedos. Lembrei-me de como costumava reclamar da aparência da nossa colina no final do verão.

Ela era gloriosa comparada a isso.

Parei e recuei repentinamente. Uma serpente saiu das ervas daninhas para cruzar o caminho. Observei-a rastejar lentamente pelo pavimento quebrado. Tentei ver sua cabeça, para verificar se era triangular. Ocasionalmente tínhamos cascavéis. Certa vez, uma cascavel de um metro estava vivendo sob uma caixa de papelão na garagem.

Eu não me mexi até que a serpente desapareceu na grama marrom à direita do caminho. Então, voltei a andar, pensando no que teria acontecido se eu tivesse estendido a mão para a cobra. Ela não poderia me matar, é óbvio, mas, neste nível, eu teria sentido o veneno ardente em minhas veias?

Olhei para cima e consegui ver o telhado da casa mais claramente. Ele parecia escuro e manchado e percebi que teria de baixar minha vibração de novo para alcançar este nível.

Mais uma vez, isso aconteceu no seu próprio ritmo, uma sensação que eu já tivera antes, de congelamento. Meu caminhar tornou-se lento e arrastado. Um filme transparente cobriu meus olhos; a luz tornou-se ainda mais tênue e a cor, ainda mais desbotada. Através de uma cerração sombria, vi a casa completamente sólida. *Ela parece tão depressiva,* pensei.

Na hora me dei conta. *Já,* pensei. Aquilo sobre o qual Albert tinha me alertado: um sentimento de desespero. Era fácil de sentir, meu corpo carregado, a colina marrom e árida, o céu de um cinza embotado, algo muito pior que o dia de poluição mais cerrada que eu já vira em vida.

Eu não deixaria que isso me afetasse. Eu estaria com ela em instantes e, não importando o que fosse preciso ou o tempo que demorasse, eu faria alguma coisa para ajudá-la.

Alguma coisa.

Cheguei ao topo da colina e me virei para a direita, na direção da casa em que Ann estava agora.

PARA ALCANÇAR SUA ALMA

A casa parecia menor. Mais esquálida. Decadente.

De novo, lembrei-me de reclamar, em vida, do telhado, que ele precisava de uma reforma. Lembro-me de Ann ficar perturbada com as paredes externas da casa, que precisavam de pintura. As plantas normalmente precisavam ser aparadas, a garagem, de uma arrumação.

Ainda assim, comparado com o que eu via diante de mim agora, antes a casa era perfeita.

As telhas de madeira estavam quebradas e sujas, muitas estavam faltando. A pintura das paredes externas, das portas, dos batentes e das janelas estava desbotada e suja, rachaduras cobriam partes das paredes. As plantas na colina estavam marrons e secas, a garagem era uma visão desalentadora, seu chão manchado de óleo coberto por sujeira e folhas trazidas pelo vento. Todos os latões de lixo transbordavam, dois deles estavam virados e um gato esquelético comia lixo de um deles.

Ao me ver, ele crispou-se assustado e correu pela passagem traseira da garagem, onde agora não havia porta alguma. Pela abertura, vi o olmo morto, a cerca quebrada serpenteando a colina.

O carro de Ann estava estacionado diante da casa. No início, fiquei surpreso em ver apenas o automóvel dela e olhei em volta para ver os demais, sobretudo o *motor-home*.

Então me lembrei de que este era seu limbo particular e que ele só podia ter aquilo que ela esperava ver nele.

Caminhei até seu carro e examinei-o. A visão deixou-me desconfortável. Ela sempre se orgulhou tanto dele, mantendo-o imaculado. Agora, ele parecia velho, seu cromo com pontos de ferrugem, a pintura desbotada, as janelas cobertas de sujeira, um

lado do carro estava amassado, um pneu murcho. *Está tudo desse jeito aqui?,* pensei.

Procurei não pensar nisso e fui na direção das portas principais.

Elas pareciam velhas também, manchadas, as maçanetas corroídas. O lustre da luz da varanda estava quebrado, pedaços de vidro espalhados pela varanda. Uma parte da porta deslizante havia desaparecido, o resto estava sujo e quebrado.

De novo, aquela sensação de gélida depressão. Lutei contra o pensamento. *E eu nem tinha entrado na casa ainda,* pensei, a idéia causando-me calafrios.

Reunindo todas as minhas forças, bati na porta esquerda.

Senti-me grotesco batendo na porta da minha própria casa — bem, ela se parecia com minha casa, embora fosse uma forma distorcida dela, mas eu sabia como aparições abruptas alarmavam Ann. Muitas vezes, ao chegar a casa em uma hora inesperada, eu entrava em nosso quarto, encontrando-a enquanto ela saía do quarto de vestir. Ela perdia a respiração e, literalmente, recuava dizendo — *Ah, eu não ouvi você entrando!*

Então, bati na porta. Era melhor do que assustá-la.

Ninguém respondeu. Fiquei na varanda pelo que pareceu para mim ser um longo período. Então, desisti, girei a maçaneta e comecei a abrir a porta. Seu fundo raspou o chão enquanto eu a empurrava. *As dobradiças devem estar soltas,* pensei. Entrei. O chão de ardósia no corredor parecia tão decadente quanto o da varanda.

Estremeci enquanto fechei a porta. A sensação era de que dentro de casa estava realmente mais frio do que fora dela, um frio pegajoso pairando no ar. Cerrei os dentes e entrei na sala de estar. Não importaria o que eu visse, jurei que não permitiria que isso me dissuadisse do motivo de eu estar ali.

Sempre amei nossa sala de estar, Robert: o painel de carvalho, as estantes de livros, a mobília pesada, de tom terra, a enorme porta deslizante e a janela com vista para o deque e a piscina.

Eu não poderia amar esta sala.

O painel e a estante estavam rachados e sem lustro, a mobília gasta e desbotada. O tapete, que eu lembrava ser da cor de um verde forte, agora era de um tom entre um verde desluzido e preto. Havia uma enorme mancha cor ocre perto da mesa de café e a própria mesa estava riscada e quebrada, seu tom de carvalho totalmente desbotado.

Eu encomendara aquela mesa a um marceneiro, sempre a amei. Ao passar por ela olhei para o tabuleiro de xadrez e as peças que Ann encomendara para mim em um Natal. Era um conjunto de beleza extraordinária, o tabuleiro era feito de carvalho com filigranas prateada incrustadas, as peças de estanho torneadas à mão com uma base de carvalho, tudo impossível de duplicar.

Agora o tabuleiro estava rachado e sujo e faltavam cinco peça, duas estavam rachadas, quase quebradas. Afastei-me da mesa dizendo que aquele não era o jogo de xadrez com que eu vivera. Era difícil manter aquilo em mente embora tudo parecesse tão familiar. As estantes eram como eu me lembrava delas, exceto que agora apenas metade delas estava ocupada com livros envelhecidos e empoeirados. As persianas eram como eu me lembrava delas, exceto que uma delas estava quebrada e caída sobre a almofada suja e descolorida pelo sol da cadeira embutida sob a janela.

Olhei para o deque e vi a amoreira esquálida. Não, aquela não era mesma, aquela estava morrendo. O deque estava coberto com folhas secas e a piscina parecia estagnada, uma substância parecida com limo sobre sua superfície.

Virei-me e ouvi um estalo na porta deslizante. Aproximei-me do piano de meia cauda. Sua caixa, que antes era de um marrom brilhante, agora estava fosco e pálido. Toquei as teclas. O som que eles evocavam era metálico. O piano estava totalmente desafinado.

Desviei o olhar da sala sombria e disse o nome de Ann em voz alta.

Não houve resposta.

Chamei-a repetidamente, então, como não obtive resposta, passei pelo bar e fui até a sala íntima, lembrando-me do dia, parecia um século atrás, em que fiz este mesmo caminho em nossa casa na Terra, o dia do meu funeral, antes de perceber o que tinha acontecido.

A sala íntima estava em um estado tão deplorável quanto os demais aposentos: móveis rasgados e empoeirados, painel e cortinas desbotados, o assoalho encardido. Na lareira, queimava um pequeno fogo. Eu jamais teria imaginado, até aquele momento, que um fogo poderia ser qualquer coisa, menos agradável. Este era tão pequeno e com um ar tão malévolo, algumas poucas pálidas línguas de fogo em torno de alguns tocos de madeira, que parecia não gerar nenhum calor, muito menos aconchego.

Nenhuma música, percebi então.

Nossa casa sempre fora tomada por música, muitas vezes uma confluência de duas ou três fontes ao mesmo tempo. Esta casa, esta versão desagradável e sombria de nossa casa, estava pesada com silêncio, fria com silêncio.

Não olhei as fotografias nas paredes. Eu sabia que não suportaria ver o rosto dos meus filhos. Em vez disso, dirigi-me à cozinha.

Pratos sujos, panelas e talheres na pia, as janelas cobertas de fuligem, o chão manchado. A porta do forno estava aberta e dentro dele vi uma panela coberta em parte com uma banha branca e dura e restos de carne ressecada.

Abri a porta da geladeira e olhei seu interior.

A visão me causou nojo. Alfaces murchas, queijo branco seco, pão amanhecido, maionese amarela, uma garrafa de vinho tinto quase vazia. Um cheiro fétido de podridão veio de dentro e fechei a porta. Afastei-me dela, procurando não deixar que a visão e o clima da casa me afetassem. Atravessei a sala íntima e passei pelo corredor em direção aos fundos da casa.

Os quartos das crianças estavam vazios. Parei diante de cada um deles. Eles não eram tão frios e sombrios quanto o resto da casa,

mas certamente não eram agradáveis. Apenas o quarto de Ian parecia em uso, a cama desfeita, papéis jogados sobre sua escrivaninha como se ele estivesse fazendo sua lição de casa.

Pensei em qual seria o motivo.



Ann estava sentada na grama na frente do seu quarto.

Fiquei diante da porta de vidro, olhando-a, com lágrimas nos meus olhos.

Ela usava um suéter pesado azul sobre sua camisa, uma calça amassada, sapatos velhos. Sua pele, do que eu conseguia ver, parecia pálida e áspera. Seu cabelo estava sujo, como se ela não o lavasse há muito tempo.

Para meu espanto, reparei em Ginger sentada ao lado dela. Eu não sabia disso na época, mas depois que Ann morreu, Ginger parou de comer e morreu depois de um mês. Agora ela estava aqui, tão cheia de amor que ela preferiu este ambiente desolado a deixar Ann sozinha.

Ann estava encurvada, imóvel, segurando algo em suas mãos fechadas. Eu nunca a vira em uma postura que indicava uma angústia tão extrema e, aproximando-me para enxergar o que ela segurava, vi que era um pequeno pássaro cinza enrijecido em sua morte.

Lembrei-me, subitamente, que isso tinha acontecido antes.

Ela achou um pássaro na rua, atropelado sem que o motorista reparasse. Ela o trouxe para casa e sentou-se no gramado do quintal, protegendo seu pequeno e pulsante corpo com o calor de suas palmas. Lembro-me do que ela disse. Que ela sabia que o pássaro estava morrendo e queria que ele ouvisse, em seus momentos finais, os sons que ele conhecia em vida, o vento passando pelas árvores e outros pássaros cantando.

Uma explosão súbita de fúria atingiu-me inesperadamente. Ela não era uma pessoa que merecia viver em tal penúria. Que tipo

de justiça idiota era essa?

Eu tinha de lutar contra o sentimento. Eu podia sentir a raiva, como um magneto, empurrando-me para algo que eu não queria alcançar. Se eu não tivesse percebido, ao mesmo tempo, que isso também estava me afastando de Ann, eu teria sucumbido imediatamente.

Lembrei-me do aviso de Albert mais uma vez e consegui reprimir a raiva. *Isto não era um julgamento,* pensei. Ou se era, era algo que ela infligia a si mesma. Ela estava aqui porque suas ações colocaram-na aqui. Não era punição, mas a lei. Meu ressentimento em relação a isso era a perda de energia. Tudo o que eu podia fazer era tentar ajudá-la a entender. Era por isso que eu estava ali. E agora era o momento de começar. Eu alcançara seu corpo.

Agora, eu tinha de alcançar sua alma.

UM INÍCIO DECEPCIONANTE

A porta deslizante estava semi-aberta e, após entrar no gramado, eu disse seu nome.

Nem ela ou Ginger reagiram. Pensei que talvez fosse possível que ela não tivesse me escutado, mas Ginger teria.

Estava claro que eu não tinha "descido" o suficiente ainda.

Hesitei por alguns instantes. Isso me deu uma sensação tão suja, é a única maneira que consigo descrever, baixar minha vibração e ganhar mais densidade, peso.

Mas eu sabia que tinha de fazer isso, reuni minhas forças e permiti que a transformação ocorresse. Estremeci com a sensação. Então, segurei a maçaneta da porta com tela deslizante e a abri.

Instantaneamente, Ginger virou a cabeça, as orelhas em pé, e Ann começou a se virar. Ao me ver, Ginger levantou-se com um rosnado e ficou de frente para mim para me encarar. — *Ginger, não...* — comecei.

— *Ginger.*

O som da voz de Ann quase me fez chorar. Olhei para ela enquanto Ginger recuava, olhando à sua volta. Ann se levantava e por um glorioso instante pensei que ela me reconhecera. Com um breve murmúrio de alegria, movi-me em sua direção.

— *Quem é você?* — ela exigiu.

Parei subitamente. Seu tom foi tão frio. Senti um grampo gélido fechando-se em meu coração. Olhei para ela, consternado pela sua voz dura e desconfiada.

Ginger ainda rosnava, os pêlos eriçados em suas costas; obviamente ela não me reconheceu também. — *Ela atacará se você se aproximar mais* — Ann avisou. Percebi que ela estava se sentindo mais assustada do que ameaçada, mas, mesmo assim, seu tom de voz me intimidou.

Eu não tinha idéia de como proceder. Eu a reconheci, é claro. Ela devolveu meu olhar como se eu fosse um total estranho. *Era possível,* pensei, *que ainda houvesse uma distância vibratória nos separando?*

Eu tinha medo de descobrir. *Ela me via claramente?,* pensei. Ou minha imagem era borrada como Albert apareceu para mim na primeira vez que o vi depois de morrer?

Não sei dizer por quanto tempo ficaríamos ali calados se eu não tivesse falado. Éramos todos como estátuas, ela e Ginger me encarando, Ginger em silêncio agora, mas ainda tensa, pronta para defender Ann se fosse preciso. Senti uma grande afeição por ela. Amava tanto Ann que ela aceitou este lugar em vez da Terra do Verão. O que mais pode ser dito em louvor à sua devoção?

Minha mente parecia funcionar como um velho relógio, suas engrenagens girando penosamente. Tinha de haver alguma coisa que eu pudesse dizer, pensei. Alguma maneira de começar. Mas o quê?

Não tenho idéia de quanto tempo levou para o conceito inicial tomar forma em minha mente. Como eu já disse, Robert, o tempo na vida depois da morte não é igual e embora esse lugar fosse mais próximo da Terra do que da Terra do Verão, sua escala do tempo não era de forma alguma similar ao *continuum* do relógio e do calendário que Ann e eu conhecêramos em vida. O que eu quero dizer é que o período de tempo que passamos nos olhando pode ter levado vários minutos ou um segundo ou dois. Eu acredito na última hipótese.

— *Acabei de me mudar para a vizinhança* — eu finalmente disse.

Minha voz parecia ter um som todo próprio. Eu não sabia aonde queria chegar. Ou, se sabia, o conhecimento estava enterrado profundamente em minha mente. De qualquer forma, as palavras foram pronunciadas, espontâneas, o que já era um começo, mesmo que pequeno.

Não posso expressar a dor que senti ao ver o olhar de desconfiança em seu rosto enquanto ela reagia às minhas palavras. — *Que casa?* — ela perguntou.

— *Gorman* — eu disse a ela.

— *Eles não venderam a casa* — ela disse.

Assumi um risco calculado. — *Sim, eles venderam* — eu disse a ela. — *Algum tempo atrás. Eu me mudei ontem.*

Ela não respondeu e fui forçado a pensar se eu já tinha perdido minha causa, surpreendido em uma mentira palpável.

Então, como ela não me desmentiu, pressupus que meu cálculo tinha sido correto. Ela se lembrava dos Gorman, mas estava desconectada de tudo que ia além deste ambiente imediato e não tinha como saber se o que eu disse era verdade ou não.

— *Eu não sabia que eles tinham vendido a casa* — ela finalmente disse, confirmando minha hipótese.

— *Sim, eles venderam* — senti uma pequena sensação de conquista pelo ponto que eu vencera. Mas mesmo enquanto eu falava, eu sabia que tinha ainda um longo caminho a percorrer.

Tentei evocar a próxima ação em minha mente. Devia haver alguma abordagem definitiva para esta situação, algum método passo a passo para chegar até ela.

Eu me dei conta enquanto tentava. Não havia abordagem definitiva. Eu tinha de sentir meu caminho a cada momento, sempre atento a alguma oportunidade especial.

Ann forneceu, sem saber, o passo seguinte. Tenho certeza. — *Como você sabe meu nome?* — ela perguntou.

— *Da lista telefônica de Hidden Hill* — eu disse, feliz por notar que a resposta foi satisfatória para ela.

A gratificação foi anulada imediatamente quando ela perguntou, mais desconfiada: — *O que você estava fazendo na casa?*

Cometi o erro de hesitar e Ann ficou tensa e recuou. Instantaneamente, Ginger rosnou de novo, os pêlos eriçando-se em suas costas.

— *Bati na porta* — eu disse tão casualmente quanto possível. — *Ninguém respondeu, então entrei e chamei. Continuei chamando por você enquanto percorria a casa. Acho que você não me ouviu.*

Eu podia ver que a resposta não lhe agradou e uma sensação de impotência tomou conta de mim. Por que ela não me reconhece? Se ela nem mesmo identifica meu rosto, que esperança existe de eu poder ajudá-la?

Resisti ao sentimento mais uma vez, lembrando-me novamente do alerta de Albert. Quantas vezes eu teria de lutar contra essa impotência antes disto chegar ao fim?

— *Só passei para dizer olá* — comecei a falar, sem pensar. Eu precisava manter a conversa em andamento. Então, sob impulso, decidi assumir um segundo risco calculado. — *Você pareceu reconhecer-me quando me viu* — eu disse a ela. — *Por quê?*

Pensei, de novo, por um glorioso instante, que um súbito reconhecimento tinha sido alcançado quando ela respondeu — *Você se parece um pouco com meu marido.*

Senti meu coração bater mais rápido. — *Pareço?*

— *Sim, um pouco.*

— *Onde ele está?* — perguntei, sem pensar.

Um erro grave. Ela recuou perceptivelmente, os olhos estreitando-se. Minha pergunta pareceu ameaçadora para ela? A resposta a isso tornou-se aparente quando Ginger rosnou mais uma vez.

— *O nome dele é Chris?* — perguntei.

Seus olhos estreitaram-se ainda mais.

— *Eu vi na lista* — eu disse, torcendo para não ter sido rápido demais. Senti-me tenso ao lembrar que, em sua mente, meu nome talvez não estivesse mais na lista. Mas ela apenas murmurou: — *Sim, Chris.*

Devo lhe contar, Robert, da agonia de desejar tomá-la nos braços e confortá-la? Mesmo sabendo que seria a pior coisa que eu poderia fazer?

Forcei-me a continuar. — *Os Gorman disseram-me que ele escreve para a televisão* — eu disse, tentando parecer apenas um vizinho interessado. — *Isso é verdade? O que...*

— *Ele está morto* — ela me interrompeu, sua voz tão amarga que senti um frio na espinha.

Eu soube então, com um impacto avassalador e total, que tarefa eu enfrentava. Como eu poderia esperar que Ann um dia reconhecesse minha voz e rosto ainda mais minha identidade? Para ela eu estava morto e ela não acreditava que os mortos sobreviviam.

— *Como ele morreu?* — perguntei. Não sei por que falei, eu não tinha plano algum. Eu simplesmente tinha de dizer algo, esperando que algo útil acontecesse.

De início ela não respondeu. Pensei que ela não iria falar nada. Então, finalmente ela disse: — *Ele sofreu um acidente de carro.*

— *Sinto muito — eu* disse a ela, pensando que, com as palavras, um ar de simpatia poderia ser a melhor abordagem. — *Quando isso aconteceu?*

Uma surpresa estranha e, de algum modo, perturbadora. Ela parecia não saber. Uma expressão de confusão tomou conta de seu rosto. — *Algum... tempo atrás* — ela gaguejou. Pensei em me aproveitar dessa confusão, mas não consegui imaginar como. — *Sinto muito* — repeti. Foi tudo o que consegui dizer.

Silêncio de novo. Tentei pensar em algo, qualquer coisa, reduzido, finalmente, em reviver meu segundo risco. — *Eu me pareço com ele?* — perguntei. Era possível, pensei, que a repetição constante da idéia pudesse, com o tempo, induzi-la a ver que eu era algo mais do que apenas parecido com seu marido?

— *Um pouco* — ela respondeu. Ela então deu de ombros. — *Não muito.*

Pensei por alguns instantes se ajudaria se eu lhe contasse que meu nome também era Chris. Mas algo dentro de mim fez-me afastar disso. Era demais, decidi. Eu tinha de me mover lentamente ou perderia tudo. Eu quase disse *minha esposa está morta também,* então decidi que isso era perigoso demais e não toquei no assunto.

Foi como se ela lesse minha mente embora eu tivesse certeza de que ela não poderia. — *Sua esposa gosta de Hidden Hills?* — ela perguntou.

A sensação de encorajamento que senti pelo fato de ela ter feito uma pergunta de cunho social foi apagada pela minha confusão em como respondê-la. Se eu dissesse que eu tinha uma esposa, isso a levaria, finalmente, a pensar em si mesma? Ou ergueria uma barreira irreparável entre nós pois isso a levaria a pensar que havia outra mulher na minha vida?

Decidi, impulsivamente, que o risco era maior do que eu teria coragem de enfrentar e respondi: — *Minha esposa e eu somos separados.* — Isso era literalmente verdade e deveria satisfazê-la.

Eu esperava que ela perguntasse se pretendíamos nos divorciar e, nesse caso, eu poderia dizer que nossa separação era de uma natureza diferente, assim abrindo outra área de pensamento.

No entanto, ela não disse nada.

Silêncio mais uma vez. Eu quase suspirei ao ver isso acontecendo de novo. Minha tentativa de ajudá-la seria uma série infinita de falsos começos quebrados por esses silêncios? Desesperadamente, tentei pensar em uma abordagem que resultasse em uma percepção imediata da parte dela.

Eu não conseguia pensar em nada.

— *Como o pássaro morreu?* — perguntei, de impulso.

Outro erro. Sua expressão tornou-se ainda mais sombria. — *Tudo morre aqui* — ela respondeu.

Eu a olhei sem perceber que vários minutos haviam se passado e que ela não respondera realmente à minha pergunta. Eu estava prestes a repeti-la quando ela falou.

— *Eu tento cuidar das coisas* — ela disse. — *Mas nada vive.* — Ela olhou para o pássaro em suas mãos. — *Nada* — ela murmurou.

Comecei a falar e parei, pois ela continuou.

— *Um de nossos cães morreu também* — ela disse. — *Ela teve um ataque epilético.*

Mas Katie estava bem, pensei. Eu quase disse isso, mas então percebi que estava claro que não deveria. Conjecturei se havia algo que eu poderia dizer sobre aquele assunto.

— *Minha esposa e eu também tínhamos dois cães* — eu disse. — *Uma pastora alemã como a sua, e uma fox terrier chamada Katie.*

— *O quê?* — ela olhou para mim.

Eu não disse mais nada, torcendo para que a idéia começasse a trabalhar em sua mente: um homem que se parecia com seu marido, que estava separado da sua esposa e tivera duas cadelas como ela, uma com o mesmo nome. Eu deveria acrescentar também que nossa pastora alemã também se chamava Ginger?

Não tive coragem.

De qualquer forma, comecei a sentir uma tênue esperança quando algo pareceu firmar-se nos olhos de Ann, algo quase visível, como se ela tivesse captado alguma coisa por um instante, mas que foi removido à força por ela mesma. Qual era o processo que a mantinha presa aqui?

Ele afastou o olhar de mim e mirou o verde poluído da piscina. Era como se eu tivesse desaparecido da vista dela.

Foi um início decepcionante.

O ABRIGO DA MELANCOLIA

Quando ela finalmente falou, eu não sabia dizer se ela falava comigo ou consigo mesma.

— *Meus pinheiros morreram também* — ela disse. — *As pessoas me diziam que eles morreriam, mas eu não acreditava. Acredito agora* — ela balançou a cabeça lentamente. — *Tento regá-los, mas não há pressão. Eles devem estar fazendo a manutenção dos canos na região.*

Não sei por que isso marcou com tanta força naquele momento. Talvez fosse a qualidade mundana do que ela disse. Mas me lembrei das palavras de Albert: *não adianta tentar convencê-la de que ela não está viva. Ela pensa que está.*

Este era o verdadeiro horror desta situação. Se ela soubesse que cometera suicídio e que este era o resultado final, algum tipo de abordagem poderia ser feito. Nesse caso, não haveria significado possível nesta situação para ela, não havia nenhuma lógica para esse estado sombrio em que ela se encontrava.

Eu realmente não sabia o que dizer, ainda assim, mais uma vez, ouvi-me falando para ela: — *Tenho água em minha casa.*

Ela se virou como se estivesse surpresa pela minha presença. — *Como é possível?* — ela perguntou. Ela pareceu confusa e irritada. — *E quanto à eletricidade?*

— *Também tenho* — disse, percebendo então por que eu tinha falado aquilo. Eu esperava que ela descobrisse por comparação, que o que acontecia na casa dela era, logicamente, irreal e, então, isso a levasse a examinar sua vizinhança com mais atenção.

— *E quanto ao gás?* — perguntei, dando prosseguimento à idéia.

— *Isso também não funciona* — ela disse.

— *O meu funciona* — respondi. — *E quanto ao seu telefone?*

— *Ele... está mudo* — ela disse. Senti um tom momentâneo de expectativa em sua voz, um que perguntava: — *Como isso é possível?*

— *Não entendo* — eu disse, tentando me aproveitar da minha vantagem. — *Não faz sentido que todos os seus serviços não funcionem ao mesmo tempo.*

— *Sim, é estranho.*

— *Muito estranho* — eu disse. — *Que apenas em sua casa nenhum serviço funcione. Fico pensando no motivo.*

Eu a observei com atenção. Será que ela estava ganhando algum nível de consciência? Esperei ansiosamente para ver.

Eu deveria saber.

Se convencê-la fosse tão simples, era bem provável que alguém já tivesse feito isso. Dei-me conta quando um olhar de apatia substituiu instantaneamente o de dúvida. Ela deu de ombros: — *Porque estou no alto de uma colina* — ela disse.

— *Mas porquê...?*

Ela me interrompeu. — *Você poderia ligar para a companhia telefônica em meu nome e avisá-los que meu telefone está mudo?*

Olhei para ela, confuso em minha própria frustração. Por um instante, senti uma vontade imensa de contar-lhe tudo diretamente, quem eu era e por que ela estava aqui. Mas algo me impediu de fazer isso, sentindo o perigo de tentar convencê-la desta maneira.

Outra idéia ocorreu-me.

— *Por que você não vem à minha casa e liga para eles?* — perguntei.

— *Não posso* — ela disse.

— *Por quê?*

— *Eu... não saio* — ela disse. — *Eu simplesmente...*

— *Por que não?* — Minha voz estava dominada pela impaciência agora. Eu estava extremamente perturbado por não conseguir ajudá-la de maneira alguma.

— *Eu simplesmente não saio* — ela repetiu. Ela desviou seu rosto, mas antes de ela fazer isso, vi o início de lágrimas em seus olhos.

Não pensei, mas estendi a mão automaticamente para confortá-la. Ginger rosnou e eu retirei minha mão. *Eu sentiria algo se ela me atacasse?*, o pensamento ocorreu-me. *Eu poderia sangrar, sofrer dor?*

— *A piscina está tão feia* — Ann disse.

Aquela sensação de desespero de novo. Como sua existência era terrível, passando dias intermináveis neste lugar, incapaz de fazer qualquer coisa para desanuviar esta aparência desmazelada.

— *Eu amava a piscina* — ela disse, infeliz. — *Era meu lugar favorito. Agora, olhe para ela.*

Minha pergunta foi respondida. Eu podia sentir dor naquele nível. Eu a senti profundamente quando olhei para ela, lembrando-me de como ela ia ao deque toda manhã com seu café, sentava-se sob a luz do sol em seu pijama e robe e olhava a água cristalina da piscina de bordas de pedra, admirando as plantas luxuriantes que ela cultivava. Ela adorava aquele lugar, muito.

Seu tom ficou sarcástico. — *Uma área realmente exclusiva* — ela disse.

— *Tudo funciona na minha casa* — eu disse, tentando de novo.

— *Que bom para você* — ela respondeu friamente e eu soube, naquele instante, que nenhuma abordagem funcionaria duas vezes. Eu estava de volta à estaca zero neste jogo terrível, obrigado a recomeçar de novo.

Silêncio mais uma vez. Ann estava imóvel, observando a superfície repulsiva da piscina. Ginger estava ao lado dela, olhos fixos em mim. *O que eu podia fazer?*, pensei, desanimado. Parecia que, quanto mais tempo passava, menos consciente das possibilidades eu me tornava.

Obriguei-me a concentrar. Qual era o perigo sobre o qual Albert me alertara? Que eu deixaria que essas pequenas surpresas me afetassem e que me tornaria parte delas?

— *Você tem filhos?* — perguntei, num impulso.

Ela se virou, avaliando-me de uma maneira distante. Então, ela respondeu — *Quatro* — Olhou para longe de novo.

Eu ia perguntar sobre eles quando decidi, mais uma vez, estabelecer na mente dela uma série de "coincidências" provocantes. A área das crianças ainda não fora abordada.

— *Eu tenho quatro filhos também* — disse. — *Duas filhas e dois filhos.*

— *Ah?* — Ela disse sem se virar.

— *Minhas filhas têm 26 e 20 anos de idade* — disse a ela. — *Meus filhos têm 23 e 17. — Eu estava pressionando demais?,* pensei.

Ela me olhava de novo. Sua expressão não mudara, mas seus olhos pareciam mais cerrados.

Reuni forças e disse: — *Os nomes dos meus filhos são Louise, Marie, Richard e Ian.*

Agora ela recuava de novo, um olhar de desconfiança em seu rosto. A expressão de uma mulher que sentia que estava sendo fisgada, mas não sabia como ou por quê. Senti uma pontada de medo ao ver aquela expressão. Eu tinha cometido um erro terrível?

Mesmo enquanto pensava nisso, ouvi-me dizendo — *Como seus filhos se chamam?*

Ela não disse nada.

— *Senhora Nielsen?* — eu disse. Quase a chamei de Ann. Aquela névoa cobrindo seus olhos de novo e, de repente, uma dolorosa compreensão da minha parte.

Não importava quão próximo eu chegasse dela, jamais conseguiria tocá-la. Sempre que eu chegasse perto demais, algo dentro dela a afetaria, fazendo-a isolar-se. Ela já tinha mentalmente descartado minhas palavras, talvez apagado inteiramente de sua memória.

Ainda assim, prossegui com uma espécie de horror cego e indesejado. — *Minha filha mais velha é casada e tem três filhos* — disse. — *Minha filha mais nova...*

Parei de falar enquanto ela se virou e caminhou em direção à casa, deixando o pássaro morto cair no chão, sem notar, de suas mãos. Comecei a segui-la, mas Ginger, ao lado dela, olhou para trás

com um rosnado ameaçador. Parei e observei Ann afastar-se de mim.

O fim já chegara?

De repente, Ann olhou para o lado e deu um grito apavorado, então correu para dentro da casa pela porta da sala íntima, fechando a porta de vidro com uma batida.

Olhei para o terreno que ela mirou e vi uma enorme tarântula arrastando-se sobre uma pedra.

Soltei um gemido, não de medo da tarântula, mas ao perceber que um dos maiores medos de Ann estava corporificado aqui. Ela sempre teve pavor de tarântulas, ficava virtualmente doente quando via uma. Era terrivelmente previsível que seu inferno particular incluísse essas aranhas gigantes.

Caminhei em direção à tarântula e olhei para ela. Bulbosa e peluda, ela arrastava-se pesadamente pela pedra. Olhei em volta e vi Ann ao lado da porta de vidro, olhando a aranha em uma revulsão apavorada.

Olhei em volta novamente e vi uma pá encostada na parede da casa. Fui até lá, peguei-a e voltei até a tarântula. Coloquei a pá no seu caminho até que a aranha subisse nela. Então, levei a pá até a extremidade do deque e joguei a tarântula o mais longe possível, pensando, enquanto ela voava sobre a piscina até a hera, se isso era real ou não. Ela existia por si só ou só porque Ann a temia?

Olhei para a porta da sala íntima enquanto uma fresta dela era aberta. E meu coração bateu forte quando vi um olhar de gratidão infantil no rosto de Ann. — *Obrigada* — ela murmurou. *Mesmo no inferno pode haver gratidão,* pensei, espantado.

Movi-me rapidamente para fortalecer minha posição. — *Reparei que sua garrafa de Sparklett está vazia* — eu disse. — *Quer que eu traga uma nova para você?*

Ela olhou desconfiada e quase gemi diante daquela visão. — *O que você quer?* — ela perguntou.

Forcei um sorriso. — *Só dizer olá* — disse a ela. — *Convidá-la a ir até minha casa para um café.*

— *Eu já disse que não saio* — ela falou.

— *Você nunca faz uma caminhada?* — perguntei, tentando soar agradavelmente casual. Ela e eu fizéramos muitas caminhadas em Hidden Hill.

Eu queria que ela percebesse seu isolamento e que o questionasse.

Ela não questionou nada, afastando seu olhar de mim como se a tivesse ofendido. Segui-a dentro da casa e fechei a porta de vidro. Quando fiz isso, Ann voltou-se para mim e Ginger rosnou de novo, os pêlos de suas costas eriçados. Uma visão de infinitas tentativas infrutíferas de tocar a mente de Ann tomou-me de assalto. Lutei contra o desespero de novo.

Então, reparei nas dezenas de fotos emolduradas nas paredes e outra idéia ocorreu-me. Eu poderia fazê-la olhar uma das fotos em que eu era retratado, a similaridade óbvia da minha aparência presente poderia impressioná-la.

Ignorando o rosnado de Ginger, cheguei à parede mais próxima e procurei uma foto minha.

Todas as fotos estavam desbotadas e era impossível distingui-las.

Por que aquilo aconteceu?, pensei. Isso era parte do seu castigo de autonegação? Eu ia mencionar isso, então mudei de idéia. Isso apenas a perturbaria.

Outra idéia. Virei-me para ela e disse: — *Eu não contei a verdade antes.*

Ela me olhou, indecisa e desconfiada.

— *Minha esposa e eu somos separados* — disse. — *Mas não da maneira que você pensa. Somos separados pela morte.*

Pisquei ao ver os espasmos que minhas palavras causaram nela, o olhar em seu rosto era como se uma faca tivesse acabado de ser enfiada em seu coração.

Ainda assim, eu tinha de continuar, esperando finalmente estar no caminho certo. — *Seu nome era Ann também* — disse.

— *Você gosta de Hidden Hills?* — ela perguntou, como se eu não tivesse falado.

— *Você me ouviu?* — perguntei.

— *Onde você morava antes?*

— *Eu disse que o nome dela era Ann.*

O estremecimento de novo, a expressão de desalento.

Então, o ar vazio voltou. Ela se afastou de mim e foi para a cozinha. Ann, volte, quis dizer. Eu quase disse. Queria gritar: sou eu, você não entende?

Não gritei. E, como um peso frio em meu peito, a depressão voltou. Tentei resistir, mas desta vez, tive menos sucesso. Parte dela ficou.

— *Olhe para este lugar* — Ann disse. Ela falou como se estivesse só, sua voz era mecânica. Tive a sensação de que isso era parte do processo que ela sofria, a repetição constante dos detalhes de sua situação, reforçando sua escravidão a ela. — *Nada funciona* — ela disse. — *A comida está estragando. Não consigo abrir latas porque não há eletricidade e o abridor de latas sumiu. Sem água, não consigo lavar os pratos e eles ficam empilhando. Não há televisão, acho que ela está quebrada. Não tem rádio, vitrola, música. Não há aquecimento, exceto pelos gravetos que queimo, a casa fica gelada o tempo todo. Preciso me deitar quando escurece porque não há luz e todas as velas sumiram. O lixeiro não passa mais aqui. Toda a casa cheira a lixo. E não posso reclamar para ninguém porque o telefone está mudo.*

Ela interrompeu seu sombrio catecismo com uma risada que me deu calafrios.

— *Oferecer uma garrafa de Sparklett?* — ela disse. — *Eles não fazem uma entrega há tanto tempo que não consigo me lembrar da última* — Ela riu de novo, um som amargo e terrível. — *A boa vida* — ela disse. — *Juro por Deus que me sinto como uma personagem de uma peça de Neil Simon, tudo à minha volta desmoronando, tudo dentro de mim murchando.*

Um soluço sacudiu seu corpo e avancei em sua direção instintivamente. Ginger bloqueou o caminho, os dentes à mostra, um

rosnado ameaçador ressoando em seu peito. *Ela parecia um cão do inferno,* pensei, com o desespero voltando.

Olhei para Ann. Eu sabia exatamente o que ela estava fazendo, mas não tinha forças para impedi-la.

Ela fugia da verdade imergindo na segurança relativa de detalhes aflitivos — o abrigo da melancolia.

AINDA DOR E SANGUE

O *que você bebe?* — perguntei a ela quando tive outra idéia.

Ela me olhou como se eu fosse um idiota.

— *O que você bebe?* — repeti. — *Se não há água e você não tem garrafas de Sparklett.*

— *Não sei* — ela murmurou, fitando-me. — *Suco ou...*

— *Não está estragado?* — interrompi.

— *Suco em lata. Não sei.*

— *Você disse...*

Ela desviou o olhar de mim.

— *O que você come?* — insisti.

— *Não posso cozinhar sem energia elétrica* — ela disse como se fosse uma resposta e não uma evasiva.

— *Você está com fome agora?* — perguntei.

De novo, aquele olhar maligno.

— *Nunca sente fome?*

— *Poucas vezes* — ela respondeu friamente.

Havia algum modo de despertá-la? Eu estava me cansando desse esforço tortuoso. Apressadamente, fui direto ao ponto. — *Você nunca bebe ou come?*

Ela desviou o olhar com um silvo de irritação. — *O que você acha?* — ela retrucou.

Tentei chegar mais perto dela e parei quando Ginger rosnou de novo. — *Por que ela continua fazendo isso?* — perguntei. Eu soava irritado agora. — *Não estou aqui para prejudicar você.*

— *Você não poderia, mesmo que quisesse* — ela disse.

Eu quase respondi na mesma moeda. Deus me ajude, Robert. Estava ali para ajudá-la e quase respondi com raiva. Fechei os olhos e procurei ganhar motivação.

Quando os reabri, reparei no carro lá fora e tive outra idéia.

— *Aquele é o único carro que você tem?* — perguntei.

Pela terceira vez, aquele olhar crítico. — *Todos nós temos carros.*

— *Então, onde eles estão?*

— *Sendo usados, é claro.*

— *Pelos seus filhos?*

— *É óbvio.*

— *E quanto ao carro do seu marido?*

— *Eu disse que ele sofreu um acidente de carro* — ela falou, enrijecendo o corpo.

— *Alguém me disse que você tem um* motor-home.

— *Nós temos.*

— *Onde ele está?*

Ela olhou para o lugar onde sempre o mantínhamos estacionado e um olhar de confusão distorceu seu rosto. Então, me dei conta de que ela nem tinha pensado nisso antes.

— *Você sabe onde ele está?* — insisti.

Ela virou-se para mim, irritada. — *Está na oficina mecânica* — ela disse.

— *Onde?* — perguntei.

Ela piscou, parecendo momentaneamente perturbada. Então, o olhar vazio de novo. — *Não me lembro* — ela disse. — *Tenho certeza de que anotei em algum...*

Ela parou quando apontei para o carro dela. — *Como ele amassou?*

— *Alguém bateu nele enquanto eu fazia compras* — Seu sorriso era mais amargo. — *As pessoas são assim* — ela disse. — *Quem fez isso foi embora sem me avisar.*

— *Você estava fazendo compras?* — perguntei. — *Pensei que você nunca deixava a casa.*

Ouvi um tom de instabilidade em sua voz quando ela respondeu. — *Isso foi antes de a bateria perder a carga.*

Estávamos de volta ao ponto inicial, as reviravoltas convolutas de sua mente frustrando-me indefinidamente. Não

importava quanto eu tentasse, eu não conseguia estabelecer um ponto que ela reconhecesse, muito menos que reagisse a ele. Este mundo cinza em que ela existia fazia sentido para ela. Um sentido horrível e deprimente, mas com sentido mesmo assim.

As engrenagens da minha mente giravam mais lentamente agora. Eu não conseguia pensar em nada de novo para tentar e por isso voltei a uma abordagem anterior. Talvez se insistisse mais.

— *Você nunca me contou quais são os nomes de seus filhos* — disse.

— *Você não precisa ir embora?* — ela perguntou.

Estremeci, não esperava por aquilo. Tinha me esquecido de que isso era vida para ela. Em vida, ela teria pensado em por que um estranho apareceria em sua casa.

— *Partirei logo* — eu disse. — *Só quero falar com você um pouco mais.*

— *Por quê?*

Engoli em seco. — *Por que sou novo na vizinhança* — parecia uma resposta débil, mas, por algum motivo, ela não a questionou. — *Como é mesmo os nomes de seus filhos?* — perguntei.

Ela se afastou da janela e foi para a sala de estar.

Foi a primeira vez que ela evitou uma pergunta recusando-se a responder, pensei. Seria um sinal positivo? Segui Ginger e ela perguntando: — *Seu filho caçula chama-se Ian?*

— *Ele está na escola* — ela respondeu.

— *Seu nome é Ian?*

— *Ele estará em casa mais tarde.*

— *Seu nome é Ian?*

— *É melhor você ir embora. Ele é muito forte.*

— *Seu nome é Ian?*

— *Sim!*

— *O nome do meu filho é Ian também* — disse a ela.

— *Verdade?* — Desinteresse. Era verdadeiro ou fingimento?

— *Sua filha mais velha chama-se Louise?* — perguntei.

Ela olhou sobre seu ombro enquanto se dirigia à sala de estar. — *Por que você não...*

— *Louise?*

— *Por que você não vai para casa?*

— *Louise?*

— *E se for?* — ela questionou.

— *Minha filha mais velha também se chama Louise.*

— *Que interessante* — O sarcasmo como resistência agora. Ela caminhou até a porta de vidro. Ginger em seus calcanhares. Ela estava se afastando acintosamente de mim agora? E ela sabia o que estava fazendo?

— *Seu filho mais velho chama-se Richard?*

— *Veja a piscina* — ela murmurou.

— *Seu filho mais velho chama-se Richard?*

Ela virou-se com uma expressão de ressentimento no rosto. — *Escute, o que você quer?* — ela perguntou, a voz em um tom mais elevado.

Eu quase disse tudo — sem enfeites, aos borbotões. Então, algo me impediu. Era incrível que ainda tivesse tanta consciência. Minha percepção tornava-se cada vez mais fraca a cada minuto.

Sorri do modo mais amável que pude. *Amor,* pensei. Isso tinha de ser feito com amor. — *Estou apenas interessado nas incríveis semelhanças de nossas vidas* — disse.

— *Que semelhanças?* — ela retrucou.

— *Que eu me pareço com seu marido, para começar.*

— *Você não se parece* — ela me interrompeu. — *Nem um pouco.*

— *Você disse que eu parecia.*

— *Não, não disse.*

— *Sim, disse.*

— *Então, eu estava enganada!* — ela disparou. Rosnando, Ginger mostrou seus dentes mais uma vez.

— *Muito bem, desculpe-me* — disse. Eu tinha de tomar mais cuidado.

— *Eu não quis causar confusão. Pareceu digno de nota para mim.*

Ela olhou pela porta de vidro de novo. — *Não vejo nada digno de nota* — ela murmurou.

— *Bem... minha esposa chamava-se Ann. Os nomes dos meus filhos são iguais aos dos seus.*

Ela se virou para mim novamente. — *Quem disse que eram os mesmos?* — ela questionou.

— *E meu nome é Chris* — eu disse.

Ela virou-se rapidamente, o olhar pasmo. Por um instante, algo foi tirado de seus olhos em vez de cobri-los. Senti meu coração disparar.

Isso passou tão rapidamente quanto veio.

Uma explosão de uma angústia raivosa tomou conta de mim. *Maldito seja este lugar!,* pensei. Estremeci de raiva.

Senti que tornei-me mais denso com isso.

Pare!, pensei, mas não consegui. Eu não tinha a capacidade de reverter o processo. Em vez de ajudá-la, eu descia ao mundo dela.

Não, pensei. Não farei isso. Eu estava aqui para tirá-la deste lugar, não me unir a ela.

Ela se afastou de mim de novo, olhando pelo vidro sujo, mais uma vez trazendo sua opressão em torno dela como um manto de proteção.

— *Não sei por que não coloco esta casa a venda e vou embora* — ela disse. Mais uma vez o tom de humor amargo. — *Mas quem iria comprá-la?* — ela continuou. — *O melhor corretor de imóveis do mundo não conseguiria vendê-la* — Ela balançou a cabeça, em desgosto. — *O melhor corretor de imóveis do mundo não conseguiria dá-la de graça.*

Ela fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— *Lustro os móveis* — ela disse — *mas a poeira sempre volta. É tão seco, tão seco. Não temos uma gota de chuva há muito tempo...*

Ela se calou. *Isso também,* pensei, desanimado. Claro que isso faria parte do inferno particular de Ann: ausência de chuva e uma paisagem marrom.

— *Não suporto sujeira e confusão* — ela disse, sua voz começando a faltar. — *Ainda assim, tudo o que vejo é sujeira e confusão.*

Mais uma vez comecei a me aproximar dela e Ginger preparou-se para saltar.

— *Maldição, você não consegue ver que estou apenas tentando ajudar?* — eu disse, a voz elevada.

Ann estremeceu, afastando-se de mim e senti uma onda de reprovação agonizante dentro de mim. Recuei rapidamente enquanto Ginger começou a se aproximar de mim, rosnando. — *Tudo bem, tudo bem* — murmurei erguendo as mãos diante de mim.

— *Ginger* — Ann disse, rapidamente.

Ginger parou e olhou para ela.

Minha mente sentia-se entorpecida pela derrota. Tudo o que tentei tinha falhado. Agora, este golpe. Eu estava mais longe de ajudar Ann agora do que quando cheguei. Como eu sentia de maneira tão forte o que Albert me dissera!

Este nível era uma armadilha cruel e ardilosa.

— *As pessoas emprestam livros e não os devolvem* — Ann disse, continuando como se nada tivesse acontecido. — *Minhas melhores jóias desapareceram. Não consigo encontrá-las em nenhum lugar. Minhas melhores roupas sumiram. Também não sei quem levou as peças do xadrez* — ela disse.

— *Minha esposa mandou encomendar um jogo igual a esse para mim* — disse a ela. — *Em um Natal. Um homem chamado Alexander fabricou as peças para mim.*

Ann estremeceu. — *Por que não me deixa em paz?*

Eu perdi o controle.

— *Você deve saber por que estou aqui* — eu disse. — *Você deve saber quem eu sou.*

Aquele olhar enlouquecido em seus olhos de novo, a névoa, o retraimento cego.

— *Ann* — eu disse esticando a mão, tocando-a.

Ela engoliu em seco como se meus dedos a queimassem e, de repente, senti as presas de Ginger mordendo meu braço com força. Gritei e tentei afastá-la, mas ela mordeu com mais força ainda e tive de arrastá-la pelo tapete em suas patas traseiras. — *Ginger!* — gritei.

Eu disse o nome dela ao mesmo tempo que Ann. Imediatamente, ela soltou a mordida e voltou para o lado de Ann, tremendo.

Ergui meu braço e olhei para ele. Sim, dor era definitivamente possível aqui. E sangue. Observei-o gotejar do ferimento.

Vida após a morte, pensei. Parecia escárnio.

Não havia carne, havia, ainda assim, dor e sangue.

EXISTE APENAS A MORTE!

Desviei o olhar do meu braço e vi Ann começar a chorar. Ela tropeçava pela sala, lágrimas escorrendo pela face. Eu a observei desabar no sofá e pressionar a mão esquerda sobre os olhos.

A dor no meu braço parecia tênue comparada ao desespero que eu sentia agora. Sem pensar, voltei a caminhar na direção dela, mas parei abruptamente quando Ginger preparou-se para me atacar, seu rosnado agora misturado com um silvo furioso que mostrava como ela estava nervosa. Recuei rapidamente enquanto Ann olhava para cima, seu rosto uma máscara de ódio incontrolável.

— *Vá embora!* — ela gritou.

Recuei lentamente, observando Ginger. Quando ela se sentou, inquieta, parei. Olhando para trás, vi que estava perto do banco do piano e, recuando alguns passos, sentei-me lentamente nele, meu olhar ainda fixo em Ginger.

Fitei-a totalmente impotente.

— *Eu o quero de volta, preciso dele* — ela disse. — *Onde ele está? Meu Deus, onde está?*

Engoli em seco. Minha garganta estava seca, doía. Meu braço doía das mordidas. Era como se estivesse vivo de novo. Este nível era tão horrivelmente próximo da vida. E, ainda assim, tão horrivelmente distante, apenas sensações torturantes, nenhuma compensação.

— *Fale-me sobre ele* — ouvi eu mesmo dizer. Não sei por que disse isso. Eu estava extenuado. O esforço tornava-se cada vez maior a cada minuto.

Ela apenas chorava.

— *Como ele era?* — perguntei. Mais uma vez, eu sabia o que tinha começado. O que não sabia era se isso funcionaria. Por que deveria? Nada mais tinha dado certo.

Ainda assim, continuei. — *Ele era alto?* — perguntei.

Ela respirou, trêmula, rastros de lágrimas no rosto.

— *Ele era?*

Ela fez um aceno abrupto com a cabeça.

— *Tão alto quanto eu?* — perguntei.

Ela não respondeu. Apenas estremeceu e deu um soluço.

— *Tenho um metro e oitenta e nove centímetros. Ele era tão alto quanto eu?*

— *Mais alto* — Ela pressionou os lábios.

Ignorei a reação dela. — *Qual era a cor dos cabelos dele?* — perguntei.

Ela esfregou os olhos.

— *Que cor de cabelo?*

— *Vá embora* — ela murmurou.

— *Só estou tentando ajudar.*

— *Não posso ser ajudada* — ela disse, rangendo os dentes.

— *Todos podem ser ajudados* — disse a ela.

Ela me olhou, a face sem expressão.

— *...se eles pedirem* — insisti.

Ela abaixou seu olhar. A importância do que eu dissera tinha alcançado a mente dela de alguma forma?

Fiz outra pergunta. — *Ele era louro?*

Ela acenou com a cabeça uma vez.

— *Como os meus?*

Os dentes cerrados de novo. — *Não.*

Lutei contra uma vontade avassaladora de desistir, levantar-me, sair da casa, voltar para a Terra do Verão e esperar.

— *O que ele fazia?* — perguntei.

Ela tinha os olhos fechados. Lágrimas escorriam sob as pálpebras cerradas e desciam pela face.

— *Soube que ele escrevia para a televisão.*

Ela murmurou alguma coisa.

— *Ele escrevia?*

— *Sim.* — Através dos dentes cerrados de novo.

Parecia inacreditável para mim que ela não conseguia ver a relação. Era tão incrivelmente óbvio. Ainda assim ela não viu. Nunca o significado do ditado foi tão vivido para mim. Ninguém é mais cego do que aqueles que não querem enxergar.

Eu queria partir. Mas não podia abandoná-la. — *Seus olhos eram verdes?* — perguntei, pressionando.

Ela confirmou levemente com a cabeça.

— *Os meus também são* — disse.

Nenhuma resposta.

Estremeci espasmodicamente. — *Ann, você não consegue ver quem eu sou?* — implorei.

Ela abriu os olhos e, em outro desses momentos, tive a sensação de que ela me reconhecera. Reuni minhas forças e me inclinei em sua direção.

Então, ela virou o rosto e estremeceu de novo. Meu Deus, não havia uma maneira de entrar em contato com ela?

Ela virou-se rapidamente. — *Por que você está fazendo isso comigo?* — ela exigiu.

— *Estou tentando convencê-la de quem eu sou.*

Esperei pela pergunta inevitável: quem é você? Ela nunca veio. Em vez disso, ela encolheu-se novamente, fechou os olhos, balançando a cabeça lentamente, de um lado para o outro.

— *Eu não tenho nada* — ela disse. Eu não sabia dizer se ela falava para si mesma ou para mim. — *Meu marido faleceu. Meus filhos estão crescidos. Estou sozinha. Abandonada. Se tivesse coragem, eu me mataria.*

Suas palavras horrorizaram-me. Ter cometido suicídio e acabar em um lugar tão terrível quanto esse a fez pensar em se matar. Uma consideração pervertida e inexorável dentro de uma reflexão.

— *Eu me sinto tão pesada* — ela disse. — *Tão cansada e pesada. Mal consigo levantar meus pés. Durmo o tempo todo, mas sempre acordo exausta. Eu me sinto vazia. Oca.*

As palavras de Albert voltaram para me atormentar. — O *que acontece aos suicidas* — ele disse — *é que eles têm um sentimento de estarem vazios por dentro. Seu corpo físico foi eliminado prematuramente, seu corpo etérico preencheu o vazio. Mas esses corpos etéricos têm a sensação de vazio pelo tempo que seus corpos físicos teriam de viver.*

Dei-me conta, naquele momento, por que tinha sido impossível entrar em contato com sua mente.

Ao se colocar neste lugar, ela removeu sua mente de todas as lembrancas positivas. Sua punição — embora tenha sido auto-imposta — era relembrar apenas as situações adversas em sua vida. Ver o mundo que ela lembrava por meio das lentes do negativismo total. Nunca ver a luz, apenas sombras.

— *Como era aqui antes?* — perguntei impulsivamente. Senti um frio no estômago. Comecei a sentir medo.

Ann olhou para mim, mas parecia mirar as trevas dos seus pensamentos enquanto respondia. Pela primeira vez ela disse frases mais extensas.

— *Eu vejo, mas não claramente* — ela disse. — *Eu ouço, mas não claramente. Acontecem coisas que não entendo completamente. A compreensão está sempre a alguns passos à minha frente. Jamais consigo alcançá-la. Tudo está distante de mim. Sinto raiva por não ouvir ou ver direito, por não entender. Por que sei que não sou eu que está perdendo coisas. Mas que tudo à minha volta é vago e me mantém a poucos passos da compreensão. Sei que sou enganada de algum modo. Lograda.*

"Coisas acontecem na minha frente e vejo acontecendo, mas não tenho certeza se entendo, mesmo parecendo que estou. Há sempre algo mais acontecendo que não consigo compreender. Algo que sempre perco, embora não saiba como estou perdendo ou por quê.

Tento entender o que está acontecendo, mas não consigo. Mesmo agora, enquanto converso com você, sinto que estou perdendo alguma coisa. Digo a mim mesma que estou certa, que tudo à minha volta está distorcido. Mas mesmo quando penso assim, tenho uma premonição de que sou eu. Que estou tendo outra crise nervosa, mas não consigo identificá-la desta vez porque é sutil demais e além da minha compreensão.

Tudo me escapa. Não consigo descrever isso de maneira melhor. Assim como nada funciona na minha casa, nada funciona na minha mente

também. Estou sempre confusa, sem referências. Eu me sinto como se estivesse nos sonhos que meu marido tinha."

Eu me inclinei em sua direção, ansioso para captar cada palavra que ela dizia.

— *Ele estaria em Nova York, por exemplo, e não conseguiria falar comigo não importando quanto tentasse. Ele falaria com as pessoas e elas pareceriam entendê-lo e ele, entendê-los. Mas nada do que diziam daria certo. Ele não conseguiria achar as suas coisas. Ele saberia que estava em Nova York por algum motivo, mas não conseguiria se lembrar qual. Ele saberia que não teria dinheiro suficiente para voltar à Califórnia e todos os seus cartões de crédito teriam sumido. Ele jamais seria capaz de entender o que estaria acontecendo. E assim que me sinto.*

— *Então, como você sabe que não é um sonho?* — perguntei. Um vislumbre.

— *Porque vejo e ouço coisas* — ela respondeu. — *Eu sinto coisas.*

— *Você vê e ouve... você sente em sonhos também* — retruquei. Minha mente trabalhava, mas eu sentia que havia algo lá. Uma conexão.

— *Isto não é um sonho* — ela disse.

— *Como você sabe?*

— *Não é um sonho.*

— *Pode ser.*

— *Por que você diz isso?* — Ela parecia irritada de novo.

— *Estou tentando ajudar você* — disse.

Ela respondeu — *Eu gostaria de acreditar nisso.*

Parecia que uma tênue luz tinha atingido as sombras em minha mente. Ela não tinha acreditado em nada do que eu dissera antes. Agora ela gostaria de poder acreditar. Era um pequeno passo, mas um passo.

Uma nova idéia me ocorreu, a primeira em muito tempo, percebi. Algo estava ficando claro em minha mente? — *Meu filho, Richard, ele tem...* — parei, a palavra fugindo-me. — *estudado a percepção extra-sensorial* — terminei.

Quando eu disse seu nome, sua face enrijeceu.

— *Ele tem conversado com um médium* — eu disse.

De novo, a tensão em seu rosto. Eu a ajudava ou a prejudicava? Eu não sabia, mas tinha de continuar.

— *Ele passou, depois de muito meditar, a acreditar* — reuni minhas forças — *em vida após a morte.*

— *Isso é estupidez* — ela disse imediatamente.

— *Não* — balancei a cabeça. — *Não, ele acredita nisso. Ele sente que há provas de que, após a morte, existe vida.*

Ela balançou a cabeça, mas não disse nada.

— *Ele acredita que matar é o pior crime que alguém pode comete* — eu disse. Olhei diretamente em seus olhos. — *E suicídio.*

Ela estremeceu violentamente, tentou se levantar, mas não teve força suficiente e sentou-se novamente. — *Eu não vejo...* — ela disse.

Minha mente estava mais clara agora. — *Ele acredita que somente Deus tem o direito de tirar a vida de alguém* — disse a ela.

— *Por que está me dizendo isso?* — ela perguntou com uma voz trêmula e quase inaudível. Ela se agitou enquanto falava, encolhendo-se no sofá. Ginger olhava para ela assustada, as orelhas abaixadas. Ela sabia que algo estava errado, mas não tinha idéia do que seria.

De novo, reuni forças. — *Estou lhe dizendo isso porque minha esposa cometeu suicídio*—- disse. — *Ela tomou uma* overdose *de soníferos.*

Aquela expressão vazia cruzando seus olhos de novo. Por algum motivo, ela desapareceu quase imediatamente porque ela não foi capaz de mantê-la. Ela balançou a cabeça. — *Não acredito...* — começou. Sua voz parecia fraca.

Minha mente sentia-se ainda mais clara. — *O que me incomoda é que Richard acredita que ela ainda existe* — eu disse.

Nenhum som, um balançar da cabeça.

— *Que ela está em um lugar parecido com nossa casa* — eu disse. — Mas *uma versão triste e negativa dela. Tudo deprimente e frio. Nada funciona. Sujo e desorganizado.*

Ela continuou balançando a cabeça. Murmurou palavras inaudíveis.

— *Acredito que ele tenha razão* — eu disse. — *Acredito que a morte é uma continuação da vida. A pessoa que somos continua depois.*

— *Não* — um resquício de som, como uma respiração entrecortada.

— *Você não vê?* — perguntei — *Sua casa era linda, acolhedora e brilhante. Por que teria de ser assim? Por quê?*

Ela continuou recuando. Eu sabia que ela estava aterrorizada, mas eu tinha de continuar. Esta fora a primeira abordagem que conseguira alguma coisa.

— *Por que sua casa deveria ter uma aparência tão feia?* — perguntei. — *Isso faz algum sentido? Porque o telefone, o gás e a energia elétrica deveriam estar cortados? Há alguma lógica nisso? Por que os jardins, as plantas, tudo deveria estar morrendo? Por que todos os pássaros deveriam estar morrendo? Por que não deveria chover? Por que tudo na sua vida deveria dar errado ao mesmo tempo?*

Sua voz era fraca. Acho que ela disse — *Deixe-me em paz.*

Continuei. — *Você não consegue ver que esta casa é apenas uma réplica da casa que você conhecia? Que você só está aqui porque pensa que isto é real? Não vê que está criando esta existência para você mesma?*

Ela balançou a cabeça, parecendo uma criança apavorada.

— *Você não entende por que eu digo essas coisas?* — eu disse. — *Não é só o fato de meus filhos terem os mesmos nomes que os seus filhos. Não só o fato de minha esposa ter o mesmo nome que o seu. Seus filhos são meus filhos. Você é minha esposa. Não sou apenas um homem que se parece com seu marido. Eu sou seu marido. Nós sobrevivemos...*

Parei quando ela se levantou bruscamente. — *Mentira!* — ela gritou.

— *Não!* — dei um salto. — *Não, Ann!*

— *Mentira!* — ela berrou. — *Não existe vida após a morte! Apenas a morte!*

A BATALHA TERMINOU

Nós estávamos cara a cara agora, como gladiadores nas areias de uma arena misteriosa. Uma luta até a morte, o estranho pensamento ocorreu-me. De qualquer forma, nós dois estávamos mortos. Por que lutávamos então?

Eu só sabia que, se fracassasse, nós dois estaríamos perdidos.

— *Não há vida depois da morte* — comecei.

— *Nenhuma* — ela disse, olhos faiscando, quase me encurralando com sua rebeldia.

— *Então, eu não poderia saber nada sobre o que aconteceu depois da minha morte.*

Um momento de confusão em seu rosto antes de ela murmurar, desdenhosamente — *Sua morte.*

— *Eu disse que sou o Chris* — contei a ela.

— *Você é...*

— *Seu marido Chris.*

— *E eu digo que você é um tolo por dizer isso* — Agora ela parecia ter recuperado suas forças.

— *Acredite no que você quiser* — insisti. — *Mas quem quer que eu seja, eu não poderia saber o que aconteceu a você depois que seu marido morreu, não é? Eu falo de detalhes* — acrescentei, interrompendo-a. — *Eu poderia saber?*

Ela me olhou desconfiada. Eu sabia que ela tentava descobrir aonde eu queria chegar. Continuei rapidamente para mantê-la de guarda baixa.

— *Não, eu não poderia...* — eu mesmo respondi. — *Você sabe que eu não poderia, porque se eu pudesse...*

— *Que detalhes?* — ela interrompeu, determinada.

— *Detalhes como você e as crianças sentadas no banco da frente da igreja. Como alguém tocando seu ombro, fazendo você estremecer.*

Eu sabia, pela sua reação, que meu movimento de abertura fracassou. Era óbvio que ela não se lembrava do meu toque. Ela me olhou com um desprezo evidente.

— *Coisas como a casa cheia depois do funeral* — continuei. — *Richard serviu bebidas no bar...*

— *Você acha...* — ela começou...

— *Seu irmão Bill estava aqui, Pat, seu irmão Phil, sua esposa e...*

— *É isto o que você chama...*

— *Você no quarto, deitada na cama, Ian sentado ao seu lado, segurando sua mão.*

Eu sabia que acertara o alvo, pois ela estremeceu como se eu tivesse lhe dado um soco. Era algo que ela lembrava vividamente, sendo um momento de tristeza. Eu estava em terreno seguro agora, infeliz, mas seguro. — *Ian disse a você que sabia que era loucura, mas ele sentia que eu estava lá com você.*

Ann começou a tremer.

— *Você disse a ele: eu sei que você quer ajudar...*

Ela sussurrou alguma coisa.

— *O quê?*

Ela sussurrou de novo. Ainda não conseguia ouvi-la. — *O que, Ann?*

— *Deixe-me em paz* — ela me disse em um tom de voz estridente.

— *Você sabe que tenho razão* — eu disse. — *Você sabe que eu estava lá. O que prova...*

A névoa sobre seus olhos de novo. Tão rápido que parecia quase físico. Ela virou a cabeça. — *Eu gostaria que chovesse* — ela murmurou.

— *Estou certo, não é?* — exigi. — *Essas coisas realmente aconteceram.*

Ela conseguiu se levantar, parecia tonta.

— *Você está com medo de ouvir a verdade?*

Ela sentou-se novamente. — *Que verdade?* — Seu corpo foi assolado por espasmos. — *Do que você está falando?*

— *Não existe vida após a morte?*

— *Não!* — seu rosto ficou rígido de medo e fúria.

— *Então, por que você concordou com a sessão espírita com Perry?*

Ela estremeceu novamente como se tivesse recebido um golpe.

— *Ele disse a você que eu estava sentado ao seu lado no cemitério* — eu disse. — *Eu direi o que ele falou, palavra por palavra: "eu sei como você se sente, senhora Nielsen, mas acredite em mim". Ele usava uma camisa azul escura com mangas curtas, calça azul xadrez...*

— *Você está mentindo. Mentindo* — sua voz era gutural, seus dentes cerrados, sua expressão de um ódio maligno.

— *Devo lhe dizer o que você disse a Perry na casa?*

Ela tentou se levantar, mas não conseguiu. A névoa sobre seus olhos ia e voltava. — *Não estou interessada* — ela murmurou.

— *Você disse: "eu não acredito em vida após a morte. Eu acredito que quando morremos, morremos de verdade e é o fim de tudo".*

— *É isso mesmo!* — ela gritou.

Um espasmo de esperança vã. — *Foi o que você disse?*

— *A morte é o fim de tudo!*

Lutei contra uma perda momentânea. — *Então, como sei essas coisas?* — perguntei.

— *Você inventou!*

— *Você sabe que não é verdade! Você sabe que tudo o que descrevi foi exatamente como aconteceu!*

Ela conseguiu ficar de pé desta vez. — *Não sei quem você é* — ela disse — *mas é melhor você ir embora antes que seja tarde demais.*

— *Tarde demais para quem?* — perguntei. — *Para você ou para mim?*

— *Você!*

— *Não, Ann* — eu disse. — *Eu sei o que aconteceu. É você que não entende.*

— *E você é meu marido?* – ela perguntou.

— *Sou.*

— *Senhor* — ela quase cuspiu a palavra em mim — *estou olhando para você agora e você não é meu marido.*

Senti um frio súbito e amargo dentro do meu peito.

Ela viu a profundidade da minha reação e se aproveitou imediatamente dela. — *Se você fosse meu marido* — ela disse — *não diria essas coisas para mim. Chris era gentil. Ele me amava.*

— *Eu amo você também* — senti a depressão aumentando. — *Estou aqui porque amo você.*

Sua risada foi um som cínico e depressivo. — *Amor?* — ela disse — *Você nem me conhece.*

O chão escorregava sob meus pés. — *Eu amo!* — gritei. — *Sou o Chris! Não consegue ver isso? Sou o Chris!*

Minha derrota era completa enquanto ela sorria, saboreando sua fria vitória. — *Como isso é possível?* — ela perguntou. — *Ele está morto.*

Tinha sido tudo em vão. Não havia modo de convencê-la porque ela, literalmente, não conseguia conceber a vida após a morte. Ninguém consegue conceber o impossível. E, para Ann, sobreviver após a morte era uma impossibilidade.

Ela se virou e deixou a sala de estar, seguida por Ginger.

No início, não me dei conta da derrota. Sentei-me, observando-a ir como se aquilo não tivesse importância para mim. Então, tomei consciência do ocorrido e me levantei, entorpecido pelo choque. Fiz tudo o que pude para convencê-la, pensei por alguns instantes que a tinha convencido apenas para descobrir que eu nada conseguira.

Nada.

Fui atrás dela, mas, agora, sem esperança. Cada passo parecia trazer outra condensação para minha mente e corpo — uma coagulação de pensamento, um entupimento de carne que ficava cada vez pior.

Por um horrível momento, pensei que estava em casa de novo, que aquele era o lugar ao qual eu pertencia.

Parei e resisti ao terrível processo. Eu não conseguiria ficar naquele lugar. Era horrível demais.

O grito de terror de Ann vindo de nosso quarto me fez correr.

Digo correr, mas era mais como se mancasse, minhas pernas cobertas de chumbo. Foi então que entendi o que Ann descrevera. Como ela, eu mal conseguia erguer meus pés. E isso era pior para ela.

Parei diante da porta do quarto, Ginger virou-se para me encarar. Ann estava pressionada contra a parede, olhando para a cama. Sobre o lençol pálido e desbotado, rastejava uma tarântula do tamanho do pulso de um homem.

O momento foi congelado. Ann contra a parede. Ginger olhando-me. Eu na porta.

A única coisa que se movia, com a lentidão de uma lesma, era aquela aranha enorme e peluda.

Quando a tarântula começou a subir no travesseiro de Ann, ela engoliu em seco.

Pensei, por um terrível instante, se ela fizera isso a si mesma, uma punição inconsciente por não acreditar no que eu disse a ela, criando uma imagem da coisa mais repugnante que ela poderia imaginar: uma gigantesca tarântula caminhando sobre o local onde ela repousava sua cabeça ao dormir.

Não sei por que Ginger não fez nenhum movimento quando entrei no quarto. Seria por que ela agora sentia que eu estava realmente ali para ajudar Ann? Não tenho resposta. Só sei que ela deixou que eu passasse por Ann e chegasse à cama.

Peguei o travesseiro rapidamente. Engoli em seco e joguei-o para longe quando a aranha fez um movimento súbito em direção à minha mão direita. Ann gritou, enojada, enquanto a tarântula caía sobre a cama.

Peguei o travesseiro de supetão e o joguei sobre a tarântula. Então o mais rápido que pude, peguei o lençol pelas pontas e o joguei sobre o travesseiro. Peguei o embrulho, levei-o até a porta e a abri. Joguei o lençol para fora, fechei a porta e a tranquei.

Enquanto eu voltava, Ann rastejou e caiu sobre a cama e lá ficou, imóvel.

Sem me mexer, olhei para ela.

Não havia nada a fazer. Eu tinha exaurido todas as possibilidades.

O encontro tinha acabado e a batalha terminara.

O INFERNO SERÁ NOSSO PARAÍSO

Ann estava imóvel no seu lado esquerdo da cama, as pernas encolhidas, as mãos cerradas sob o queixo. Seus olhos miravam o vazio, ainda brilhando com lágrimas que já não caíam mais. Ela nem se mexeu quando me sentei do outro lado da cama e se ela sentiu que eu observava sua face inescrutável, ela não deu nenhum sinal disso.

Ginger dormia, exausta, ao pé da cama. Voltei-me para ela e senti uma onda de compaixão. Ela era tão sincera em sua devoção. Gostaria tanto que pudesse haver um jeito de ela entender o que estava acontecendo.

Olhei novamente para Ann. Meu corpo estava frio e dolorido e eu sabia que, enquanto eu me sentava ali, aquele magnetismo sombrio esperava-me para me arrastar ao vazio onde ela estava. Eu só precisava permitir que ele e a atmosfera absorvessem-me totalmente, transformando-me em alguém como ela, um prisioneiro que esqueceu tudo o que acontecera antes.

Eu sabia, com terrível clareza, como minhas esperanças tinham sido tolas e enganosas. Albert tentou me alertar, mas eu não lhe dei ouvidos. Agora finalmente entendi.

Não havia modo de alcançar Ann.

Ainda assim, as palavras surgiram. Palavras que eu queria que ela ouvisse, agora que eu poderia enunciá-las, diante dela. Palavras que eu sabia que não podiam afetá-la, mas palavras que encheram minha mente e meu coração.

— *Você se lembra de como costumava escrever notas de agradecimento para as pessoas o tempo todo?* — perguntei. — *Para jantares, presentes, favores? Eu costuma caçoar de você porque você escrevia um número infinito delas. Mas elas eram gestos de amor, Ann. Eu sempre soube disso.*

Nenhum som dela. Totalmente inanimada na cama. Estendi a mão e toquei sua mão direita. Ela estava fria e flácida. Segurei-a entre minhas mãos e continuei a falar.

— *Quero lhe dizer obrigado em palavras agora* — eu disse a ela. — *Não sei o que acontecerá conosco. Rezo para fiquemos juntos em algum lugar, algum dia, mas no momento, não sei se isso é possível.*

"É por isso que vou agradecer agora tudo o que você fez por mim, tudo o que você significou para mim. Alguém que você nunca conheceu me disse que pensamentos são reais e eternos. Então, mesmo que você não entenda minhas palavras agora, sei que chegará um dia no qual o que eu disse tocará você."

Pressionei sua mão entre minhas palmas para aquecê-la e disse a ela o que eu sentia.

— *Obrigado, Ann, por todas as coisas que você fez por mim em vida, das pequenas às maiores. Tudo o que você fez foi importante e eu quero que saiba da minha gratidão por isso.*

"Obrigado por manter minhas roupas limpas, nossas casas limpas, você limpa. Por estar sempre com a pele sedosa e cheirosa, sempre estar bem cuidada.

Obrigado por me alimentar. Pela preparação de tantas refeições deliciosas. Por preparar pães para mim quando tão poucas mulheres se preocupam com isso hoje em dia.

Obrigado por se preocupar comigo quando eu tinha qualquer tipo de dificuldade. Por me apoiar quando eu me sentia deprimido.

Obrigado pelo seu senso de humor. Por me fazer rir quando eu precisava disso. Por me fazer rir quando eu não precisava nem esperava, mas apreciei o sabor extra que isso acrescentou à minha vida. Obrigado pela sua percepção humorada de nossa vida e do mundo em que vivemos.

Obrigado por cuidar de mim quando eu estava doente. Por garantir que os pijamas e os lençóis estivessem limpos, que eu estivesse bem alimentado ou tivesse frutas frescas e água para beber. Que eu tivesse algo para ler ou que a televisão ou o rádio estivesse ligado ou que a casa ficasse em silêncio para que eu pudesse dormir. Tudo isso além do seu próprio trabalho.

Obrigado por compartilhar meu amor pela música e por compartilhar seu amor pela música comigo. Por compartilharmos nosso

amor mútuo pela beleza e pela natureza.

Obrigado por nos ajudar a descobrir o maravilhoso estilo de vida que tivemos. Por mobiliar, decorar e desfrutar nossas diferentes casas, e abri-las para as pessoas que conhecíamos.

Obrigado por ser afetuosa com meus amigos e por amar minha família. Obrigado por nos ajudar a construir tantas amizades mútuas.

Obrigado por ser alguém de quem eu me orgulhava da companhia, não importando onde eu estava ou com quem.

Obrigado pela nossa relação física. Por compartilhar seu corpo de mulher comigo. Por fazer a parte corpórea da minha vida tão satisfatória e excitante. Por manter meu ego sexual intacto. Por gostar de meu corpo tanto quanto eu gostava do seu. Pelo calor da sua pele nas noites frias e pela intensidade do seu amor sempre.

Obrigado por ter tido fé no meu trabalho e no meu sucesso. Sei que não foi fácil quando tínhamos filhos, contas e pressões de todos os tipos. Mas você jamais deixou de acreditar que eu teria sucesso e sou grato por isso.

Obrigado pelas lembranças das coisas que fizemos juntos e pelos filhos. Obrigado por sugerir que comprássemos um motor-home *para a família, por ajudar a descobrir os encantos da vida ao ar livre para mim e as crianças. Sei que isso será parte dá vida deles assim como foi da nossa. Obrigado por todos os maravilhosos parques nacionais que vimos juntos. Pelo Parque das Sequóias, Yosemite, Lassen e Shasta, Olympic e Mount Ranier, Glacier e Yellowstone, Grand Canyon e Brice. Pelo Canadá e todos os estados em que acampamos de costa a costa.*

Obrigado por durante anos ajudar a descobrir e compartilhar conosco os prazeres dás viagens ao Havaí, aos Mares do Sul, à Europa e por todo os Estados Unidos.

Você se lembra de todos os nossos Natais juntos, Ann? Como costumávamos sair, todos nós, pegar a motor-home, *ir até a Associação Cristã de Moços em Reseda e comprar uma árvore? Como caminhávamos por corredores de cheirosos pinheiros e abetos e escolhíamos um, rindo, votando e discutindo até que escolher um que agradasse a todos? Como o levávamos para a casa e colocávamos as lâmpadas, então a decoração e o ouropel? Como sentávamos juntos, olhando para ela, o único som era o das músicas natalinas tocando na vitrola? Como sempre dizíamos, todo ano, que aquela árvore era a melhor que tínhamos comprado e que isso era sempre*

verdade para nós? Eu me lembro de todos esses momentos adoráveis e sou grato por eles.

Obrigado pelas lembranças de nós dois sozinhos. Fazendo viagens de fins de semana ou passeios a lugares interessantes. Fazendo compras juntos. Caminhando. Sentados no banco e admirando as montanhas ao entardecer. Eu colocava meu braço em volta dos seus ombros, você se inclinava contra mim e nós observávamos o pôr-do-sol. Aquilo era contentamento, Ann.

Você se lembra das ovelhas que costumavam pastar naquelas colinas? Como as observávamos, sorrindo do seu balido constante e do som delicado dos sinos pendurados no pescoço delas? Você se lembra do gado que às vezes ia até lá? Doces lembranças, Ann. E obrigado por elas.

Obrigado pelas lembranças de observá-la com os pássaros. Observá-la tomando conta deles, curando-os, dando-lhes sua atenção, ano após ano.

Esses pássaros estão esperando por você, Ann. Eles amam você.

Obrigado por me dar o exemplo de sua coragem e tenacidade ao se recuperar de seu colapso nervoso. Foi um momento terrível em sua vida, na vida de nós dois. As noites sem dormir, os medos e as incertezas, a dolorosa recordação. Os anos de tentativas, lutas, esperanças.

Obrigado por nunca ter permitido que esses anos a tivessem feito desistir. Por nunca ter deixado que as cicatrizes de sua infância tivessem feito você desistir de seus esforços de crescer e se fortalecer. E, embora eu nunca quisesse isso, obrigado por ter feito tudo o que pôde para evitar que eu fosse exposto ao que você sofreu durante aquele período.

Obrigado por dar tanto valor ao seu casamento e à família e ainda assim crescer como pessoa. Pelo seu desejo de crescer e seu sucesso ao fazer isso. Você se lembra quando voltou para a escola? Primeiro, assistiu a um curso isolado ou dois, mais tarde, dedicando-se mais até obter seu diploma de Associada de Arte, então seu diploma de bacharel e então começou a trabalhar como conselheira de adultos? Eu estava tão orgulhoso de você, Ann. Gostaria que você ainda estivesse fazendo isso. Você seria uma conselheira maravilhosa, cheia de empatia e amor.

Obrigado pelos nossos filhos. Obrigado por nos fornecer o lindo e limpo recipiente do seu corpo para a criação de sua vida física. Você sabe que ainda me lembro do momento exato em que cada um nasceu? Louise às três horas e sete minutos da manhã de 22 de janeiro de 1951, Richard às sete

horas e dois minutos da manhã de 14 de outubro de 1953, Marie às nove horas e quatro minutos da noite de 5 de julho de 1956 e Ian às oito horas e sete minutos da manhã de 25 de fevereiro de 1959. Obrigado pela alegria que senti ao ver cada um deles pela primeira vez e pelas alegrias que cada um trouxe à minha vida. Obrigado por me ensinar a ter consideração por eles e a respeitar suas identidades diferentes. Obrigado por ser um ótimo exemplo para nossos filhos, mostrando-lhes o que é possível em uma esposa e mãe.

Obrigado por deixar que eu fosse eu mesmo. Por lidar comigo como eu era, não como você imaginava que fosse ou como queria que fosse. Obrigado por ser tão compatível com minha mente e emoções. Por me ajudar a me manter com os pés no chão, por não ser dominadora nem passiva, mas sim conforme cada situação exigia. Por ser feminina e aceitar o que eu tinha a oferecer como homem. Por sempre me fazer sentir como um homem.

Obrigado por ser tolerante com minhas falhas. Por não esmagar meu ego nem permitir que ele ultrapassasse os limites do bom senso. Por manter, em minha mente, a consciência de que eu era um ser humano com responsabilidades. Obrigado por me transformar sem jamais ter feito isso deliberadamente. Por me ajudar a entender melhor quem eu sou. Por me ajudar a realizar mais coisas do que eu jamais conseguiria sozinho.

Obrigado por me encorajar a falar de nossos problemas, sobretudo com o passar dos anos. Nossa habilidade crescente de conversar tomou nosso casamento cada vez melhor. Obrigado por me ajudar a combinar meus pensamentos e sentimentos e comunicá-los a você como um ser completo. Obrigado por gostar de mim e de me amar, por não ser apenas minha esposa e amante, mas também minha amiga.

Obrigado por sua imaginação em nossa vida. Por me ajudar a apreciar novas atividades e idéias. Por tomar meus gostos mais audaciosos em todas as coisas, das menores às maiores.

Obrigado por me lembrar em atos, não palavras, das coisas certas a fazer quando outras pessoas estavam envolvidas. Por me ensinar, por exemplo, que sacrifício pode ser um gesto positivo e de amor. Obrigado por permitir que a possibilidade amadurecesse.

Obrigado pela sua confiabilidade. Por estar sempre ao meu lado quando precisei de você. Obrigado pela sua honestidade, seus valores, sua

ética e compaixão. Obrigado até mesmo pelos momentos difíceis entre nós porque neles também aprendi a crescer.

Peço desculpas por todos os momentos que decepcionei você, por cada momento que deixei de dar a compreensão que você merecia. Peço desculpas por não ter sido paciente e gentil quando eu deveria ter sido. Peço desculpas por todos os momentos que fui egoísta e incapaz de ver suas necessidades. Sempre amei você, Ann, mas, muitas vezes, eu a decepcionei. Peço desculpas por todos esses momentos e agradeço a você por me fazer sentir mais forte do que eu era, mais sábio do que eu era, mais capaz do que eu era. Obrigado, Ann, por agraciar minha vida com sua adorável presença, por acrescentar a doce medida de sua alma à minha existência.

Obrigado, amor, por tudo."



Ela me olhava agora, com uma expressão de sofrimento tão grande que, por um instante, me arrependi por ter falado tudo aquilo.

Imediatamente, aquilo desapareceu.

Havia algo em seus olhos.

Vago e sem forma, lutando pela existência. Como uma vela ao vento.

Mas definitivamente ali.

Como ela tentou. Meu Deus, Robert, como ela tentou. Vi cada momento disso em seu rosto. Algo em minhas palavras acendeu uma pequena chama em sua mente e agora ela lutava para mantê-la queimando. Sem nem mesmo saber que ela tinha ganhado vida. Sem nem mesmo saber que ela tinha sido acesa, mas apenas sentindo que fora. Consciente de alguma coisa. Algo diferente. Algo além da miséria em que ela existia agora.

Eu não sabia o que fazer.

Eu deveria falar, para tentar alimentar a chama? Ou permanecer em silêncio, dando-lhe tempo para nutri-la pessoalmente? Eu não sabia. No momento mais premente de todo o nosso relacionamento, eu estava mentalmente desorientado.

Então, não fiz nada. Olhei seu rosto. Sua face, como a de uma criança, lutando para entender um mistério vasto e remoto.

Tente, pensei.

Era a única palavra que minha mente conseguia lembrar. Tente. Eu acho que balancei a cabeça. Tente. Eu acho que sorri. Tente. Segurei a mão dela com tanta força. Tente. Senti que nós dois começamos a tremer. Tente, Ann. Tente. Cada segundo de nossa longa afinidade, do momento em que nos conhecemos a este instante incrível, chegara ao clímax agora. Tente, Ann. Tente. Por favor, tente.

A chama apagou-se.

Eu a vi morrer. Em um segundo ela estava ali, quase morta. Então, não estava mais, a tênue luz evaporando-se de sua mente. E a mudança de sua expressão, da esperança ansiosa para o esquecimento sombrio, era, para mim, a visão mais odiosa que eu tinha visto desde a minha morte.

— *Ann!* — gritei.

Nenhuma resposta. Em palavras ou reconhecimento facial.

A causa estava perdida.

Olhei-a em silêncio, os momentos passando.

Até que uma resposta final ocorreu-me.

— *Eu não podia deixá-la lá sozinha.*

É estranho como a mais horrível decisão que já tomei na minha existência criaria uma sensação de paz em mim.

Instantaneamente, permiti que o magnetismo que me esperava começasse a me envolver.

Não havia como parar agora. Senti um frio pavoroso em minha carne, uma gélida e horrível condensação de todo o meu corpo.

Quase tentei lutar contra aquilo enquanto um terror inominável varria minha mente.

Parei aquilo.

Era a única coisa que eu poderia fazer por ela.

Eu logo perderia o conhecimento disso, nem mesmo o conforto de reconhecer meu próprio gesto. Mas, agora, durante esses

momentos limitados, eu sabia exatamente o que fazia. A única coisa que restava a fazer.

Abandonar o paraíso para ficar com ela.

Mostrar meu amor ao escolher ficar do lado dela pelos 24 anos que ela permaneceria aqui.

Rezei para que minha companhia, o que quer que ela provasse ser quando eu perdesse minha consciência, pudesse amenizar, de alguma maneira, sua dor em viver em um lugar tão terrível.

Mas eu ficaria, não importasse o que acontecesse.

Estremeci e olhei à minha volta.

Ginger lambia minha outra mão.

Olhei-a, incrédulo. Ouvi, o que era para mim, o som mais bonito no universo: a voz de Ann dizendo meu nome.

— *É realmente você?* — ela murmurou.

— *Sim, Ann. Sou eu* — Eu a vi por meio de uma cascata brilhante de lágrimas.

— *Você fez isso... por mim?*

Confirmei com a cabeça. — *Sim, Ann, sim. Sim* — Eu já conseguia sentir a consciência esvanecendo-se. Quando ela desapareceria? Quando a desolação triunfaria?

Isso não importava.

Por esses segundos, estávamos reunidos.

Puxei-a para mim. Coloquei meus braços em torno dela e senti seus braços em torno de mim. Choramos abraçados um ao outro. De repente, ela se afastou, uma expressão de terror nos olhos.

— *Agora você não pode partir* — ela disse.

— *Isso não importa* — eu ri e chorei ao mesmo tempo. — *Isso não importa, Ann. O paraíso não seria o paraíso sem você.*

E, pouco antes de a penumbra cobrir minha consciência, falei pela última vez com minha esposa, minha vida, minha preciosa Ann. Minhas últimas palavras, sussurradas para ela.

— *Que o inferno seja nosso paraíso.*

QUE OS SONHOS CHEGUEM

ÍNDIA

A sensação de despertar foi peculiar, como se eu emergisse de uma densa e pesada crisálida. Abri os olhos e mirei o teto. Ele era de um azul-claro, suave. Não ouvi nada além do mais profundo silêncio.

Tentei virar a cabeça e descobri, surpreso, que eu estava fraco demais para mexê-la. Por vários minutos, pensei aterrorizado que estava paralisado.

Então percebi que era exaustão e fechei meus olhos novamente.

Não sei dizer por quanto tempo dormi. A coisa seguinte de que me lembro foi abrir os olhos de novo. O mesmo teto azul, claro, irradiante. Olhei para meu corpo. Eu estava deitado em um sofá, vestindo um robe branco.

Eu tinha voltado à Terra do Verão?

Usando meu cotovelo direito, levantei-me lentamente e olhei em volta.

Eu estava em um saguão imenso que possuía um teto, mas não paredes, longas colunas jônicas servindo como apoios laterais. Havia centenas de sofás no local, a maioria ocupada por pessoas. Homens e mulheres, vestidos com robes da cor do teto, moviam-se entre os sofás, reclinando-se aqui e ali para falar com uma das figuras reclinadas, tocando em sua cabeça. Eu estava de volta à Terra do Verão.

Mas onde estava Ann?

— *Você está bem?*

Olhei à minha volta ao som da voz da mulher. Ela estava de pé atrás de mim.

— *Eu estou na Terra do Verão?* — perguntei.

— *Sim* — Ela se inclinou e tocou em meus cabelos. — *Você está seguro. Descanse.*

— *Minha esposa...*

Algo fluiu dos dedos dela para minha mente, algo calmante. Deitei-me de novo.

— *Não se preocupe com nada agora* — ela disse. — *Apenas descanse.*

Senti o sono tomando conta de mim de novo, um sono profundo, repousante. Fechei os olhos e ouvi a mulher dizer: — *Feche os olhos e durma. Você está perfeitamente seguro.*

Pensei na Ann.

De novo, não sei dizer por quanto tempo dormi. Só sei que acordei de novo para ver o teto azul e resplandecente.

Desta vez pensei no Albert, falando seu nome em minha mente.

Como ele não apareceu, fiquei alarmado e apoiei-me no cotovelo.

O saguão ainda era o mesmo, uma quietude plena. O assoalho era coberto por um tapete grosso, vi, aqui e ali, lindas tapeçarias penduradas do teto. Todo o chão, como eu disse, era ocupado com sofás. Olhei para o meu lado direito e vi, a dois ou dois metros e meio uma mulher dormindo sobre um. A minha esquerda, outro sofá, um idoso sobre ele, também dormindo.

Forcei-me a me levantar. Eu tinha de descobrir onde Ann estava. De novo, pensei em Albert, mas nada aconteceu. O que estava errado? Ele sempre viera até mim antes. Ele não voltara à Terra do Verão? Ele ainda estava naquele lugar terrível?

Lutei para ficar de pé. Senti-me incrivelmente pesado, Robert. Como se, apesar da perda da crisálida, meu corpo ainda estivesse encapsulado em pedra. Eu mal conseguia mover-me pelo *hall,* passar pelas fileiras infinitas de pessoas adormecidas, homens e mulheres, idosos e jovens.

Parei na entrada de uma sala adjacente.

Aqui, não havia cenas de descanso. Pessoas inquietas em sonos agitados ou, parcialmente conscientes, tentavam se levantar, não tinham forças para isso e caíam fortemente sobre o sofá ou lutavam para se levantar e eram contidas por homens e mulheres vestidos de azul.

Nem era silencioso como o salão que eu deixara. Este era dissonante com suspiros e choros, vozes amarguradas e desarmoniosas.

Perto de mim, vi um homem vestido de azul conversando com uma mulher deitada em um sofá. Ela parecia confusa e irritada e tentava se sentar, mas não conseguia. O homem batia em seu ombro e falava com ela em um tom reconfortante.

Olhei pelo salão assustado quando um homem começou a gritar. — *Sou cristão e um seguidor do meu Salvador. Exijo ser levado ao meu Senhor! Vocês não têm o direito de me manter aqui! Nenhum direito!*

Vi um homem vestido de azul gesticulando para diversos de seus colegas e eles reuniram-se em torno do homem furioso para tocá-lo. Em segundos, ele dormia pesadamente.

— *Você deveria estar descansando* — uma voz disse.

Olhei à minha volta e vi um jovem com um robe azul, sorrindo para mim. Tentei responder, mas senti minha língua densa e pesada. Tudo o que consegui fazer foi olhar para ele.

— Venha — ele disse. Senti sua mão em meu braço e, com o toque, aquela sensação de conforto sedoso de novo. Tudo começou a borrar diante de mim. Eu sabia que ele me conduzia para algum lugar, mas eu não conseguia ver. Que narcótico sutil havia em seu toque? Pensei nisso enquanto senti o sofá macio sob mim mais uma vez e caí em um sono profundo.

Quando acordei, Albert estava sentado na beira do sofá, sorrindo para mim.

— *Você está melhor agora* — ele disse.

— *Que lugar é esse?* — perguntei.

— *O Salão do Descanso.*

— *Há quanto tempo estou aqui?*

— *Já faz um bom tempo* — ele disse.

— *As pessoas no salão ao lado...* — apontei.

— *São aqueles que morreram súbita e violentamente, acordando pela primeira vez* — ele disse — *que se recusam a acreditar que seu corpo foi-se, mas ainda estão aqui.*

— *Aquele homem...*

— *Um dos que espera sentar-se ao lado da mão direita de Deus e acredita que aqueles que não compartilham suas idéias estão destinados ao tormento eterno. Em vários aspectos, eles são as almas mais atrasadas de todas.*

— *Você não veio antes* — eu disse.

— *Eu não podia até você ter descansado apropriadamente* — ele respondeu. — *Recebi seus chamados, mas não tinha permissão para responder a eles.*

— *Pensei que você ainda estava...* — Parei de falar, esticando a mão para segurar seu braço. — *Albert, onde ela está?* — perguntei.

Ele não respondeu.

— *Ela não está naquele lugar horrível.*

Ele sacudiu a cabeça. — *Não* — ele disse. — *Você a poupou daquilo.*

— *Graças a Deus!* — Senti uma explosão de alegria.

— *Ao ir até lá e ficar com ela por sua livre e espontânea vontade, você lhe deu consciência suficiente para escapar.*

— *Então, ela está aqui* — eu disse.

— *Você esteve com ela por algum tempo* — ele explicou. — *É por isso que você está aqui, recuperando suas forças* — ele colocou uma mão sobre meu braço e o apertou. — *Eu realmente não acreditava que isso poderia ser feito, Chris* — ele disse. — *Jamais previ o que você seria capaz de fazer por ela. Pensei em termos de lógica. Eu deveria ter imaginado que apenas o amor poderia tocá-la.*

— *Ela está segura* — eu disse.

— *Segura de onde ela estava.*

Senti um tremor de inquietação. — *Ela está aqui? Na Terra do Verão?* — perguntei.

Ele pareceu relutante em responder.

— *Albert* — Olhei para ele, ansioso. — *Posso vê-la?*

Ele suspirou. — *Infelizmente, não, Chris.*

Olhei para ele pasmo.

— *Veja* — ele disse — *embora o amor de alguém próximo, possa, em alguns momentos, elevar uma alma para a Terra do Verão, embora eu nunca tenha visto isso ser feito com um suicida, aquela alma raramente, se é que isso já aconteceu, é capaz de permanecer aqui.*

— *Por quê?* — perguntei. O fato de eu estar de volta à Terra do Verão parecia ser uma vitória inútil.

— *Existem centenas de respostas diferentes para essa questão* — ele disse. — *Mil respostas. A mais simples é que Ann ainda não está preparada para isso.*

— *Então, onde ela está?* — Eu estava de pé agora, olhando para ele apreensivamente.

Ele parecia estar reunindo forças. Aquilo foi um sorriso? — *Bem* — ele começou — *a resposta a isso traz um assunto tão imenso que não sei por onde começar. Você não está na Terra do Verão há tempo suficiente para ser exposto a isso.*

— *Que assunto?* — perguntei.

— *Renascimento* — ele disse.

Senti-me confuso e perdido. Quanto mais eu aprendia sobre a vida após a morte, mais complicado se tornava.

— *Renascimento?*

— *Na verdade, você sobreviveu à morte diversas vezes* — ele disse. — *Você se lembra da identidade da vida que você acabou de deixar, mas você teve... todos nós tivemos muitas vidas passadas.*

Uma lembrança aflorou das profundezas da minha mente. Um chalé e um velho deitado em uma cama, duas pessoas próximas a ele, uma mulher de cabelos grisalhos e um homem de meia-idade, vestindo roupas estrangeiras, ouvi o sotaque desconhecido da mulher enquanto ela dizia — *Acho que ele morreu.*

Aquele velho era eu?

— *Está me dizendo que Ann voltou à Terra?* — perguntei.

Ele confirmou com a cabeça e não consegui conter um gemido de desespero.

— *Chris, você preferiria que ela ficasse no lugar onde você a encontrou?*

— *Não, mas...*

— *Porque você a ajudou a entender o que ela fez* — ele disse. — *Ela foi capaz de substituir seu auto-aprisionamento por um renascimento. Tenho certeza de que você consegue ver uma grande evolução nisso.*

— *Sim, mas...* — De novo, não consegui concluir. É claro que eu estava grato por ela estar livre daquele lugar horrível.

Ainda assim, agora estávamos separados de novo.

— *Onde?* — perguntei.

Ele respondeu, quase sussurrando: — *Índia.*

O CAMINHO COMEÇA NA TERRA

Finalmente, eu falei. Uma palavra.

— *Índia?*

— *Ela estava disponível imediatamente* — ele disse. — *Era um desafio para a alma dela, um obstáculo que ela deveria superar para contrabalançar o efeito negativo do seu suicídio.*

— *Deficiência?* — perguntei, inquieto.

— *O corpo que ela escolheu irá, em sua idade mais avançada, contrair uma doença que causará uma grave falta de sono.*

E Ann tirara sua vida com soníferos. Para equilibrar as escalas, ela vai adquirir uma doença que não permitirá que durma normalmente.

— *E ela escolheu isso?* — perguntei, querendo ter certeza do fato.

— *Claro* — Albert disse. — *Renascimento é sempre uma questão de escolha.*

Acenei com a cabeça lentamente, olhando para ele. — *E quanto... ao resto?* — perguntei.

— *O resto está perfeito* — ele disse — *em compensação pela dor que ela sofreu e o progresso que ela alcançou em sua última vida. Seus novos pais são pessoas inteligentes e atraentes, o pai trabalha para o governo local e a mãe é uma artista de sucesso. Ela terá outro nome, é claro, e receberá muito amor e oportunidade para um crescimento criativo e intelectual.*

Pensei um pouco nisso antes de falar. Então, eu disse: — *Eu também quero voltar.*

Albert pareceu inquieto.

— *Chris* — ele disse — *a menos que seja preciso, uma pessoa jamais deve escolher o renascimento até que ela tenha estudado e melhorado a mente o suficiente para que a próxima vida seja um aperfeiçoamento da anterior.*

— *Tenho certeza de que isto é verdade* — concedi. — *Mas preciso estar com ela e ajudá-la se puder. Sinto-me culpado por não tê-la ajudado o suficiente em nossas vidas passadas juntos. Quero tentar de novo.*

— *Chris, pense* — ele disse. — *Você realmente quer voltar tão cedo a um mundo onde multidões são roubadas e enganadas por alguns poucos? Onde comida é destruída enquanto milhões passam fome? Onde servir o Estado é pura hipocrisia? Onde matar é uma solução mais simples que amar?*

Suas palavras eram duras, mas eu sabia que ele as falara em meu benefício, esperando me convencer a permanecer na Terra do Verão e evoluir.

— *Sei que você tem razão* — eu disse. — *E sei que você só deseja o meu bem. Mas eu amo Ann e preciso estar com ela, ajudá-la da melhor maneira que puder.*

Seu sorriso era triste, mas de aceitação. — *Eu entendo* — ele concordou com a cabeça. — *Bem, não estou surpreso* — ele disse. — *Vi vocês dois juntos.*

Eu tive um sobressalto. — *Quando?*

— *Quando vocês foram retirados daquela prisão etérica* — seu sorriso era mais suave agora. — *Suas auras misturam-se. Vocês têm as mesmas vibrações, como eu lhe disse. Por isso você não suporta ficar separado dela. Ela é sua alma-irmã e entendo perfeitamente por que você quer estar com ela. Tenho certeza de que Ann escolheu o renascimento na esperança de que isso unisse vocês dois de alguma forma. Ainda assim...*

— *O quê?*

— *Eu gostaria que você entendesse as implicações da volta.*

— *Isso pode ser feito, não é?* — perguntei, preocupado.

— *Pode não ser tão simples* — ele respondeu. — *E pode haver riscos.*

— *Que tipo de riscos?*

Ele hesitou, então respondeu: — *É melhor um especialista contar a você.*

Pensei que eu poderia voltar imediatamente. Eu deveria saber que um processo tão complexo não era fácil de ser completado, que, como tudo na vida após a morte, necessitava de estudo.

Primeiro foi a palestra.

Eu estava perto do centro da cidade, em um gigantesco templo circular com milhares de assentos. Um feixe de luz branca caía sobre ele, claramente visível, apesar da iluminação abundante.

Quando Albert e eu entramos no templo, movemo-nos firmemente para um par de assentos a meio caminho da plataforma do palestrante. Não sei por quê. Eles não estavam marcados nem eram diferentes, de alguma maneira, dos outros assentos. Ainda assim, eu sabia que os assentos eram nossos antes de chegarmos a eles.

O enorme público falava em voz baixa, o que quero dizer, é claro, que não era possível ouvir nenhum som. Muitos sorriram quando nos sentamos.

— *Todas essas pessoas pretendem renascer?* — perguntei, surpreso.

— *Eu duvido* — Albert disse. — *A maioria deles provavelmente está aqui para aprender.*

Acenei com a cabeça, procurando não demonstrar minha inquietação crescente. Ela era similar a que senti ao chegar à Terra do Verão, quando algo em mim, mesmo inconscientemente, tinha noção do suicídio iminente da Ann.

Similar, digo. Não poderia ser o mesmo. Eu sabia que ela viveria agora, não morreria. Ainda assim, nossa separação era igualmente angustiante para mim. Eu não poderia lhe dizer, Robert, quais são as implicações mais elevadas de ser almas-irmãs. Mas posso lhe dizer uma coisa: enquanto estiver separado da sua alma-irmã, você está inquieto. Não importa quais sejam as circunstâncias, não importa quão belo seja o ambiente em que você está.

Ser a metade de um ser é um tormento quando a outra metade desaparece.

Uma mulher adorável dirigiu-se à plataforma, sorriu para nós e começou a falar.

— *Shakespeare descreveu a morte da seguinte maneira: "o país não descoberto de cujas fronteiras nenhum viajante retorna".*

Ela sorriu novamente. — *Uma descrição maravilhosa* — ela disse — *mas totalmente imprecisa. Todos nós descobrimos este país depois de nossa "morte". Além disso, é uma fronteira da qual todos os viajantes um dia devem retornar.*

— *Somos três coisas em uma só* — ela continuou: — *espírito, alma e corpo, o último terço, na vida em Terra, é composto de corpos físico, etérico e astral. Não discutirei nosso espírito desta vez. Nossa alma contém a essência de Deus dentro de nós. Essa essência direciona nosso curso de vida, guiando nossa alma por meio de muitas experiências de vida. Cada vez que uma porção da alma desce para a carne, ela absorve aquela experiência e progride, tomando-se enriquecida com isso. Ou...* — ela pausou — *é prejudicada por ela.*

Isso era essencialmente o que Albert dissera, lembrei. O suicídio de Ann prejudicara sua alma e agora ela tinha optado por absorver experiência positiva suficiente para reconstruí-la.

— *Como este eu maior é aumentado ou diminuído?* — continuou — *Pela memória. Cada um de nós tem uma memória interna e outra externa, a externa pertence ao nosso corpo visível, a interna ao nosso corpo invisível ou espiritual. Cada pensamento que tivemos, desejamos, falamos, realizamos, ouvimos ou vimos é inscrito nesta memória interna.*

"Essa lembrança abrangente sempre fica na 'casa do Pai', crescendo ou diminuindo com o resultado de cada nova vida física. O corpo astral, ou espiritual, volta à Terra, mas permanece o mesmo. Apenas o corpo de carne e seu etérico são alterados.

Existe uma linha de comunicação entre o ser mais elevado e qualquer que seja a forma física que a alma tenha escolhido. Por exemplo, se o ser físico recebe uma inspiração, ela vem da alma. A chamada 'pequena voz' é o conhecimento de antigas lições que alertam um indivíduo para não cometer um ato que prejudicaria sua alma.

No entanto, na grande maioria das vezes, exceto nos casos daqueles nascidos receptivos à sua existência ou que, olhando para seu interior, meditando, tornam-se conscientes dela, a penetração do seu verdadeiro eu raramente é percebida.

O processo funciona da seguinte maneira: vida após vida de esforço, intercalada com períodos de descanso e estudos neste plano, gradualmente direciona a alma para aquilo que ela quer ser. Algumas vezes, o que não é obtido em vida pode ser alcançado na vida após a morte para que o próximo renascimento seja acompanhado por um maior nível de consciência, mais habilidade em realizar a aspiração definitiva em direção a Deus.

Assim, as três coisas em uma que nós somos experimenta uma tríade de encarnação, desencarnação e reencarnação. O homem deve estar bem consciente de como morrer, porque ele fez isso muitas vezes. Ainda assim, cada vez que ele retorna para a carne, com raras exceções, ele se esquece de novo."



Uma pergunta me ocorreu. Surpreendentemente, a mulher respondeu à minha pergunta como se ela a tivesse captado da minha mente.

— *Você aparece agora como apareceu em sua última encarnação* — ela disse. — *Você tem, é claro, muitas aparências diferentes, algumas do sexo oposto. Você retém a aparência da sua vida anterior porque ela está mais vivida em sua memória.*

"Quando aquela vida é encerrada, sua consciência regride em estágios para a fonte, dissociando-se de seu envolvimento com a matéria. Este processo de renúncia ocorre no mundo etérico onde seus desejos e sentimentos foram refinados, todas as forças não regeneradas de sua vida foram focadas e transmutadas. Por fim, sua consciência retrocedeu para este estado mental ou 'paradisíaco' onde ela está agora, completamente livre da matéria."

Não sei se ela recebeu meu agradecimento pela resposta, mas acenei com a cabeça uma vez. Posso ter imaginado, mas tive a impressão de que ela sorriu e acenou de volta.

— *O período de estadia na vida após a morte varia* — ela continuou. — *Algumas vezes mil anos podem passar entre encarnações. Quando a consciência chega depois da morte, o impulso inicial da personalidade é reencarnar. Os recém-chegados invariavelmente começam o método pelo qual as vibrações são controladas para que possam renascer. A verdadeira disciplina é uma alma decidir permanecer na Terra do Verão e estudar para melhorar, possibilitando que a próxima reencarnação seja um grande passo à frente no processo de evolução da alma.*

Outra pergunta me ocorreu, imediatamente respondida de novo. Matutei se eu era o único a pensar nisso.

— *Nem todos renascem* — a mulher disse. — *Algumas almas são tão avançadas que elas não reencarnam mais, mas passam para um nível de existência superior a tudo o que a Terra possa oferecer, alcançando uma união final com Deus. Essas almas, que já concluíram seu processo de compensar as iniqüidades cometidas ou de adquirir conhecimento, elegeram unir-se ao seu Criador e são levados a um estado de perfeita união com Ele, integrando-se ao padrão universal.*

Ela não entrou em detalhes dessa chamada "terceira" morte pois era algo complexo demais e todos nós ainda precisávamos adquirir muita experiência, ainda tínhamos muito que aprender e muitas limitações para superar. Limitações que só serão resolvidas na Terra porque ela é o único lugar onde elas podem ser externalizadas. A Terra do Verão é maleável demais, fácil demais de controlar. Apenas na densidade da matéria qualquer personalidade pode enfrentar os mais severos dos testes. É o principal terreno de testes do homem, o lugar para ação e experimentos.

Todos nós temos um caminho a seguir e o caminho começa na Terra.

POR TODA A ETERNIDADE

Como, especificamente, isso é feito? — a mulher continuou. — *Para os que gostariam de saber, desta maneira.*

Inclinei-me para a frente. O que ela dissera até aquele momento fora interessante. Agora, no entanto, ela iria nos contar... contar como. Eu poderia me reunir com Ann mais uma vez.

Eis o que ela nos contou, Robert.

Quando uma alma que procura voltar à carne seleciona sua preferência por pais, ele ou ela insere as informações no que poderia ser chamado de computador. Então, se existir concorrência, por assim dizer, para um lugar em particular, o computador decidirá que alma é mais apropriada para a tarefa, ou, mais provavelmente, que mais precisa dela.

Chamo de computador, mas, é claro, é algo muito mais complexo do que isso, sendo capaz de unir os padrões de pensamento de todos aqueles que se inscreveram para um tipo similar de hereditariedade e ambiente. Conforme esta massa de material de pensamentos é sincronizada em um padrão geral, a alma mais qualificada dá-se conta de que ele ou ela é a pessoa que será selecionada, e os demais, sem questionar, continuam sua busca.

Ela nos alertou que é tentador, no estado de liberdade que desfrutamos na Terra do Verão, planejar uma vida ambiciosa para o futuro.

— *Quero alertar todos aqueles que planejam renascer* — ela disse — *que estejam conscientes das limitações físicas que enfrentarão na vida física. Exigir menos para cumprir mais é o método preferível.*

Os detalhes fascinarão você, Robert. No Extremo Oriente, as almas que desejam reentrar a matéria permanecem nos recipientes de homens e mulheres e, quando o momento é propício, visualizam-

se como células e entram no útero de suas futuras mães. É simples e descomplicado.

Também é perigoso. Se a criança nascer morta, a alma fica presa em um coma no nível etérico, não é mais uma entidade viável, mas não consegue se libertar. Isso acontece porque a mente da alma está em um sono profundo quando o renascimento ocorre. Nenhuma ação mental é possível até que as faculdades de uma criança estejam prontas para serem usadas.

Outro perigo desse método é que a alma pode, inadvertidamente, selecionar um veículo que é mental ou fisicamente deformado. Nesse caso, o erro deve ser trazido à vida. Às vezes, é claro, esse caminho é escolhido deliberadamente como um meio de pagar suas dívidas. Dívidas cármicas, sendo o carma a doutrina da conseqüência inevitável de nossos atos. Uma alma que entra em um corpo doente ou danificado e enfrenta e supera essas deficiências com alegria cresce mais rápido espiritualmente que aquele que, pelos padrões da Terra, tem tudo. Como, assim queira Deus, é o caso de Ann.

Enquanto, em qualquer região do mundo, a alma tem a opção de entrar em seu novo veículo de vida em qualquer estágio, da concepção ao pós-nascimento, no Ocidente, o método mais adotado é esperar até que a criança nasça. Dessa maneira, nenhuma alma fica presa no coma como mencionei.

O processo verdadeiro de renascimento depende da capacidade da alma de contrair seus corpos espirituais, astral, então etérico, até que eles possam ser coordenados com o corpo da criança. Essa coordenação normalmente ocorre após o nascimento e não é fácil de ser realizada. Por esse motivo, o processo normalmente requer a ajuda de um médico espírita que possa ver, no olho da sua mente, as medulas espinais dos corpos da criança e do espírito e reuni-las.

Como indiquei, outro método de reencarnação ocorre da seguinte maneira: a alma não entra no corpo até que a criança tenha

se desenvolvido por cinco ou oito semanas. Dessa maneira, é assegurado um recipiente físico adequado.

— *Com a encarnação* — a mulher continuou — *todas as lembranças da vida anterior e do intervalo na vida após a morte são obliterados e um novo conjunto de impressões mentais tem início. Ocasionalmente, se a reencarnação é precipitada, a memória perdura, o que explica a alta incidência de tais casos na índia.*

"Durante vários meses, a alma dorme no bebê que utiliza instintos animais para aprender as operações do seu corpo — alimentação, sono e realização das funções orgânicas. Apenas quando a alma começa a acordar a criança demonstra inteligência ativa.

A alma não acorda de uma vez, mas progressivamente por intermédio da infância e adolescência do novo indivíduo. Raramente, uma alma acorda de forma que prematuramente relembra, se não a vida passada, ao menos suas habilidades passadas: daí o surgimento ocasional de crianças prodígio.

A alma funde-se gradualmente ao corpo para que, aproximadamente na idade de 21 anos, ela esteja completamente encarnada. Algumas vezes, uma alma não 'acorda' até seu veículo estiver próximo da meia-idade. Nesse caso, a personalidade não mostra sinais de atividade intelectual completa até essa idade.

E, seguindo seu novo período de vida, a alma imortal, que assumira a encarnação para lutar pelo domínio da sua natureza, volta, mais uma vez, para casa para revitalizar-se e realizar novos estudos antes de retornar mais uma vez a Terra em sua busca cíclica pela perfeição e reunião com Deus."

Não direi mais nada sobre a palestra. Mais informações sobre reencarnação não são essenciais para minha história, existem livros que você pode ler se estiver interessado.

Meu passo seguinte foi reabrir o livro fechado da minha memória e examiná-lo mais uma vez.

Com o uso do meu comprimento de onda individual, vi minhas vidas passadas.

Foi um espetáculo vertiginoso, Robert, em que nada foi escondido. Mal tive tempo de reagir aos detalhes que eram despejados diante de mim, uma explosão de eventos, cada momento reproduzido nos mínimos detalhes.

Tive muitas vidas, mas mencionarei apenas as duas últimas nas quais Ann e eu estivemos juntos.

Estive em contato com ela no século 14 quando nossa alma expressou-se no que poderia ser chamado "o lado feminino". Nós éramos irmãs, com uma diferença de idade de 11 anos, eu era a mais velha, mas tão próximas em nosso relacionamento que amigos e família comentavam isso com espanto. Por toda a nossa vida fomos psicologicamente inseparáveis.

Nós nos reunimos de novo no século 18, na Rússia, e eu era homem, ela era mulher. Crescemos nos conhecendo, perdemos contato por um tempo, então nos encontramos novamente na adolescência, apaixonamo-nos e nos casamos. Eu era um escritor naquela vida também, de romances e contos. Ann (seu nome era diferente na época, é claro) acreditava em mim totalmente, embora meu sucesso fosse mínimo.

Foi o fim daquela vida que testemunhei na minha segunda morte.

Agora, não só vi sua conclusão, mas toda ela, dando-me uma perspectiva que possibilitou observar qual era o plano e propósito não só da minha última vida, mas de todas as outras também.

Não entrarei em detalhes aqui. De novo, isso é irrelevante para o que tenho a dizer. Basta mencionar que decidi que o fator que eu precisava melhorar mais do que qualquer outro para acelerar a evolução da minha alma era ajudar o próximo. O que combinava perfeitamente com meu desejo de estar com Ann de novo. Albert dissera-me que, com o passar do tempo, ela necessitaria de intensos cuidados médicos.

Eu me tornarei um médico.

No início, considerei a idéia de nascer na Índia. No entanto, as dificuldades de fazer isso e se transformar em médico eram quase

insuperáveis e tive de alterar a idéia. Além disso, o objetivo não era nascer na Índia. O objetivo era chegar à Índia para ajudar Ann.

Foi por isso que escolhi quem tenho como pais: doutor e senhora Arthur Braningwell da Filadélfia. Eles são jovens e de boa família e eu serei seu único filho. Terei uma criação confortável, cursarei a faculdade de medicina e acredito que seguirei os passos do meu pai.

Aos 30 anos, esses planos mudarão totalmente por motivos que não discutirei e deixarei o caminho do conforto para exercer a medicina em áreas pobres do mundo.

Finalmente, chegarei à Índia, cuidarei de uma jovem e me apaixonarei por ela, cuja alma será a de Ann. Se chegaremos a saber ou mesmo sentir o que está realmente acontecendo não é importante. Nós estaremos juntos de novo.

Nada mais importa.



O corpo do bebê escolhido por mim tem quatro semanas e meia agora. Ele não estará forte o suficiente para a entrada dos meus corpos etérico e astral até ele completar sete semanas.

Tenho me mantido constantemente perto do corpo, experimentando o processo de reduzir esses corpos ao tamanho de um bebê. Quando eu estiver pronto para a transição, um médico, especializado no procedimento, criará uma corrente radioativa que possibilitará a conexão dos corpos por meio de uma glândula na base do cérebro da criança.

Então, eu entrarei.

Nos momentos finais antes da encarnação, tentarei desenvolver uma imagem clara do tipo de corpo que preciso. Dessa maneira, posso ajudar a gerar a saúde e a força necessárias para fazer a vida seguir o rumo que planejei. Se eu não conseguir fazer isso, o corpo da criança pode ser levado por uma doença precoce ou pode, como Ann, ser fraco e doente.

Confesso, Robert, que sinto uma grande repugnância pelo renascimento. Um grande período de tempo já passou e por isso a idéia de voltar à carne não me atrai mais. No momento, apenas o conhecimento de que Ann voltou me faz desejar um retorno, pois, na verdade, não é corajoso morrer. A verdadeira coragem é renascer voluntariamente, deixar as inúmeras belezas da Terra do Verão para mergulhar novamente nas profundezas da matéria sombria e aprisionadora. O trauma não é causado pela morte, mas pela vida. Uma pessoa pode morrer sem saber.

Invariavelmente, o nascimento acarreta um choque de reconhecimento.

Renovo minha confiança pensando em meu sonho, que, um dia, estaremos juntos na Terra do Verão. Que compartilharemos nosso amor em um ambiente extraordinário, nossa unidade em um conforto duradouro para ambos.

Talvez, como Albert sugeriu, nós nos casemos novamente em uma das grandes catedrais, a cerimônia será realizada por um mestre de um nível mais alto, um coro cantando um hino de alegria em nossa homenagem.

Eu lhe darei presentes criados por mim, flores, roupas, jóias e ornamentos, mobília para a casa que faremos juntos. Uma casa que reúna nossos gostos e desejos, localizada em um ambiente natural e agradável que sempre apreciaremos.

Então — eu rezo para isso — nós iremos permanecer, aprender e crescer até alcançarmos juntos os níveis mais elevados, mudando na aparência, mas nunca na devoção, compartilhando a glória transcendente do nosso amor por toda a eternidade.

RETORNO PARA O MEU AMOR

Havia mais uma coisa que eu tinha de fazer antes de partir.

Ditar este livro e enviá-lo a você.

De novo, não entrarei em detalhes sobre como me colocaram em contato com a mulher que levou o manuscrito a você. A idéia inicial era entregá-lo aos meus filhos. Mas quando descobri que o único sensitivo estava disponível na costa leste, decidi levar o livro até você.

Espero que ele seja publicado e lido por um grande número de pessoas. Espero que, ao menos, algumas pessoas estejam preparadas para a transição inevitável que acontecerá no final de sua vida.



Meu relato está próximo do fim.

Lembre-se disso: o que lhe contei é parcial. Não poderia ser de outra forma. Eu só posso lhe contar o que vi e ouvi pessoalmente, nada mais. Lembre-se do que Albert disse-me:

A mente é tudo.

Sou muito enfático em relação a isso. A experiência era a minha experiência e de mais ninguém. Embora seja totalmente verdade, ela não é, de modo algum, uma descrição definitiva da experiência após a morte.

Outra pessoa contaria uma história diferente.

Lembre-se disso também: aquilo que não contei encheria uma centena de volumes. Acredite quando digo que a variedade da vida após a morte é infinita. Há tantas coisas que meu relato é um grão de areia em todas as praias e desertos do mundo.

Também devo mencionar que tudo o que descrevi ocorreu em um nível espiritual de existência relativamente baixo. Existem outros planos que nunca conheci e talvez não conheça por milhares de anos.

Em resumo, não há uma realidade-padrão de vida após a morte. Contei a minha experiência. A sua será diferente. Você pode ter certeza de uma coisa.

Isso acontecerá.

Creio que seja vital enfatizar meu relato.

Nada é tão simples como descrevi.

Na verdade, as condições de sobrevivência não podem ser explicadas em termos de tempo, espaço e forma. Descrevi pessoas, locais e eventos, mas isso dependia de minha capacidade, ou falta dela, de ver as coisas como elas realmente são.

De fato, toda a experiência pode ter sido precisamente o que eu disse a mim mesmo o que seria logo após minha morte.

Um sonho.

Quando você dorme, seu mundo de sonhos é tão real quanto a sua vida, não é?

Pode ser o mesmo caso aqui.

Do mesmo modo, é natural que aquilo que chamei de Terra do Verão tivesse aquela aparência. Como os fenômenos deste nível são essencialmente imagens do pensamento levadas pela consciência daqueles recém-chegados da Terra, o que mais a Terra do Verão poderia ser a não ser uma versão idealizada da Terra?

Albert disse-me, logo no início, que o paraíso era um estado da mente.

Ele é.

Mas pense nisso. A Terra também não é um estado da mente? A matéria não é nada mais do que energia que, para o intelecto humano, aparece estática. A vida é um estado de consciência que percebe esta energia como matéria. A morte é um estado de consciência que não mais a percebe desse modo.

A vida na Terra é apenas um panorama de vividas observações que parecem reais para você.

Por que a vida após a morte deveria parecer menos real?

Mas não quero confundir você.

Ela vai parecer real o suficiente para você.

E, por favor, meu irmão, não a tema.

A morte não é a rainha dos terrores.

A morte é uma amiga.

Considere desse modo. Você tem medo de dormir à noite? Claro que não. Porque você sabe que acordará de novo.

Pense na morte da mesma maneira: um sono do qual, inevitavelmente, você acordará.

A verdadeira vida é um processo de se tornar. A morte é um estágio nessa progressão. A vida não é seguida pela não vida.

Há apenas uma única continuidade de ser.

Somos parte de um plano, jamais se esqueça disso. Um plano para levar cada um de nós para o nível mais alto de que somos capazes. Este caminho será sombrio algumas vezes, mas levará, com certeza, à luz.

No entanto, jamais se esqueça de que pagamos por cada ato, pensamento e sentimento cometidos por nós.

Uma frase da *Bíblia* diz tudo.

O que um homem planta, um homem colhe.

As pessoas não são punidas pelos seus atos, mas pelos próprios atos.

Eu gostaria que as pessoas acreditassem nisso.

Gostaria que os homens e as mulheres de todo o mundo soubessem, além de qualquer sombra de dúvida, que eles terão de enfrentar as conseqüências de sua vida.

O mundo poderia mudar da noite para o dia.

Que Deus o abençoe.

Eu volto para meu amor.

EPÍLOGO

Acabei de voltar da Filadélfia.

Talvez tenha sido tolice da minha parte. É totalmente possível que a mulher que me trouxe o manuscrito tivesse consciência da existência do doutor Braningwell e sua esposa. Não há maneira de saber com certeza. Só posso conjeturar de novo. Se este for o caso, por que ela teria tanto trabalho para me enganar?

No início, pensei em bater na porta dos Braningwell e contar a minha história.

A razão fez-me dispensar a idéia.

O que fiz foi esperar que a criada levasse o bebê para um passeio no carrinho. Caminhei atrás dela até um pequeno parque do bairro e lá, enquanto ela estava sentada em um banco, parei e falei brevemente com ela, olhando para a criança. Sentindo-me um perfeito tolo por fazer isso. Mas percebendo algo mais enquanto eu mirava os olhos daquela criança.

Assombro.

Aquele menino possui a alma do meu irmão Chris? Ele irá realmente para a Índia quando chegar aos 30 anos, encontrará uma jovem que possua a alma de Ann, a esposa de meu irmão e se casará com ela?

Juro por Deus que gostaria de saber.

De qualquer forma, tenho 63 anos agora. É óbvio que jamais estarei vivo para verificar isso. Eu poderia pedir aos meus filhos que checassem, mas tenho certeza de que eles teriam dificuldade de manter o interesse em um evento vago e improvável que poderia ou não ocorrer décadas depois em um país a milhares de quilômetros de distância.

Então, isso será, sem dúvida, o fim.

Tudo o que posso dizer é repetir: se o manuscrito for verdadeiro, todos nós precisamos examinar nossa vida.

Com muita atenção.

Fim

BIBLIOGRAFIA

Appleman, John Alan. *Your pshchic powers and imortality* [Seus poderes físicos e a imortalidade]. Nova York: Frederick Fell, 1968.

Atkinson, W. W. *A reencarnação e a lei do carma.* São Paulo: Pensamento, 1982?

Bayless, Raymond. *The other side of the death* [O outro lado da morte]. New Hyde Park: University Books, 1971.

_____. *Apparitions and survival of death* [Aparições e sobrevivência da morte]. New Hyde Park: University Books, 1973.

Borgia, Anthony. *A vida nos mundos invisíveis.* São Paulo: Pensamento, 1997.

_____. *More about life in the world unseen* [Mais sobre a vida nos mundos invisíveis]. Londres: Odham Press, 1956.

_____. *Here and hereafter* [Aqui e na vida futura]. Nova York: The Citadel Press, 1959.

Boss, Judy. *In silence they return* [Eles voltam em silêncio]. St. Paul: Llewvellyn Publications, 1972.

Brandon, W. *Incarnation* [Encarnação]. Nova York: C. & R. Anthony, 1936.

_____. *Love in the Afterlife* [Amor na vida futura]. Nova York: C. & R. Anthony, 1956.

_____. *We knew these men* [Nós conhecíamos esses homens]. Nova York: C. & R. Anthony, 1957.

_____. *Open the door!* [Abra a porta!]. Nova York: C. & R. Anthony, 1958

Brennan, J. H. *Five keys to past lives* [Cinco chaves para vidas passadas]. Nova York: Samuel Wieser, 1971.

Brown, R. *Unfinished symphonies* [Sinfonias inacabadas]. Nova York: William Morrow &.Co., 1971.

Cayce, Hugh Lynn. *Life after death* [Vida após a morte] (fita cassete). Hollywood: Dak Enterprises, 1975.

Colton, Ann Ree. *Men in white apparel* [Homens de trajes brancos]. Califórnia: Are Publishing Co., 1961.

Conan Doyle, Arthur. *A nova revelação.* RJ: FEB, 1996.

Crookall, Robert. *Intimations of immortality* [Intimações da imortalidade]. Greenwood: The Attic Press, Inc., 1965.

_____. *The next world — and the next* [O próximo mundo — e o próximo]. Londres: Theosophical Publishing House, 1966.

Daniels, Doutor John C. *Incarnation and reincarnation* [Encarnação e reencarnação]. Nova York: Pillar Books, 1975.

Delacour, J. B. *Glimpses of beyond* [Vislumbres do Além]. Nova York: Delacorte Press, 1974.

Desmond, Shaw. *You can speak with your dead* [Você pode falar com seus mortos]. Londres: Methuen & Co., 1941.

Ebon, Martin. *They knew the unknow* [Eles conheciam o desconhecido]. Nova York: The Word Publishing Co., 1971.

Evans-Wentz, W. Y. *O livro tibetano dos mortos.* São Paulo: Pensamento, 1985.

Farthing, Geoffrey. *When we die* [Quando nós morremos]. Londres: Theosophical Publishing House, 1968.

Findlay, Arthur. *No limiar do etéreo ou Sobrevivência à morte cientificamente explicada.* RJ: FEB, 1981.

_____. *The way of life: a guide to the etheric world* [O modo de vida: um guia para o mundo etérico]. Londres: Pyschic Press, Ltd., 1956.

Ford, Arthur. *The life beyond death* [A vida após a morte]. Nova York: Berkley Medallion Books, 1971.

_____. *Unknow, but know* [Desconhecido, mas conhecido]. Nova York: Harper & Row, 1968.

Fortune, Dion. *Através dos portais da morte.* São Paulo: Pensamento, 1987.

Francis, J. R. *The encyclopedia of death* [A enciclopédia da morte]. Amherst: Amherst Press, 1896.

Garrett, Eileen. *Does man survive death* [O homem sobrevive à morte?], edição com introdução e notas. Nova York: Helix Press, 1957.

_____. *The great mistery of life thereafter* [O grande mistério da vida no Além]. Londres: Hodder & Stougthon, 1957.

Hampton, Charles. *A transição chamada morte: um caso de recordação.* SP: Pensamento, 1982.

Heindel Max. *The passing — and life afterward* [A morte — e a vida após]. Oceanside: The Rosicrucian Fellowship, 1971.

Heywood, Rosalind. *Beyond the reach of sense* [Além do alcance dos sentidos]. Nova York: E. E Dutton & Co., 1961.

Hodson, Geofrrey. *Through the gateway of death* [Através do portal da morte]. Índia: Theosophical Publishing House, 1967.

_____. *Reincarnation, fact or fallacy?* [Reencarnação, fato ou falácia]. Wheaton: Theosophical Publishing House, 1967.

Jacobson, Nils, O. *Life without death* [Vida sem morte]. Nova York: Dell Publishing Co., 1973.

Keith, M. R. *What everybody ought to know about heaven* [O que todos deveriam saber sobre o paraíso]. Palmer Publications, 1968.

_____. *So you're going to heaven* [Então, você está indo para o paraíso]. Palmer Publications, 1969.

Kennedy, David. *A venture in immortality* [Uma aventura na imortalidade]. Gerrards Langley: Colin Smythe, 1973.

Langley, Noel. *Edgar Cayce on reincarnation* [Edgar Cayce e reencarnação]. Nova York: Paperback Library, 1967.

Leadbeater, C.W. *The life after death* [A vida depois da morte]. Índia: Theosophical Publishing House, 1952.

Leek, Sybil. *Reincarnation, the second chance* [Reencarnação, a segunda chance]. Nova York: Stein &. Day, 1974.

LeShan, Lawrence. *O médium, o místico e o físico: por uma teoria geral da paranormalidade.* São Paulo: Summus, 1994.

Lodge, Sir Oliver. *Raymond.* Nova York: George H. Doran Co., 1916.

Loehr, Franklin. *Diary after death* [Diário após a morte]. Los Angeles: Religious Research Center Frontier Books, 1976.

Matson, Archie. *Afterlife* [Vida após a morte]. Nova York: Harper &. How, 1977.

Medhurst, R. G. *Crookes and the spirit world* [Crookes e o mundo dos espíritos]. Nova York: Taplinger Publishing Co., 1972.

Michael, Russ. *There's no death* [A morte não existe]. Lakemont, Geórgia: CSA Press, 1971.

Montgomery, Ruth. *A world beyond* [Um mundo além]. Nova York: Fawcett Crest, 1971.

Moody, Raymond, *A vida depois da vida.* SP: Butterfly Editora, 2004.

Moore-Douglas. *Reincarnation* [Reencarnação]. York Cliffs: Arcane Publications, 1968.

Moss, Thelma. *The probability of the impossible* [A probabilidade do impossível]. Los Angeles: J. P Tarcher, Inc., 1974.

Osis, Karlis & Nester, Marian L. "*Deathbed observations by doctors and nurses*" [Observações no leito da morte por médicos e enfermeiros], International Journal of Parapsychology, Volume 14, Número 2.

Owen, O Rev. G. Vale. *A vida além do véu* em cinco volumes: *The lowlands of heaven; The highlands of heaven; The ministry of heaven; The battalions of heaven; The outlands of heaven* [As terras baixas do paraíso; As terras altas do paraíso; O sacerdócio do paraíso; Os batalhões do paraíso; As terras estrangeiras do paraíso]. Londres: The Greater World Association, 1964.

Panchadasi, Swami. *The astral world* [O mundo astral]. Sem dados do editor ou data de publicação.

Pauchard, A. *The other world* [O outro mundo]. Londres, Rider & Co., 1952.

Perkins, James S. *Through death to rebirth* [Da morte ao renascimento]. Wheaton: Theosophical Publishing House, 1961.

Ramacharka, Yogi. *A vida depois da morte.* SP: Pensamento, 1981.

Randall, Edw. C. *Frontiers of after-life* [Fronteiras do pós-vida]. Nova York: Alferd Knopf, 1922.

Roberts, Jane. *Seth speaks* [Seth fala]. Nova York: Prentice-Hall, 1972.

_____. *The Seth material* [O material de Seth]. Nova York: Prentice-Hall, 1975.

Rogo, D. Scott. *NAD, a study of some unusual "other world" experiences* [(NAD), um estudo de algumas experiências incomuns do "outro mundo"]. Nova York: University Books, 1970.

Sculthorp, F. C. *Excursions to the spirit world* [Excursões ao mundo dos espíritos]. Londres: Almorris Press Ltd., 1962.

Sherman, Harold. *A vida não termina com a morte.* RJ: Record, 1985.

_____. *You can communicate with the unseen world* [Você pode se comunicar com o mundo invisível]. Nova York: Fawcett Gold Medal, 1974.

Sherwood, Jane. *The country beyond* [O país além]. Neville Spearman, 1969.

Smith, Suzy. *The book of James* [O livro de Jaime]. Nova York: G. R Putnam's Sons, 1974.

_____. *Spiritual unfoldment: one* [Desvelamento espiritual: um]. Hampshire: The White Eagle Publishing Trust, 1972.

Spragget, Allen. *The case for immortality* [O caso para imortalidade]. Nova York: New American Library, 1974.

St. Clair, Mae Gimbert. *On life and death: the Edgar Cayce readings* [Sobre a vida e a morte: as leituras de Edgar Cayce]. Compilado por Virgínia Beach: Association for Research and Enlightenment, 1973.

Stearn, Jess. *The search for a soul* [A busca por uma alma]. Doubleday and Company, Inc., 1972.

Sullivan, Eileen. *Arthur Ford speaks from beyond* [Arthur Ford fala do Além]. Nova York: Fawcett Crest, 1975.

Thomas, O Rev. C. Drayton. *Beyond life's sunset* [Além do pôr-do-sol da vida]. Londres: Psychic Press Ltd., 1940.

Van Dusen, Wilson. *The presence of other worlds* [A presença de outros mundos]. Nova York: Harper &. Row, 1974.

Vivian, Margaret. *The doorway* [A entrada]. Londres: Pyschic Press, Ltd., 1941.

Watson, Lyall. *The Romeo error* [O erro de Romeu]. Nova York: Doubleday, 1975.

Weiss, J. E. *The vestibule* [O vestíbulo]. ed./escrito. Nova York: Pocket Books, 1974.

Welch, Williams Addams. *Talks with the deads* [Conversas com os mortos]. Nova York: Pinnacle Books, Inc., 1975.

White, S. E. & H. *Across the unknow* [Através do desconhecido]. Nova York: E. P. Dutton & Co., 1939.

White, Stewart Edward. *The stars are still there* [As estrelas ainda estão lá]. Nova York: E. P. Dutton & Co., 1946.

_____. *The Betty book* [O livro de Betty]. Nova York: Berkley Medallion Books, 1969.

Willink, A. *The world of the unseen* [O mundo do invisível]. Nova York: Mac-Mllan & Co., 1893.

Wright, L. L. *After death... What?* [Depois da morte... O quê?]. San Diego, Califórnia; Point Loma Publications, 1974.

1. University of Califórnia, Los Angeles. (Nota do Editor)
2. Motocasa, veículo automotor grande, equipado com camas, mesas etc., geralmente dobráveis, e usado como alojamento em viagens, ou como consultório médico etc., para atendimento ao público nas ruas. (Fonte: *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)*
3. Unidade de comprimento do sistema anglo-saxão que corresponde a aproximadamente 30,48 cm (Nota do Tradutor).
3. Condição mórbida caracterizada por desenvolvimento excessivo, no adulto, das extremidades do corpo (mãos, pés, nariz, queixo), e que se deve à excessiva secreção do hormônio de crescimento; doença de Marie; moléstia de Marie. (Fonte: *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*)
5. Confusão, em inglês. (N.T.)